

PHILIP ROTH

Adeus, Columbus



COMPANHIA DE BOLSO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PHILIP ROTH

ADEUS, COLUMBUS

E cinco contos

Tradução

Paulo Henriques Britto



A minha mãe e meu pai

Sumário

[Adeus, Columbus](#)

[A conversão dos judeus](#)

[O defensor da fé](#)

[Epstein](#)

[Não se julga um homem pela canção que ele canta](#)

[Eli, o fanático](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)

O coração é meio profeta.
PROVÉRBIO IÍDICHE

ADEUS, COLUMBUS

A PRIMEIRA VEZ QUE VI BRENDA, ela me pediu para segurar seus óculos. Então foi até a ponta do trampolim e, apertando os olhos, mirou a piscina; se estivesse vazia, Brenda não perceberia o fato, míope que era. Deu um belo mergulho e um instante depois voltava nadando para a beira da piscina, mantendo a cabeça, de cabelos avermelhados cortados curtos, erguida à frente, como se fosse uma rosa de caule longo. Rapidamente chegou à borda e veio ter comigo. “Obrigada”, disse, os olhos cheios d’água, mas não da piscina. Estendeu a mão para pegar os óculos, porém só os pôs no lugar depois que me deu as costas e se afastou. Fiquei vendo-a ir embora. Suas mãos de repente apareceram atrás dela. Segurou a bainha do maiô com o polegar e o indicador e enfiou no devido lugar o pouco de carne que estava aparecendo. Meu sangue ferveu.

Naquela noite, antes do jantar, telefonei para ela.

“Pra quem você está ligando?”, perguntou minha tia Gladys.

“Uma garota que eu conheci hoje.”

“Foi a Doris que te apresentou?”

“A Doris não me apresenta nem ao cara que limpa a piscina, tia Gladys.”

“Não fica criticando o tempo todo. Prima é prima. Como foi que você conheceu ela?”

“Eu não conheci ela, não. Eu só vi.”

“Quem é?”

“O sobrenome é Patimkin.”

“Patimkin eu não conheço, não”, disse tia Gladys, como se conhecesse todos os sócios do Green Lane Country Club. “Você não conhece a garota e vai ligar pra ela?”

“Isso mesmo”, expliquei. “Eu vou me apresentar a ela.”

“Casanova”, disse tia Gladys, e voltou a preparar o jantar de meu tio. Cada um de nós comia numa hora diferente: minha tia jantava às cinco, minha prima Susan às cinco e meia, eu às seis e meu tio às seis e meia. Não há nenhuma explicação para isso, apenas o fato de que minha tia é

louca.

“Cadê a lista telefônica dos subúrbios?”, perguntei, depois de retirar todos os livros que havia embaixo da mesinha do telefone.

“O quê?”

“A lista telefônica dos subúrbios. Eu quero ligar pra Short Hills.”

“Aquele livrinho fino? Para quê que eu vou ficar enchendo minha casa com uma coisa que eu nunca uso?”

“Cadê ele?”

“Debaixo da cômoda, que a perna dela quebrou.”

“Meu Deus”, exclamei.

“Melhor ligar pra auxílio à lista telefônica. Se você mexe nela acaba bagunçando as minhas gavetas. Não me atrapalha, está quase na hora do teu tio chegar. E eu ainda nem dei comida pra você.”

“Tia Gladys, e se hoje todo mundo jantar junto? Está quente, vai ser mais fácil pra senhora.”

“Quer dizer que eu devia servir quatro refeições ao mesmo tempo. Você come carne assada, a Susan ricota, o Max bife. Sexta é a noite que ele come bife, ele merece. E eu vou comer um pouco de frango frio. Então tenho que pular de cima pra baixo vinte vezes? Eu sou o quê, um burro de carga?”

“Por que é que todo mundo não come bife, ou frango frio...”

“Eu sou dona de casa há vinte anos. Vai, liga pra sua namorada.”

Mas quando liguei, Brenda Patinkin não estava em casa. Ela foi jantar no clube, disse uma voz de mulher. Depois ela volta para casa? (Minha voz saiu duas oitavas acima de uma voz de menino de coro.) Não sei, respondeu a voz, talvez ela vá praticar golfe. Quem fala? Engrolei algumas palavras — ninguém que ela conheça depois eu ligo não precisa deixar recado desculpe incomodar... Em algum momento dessa fala, desliguei. Então minha tia me chamou e me preparei psicologicamente para o jantar.

Ela colocou o ventilador preto na posição “Alto”, fazendo balançar o fio que pendia da luz da cozinha.

“O que você vai querer beber? Tem gengibirra, água mineral, refrigerante de framboesa e um de baunilha que eu não consegui abrir a garrafa.”

“Nada, obrigado.”

“Quer água?”

“Eu não bebo nada durante a refeição. Tia Gladys, há um ano que eu digo isso à senhora todo dia...”

“O Max é capaz de beber um engradado inteiro só enquanto come fígado picado. Ele dá duro o dia todo. Se você trabalhasse como ele, você bebia mais.”

Diante do fogão, fez um pratarraz com carne assada, molho, batata cozida, ervilha e cenoura. Pôs o prato à minha frente; eu sentia no rosto o calor da comida. Então cortou duas fatias de pão de centeio e as colocou a meu lado, sobre a mesa.

Com o garfo, cortei ao meio uma batata e comi-a, enquanto tia Gladys, sentada do outro lado da mesa, me observava. “Você não quer pão”, disse. “Eu não tinha nada que cortar, agora vai perder.”

“Eu quero pão, sim”, respondi.

“Você não gosta desse com sementes, não é?”

Rasguei ao meio uma fatia de pão e comi.

“Como é que está a carne?”, ela perguntou.

“Boa. Ótima.”

“Você vai se encher de batata e pão, aí vai sobrar carne e eu vou ter que jogar fora.”

De repente, levantou-se da cadeira num salto. “Sal!” Quando voltou à mesa, pôs à minha frente um saleiro — na casa dela não se servia pimenta-do-reino: ela ouvira no programa de Galen Drake que o organismo não absorvia a substância, e para tia Gladys era perturbadora a idéia de que alguma coisa que ela servisse pudesse passar pela goela, o estômago e o intestino só pelo prazer da viagem.

“Quer dizer que você vai catar tudo que é ervilha, é? Se tivesse me falado, eu não comprava, nem a cenoura.”

“Eu adoro cenoura”, afirmei, “adoro.” Como prova, enfiei metade da cenoura na goela e a outra metade joguei em cima da minha calça.

“Porco”, disse ela.

Embora eu goste muito de sobremesa, principalmente fruta, resolvi que não ia comer. Queria, naquela noite quente, evitar as conversas que seriam provocadas se eu escolhesse fruta fresca em vez de fruta enlatada, ou fruta enlatada em vez de fruta fresca; quando eu escolhia uma, tia Gladys tinha sempre uma abundância da outra enchendo sua geladeira, como se fossem diamantes roubados. “Ele quer pêssego em calda, e eu com a geladeira cheia de uva que estou doida pra que acabe

logo...” A vida para a pobre tia Gladys era um constante jogar fora; seus maiores prazeres eram levar o lixo para fora, esvaziar a despensa e fazer pacotes magros para as pessoas a quem ela ainda se referia como os Judeus Pobres da Palestina. Só espero que ela morra com a geladeira vazia, senão vai infernizar todo mundo pelo resto da eternidade por conta do queijo Velveeta que está ficando verde e das laranjas-baía cada vez mais cobertas de mofo.

Meu tio Max chegou em casa, e enquanto eu discava o número de Brenda mais uma vez ouvi garrafas de refrigerante sendo abertas na cozinha. A voz que atendeu dessa vez era aguda, seca e cansada. “Alô.”

Soltei o verbo. “Alô-Brenda-Brenda-você-não-me-conhece-quer-dizer-você-não-sabe-o-meu-nome-mas-eu-segurei-os-seus-óculos-hoje-no-clube... Você-me-pediu-pra-segurar-eu-não-sou-sócio-não-a-minha-prima-Doris-é-que-é-Doris-Klugman-e-eu-perguntei-quem-você-era...” Respirei, dando-lhe uma oportunidade de falar, e depois segui em frente em resposta ao silêncio do outro lado da linha. “A Doris? É aquela que está sempre lendo *Guerra e paz*. É assim que eu sei que chegou o verão, quando a Doris está lendo *Guerra e paz*.” Brenda não riu; desde o início era uma garota prática.

“Qual é o seu nome?”, ela perguntou.

“Neil. Eu segurei os seus óculos no trampolim, lembra?”

Ela me respondeu com uma pergunta, uma pergunta que, tenho certeza, é constrangedora tanto para os feios quanto para os belos. “Como é que você é?”

“Eu sou... bem moreno.”

“Você é negro?”

“Não”, respondi.

“Mas *como* que você é?”

“Posso me encontrar com você hoje pra você ver?”

“Gostei”, disse ela, rindo. “Hoje à noite vou jogar tênis.”

“Eu achei que você ia praticar golfe.”

“Isso eu já fiz.”

“E depois do tênis?”

“Aí eu vou estar toda suada”, disse Brenda.

Não disse aquilo para que eu pusesse um pregador de roupa no nariz e corresse na direção oposta; era apenas um fato, que aparentemente não a incomodava, mas que ela fazia questão de registrar.

“Não faz mal”, respondi, com a esperança de que meu tom de voz me situasse em algum lugar entre o melindroso e o sebesto. “Posso ir aí pegar você?”

Ela não disse nada por alguns instantes; ouvi-a murmurando: “Doris Klugman, Doris Klugman...”. Então respondeu: “Está bem, Briarpath Hills, oito e quinze”.

“Eu vou estar num Plymouth castanho-claro...” Achei melhor não dizer o ano. “Pra você me reconhecer. E eu, como é que vou reconhecer você?”, perguntei, com um riso maroto horrendo.

“Eu vou estar suada”, disse ela, e desligou.

Depois que saí de Newark, transpus Irvington e o denso emaranhado de passagens de nível, cabines de manobreiros, depósitos de madeira, lanchonetes e vendas de carros usados, a noite esfriou. Era como se os cinquenta e cinco metros de altitude que separavam os subúrbios do centro de Newark os aproximassem dos céus, pois até mesmo o sol ficava maior, mais baixo e mais redondo, e logo vi uma sucessão de gramados extensos que pareciam borrifar água sobre si próprios e casas onde não havia ninguém sentado na varanda da frente, em que havia luzes acesas mas as janelas não ficavam abertas, porque as pessoas que estavam lá dentro, recusando-se a compartilhar a textura da vida com os que estavam do lado de fora, controlavam com um mostrador a quantidade de umidade que tinha acesso a sua pele. Ainda eram oito horas, e eu não queria chegar cedo demais, por isso fiquei subindo e descendo aquelas ruas com nomes de faculdades do Leste, como se as autoridades locais, anos antes, quando deram nome a tudo, tivessem planejado os destinos dos filhos dos cidadãos. Pensei em tia Gladys e tio Max dividindo uma barra de chocolate no beco escuro e cheio de cinzas onde moravam, refestelados em cadeiras de praia, gozando cada brisa fresca que chegava até eles como se fosse a promessa do Além, e depois de algum tempo entrei na pista de cascalho do pequeno parque em que Brenda jogava tênis. No meu porta-luvas, era como se o mapa das ruas de Newark tivesse se metamorfoseado em grilos, pois aquelas ruas compridas e asfaltadas para mim não existiam mais, e os ruídos da noite pareciam tão altos quanto o som do sangue latejando nas minhas têmporas.

Estacionei o carro sob as copas verde-escuras de três carvalhos e fui

andando em direção ao som das bolas de tênis. Ouvi uma voz irritada exclamar: “Iguais *de novo*”. Era Brenda, que pelo visto suava em bicas. Fui subindo o cascalho lentamente e ouvi Brenda outra vez. “Vantagem minha”, e depois, assim que virei numa curva, enchendo de carrapichos o punho da camisa, ouvi: “*Game* pra mim!”. A raquete dela foi jogada para o alto, e ela a apanhou com muito jeito no momento em que me viu.

“Oi”, exclamei.

“Oi, Neil. Mais um *game*”, gritou. As palavras de Brenda, ao que parecia, enfureceram sua adversária, uma garota morena bonita, não tão alta quanto ela, que parou de procurar a bola que havia passado por ela e dirigiu a Brenda e a mim um olhar feroz. Logo compreendi o motivo: Brenda estava à sua frente, cinco *games* contra quatro, e ao manifestar a convicção de que só faltava um *game* provocou na outra uma raiva que dava para nós dois e sobrava.

Brenda acabou ganhando mesmo, embora fosse necessário jogar mais *games* do que ela esperava. A outra garota, cujo nome parecia ser Simp, parecia se contentar com um empate, seis a seis, mas Brenda, zanzando, correndo na ponta dos pés, não parava, e por fim a única coisa que eu via se mexendo na escuridão eram seus óculos, a brilhar, a fivela do cinto, as meias, os tênis e, de vez em quando, a bola. Quanto mais escuro ficava, com mais fúria Brenda se aproximava da rede, o que era curioso, pois eu havia reparado que antes, quando estava claro, ela não chegava muito perto, e mesmo quando tinha que correr, depois de cortar um *lob*, dava a impressão de não querer ficar muito próxima da raquete da adversária. A paixão por marcar mais um ponto parecia não ser tão forte quanto a paixão por manter intacta sua beleza. Tive a impressão de que a marca vermelha de uma bola de tênis em seu rosto seria para ela algo mais doloroso do que perder todos os pontos do mundo. Porém a escuridão a impelia, ela dava golpes cada vez mais fortes, até que por fim Simp parecia estar correndo agachada. Quando tudo terminou, Simp recusou minha oferta de levá-la em casa, dando a entender, com um maneirismo verbal aprendido em algum filme antigo de Katherine Hepburn, que ela sabia se virar sozinha; a mansão em que morava, ao que parecia, ficava logo depois da sebe mais próxima. Ela não gostava de mim, eu não gostava dela, mas tenho certeza de que esse fato me preocupava mais do que a ela.

“Quem é essa aí?”

“Laura Simpson Stollowitch.”

“Por que você não chama ela de Stolo?”, perguntei.

“Simp é o nome dela lá na Bennington. Cretina.”

“É lá que você estuda?”, indaguei.

Ela estava apertando a saia contra a pele para enxugar o suor. “Não. Eu estudo lá em Boston.”

Aquela resposta me incomodou. Sempre que alguém me pergunta onde estudei, eu digo logo na cara: Newark Colleges, Rutgers University. É possível que eu diga isso alto demais, rápido demais, afobado demais, mas eu digo assim mesmo. Por um momento, Brenda me fez pensar naqueles veadinhos metidos a besta de Montclair que aparecem na biblioteca durante as férias, e enquanto eu carimbo seus livros eles ficam ajeitando os cachecóis descomunais que chegam quase até os pés, o tempo todo fazendo alusões a “Boston” e “New Haven”.

“Boston University?”, perguntei, desviando a vista para as árvores.

“Radcliffe.”

Ainda estávamos parados na quadra, cercados de linhas brancas por todos os lados. Em torno dos arbustos que circundavam a quadra, vagalumes desenhavam oitos no ar que recendia a espinhos, e então, quando a noite chegou para valer de repente, as folhas das árvores brilharam por um instante, como se tivesse acabado de chover sobre elas. Brenda saiu da quadra, seguida por mim um passo atrás dela. Agora que minha vista se acostumara com a escuridão e que ela deixara de ser apenas uma voz para ser também algo a se ver, parte da raiva provocada por aquele seu comentário sobre “Boston” se esvaiu, e me permiti admirá-la. Ela não ajeitou a roupa sobre as nádegas, porém a forma se revelava, coberta ou não, sob a bermuda cáqui bem justa. Havia dois triângulos úmidos na parte de trás da camisa pólo branca, exatamente onde ficariam as asas se ela fosse alada. Para completar a imagem, ela usava um cinto xadrez, meias brancas e tênis brancos.

Sem parar de andar, Brenda fechou o zíper do porta-raquete.

“Você está doida pra chegar em casa?”, perguntei.

“Não.”

“Vamos sentar aqui. Está agradável.”

“O.K.”

Sentamo-nos num trecho do gramado inclinado o bastante para que pudéssemos nos recostar sem exatamente nos recostar; o ângulo que

formávamos dava a impressão de que estávamos nos preparando para assistir a algum evento celestial — uma nova estrela ia ser batizada, a lua esvaziada seria inflada até ficar cheia. Brenda abria e fechava o zíper enquanto falava; pela primeira vez parecia tensa. Sua tensão fez com que a minha voltasse à tona, de modo que agora estávamos prontos para algo de que, como se por mágica, antes parecíamos ter escapado: um encontro.

“Como é que é a sua prima Doris?”, perguntou ela.

“É bem morena...”

“Ela é...?”

“Não”, respondi. “Ela é sardenta, tem cabelo preto, e é muito alta.”

“Onde é que ela estuda?”

“Northampton.”

Ela não respondeu, e não sei se chegou a entender completamente o que eu quis dizer.

“Acho que não conheço ela, não”, respondeu depois de alguns instantes. “Ela é sócia há pouco tempo?”

“Acho que sim. Eles só se mudaram para Livingston há uns dois anos.”

“Ah.”

Não apareceu nenhuma estrela nova, ao menos nos cinco minutos seguintes.

“Você se lembra de mim segurando os seus óculos?”, perguntei.

“Agora me lembrei”, disse ela. “Você também mora em Livingston?”

“Não. Newark.”

“A gente morava em Newark quando eu era bem pequena”, ela arriscou.

“Você quer ir pra casa?” De repente, eu estava irritado.

“Não. Mas vamos andar.”

Brenda chutou uma pedrinha e seguiu um passo à minha frente.

“Por que é que você só chega perto da rede depois que fica escuro?”, perguntei.

Ela se virou para mim e sorriu. “Você reparou? Simp, a simplória, nunca reparou.”

“Mas por quê?”

“Não gosto de ficar muito perto. Só se eu tiver certeza que ela não vai rebater.”

“Por quê?”

“Meu nariz.”

“O quê?”

“Tenho medo do meu nariz. Eu ajeitei ele.”

“O quê?”

“Eu consertei o nariz.”

“Qual era o problema dele?”

“Ele era caroçudo.”

“Muito?”

“Não”, ela respondeu, “eu era bonitinha. Fiquei mais ainda. Meu irmão vai operar o dele agora no outono.”

“Ele quer ficar mais bonitinho também?”

Ela não respondeu, e voltou a seguir à minha frente.

“Eu não quis ser engraçadinho. Só queria saber por que é que ele vai operar, hein?”

“Ele *quer*... a menos que ele vire professor de educação física... mas não”, disse ela. “Nós todos somos parecidos com meu pai.”

“Ele também vai consertar o dele?”

“Por que é que você é tão antipático?”

“Não sou, não. Desculpe.” Minha pergunta seguinte foi motivada pelo desejo de parecer interessado e, desse modo, recuperar a minha civilidade; não saiu exatamente como eu esperava — falei alto demais. “Quanto que custa?”

Brenda esperou um momento, mas depois respondeu. “Mil dólares. A menos que você faça com um açougueiro.”

“Deixa eu ver se os mil dólares foram bem gastos.”

Ela virou-se outra vez; parou ao lado de um banco e largou a raquete nele. “Se eu te deixar me beijar, você pára de ser antipático?”

Era necessário que déssemos dois passos a mais para nos aproximarmos um do outro de uma maneira que não fosse desajeitada, mas cedemos ao impulso e nos beijamos. Senti a mão dela na minha nuca, e por isso puxei-a para mim, talvez com excesso de violência, e pus minhas mãos nela e fui deslizando-as até as costas. Senti as manchas úmidas nas omoplatas, e debaixo delas, tenho certeza, um estremecimento leve, como se alguma coisa estivesse pulsando bem no fundo de seus peitos, tão no fundo que dava para sentir através da blusa. Era como um bater de asas, asas minúsculas, do tamanho de seus seios.

Eu não me importava se as asas eram pequenas — não precisava de uma águia para me fazer subir os míseros cinqüenta e cinco metros que tornam as noites de verão muito mais frescas em Short Hills do que em Newark.

NA TARDE SEGUINTE, segurei os óculos de Brenda para ela mais uma vez, agora não como criado momentâneo e sim como convidado; ou talvez nas duas funções, o que mesmo assim já era alguma coisa. Ela estava com um maiô preto e descalça, e em meio às outras mulheres, com sapatos de salto quadrado e seios ressaltados pelos sutiãs, anéis enormes, chapéus de palha que pareciam imensos pratos de pizza de palhinha, que tinham sido vendidos, segundo ouvi uma mulher bronzeadíssima comentar com uma voz áspera, “por uma gracinha de uma *schvartze* quando o navio parou em Barbados”, Brenda em meio a elas estava elegante na sua simplicidade, como uma donzela polinésia sonhada por um marinheiro, ainda que com óculos escuros de grau e com o sobrenome Patimkin. Veio acompanhada por um pequeno gorgolejo quando voltou nadando para a beira da piscina, e ao chegar pôs as mãos para fora d’água, segurou meus tornozelos e lhes deu um aperto forte e úmido.

“Vem”, disse para mim, apertando os olhos. “Vamos brincar.”

“Os seus óculos”, lembrei-a.

“Ah, pode quebrar essa porcaria. Eu detesto.”

“Por que é que você não conserta os olhos?”

“Ih, já começou outra vez.”

“Desculpe”, disse eu. “Vou dar pra Doris segurar.”

Doris, na surpresa do verão, havia passado do trecho em que o príncipe Andrei larga a mulher, e agora estava pensando, melancólica, não no triste destino da pobre princesa Liza, e sim, constatei, na pele de seus ombros, que, conforme ela acabava de descobrir, estava descascando.

“Você toma conta dos óculos da Brenda?”, pedi.

“Tomo.” Jogou para o alto pequenas escamas de carne translúcida. “Que droga.”

Entreguei-lhe os óculos.

“Ora, mas que coisa”, disse ela, “eu não vou ficar segurando eles, não. Larga aí na mesa. *Eu* não sou escrava dela.”

“Você é um pé no saco, sabia, Doris?” Sentada naquela cadeira, ela lembrava um pouco Laura Simpson Stollowitch, que na verdade estava naquele momento indo para algum lugar na extremidade oposta da piscina, evitando a mim e Brenda porque (era o que me dava prazer pensar) Brenda a havia derrotado na véspera; ou talvez (o que não me dava prazer pensar) porque eu, um estranho, estava presente. Fosse como fosse, Doris teve que suportar o peso da acusação que dirigi tanto a Simp quanto a ela.

“Obrigada”, disse ela. “Depois de eu convidar você pra passar o dia no clube.”

“Isso foi ontem.”

“E no ano passado?”

“É verdade, a sua mãe também mandou você me chamar no ano passado. Ela manda você convidar o filho da Esther, senão quando ele escrever pros pais ele vai se queixar que a gente não cuida dele. Todo verão eu ganho um dia.”

“Você devia ter ido com eles. A gente não tem culpa disso. Nós não temos que cuidar de você”, e quando Doris disse essa frase percebi que ela a tinha ouvido em casa, ou lido numa carta que havia chegado no correio de segunda-feira, depois que ela voltou para Northampton de Stowe, ou Dartmouth, ou talvez depois daquele fim de semana em que tomou banho de chuveiro com o namorado na Lowell House.

“Diz pro seu pai não se preocupar. O tio Aaron é gente boa. Eu cuido de mim”, e voltei correndo para a piscina, mergulhando direto, e emergi como um golfinho ao lado de Brenda, minhas pernas roçando nas dela.

“Como está a Doris?”, perguntou ela.

“Descascando”, respondi. “Ela vai ter que consertar a pele.”

“*Pára!*”, ela exclamou, e mergulhou; em seguida, senti que ela estava apertando a sola dos meus pés com as mãos. Recuei e mergulhei também, e então, no fundo da piscina, a apenas quinze centímetros das linhas negras trêmulas que dividiam a piscina em raias, nos beijamos na boca, um beijo cheio de bolhas. Ela estava sorrindo, sorrindo para *mim*, no fundo da piscina do Green Lane Country Club. Muito acima de nós, pernas debatiam-se na água, e um par de pés-de-pato passou deslizando, verde: por mim, a prima Doris podia descascar até não restar nada dela, a tia Gladys podia preparar vinte jantares todas as noites, meu pai e minha mãe podiam assar na fôrnelha do Arizona, onde aqueles dois

desertores pobretões tinham ido cuidar da asma — eu não ligava para nada, só para Brenda. Foi puxá-la em minha direção e, no momento em que ela começou a subir à superfície, minha mão prendeu-se na frente do maiô, afastando-o de seu corpo. Os seios dela subiram em minha direção, como se fossem dois peixes de focinho rosado, e ela me deixou pegá-los. No instante seguinte, era o sol que nos beijava, e estávamos fora d'água, tão satisfeitos um com o outro que nem sequer sorríamos. Brenda sacudiu os cabelos, jogando água na minha cara, e com as gotas que me atingiram tive a impressão de que ela fazia uma promessa para mim, uma promessa válida por todo o verão, e, esperava eu, mesmo depois.

“Quer os seus óculos escuros?”

“Aí onde você está dá pra eu ver”, ela respondeu. Estávamos à sombra de uma grande barraca de praia azul, deitados lado a lado em duas espreguiçadeiras cobertas com um plástico que grudava na roupa de banho e na pele; virei a cabeça para olhar para Brenda e senti aquele agradável cheirinho de queimado na pele de meus ombros. Virei-me para o sol outra vez, tal como ela, e enquanto conversávamos, e o calor e a luz aumentavam, as cores se despedaçavam sob minhas pálpebras cerradas.

“Está tudo indo muito rápido”, disse ela.

“Não aconteceu nada”, sussurrei.

“É. Acho que não. Eu meio que fico achando que aconteceu.”

“Em dezoito horas?”

“É. Eu me sinto... perseguida”, acrescentou após um instante.

“Foi você que me convidou, Brenda.”

“Por que você é sempre um pouco antipático comigo?”

“Eu fui antipático agora? Não tive intenção. Sério.”

“Teve, sim! Foi você que me convidou, Brenda. E daí?”, ela retrucou.

“Mas não é isso que eu quero dizer.”

“Desculpa.”

“Pára de pedir desculpa. Você pede de um jeito tão automático que dá pra ver que não é a sério.”

“Agora é você que está sendo antipática comigo”, disse eu.

“Não. Estou apenas constatando um fato. Não vamos brigar. Eu gosto de você.” Virou a cabeça para o lado, e pareceu-me que também ela tinha feito uma pausa rápida para sentir o cheiro do verão em sua própria

pele. “Eu acho você bonito.” Aquele seu tom objetivo me poupava da sensação de constrangimento.

“Por quê?”, indaguei.

“Como você ficou com esses ombros tão bacanas? Você joga o quê?”

“Nada”, respondi. “Eu cresci e eles ficaram assim.”

“Gosto do seu corpo. Ele é bonito.”

“Que bom”, respondi.

“Você gosta do meu, não gosta?”

“Não”, respondi.

“Então não dou ele pra você”, ela respondeu.

Com as costas da mão, alisei seus cabelos contra a orelha, e em seguida ficamos calados por algum tempo.

“Brenda”, eu disse, “você ainda não perguntou nada sobre mim.”

“Como que você se sente? Você quer que eu te pergunte como você se sente?”

“Quero”, respondi, aceitando a porta dos fundos que ela me cedia, se bem que provavelmente não pelos mesmos motivos que ela o fizera.

“Como é que você se sente?”

“Quero nadar.”

“O.K.”, ela respondeu.

Passamos o resto da tarde dentro d’água. Havia oito linhas compridas pintadas no fundo da piscina, e ao final do dia creio que havíamos parado por algum tempo em cada raia, tão perto das linhas que daria para tocá-las se estendêssemos os braços. Voltávamos para as espreguiçadeiras de vez em quando e cantávamos ditirambos hesitantes, engenhosos, nervosos e delicados sobre os sentimentos que começávamos a experimentar um em relação ao outro. Na verdade, só passávamos a ter aqueles sentimentos a partir do momento em que falávamos neles — pelo menos no meu caso; quando dava nome a um deles, eu o inventava e passava a senti-lo. De tanto agitar nossa sensação de estranheza e novidade, geramos uma espuma que se assemelhava ao amor, e não ousávamos insistir demais naquela brincadeira, falar demais naquilo, com medo de que a espuma baixasse e morresse. Assim, alternávamos entre as espreguiçadeiras e a água, a fala e o silêncio, e levando-se em conta a tensão inevitável que Brenda me inspirava, e as muralhas de ego que se elevavam, com contrafortes e tudo, entre ela e seu autoconhecimento, até que nos saímos muito bem.

Por volta das quatro horas, no fundo da piscina, Brenda de repente desvencilhou-se de mim e subiu até a superfície. Na mesma hora, subi também.

“O que foi?”, perguntei.

Primeiro ela tirou o cabelo da testa com um gesto brusco. Depois indicou com a mão a outra extremidade da piscina. “Meu irmão”, explicou, tossindo para expelir um pouco de água.

E de súbito, como um Proteu com cabelo à escovinha que surgisse do mar, Ron Patimkin emergiu das mesmas profundezas que habitávamos pouco antes, e sua imensidão estendeu-se diante de nós.

“Oi, Bren”, ele disse, espadanando água com a palma da mão, fazendo um pequeno furacão se chocar contra Brenda e mim.

“Por que é que você está tão contente?”, ela quis saber.

“Os Yankees ganharam duas.”

“Quer dizer que hoje no jantar só vai dar Mickey Mantle?”, Brenda perguntou. “Quando os Yankees ganham”, explicou para mim, mantendo-se flutuando na vertical com tanta facilidade como se o cloro sob seus pés tivesse se transformado em mármore, “a gente põe um lugar a mais pro Mickey Mantle.”

“Vamos ver quem chega primeiro?”, Ron perguntou.

“Não, Ronald. Pode chegar primeiro sozinho.”

Ninguém dissera uma palavra a meu respeito. Do modo mais discreto possível, recuei um pouco sem dizer nada, como uma terceira pessoa que não foi apresentada, aguardando as amenidades. Porém estava cansado depois de toda aquela tarde esportiva, e rezava para que os dois irmãos não ficassem muito mais tempo trocando gozações e conversando. Felizmente, Brenda me apresentou. “Ronald, esse aqui é o Neil Klugman. Meu irmão, Ronald Patimkin.”

De tudo que havia naqueles cinco metros de água, Ron retirou sua mão para apertar a minha. Apertei-a, não do modo monumental que, pelo visto, ele esperava; meu queixo afundou mais um pouco na água e na mesma hora me senti exausto.

“Vamos ver quem chega primeiro?”, Ron me perguntou, simpático.

“Vai lá, Neil, nada com ele. Preciso ligar pra casa pra avisar que você vai jantar conosco.”

“É mesmo? Vou ter que ligar pra minha tia. Você não disse nada. Minhas roupas...”

“Nós jantamos *au naturel*.”

“O quê?”, perguntou Ronald.

“Vai nadar, querido”, Brenda disse a ele, e senti uma certa pontada quando ela o beijou no rosto.

Pulei fora da disputa, dizendo que eu também precisava dar um telefonema, e, já pisando os azulejos azuis da borda da piscina, olhei para trás e vi Ron nadando de uma ponta à outra da piscina com braçadas precisas e enormes. Ron dava a impressão de que, tendo coberto a extensão da piscina meia dúzia de vezes, ele faria jus ao direito de bebê-la todinha; imaginei que, tal como meu tio Max, ele teria uma sede colossal e uma bexiga gigantesca.

Tia Gladys não pareceu aliviada quando eu lhe disse que ela só teria de alimentar a família três vezes aquela noite. “Muito chique”, foi tudo que ela me disse pelo telefone.

Não jantamos na cozinha; nós seis — Brenda, eu, Ron, o sr. e a sra. Patimkin e a irmãzinha de Brenda, Julie — nos sentamos em torno da mesa da sala de jantar, enquanto a empregada, Carlota, uma negra com rosto de índia navajo, de orelhas furadas mas sem brincos, nos servia a refeição. Fiquei ao lado de Brenda, que estava, à sua maneira, *au naturel*: bermuda, aquela bermuda bem justa, camisa pólo branca, tênis e meias brancas. À minha frente estava Julie, uma garota de dez anos, de rosto redondo, animada, que antes do jantar, enquanto as outras meninhas da rua brincavam de três-marias, ou com os meninos, ou com outras meninas, dava tacadas em bolas de golfe com o pai no gramado dos fundos. O sr. Patimkin lembrava meu pai, com a diferença de que, quando falava, não chiava entre uma sílaba e outra. Era alto, forte, falava errado e comia com ferocidade. Quando atacava a salada — depois de encharcá-la de molho francês — saltavam-lhe as veias sob a pele grossa do antebraço. Comeu três porções de salada, enquanto Ron comeu quatro, Brenda e Julie duas, e só eu e a sra. Patimkin não repetimos. Não gostei da sra. Patimkin, embora sem dúvida ela fosse a pessoa mais bonita de todas as que estavam à mesa. Tratava-me com uma polidez desastrosa, e com seus olhos violeta, cabelos negros e porte grande e persuasivo, dava-me a impressão de ser uma bela cativa, uma princesa selvagem que fora domesticada e transformada em criada da filha do rei — no caso, Brenda.

Lá fora, pela janela panorâmica, eu via o gramado dos fundos, com

dois carvalhos gêmeos. Digo carvalhos, mas com um pouco de imaginação seria possível chamá-los de pés de artigos esportivos. Abaixo de seus galhos, como se fossem frutas deles caídas, havia dois ferros, uma bola de golfe, uma lata de bolas de tênis, um taco de beisebol, uma bola de basquete, uma luva de beisebol e o que parecia ser um rebenque. Mais ao fundo, perto dos arbustos que cercavam a propriedade dos Patimkin e em frente à pequena quadra de basquete, uma toalha vermelha quadrada, com um O branco costurado no centro, parecia arder em chamas sobre a grama verde. Devia estar ventando um pouco lá fora, pois a rede de basquete balançava; na sala, jantávamos no frescor constante do ar-condicionado Westinghouse. Era um prazer, só que, comendo em meio àqueles gigantes, por um bom tempo tive a sensação de que dez centímetros haviam sido subtraídos de meus ombros e oito da minha altura, e de lambuja alguém havia retirado minhas costelas, fazendo meu peito afundar, humilde, em direção às costas.

Durante o jantar não houve muita conversa; comer era uma atividade pesada, metódica e séria, e talvez seja melhor registrar tudo que foi dito logo de uma vez, em vez de indicar as frases perdidas enquanto alguém passava uma travessa para alguém, as palavras devoradas junto com bocados, a sintaxe picada e esquecida enquanto a comida era amontoada, derramada e engolida.

PARA RON: Que horas a Harriet ficou de ligar?

RON: Às cinco.

JULIE: Cinco horas já passou.

RON: No horário de lá.

JULIE: Por que é que é mais cedo em Milwaukee? E se a pessoa ficasse indo e voltando de avião pra lá o tempo todo? Ela nunca que ia envelhecer.

BRENDA: Isso mesmo, amorzinho.

SRA. P.: Por que é que você ensina tudo errado pra essa menina? É pra isso que ela vai pra escola?

BRENDA: Eu não sei por que ela vai pra escola.

SRA. P. (*carinhosa*): Universitária.

RON: Cadê a Carlota? Carlota!

SRA. P.: Carlota, traz mais pro Ronald.

CARLOTA (*gritando*): Mais do quê?

RON: De tudo.

SR. P.: Pra mim também.

SRA. P.: Se você cair no campo de golfe, vai sair rolando.

SR. P. (*puxando a camisa para cima e batendo na barriga negra e curva*): Mas que história é essa? Olha só pra isso!

RON (*levantando a camiseta*): Olha pra isso.

BRENDA (*para mim*): E você, vai exhibir o ventre?

EU (*voz de menino de coro outra vez*): Não.

SRA P.: Muito bem, Neil.

EU: É. Obrigado.

CARLOTA (*falando por cima do meu ombro, como um espírito que baixou sem ser chamado*): E você, também quer mais?

EU: Não.

SR. P.: Ele come que nem um passarinho.

JULIE: Tem uns passarinhos que comem muito.

BRENDA: Quais?

SRA. P.: Não vamos falar sobre animais durante o jantar. Brenda, por que é que você fica dando corda pra ela?

RON: Cadê a Carlota? Eu tenho que jogar hoje à noite.

SR. P.: Não esquece da munhequeira.

SRA. P.: Onde é que você mora, Bill?

BRENDA: Neil.

SRA. P.: Eu não disse Neil?

JULIE: A senhora disse “Onde é que você mora, *Bill*?”.

SRA. P.: Eu devia estar pensando em outra coisa.

RON: Eu detesto munhequeira, pô. Como é que eu posso jogar de munhequeira?

JULIE: Olha o linguajar.

SRA. P.: Boa, Julie.

SR. P.: Quanto que o Mantle está batendo agora?

JULIE: Três e vinte e oito.

RON: Três e vinte e cinco.

JULIE: Oito!

RON: Cinco, sua bocó! Foi três por quatro no segundo jogo.

JULIE: *Quatro* por quatro.

RON: Isso foi um erro, era pra ser do Minoso.

JULIE: Pois *eu* não acho.

BRENDA (*para mim*): Está vendo?

SRA. P.: Vendo o quê?

BRENDA: Eu estava falando com o Bill.

JULIE: Neil.

SR. P.: Cala a boca e come.

SRA. P.: Vamos falar um pouco menos, mocinha.

JULIE: *Eu* não disse nada.

BRENDA: Ela estava falando comigo, amorzinho.

SR. P.: Que história é essa de “ela”, hein? É assim que você chama a sua mãe? Qual é a sobremesa?

O telefone toca, e embora estejamos aguardando a sobremesa, tudo indica que oficialmente a refeição terminou, pois Ron sai correndo para o quarto dele, Julie grita “É a Harriet!” e o sr. Patimkin tenta sem muito sucesso conter um arrotto, se bem que o fracasso, mais ainda que a tentativa, o torna simpático para mim. A sra. Patimkin está dando instruções a Carlota para não misturar outra vez os talheres do leite com os da carne, e Carlota está comendo um pêssago enquanto assiste à cena; debaixo da mesa, sinto os dedos de Brenda cutucando a barriga da minha perna. Estou satisfeito.

Estávamos sentados debaixo do maior dos carvalhos enquanto, na quadra de basquete, o sr. Patimkin jogava vinte-e-um com Julie. Na entrada da garagem, Ron acelerava o motor do Volkswagen. “Será que alguém podia fazer o *favor* de tirar o Chrysler de trás de mim?”, gritou ele, zangado. “Já estou atrasadão.”

“Com licença”, disse Brenda, levantando-se.

“Acho que eu estou atrás do Chrysler”, expliquei.

“Vamos”, ela me chamou.

Demos ré nos nossos carros para que Ron pudesse ir jogar. Depois que estacionamos os automóveis outra vez, fomos de novo ver o sr. Patimkin jogando com Julie.

“Gostei da sua irmã”, disse eu.

“Eu também gosto dela”, retrucou Brenda. “Como será que ela vai ficar quando crescer?”

“Como você”, respondi.

“Não sei, não”, disse ela. “Provavelmente melhor.” Então acrescentou: “Ou talvez pior. Como é que a gente pode saber? Meu pai é

legal com ela, mas não sei, não, mais três anos com a minha mãe... Bill”, lembrou ela, pensativa.

“Não fiquei chateado com isso, não”, disse eu. “Ela é muito bonita, a sua mãe.”

“Eu nem consigo imaginar que ela é minha mãe. Ela me odeia. As outras garotas, quando fazem as malas em setembro, pelo menos as mães ajudam. A minha, não. Ela está sempre fazendo ponta nos lápis do estojo da Julie na hora em que estou carregando o meu baú pela escada acima. E está na cara por quê. É praticamente um caso clínico.”

“Por quê?”

“Ela tem ciúme. É um negócio tão ridículo que eu tenho até vergonha de contar. Você sabia que a minha mãe tinha a melhor cortada de Nova Jersey? Sério, era a melhor jogadora de tênis do estado, contando homens e mulheres. Só você vendo as fotos dela quando ela era garota. Tão saudável. Mas não era gorducha, não, nada disso. Era realmente encantadora. Eu adoro ela naquelas fotos. Às vezes eu digo a ela como são bonitas as fotos. Uma vez até pedi pra ampliar uma delas pra eu levar pra faculdade. ‘A gente tem mais o que fazer com nosso dinheiro, mocinha, do que gastar em fotos antigas.’ Dinheiro! Meu pai está nadando em dinheiro, mas só você vendo ela quando eu tenho que comprar um casaco. ‘Não precisa ir à Bonwit’s, mocinha, a Ohrbach’s tem os tecidos mais resistentes.’ E eu lá quero tecido resistente? Eu acabo conseguindo comprar o que eu quero, mas só depois dela ter uma oportunidade de me aporrinhar. Dar dinheiro pra ela é desperdício. Ela nem sabe aproveitar. Ela continua achando que a gente mora em Newark.”

“Mas você consegue o que você quer”, retruquei.

“Conseguo. Ele”, e apontou para o sr. Patimkin, que havia acabado de acertar o terceiro lance livre seguido, o que aparentemente teve o efeito de irritar Julie, a qual bateu com os pés no chão com tanta força que levantou uma pequena nuvem de poeira em torno de suas pernochas perfeitas.

“Ele não é muito inteligente, não, mas pelo menos é um amor. Ele não trata meu irmão do jeito que ela me trata. Graças a Deus. Ah, estou cansada de falar neles. Desde que entrei pra faculdade, acho que toda vez que eu converso com alguém acabo falando sobre os meus pais, dizendo como é insuportável essa história. É universal. O único

problema é que eles não sabem.”

A julgar pela maneira como Julie e o sr. Patimkin estavam rindo agora, na quadra de basquete, o problema não parecia nem um pouco universal; mas, é claro, era universal para Brenda, mais até do que isso, era cósmico — transformava cada suéter de *cashmere* numa batalha com a mãe, e sua vida, boa parte da qual, disso eu não tinha dúvida, consistia em açambarcar todo o mercado de tecidos que eram macios ao contato com a pele, virava uma Guerra dos Cem Anos...

Não era minha intenção me permitir pensamentos tão desleais, tomar o partido da sra. Patimkin quando estava sentado ao lado de Brenda, mas não conseguia apagar de meu cérebro de elefante aquele comentário de que ela-continua-achando-que-a-gente-mora-em-Newark. Não disse nada, porém, temendo que meu tom de voz destruísse a atmosfera de tranqüilidade e intimidade pós-prandial. Antes, a intimidade fora fácil, quando estávamos cercados de água agitada, água fechando todos nossos poros, e depois, com o sol os aquecendo e narcotizando nossos sentidos, mas agora, na sombra fresca, ao ar livre, vestido e no território dela, eu não queria pronunciar uma palavra que rompesse o véu e revelasse aquela emoção horrenda que eu sempre sentia por ela, e que é o avesso do amor. Nem sempre ela *permanece* no avesso — mas estou avançando demais.

De repente a pequena Julie apareceu a nosso lado. “Quer jogar?”, perguntou-me. “O papai está cansado.”

“Vem”, gritou o sr. Patimkin. “Termina pra mim.”

Hesitei — eu não segurava uma bola de basquete desde os tempos do colegial —, mas Julie estava puxando minha mão, e Brenda disse: “Vai”.

O sr. Patimkin jogou a bola na minha direção quando eu não estava olhando, e ela quicou no meu peito, deixando uma mancha redonda de poeira na minha camisa, como a sombra da lua. Ri como um alucinado.

“Você não sabe pegar?”, perguntou Julie.

Tal como a irmã, ela parecia ter o dom de fazer perguntas práticas que me enfureciam.

“Sei.”

“Sua vez”, disse ela. “O papai está perdendo, quarenta e sete a trinta e nove. Quem fizer duzentos ganha.”

Por um momento, ao colocar a ponta dos pés no pequeno sulco que ao

longo dos anos havia sido traçado na linha do garrafão, tive um daqueles sonhos instantâneos em plena vigília que me atormentam de tempo em tempo, e que têm o efeito, segundo meus amigos, de formar cataratas sinistras sobre meus olhos: o sol havia se posto, os grilos já tinham cantado e se calado, as folhas estavam escuras, e eu e Julie continuávamos sozinhos no gramado, jogando a bola em direção à rede. “Quem fizer quinhentos ganha”, ela gritava, e então, quando ela chegava aos quinhentos pontos, dizia: “Agora você tem que chegar lá”, e eu conseguia, e a noite prosseguia, e ela gritava: “Quem fizer *oitocentos* ganha”, e nós continuávamos jogando, e agora a meta já era mil e cem, e nós continuávamos jogando, e a manhã nunca que raiava.

“Arremessa”, disse o sr. Patimkin. “Você é eu.”

Esse comentário me deixou confuso, mas fiz o arremesso e, naturalmente, errei. Com a graça do Senhor e uma brisa suave, acertei a bandeja.

“Quarenta e um pra você. Minha vez”, disse Julie.

O sr. Patimkin estava sentado na grama na outra extremidade da quadra. Tirou a camisa e, só de camiseta, com a barba crescendo desde a manhã, parecia um caminhoneiro. O nariz antigo de Brenda ficava muito bem em seu rosto. De fato, havia um caroço nele, bem no meio; era como se um pequeno brilhante de oito facetas tivesse sido introduzido debaixo da pele. Eu sabia que o sr. Patimkin jamais se daria ao trabalho de mandar tirar aquela pedra de dentro do nariz, e no entanto, com júbilo e orgulho, ele pagara para que o brilhante de Brenda fosse extraído e jogado fora em alguma privada do Fifth Avenue Hospital.

Julie errou o lance livre, e devo reconhecer que senti um leve alvoroço de felicidade no coração.

“Dá um pouco de efeito”, disse o sr. Patimkin a ela.

“Posso tentar de novo?”, Julie me perguntou.

“Pode.” Com as instruções paternas que vinham da lateral e a benevolência que eu lhe estendia de má vontade, pelo visto empatar seria difícil para mim. E, de repente, eu queria ganhar, queria dar uma surra na pequena Julie. Brenda estava apoiada no cotovelo, debaixo da árvore, mastigando uma folha, assistindo. Lá na casa, na janela da cozinha, percebi que a cortina tinha sido aberta — o sol estava baixo demais para faiscar nos eletrodomésticos — e a sra. Patimkin estava acompanhando a partida com atenção. Então Carlota apareceu na escada

dos fundos, comendo um pêssego e segurando um balde de lixo com a outra mão. Também ela parou para assistir.

Era minha vez de novo. Errei o arremesso e, rindo, virei-me para Julie, perguntando: “Posso tentar de novo?”.

“Não!”

Foi assim que aprendi como era que o jogo se jogava. No decorrer dos anos, o sr. Patimkin ensinara às filhas que elas sempre teriam o que quisessem, bastando pedir; ele podia bancá-las. Porém, sob todos aqueles olhares estranhos de Short Hills, de matronas, criadas e provedores, por algum motivo senti que eu não podia. Mas não havia outra opção, e tive de ceder.

“Muito obrigada, Neil”, disse Julie quando o jogo terminou — aos cem pontos — e os grilos já haviam começado a cantar.

“De nada.”

À sombra das árvores, Brenda sorria. “Você deixou ela ganhar?”

“Acho que sim”, respondi. “Não tenho certeza.”

Havia algo em minha voz que levou Brenda a dizer, para me confortar: “Até o Ron deixa ela ganhar”.

“Que ótimo pra Julie”, retruquei.

NA MANHÃ SEGUINTE, ENCONTREI uma vaga na Washington Street bem em frente da biblioteca, do outro lado da rua. Tendo chegado vinte minutos antes da hora, resolvi dar uma volta no parque em vez de ir direto para o trabalho; não estava com muita vontade de me juntar a meus colegas, os quais, eu sabia, estariam tomando café na sala de encadernação, ainda recendendo ao Crush de laranja que tinham bebido no fim de semana no Asbury Park. Sentei-me num banco de praça e fiquei olhando para a Broad Street e o tráfego matinal. Os trens de Lackawanna passavam ruidosos alguns quarteirões ao norte dali, e eu julgava poder ouvi-los — aqueles vagões verdes e ensolarados, velhos e limpos, com janelas que abriam até embaixo. Havia dias em que, para fazer hora antes de pegar no trabalho, eu caminhava até os trilhos e ficava vendo as janelas abertas a passar, com cotovelos de homens de terno tropical e quinas de pastas, que pertenciam a executivos que vinham trabalhar na cidade, oriundos de Maplewood, das Oranges e dos subúrbios mais distantes.

O parque, que ficava entre a Washington Street a oeste e a Broad Street a leste, estava vazio e à sombra, cheirando a árvores, noite e cocô de cachorro; havia também um leve cheiro de umidade, sinal de que o caminhão de lavar ruas, aquele imenso rinoceronte, já havia passado, encharcando e esfregando as ruas do centro. Atrás de mim, na Washington Street, um pouco abaixo, ficava o Museu de Newark — eu o via sem sequer olhar para ele; dois vasos orientais à sua frente, como se fossem escarradeiras dignas de um rajá, e a seu lado o pequeno anexo a que a escola nos levava de ônibus especial quando éramos pequenos. O anexo era um prédio de tijolo, velho e coberto de trepadeiras, que sempre me fazia pensar na ligação que havia entre Nova Jersey e os primórdios da nação; George Washington fazia treinamentos com seu exército improvisado — era o que uma pequena placa de bronze informava às crianças — naquele exato parque onde eu agora estava. Na extremidade oposta dele, depois do museu, ficava o prédio onde eu cursara a faculdade, que outrora funcionava como banco. Alguns anos antes ele tinha sido convertido numa extensão da Rutgers University;

fora justamente na antiga sala de espera do presidente do banco que eu havia feito um curso de Questões Morais Contemporâneas. Embora estivéssemos no verão e eu já houvesse concluído a faculdade três anos antes, não era difícil para mim relembrar os outros alunos, meus colegas, que trabalhavam à noite na Bamberger's e na Kresge's e usavam a comissão que recebiam vendendo sapatos femininos de ponta de estoque para pagar os custos do laboratório. E então voltei a olhar para a Broad Street. Espremida entre uma livraria de vitrine encardida e uma lanchonete vagabunda, ficava a marquise de um minúsculo cinema de arte — quantos anos haviam se passado desde o dia em que, sob aquela marquise, eu havia aumentado a idade para poder ver Hedy Lamarr nadando nua em *Sinfonia de amor*; e depois, tendo dado ao porteiro uma moeda de vinte e cinco centavos a mais, como fiquei decepcionado ao ver a frugalidade de seus encantos escravos... Sentado no banco do parque, experimentei a sensação de conhecer a fundo a cidade de Newark, uma ligação tão arraigada que era impossível ela não se ramificar em afeto.

De repente, eram nove horas e a correria era geral. Moças com sapatos de salto alto instáveis entravam e saíam das portas giratórias do prédio da telefônica do outro lado da rua, os carros buzonavam em desespero, os policiais gritavam, apitavam e faziam sinais para os motoristas. Na igreja de São Vicente, as imensas portas escuras se abriram, e as pessoas que haviam se levantado cedo para assistir a missa saíram à rua, piscando por causa da claridade. Em seguida, os fiéis desceram a escada da igreja e seguiram afobados pelas ruas em direção a suas escrivaninhas, arquivos, secretárias, patrões e — se o bom Deus havia se dignado a diminuir um pouco a aspereza de suas vidas — o conforto dos aparelhos de ar-condicionado instalados nas janelas. Levantei-me, atravessei a rua e entrei na biblioteca, me perguntando se Brenda já estaria acordada.

Os leões de cimento claro mantinham-se em guarda, não muito convincentes, na escadaria da biblioteca, como sempre vitimados pela elefantíase e a arteriosclerose, e eu estava preparado para ignorá-los como vinha fazendo nos últimos oito meses se não fosse a presença de um menininho de cor parado diante de um deles. O leão havia perdido todos os dedos da pata no verão anterior, vítima de um safári de delinquentes juvenis, e agora havia mais alguém para atormentá-lo,

semi-ajoelhado, a rugir. O menino rugia, baixinho, demoradamente, e, sacudindo a cabeça, dizia para o leão: “Pô, você é um covardão...”. Em seguida, voltava a rugir.

O dia começou tal como qualquer outro. Sentado à escrivaninha do andar principal, fiquei vendo as garotas adolescentes de seios avantajados a subir, com passos espasmódicos, a ampla escadaria de mármore que levava ao salão principal de leitura. A escadaria era imitação de uma que havia em Versailles, muito embora aquelas moças, com calça de toureiro e suéter, filhas de curtumeiros italianos,ERVEJEIROS poloneses e peleteiros judeus, estivessem longe de ser duquesas. Também não eram Brenda, e toda e qualquer fagulha de concupiscência que por acaso se acendesse dentro de mim no decorrer daquele dia monótono era puramente acadêmica, algo para matar o tempo. De vez em quando eu consultava o relógio, pensava em Brenda e esperava a hora do almoço, e depois a hora depois do almoço, quando eu passaria para a mesa de informação no andar de cima, e John McKee, que tinha apenas vinte e um anos mas usava elásticos nas mangas da camisa, desceria a escada, todo engomado, para dedicar-se compenetrado à tarefa de carimbar os livros que eram retirados ou devolvidos. John McElástico estava no último ano da Newark State Teachers College, onde estudava a Classificação Decimal de Dewey, preparando-se para sua carreira futura. A biblioteca não seria minha carreira futura, disso eu tinha certeza. No entanto, o sr. Scapello — o velho eunuco que de algum modo conseguia fazer com que sua voz parecesse voz de homem — havia comentado que, quando voltasse das minhas férias, eu seria encarregado da sala de referências, cargo que permanecia vago desde a manhã em que Martha Winney desabou de um banco alto na sala das enciclopédias e espatifou todos os ossos frágeis que, juntos, antes formavam o que, numa mulher com a metade da sua idade, chamaríamos de cadeiras.

Meus colegas de trabalho na biblioteca eram estranhos, e na verdade havia muitos momentos em que eu não sabia direito como tinha ido parar lá, nem por que lá permanecia. Porém o fato é que eu permanecia, e depois de algum tempo aguardava pacientemente o dia em que entraria no banheiro masculino do andar principal para fumar um cigarro e, olhando para minha própria imagem no espelho enquanto soltava uma baforada de fumaça, verificaria que em algum momento daquela manhã

havia ficado pálido, e que sob a minha pele, tal como sob a pele de McKee, Scapello e da srta. Winney, havia uma fina camada de ar separando o sangue da carne. Alguém havia injetado ar ali enquanto eu carimbava um livro, e assim dali em diante minha vida não seria jogar fora, como era para tia Gladys, nem acumular, como era para Brenda, e sim isolar-me, uma espécie de dormência. Comecei a temer essa possibilidade, e no entanto, na minha dedicação passiva ao trabalho, parecia aproximar-me dela pouco a pouco, em silêncio, tal como a srta. Winney costumava aproximar-se da *Enciclopédia Britânica*. Seu banco, agora vazio, me aguardava.

Logo antes do almoço, o domador de leões entrou na biblioteca, de olhos arregalados. Ficou imóvel por um momento, mexendo apenas os dedos, como se estivesse contando o número de degraus da escadaria de mármore à sua frente. Então começou a andar pé ante pé no chão de mármore, rindo baixinho ao ouvir o estalido de seus passos, que ressoavam amplificados no teto em cúpula. Otto, o guarda à porta, disse-lhe para fazer menos barulho com os sapatos, mas o menino nem ligou. Continuou a produzir estalos com o bico do sapato, bem alto, com ar clandestino, adorando a possibilidade que Otto lhe dera de praticar essa postura. Veio até mim, na ponta dos pés.

“Ô”, disse ele, “onde que é a seção de artipraste?”

“Onde que é o quê?” perguntei.

“A seção de artipraste. Então cês não têm artipraste?”

Seu sotaque de negro sulista era muito carregado, e eu não conseguia entender o que ele me perguntava.

“Fala mais devagar”, pedia.

“Ar-ti-prás-te. Figura, pô. Livro de figura. Onde que tem?”

“Você quer dizer livros de artes plásticas? Reproduções?”

Aceitou aquela palavra complicada. “É, isso mesmo.”

“Tem em mais de um lugar”, expliquei. “Em que artista você está interessado?”

Os olhos do menino se apertaram tanto que todo seu rosto parecia negro. Começou a recuar, tal como antes recuara do leão. “Todos eles...”, murmurou.

“Tudo bem”, respondi, “pode olhar os que você quiser. É lá em cima. Vá seguindo a seta que indica a estante número três. Não esqueça: estante número três. Pergunte a alguém no segundo andar.”

Ele não se mexeu; parecia encarar minha curiosidade a respeito de seu gosto como uma espécie de inquisição oficial.

“Pode ir”, insisti, rasgando meu rosto com um sorriso, “é logo ali...”

E ele saiu na disparada, estalando os sapatos, subindo a escada em direção à seção de artipraste.

Depois do almoço, voltei para a mesa da entrada e lá encontrei John McKee, esperando, com sua calça azul-clara, sapatos pretos, camisa larga feito avental de barbeiro, com elásticos nas mangas, e uma gravata de crochê grande, verde, na qual ele dava um laço duplo grande, que saltava quando ele falava. Seu hálito cheirava a brilhantina, e seu cabelo recendia a mau hálito; quando ele falava, uma renda de bolhas de cuspe se formava nos cantos da boca. Eu não gostava de McKee, e por vezes sentia um impulso de puxar seus elásticos para trás e lançá-lo, como se num estilingue, pela porta afora, passando por Otto e pelos leões, até cair na rua.

“Por acaso um negrinho passou pela sua mesa? Com um sotaque carregado? Ele passou a manhã inteira escondido entre os livros de arte. Você sabe o que esses meninos fazem lá.”

“Eu vi o menino entrar, sim, John.”

“Eu também. Mas ele *saiu*?”

“Não sei. Imagino que sim.”

“Aqueles livros são *muito* caros.”

“Não fica tão nervoso, John. Os livros estão aí pras pessoas pegarem.”

“Há mais de uma maneira de pegar”, disse John, sentencioso. “Alguém devia ir lá dar uma conferida nele. Eu estava com medo de sair da mesa aqui. Você sabe o que eles fazem com os conjuntos habitacionais que a gente dá pra eles.”

“Vocês dão pra eles?”

“A prefeitura. Você já viu o que eles fazem em Seth Boyden? Eles jogaram garrafas de *cerveja*, aquelas grandes, no *gramado*. Eles estão tomando conta da cidade.”

“Só dos bairros negros.”

“Pra você tem até graça porque você não mora perto deles. Eu vou ligar pra sala do senhor Scapello e mandar verificar a sessão de arte. Onde foi que esse menino ouviu falar de arte?”

“Você vai é fazer o senhor Scapello ficar com úlcera, logo agora que ele acabou de comer um sanduíche de ovo com pimenta. Eu vou lá,

tenho que subir mesmo.”

“Você sabe o que eles fazem lá”, John me alertou.

“Não se preocupa, Johnny, depois o cabelo nasce é na mão suja dele.”

“Muito engraçado. Esses livros custam...”

Para que o sr. Scapello não pusesse seus dedos brancos como giz no menino, subi os três andares até a estante número três, passando pela sala de recepção onde Jimmy Boylen, nosso *boy* de cinquenta e um anos de idade, olhos sempre remelentos, descarregava livros de um carrinho de mão; pela sala de leitura, onde vagabundos da Mulberry Street dormiam diante de exemplares de *Mecânica Popular*; pelo corredor enfumaçado em que os alunos da faculdade de direito, de férias, iam para relaxar, suados, alguns fumando, outros tentando tirar das pontas dos dedos a tinta das apostilas; e por fim pela sala dos periódicos, onde umas poucas senhoras idosas, que haviam sido trazidas de carro de Upper Montclair, agora se debruçavam de pincenê sobre números velhíssimos, amarelados, a se esfarelar, do *News* de Newark. Na estante número três encontrei o menino. Estava sentado no chão de tijolo de vidro com um livro aberto no colo, um livro que, na verdade, era maior que seu colo e que ele tinha de apoiar nos joelhos. À luz que entrava pela janela atrás dele eu via as centenas de intervalos entre as centenas de pequenos saca-rolhas negros que formavam sua cabeleira. Ele era muito negro e reluzente, e a carne de seus lábios parecia não apenas ser de uma cor diferente como também estar inacabada, aguardando mais uma demão. Os lábios estavam entreabertos, os olhos arregalados; até mesmo as orelhas pareciam assinalar uma receptividade acentuada. Parecia estar em êxtase — até que me viu. Para ele, eu podia muito bem ser John McKee.

“Tudo bem”, exclamei, antes que ele pudesse esboçar o menor movimento, “estou só passando por aqui. Pode ler.”

“Não tem nada pra *ler*. Só tem figura.”

“Ótimo.” Por alguns momentos, fiquei mexendo nas estantes mais baixas, fingido que estava trabalhando.

“Ô moço”, disse o menino após um minuto, “onde que fica isso?”

“Onde que fica o quê?”

“Onde que fica essas figura? Essa gente, pô, é demais. Dá pra ver que lá ninguém vive gritando e berrando.”

Levantou o livro para que eu o visse. Era um volume grande e caro

com reproduções de Gauguin. A página que ele estava examinando continha uma reprodução de 21,5 por 28 centímetros, em cor, de um quadro com três mulheres nativas, imersas na água até os joelhos, num riacho cor-de-rosa. Era mesmo uma imagem muito silenciosa; o menino tinha razão.

“É no Taiti. Uma ilha no Oceano Pacífico.”

“Não dá pra gente ir lá, não, não é? Assim de férias?”

“Acho que dá pra ir, sim. É muito longe. Tem gente que mora lá...”

“*Olha*, olha só essa aqui.” Voltou atrás algumas páginas e mostrou-me uma moça de pele parda, de joelhos, debruçada, como se enxugando o cabelo. “Putá merda”, exclamou o menino, “isso é que é vida.” A euforia daquele expletivo o expulsaria para todo o sempre da biblioteca pública de Newark e de todas as suas filiais se fosse John ou o sr. Scapello — ou, Deus nos livre, a srta. Winney, agora hospitalizada — quem tivesse vindo dar uma olhada.

“Quem tirou esses retratos?”, ele me perguntou.

“Gauguin. Ele não tirou, ele pintou. Paul Gauguin. Era francês.”

“Ele é branco ou de cor?”

“Branco.”

“Pô”, sorriu o garoto, quase rindo, “eu sabia. Esse não tira retrato que nem gente de cor. Esse *sabe* tirar... *Olha, olha*, olha só essa aqui. Putá merda, isso é que é vida, não é?”

Concordei que era e saí.

Depois, mandei Jimmy Boylen descer a escada para dizer a McKee que estava tudo bem. No resto do dia, nada aconteceu. Fiquei sentado à mesa de informação pensando em Brenda e dizendo a mim mesmo que aquela noite eu teria de abastecer o carro antes de seguir para Short Hills, que agora, na minha imaginação, ao pôr-do-sol, era cor-de-rosa como um riacho de Gauguin.

Quando estacionei diante da casa dos Patimkin naquela noite, todos, exceto Julie, estavam me esperando na varanda da frente: os pais de Brenda, Ron e a própria Brenda, de vestido. Eu jamais a vira de vestido antes, e por um momento ela me pareceu ser uma garota diferente. Mas isso foi só a metade da surpresa. Muitas dessas universitárias de pernas compridas na verdade foram feitas para andar sempre de bermuda. Brenda, não. De vestido, ela dava a impressão de que jamais usara uma

roupa diferente na vida, como se nunca tivesse andado de bermuda, maiô, pijama, nada que não fosse aquele vestido de linho claro. Atravessei o gramado com um passo saltitante, passando pelo enorme salgueiro-chorão, em direção aos Patimkin, pensando o tempo todo que devia ter mandado lavar o carro. Antes mesmo de eu chegar até eles, Ron deu um passo à frente e me apertou a mão vigorosamente, como se não me visse desde a Diáspora. A sra. Patimkin sorriu, o sr. Patimkin grunhiu alguma coisa e continuou torcendo os punhos levantados, depois erguendo um taco de golfe imaginário e lançando o fantasma de bola bem longe em direção aos montes Orange, os quais têm esse nome, disso não tenho dúvida, porque àquela luz variada dos subúrbios o laranja é a *única* cor de que eles jamais se revestem.

“A gente volta já”, disse Brenda a mim. “Você vai ter que tomar conta da Julie. A Carlota está de folga.”

“Tudo bem”, respondi.

“Vamos levar o Ron ao aeroporto.”

“Tudo bem.”

“A Julie não quer ir. Ela diz que o Ron empurrou ela pra dentro da piscina hoje. Nós estávamos esperando você pra não perder o avião do Ron. Tudo bem?”

“Tudo bem.”

O sr. e a sra. Patimkin e Ron se afastaram, e lancei para Brenda um discreto esboço de olhar feroz. Ela segurou minha mão por um momento.

“Gostou?”, perguntou.

“Por você a gente vira até babá. Posso consumir leite e bolo à vontade?”

“Não fica zangado, meu bem. A gente já volta.” Então esperou por um momento, e quando continuei de cara amarrada foi a vez dela de me olhar com ferocidade, de modo nada discreto. “Eu perguntei se você gostou de mim de vestido!” Então saiu correndo em direção ao Chrysler, levantando bem os sapatos de salto alto, trotando como um potro.

Entrei na casa e bati a porta telada com força.

“Fecha a outra porta também”, gritou uma vizinha. “O ar-condicionado.”

Fechei a outra porta, obediente.

“Neil?”, gritou Julie.

“É.”

“Oi. Quer jogar baralho?”

“Não.”

“Por que não?”

Não respondi.

“Estou na sala da televisão”, ela gritou.

“Bom.”

“Você vai ter que ficar comigo?”

“Vou.”

Ela apareceu inesperadamente, vindo da sala de jantar. “Quer ler uma redação que eu escrevi?”

“Agora não.”

“O que é que você quer fazer?”, ela perguntou.

“Nada, minha querida. Por que é que você não vai ver televisão?”

“Está bem”, disse ela, indignada, e voltou para a sala da televisão pisando forte.

Passei algum tempo no corredor, sentindo um forte impulso de sair dali pé ante pé, pegar o carro e voltar para Newark, onde poderia até mesmo ficar na rua, brincando com meus pares. Me senti igual a Carlota; não, pior ainda que ela. Por fim comecei a entrar e a sair dos cômodos do primeiro andar. Ao lado da sala ficava o escritório, uma saleta forrada de pinho, cheia de poltronas de couro dispostas em ângulo com as paredes, com uma coleção completa do *Information Please Almanac*. Na parede havia três fotos pintadas em cores; o tipo de retrato em que, seja quem for o retratado, cheio de vida ou inválido, velho ou jovem, as faces são rosadas, os lábios úmidos, os dentes parecem pérolas e o cabelo brilha como metal. Os retratados, no caso, eram Ron, Brenda e Julie aos catorze, treze e dois anos de idade. O cabelo de Brenda era longo e avermelhado; o nariz ainda estava com o diamante dentro, e ela não usava óculos; tudo isso tinha o efeito geral de fazê-la parecer uma princesa de treze anos que estava com fumaça nos olhos. Ron parecia mais arredondado e ainda não tinha entradas na testa, mas em seus olhos de menino já brilhava o amor por objetos esféricos e quadras de esportes. A pobre Julie estava perdida dentro da concepção platônica de infância daquele fotógrafo-pintor; sua diminuta humanidade desaparecia por trás das camadas espessas de rosa e branco.

Havia outras fotos também, menores, tiradas com uma câmera

Brownie Reflex num tempo em que as fotos pintadas ainda não estavam na moda. Havia uma fotografia pequenina de Brenda montada num cavalo; outra de Ron todo paramentado para o *bar mitzvah*, de quipá e *talit*; e dois retratos emoldurados juntos — um, de uma mulher bonita e envelhecida, que, a julgar pelos olhos, devia ser a mãe da sra. Patimkin, e o outro da própria sra. Patimkin, com os cabelos formando um halo, os olhos cheios de alegria; não eram olhos de uma mãe que já começava a envelhecer, com uma filha lépida e bela.

Passei pelo arco que dava entrada à sala de jantar e fiquei por um momento olhando para fora, vendo a árvore de artigos esportivos. Da sala da televisão, que dava para a sala de jantar, vinham os ruídos do aparelho — Julie estava assistindo a *This is your life*. A cozinha, que ficava do outro lado da sala de jantar, estava vazia, e pelo visto, como era a folga de Carlota, os Patimkin tinham jantado no clube. O quarto do casal ficava no meio da casa, ao lado do quarto de Julie, e por um momento tive vontade de ver o tamanho da cama em que dormiam aqueles gigantes — eu a imaginava larga e profunda como uma piscina —, porém resolvi deixar aquela investigação para quando Julie não estivesse na casa. Em vez disso, abri a porta da cozinha que dava para o subsolo.

Lá embaixo havia um frescor diferente do que eu percebera na casa, e senti também um cheiro, coisa inexistente no andar de cima. O subsolo era cavernoso mas ao mesmo tempo agradável, como as cavernas de mentira que as crianças inventam para brincar em dias de chuva, nos armários do corredor, debaixo de cobertores ou entre os pés da mesa da sala de jantar. Tendo descido a escada, acendi a luz e não me surpreendi ao ver as paredes cobertas de lambris, os móveis de bambu, a mesa de pingue-pongue e o bar forrado de espelhos, equipado com copos de todo tipo e tamanho, balde de gelo, garrafa de cristal, coqueteleira, mexedor, copo de aguardente, tigela para salgadinhos — toda a parafernália orgiástica em abundância, organizada e intacta, como só se poderia encontrar no bar de um homem rico que jamais recebe visitas que bebem, que não bebe ele próprio e que, na verdade, é alvo de um olhar de repreensão de sua mulher quando, uma vez a cada dois ou três meses, toma um aperitivo antes do jantar. Entrei no bar, onde havia uma pia de alumínio que não via um copo sujo, sou capaz de apostar, desde o *bar mitzvah* de Ron, e que provavelmente só veria outro quando um dos

filhos dos Patimkin se casasse ou noivasse. Só não tomei um drinque — uma vingança malévola por me terem imposto a condição de criado — por não ter coragem de rasgar o selo de uma garrafa de uísque fechada. Ali, para beber, era preciso rasgar o selo da garrafa. Na prateleira dos fundos do bar havia duas dúzias de garrafas — vinte e três, para ser exato — de Jack Daniels, e do colarinho de cada uma delas pendia um livrinho que explicava ao freguês como era chique aquela bebida. E acima das garrafas de Jack Daniels havia ainda mais fotos: a ampliação de uma fotografia de jornal em que Ron segurava uma bola de basquete com uma das mãos como se fosse uma passa; dizia a legenda: “Ao centro, Ronald Patimkin, Millburn High School, um metro e noventa e dois, noventa e oito quilos”. E havia mais uma foto de Brenda montada num cavalo, e ao lado dela um quadro de veludo em que estavam espetadas fitas e medalhas: Concurso Hípico do Condado de Essex 1949, Concurso Hípico do Condado de Union 1950, Feira Estadual de Nova Jersey 1952, Concurso Hípico do Condado de Morristown 1953, e assim por diante — tudo isso fora Brenda que ganhara, dando saltos ou correndo ou galopando, ou seja lá o que fazem as meninas para ganhar medalhas. Em toda a casa eu não tinha visto uma única foto do sr. Patimkin.

No resto do subsolo, fora da sala ampla forrada de lambris, as paredes eram de cimento cinza e o chão era forrado de linóleo, e havia incontáveis aparelhos eletrodomésticos, entre eles um freezer dentro do qual toda uma família de esquimós poderia morar. Ao lado do freezer, curiosamente, ficava uma geladeira velha, bem alta; a presença daquela antiguidade me fez pensar nas raízes dos Patimkin em Newark. Aquela mesma geladeira outrora ficava na cozinha do apartamento de uma casa compartilhada por quatro famílias, provavelmente no mesmo bairro onde eu vivera toda minha vida, primeiro com meus pais e depois — quando os dois foram embora, tossindo, para o Arizona — com meus tios. Depois do ataque de Pearl Harbor, a geladeira mudara para Short Hills; a Pias de Cozinha e Banheiro Patimkin fora à guerra: nenhum alojamento de soldados era considerado acabado enquanto não ostentasse toda uma fileira de pias Patimkin no banheiro.

Abri a porta da geladeira velha; não estava vazia. Agora ela não continha mais manteiga, ovos, arenque em molho de creme de leite, gengibirra, salada de atum e, de vez em quando, um buquê — em vez

disso, estava cheia de frutas, todas as prateleiras entupidas de frutas, de todas as cores, de todas as texturas, e, escondidos dentro delas, caroços de todos os tipos. Havia ameixas-rainha-cláudia, ameixas-pretas, ameixas-vermelhas, damascos, nectarinas, pêssegos, cachos compridos e afunilados de uvas, pretas, amarelas, vermelhas, e cerejas, cerejas transbordando das caixas, manchando tudo de escarlate. E também melões — melões-cantalupos e melões-almiscarados —, e na prateleira de cima metade de uma imensa melancia, com uma folha fina de papel encerado grudada à sua face vermelha nua, feito um lábio úmido. Ah, Patimkin! Suas geladeiras davam frutas, e artigos esportivos caíam dos galhos de suas árvores!

Peguei um punhado de cerejas e depois uma nectarina, mordendo-a até chegar ao caroço.

“Melhor lavar isso, senão você vai ficar com diarreia.”

Julie estava parada atrás de mim, na sala forrada com lambris. Usava uma bermuda e uma camisa pólo branca que só não era idêntica à de Brenda porque guardava alguns vestígios de um histórico alimentar todo dela.

“O quê?”, perguntei.

“Elas ainda não foram lavadas”, disse Julie, num tom que dava a impressão de transformar a geladeira num tabu, ainda que só para mim.

“Tudo bem”, respondi, devorando a nectarina, guardando o caroço no bolso e saindo da sala da geladeira, tudo isso num único segundo. Eu ainda não sabia o que fazer com as cerejas. “Eu estava só olhando”, expliquei.

Julie não disse nada.

“Aonde que o Ron está indo?”, perguntei, largando as cerejas no bolso, junto com as chaves e moedas.

“Milwaukee.”

“Vai ficar lá muito tempo?”

“Vai encontrar com a Harriet. Eles estão apaixonados.”

Ficamos nos entreolhando por um tempo insuportavelmente longo para mim. “A Harriet?”, perguntei.

“É.”

Julie me encarava como se estivesse tentando olhar atrás de mim, e então me dei conta de que eu estava com as mãos escondidas, atrás das costas. Trouxe-as para a frente, e juro que ela olhou de soslaio para

verificar se estavam mesmo vazias.

Mais uma vez nos confrontamos; parecia haver uma ameaça no rosto dela.

Então Julie falou. “Quer jogar pingue-pongue?”

“Mas claro, claro”, respondi, e aproximei-me da mesa com dois passos compridos, ávidos. “Pode dar o saque.”

Julie sorriu e começamos a jogar.

Não tenho desculpas para me defender do que aconteceu em seguida. Comecei a ganhar e gostei.

“Posso dar outro saque?”, pediu Julie. “Eu machuquei o dedo ontem e doeu bem na hora que eu saquei.”

“Não.”

Continuei ganhando.

“Essa não valeu, Neil. Meu sapato desamarrou. Posso...?”

“Não.”

Continuamos jogando — eu, com ferocidade.

“Neil, você se apoiou na mesa. Isso é contra as regras...”

“Não me apoiei, e não é contra as regras, não.”

Eu sentia as cerejas pulando entre as moedas no bolso.

“Neil, você me roubou um ponto. Você está com dezenove e eu com onze...”

“Vinte a dez”, corrigi. “Dá o saque!”

Ela deu, e cortei com toda a força — a bola quicou na mesa e foi parar na sala da geladeira.

“Você é ladrão!”, Julie gritou. “Você está roubando!” Seu queixo tremia como se ela estivesse carregando um peso sobre aquela linda cabecinha. “Eu odeio você!” E jogou a raquete para o outro lado da sala, acertando o bar, no momento exato em que ouvi, lá fora, os pneus do Chrysler sobre o cascalho.

“A partida ainda não terminou”, disse eu.

“Você roubou! E estava roubando fruta também!”, exclamou, e saiu correndo antes que eu tivesse oportunidade de ganhar.

Naquela noite, eu e Brenda fizemos amor pela primeira vez. Estávamos sentados num sofá na sala da televisão e ficamos uns dez minutos sem dizer uma palavra um ao outro. Julie, chorosa, tinha ido se deitar já havia muito tempo; eu não sabia se ela tinha falado a respeito

das cerejas, que depois joguei na privada.

A televisão estava ligada e, embora ela estivesse sem som e a casa silenciosa, as imagens cinzentas continuavam a se agitar do outro lado da sala. Brenda estava calada, sentada sobre as pernas envoltas no vestido. Ficamos algum tempo assim, sem falar. Então ela foi até a cozinha e, ao voltar, disse que todos pareciam estar dormindo. Ficamos mais algum tempo vendo as figuras silenciosas na tela jantando em silêncio num restaurante silencioso. Quando comecei a desabotoar seu vestido, Brenda resistiu, e me dá prazer pensar que ela o fez por saber que ficava linda com ele. Mas ela ficava linda, a minha Brenda, de qualquer maneira, e assim dobramos o vestido com cuidado, nos abraçamos estreitamente e logo Brenda estava caindo, devagar, mas com um sorriso, e eu subindo.

Como descrever o ato de amor com Brenda? Foi delicioso, como se eu tivesse finalmente marcado aqueles vinte e um pontos.

Quando cheguei em casa, disquei o número de Brenda, porém minha tia ouviu e se levantou.

“Pra quem você está ligando a essa hora? O médico?”

“Não.”

“Ligar pra quem à uma da madrugada?”

“Shhh!”, exclamei.

“Ele me diz *shhh*. Telefonando à uma da manhã porque a nossa conta de telefone está baixa demais”, e foi se arrastando de volta para a cama, onde, com coração de mártir e olhos pesados, havia resistido ao impulso do sono até ouvir minha chave na fechadura da porta.

Brenda atendeu.

“Neil?”, perguntou.

“Sou eu”, cochichei. “Você não se levantou da cama, não, não é?”

“Não”, ela respondeu, “o telefone fica ao lado da cama.”

“Bom. E aí, como está a cama?”

“Bom. Você está na cama?”

“Estou”, menti, e tentei consertar a mentira arrastando o telefone, esticando o fio, até chegar o mais perto possível de meu quarto.

“Estou na cama com você”, disse ela.

“Isso mesmo”, concordei, “e eu com você.”

“Eu baixei a persiana, por isso está escuro e não estou vendo você.”

“Eu também não estou vendo você.”

“Foi tão bom, Neil.”

“Foi, sim. Dorme, amor, estou aqui”, e desligamos sem dizer até logo. De manhã, conforme o combinado, telefonei outra vez, mas quase não consegui ouvir a voz de Brenda, nem a minha própria voz, aliás, pois tia Gladys e tio Max estavam se preparando para ir a um piquenique do Círculo dos Trabalhadores naquela tarde, e havia uma confusão por conta do suco de uva, que havia passado a noite toda escorrendo de uma jarra dentro da geladeira, e de manhã se espalhara pelo chão. Brenda ainda estava na cama, e desse modo foi possível jogar o nosso jogo com um certo grau de sucesso, porém tive que baixar todas as persianas de meus sentidos para imaginar que estava ao lado dela. Só me restava rezar para que nossas noites e manhãs chegassem logo, o que em pouco tempo aconteceu.

DURANTE OS DEZ DIAS SEGUINTEs, era como se só houvesse duas pessoas em minha vida: Brenda e o garotinho de cor que gostava de Gauguin. Todos os dias, antes da hora de abrir a biblioteca, lá estava o menino, à espera; às vezes montava no leão, às vezes se instalava debaixo do ventre, ou então ficava só jogando pedrinhas na juba. Em seguida, entrava, estalando os sapatos no chão do primeiro andar até que Otto, com seu olhar severo, o obrigasse a andar na ponta dos pés, e por fim subia a escadaria de mármore que o levava ao Taiti. Nem sempre ficava até a hora do almoço, mas houve um dia, de muito calor, em que estava lá quando cheguei de manhã e saiu atrás de mim quando fui embora à noite. Na manhã seguinte ele não veio, e como se para substituí-lo apareceu um homem velhíssimo, branco, cheirando a dropes Salva-Vidas, cheio de veias estouradas por baixo da pele do nariz e da papada. “Podia me dizer onde fica a seção de arte?”

“Estante número três”, respondi.

Alguns minutos depois ele voltou com um livro grande, de capa marrom. Colocou-o na minha mão, retirou seu cartão de dentro de uma carteira comprida onde não havia dinheiro e ficou esperando que eu carimbasse o livro.

“O senhor quer *retirar* este livro?”, perguntei.

Ele sorriu.

Peguei o cartão do homem e coloquei a borda de metal dentro da máquina; porém não carimbei. “Um minutinho”, pedi. Peguei uma prancheta embaixo da mesa e fiquei a folhear alguns papéis, folhas de batalha-naval e jogo-da-velha, com que eu havia passado o tempo durante a semana. “Acho que esse livro está reservado.”

“O quê?”

“Reservado. Uma pessoa telefonou e pediu que a gente reservasse o livro pra ela. Me dê seu nome e endereço, e aí eu lhe mando um bilhete assim que ele estiver livre...”

E assim consegui, ainda que enrubescendo uma ou duas vezes, fazer com que o livro voltasse para a estante. Quando o menino de cor chegou

mais tarde, estava exatamente onde ele o havia deixado na véspera.

Quanto a Brenda, nós nos encontrávamos todas as noites, e quando o sr. Patimkin não ficava até tarde na sala da televisão jogando com os amigos, e a sra. Patimkin não saía para jogar com as amigas da Hadassah, ocasiões em que voltava nas horas mais imprevisíveis, fazíamos amor diante da tela silenciosa. Numa noite quente e nublada, Brenda me levou para nadar no clube. Éramos os únicos na piscina, e era como se todas as espreguiçadeiras, barracas, luzes, trampolins, a própria água, tudo existisse apenas para nosso prazer. Ela estava com um maiô azul que ficava roxo com aquela iluminação, e debaixo d'água ora parecia verde, ora preto. Mais tarde, veio uma brisa do campo de golfe e nos embrulhamos numa única toalha grande, encostamos nossas espreguiçadeiras uma na outra e, apesar da presença do barman, que ficava o tempo todo andando de um lado para outro diante da janela do bar, a qual dava para a piscina, permanecemos deitados lado a lado. Por fim a luz do bar foi desligada e então, de repente, toda a iluminação da piscina se apagou. Meu coração deve ter começado a bater mais depressa, ou alguma outra coisa, pois Brenda pareceu perceber minha insegurança repentina — *a gente devia ir embora*, pensei.

Ela disse: “Não tem problema”.

A escuridão era total, o céu estava nublado e sem estrelas, e levei algum tempo para voltar a enxergar o trampolim, um pouco mais claro do que a noite, e distinguir a água das espreguiçadeiras em torno da outra margem da piscina.

Abaixei as alças de seu sutiã, mas Brenda disse que não e afastou-se de mim um pouco, e pela primeira vez em duas semanas, desde que eu a conhecesse, fez uma pergunta a meu respeito.

“Onde estão seus pais?”

“Em Tucson”, respondi. “Por quê?”

“Minha mãe me perguntou.”

Agora dava para ver a cadeira do salva-vidas, quase branca.

“Por que é que você continua aqui? Por que você não está com eles?”, ela perguntou.

“Não sou mais criança, Brenda”, respondi, num tom um pouco mais ríspido do que o pretendido. “Eu não posso ir a todo lugar que meus pais vão.”

“Mas então por que é que você está morando com seus tios?”

“Eles não são os meus pais.”

“São melhores?”

“Não. Piores. *Não sei* por que estou com eles.”

“Por quê?”

“Por que é que eu não sei?”

“Por que é que você está com eles? Você sabe, não sabe?”

“Meu emprego, imagino. A casa deles fica perto, e sai barato, e meus pais gostam. Minha tia é gente boa no fundo... Eu tenho mesmo que explicar pra sua mãe por que é que eu moro onde moro?”

“Não é pra minha mãe. Sou eu que quero saber. Eu não entendia por que é que você não estava com seus pais, só isso.”

“Você está com frio?”, perguntei.

“Não.”

“Você quer ir pra casa?”

“Não, só se você quiser. Você não está se sentindo bem, Neil?”

“Estou bem, sim”, e para provar que eu continuava a ser eu, apertei-a contra mim, embora naquele momento estivesse sem desejo.

“Neil?”

“O quê?”

“E a biblioteca?”

“Quem é que quer saber isso?”

“Meu pai”, ela riu.

“E você?”

Por um momento ela não disse nada. “Eu também”, disse por fim.

“Bom, o que é que tem a biblioteca? Se eu gosto? Até que gosto. Já vendi sapatos uma vez, e prefiro a biblioteca. Depois do serviço militar, fiquei uns meses trabalhando na imobiliária do tio Aaron — o pai da Doris — e gosto mais da biblioteca do que de lá...”

“Como foi que você arranjou esse emprego?”

“Eu trabalhei lá por um tempo quando estava na faculdade, e aí, quando saí da imobiliária do tio Aaron, ah, não sei...”

“O que é que você estudou na faculdade?”

“Newark Colleges of Rutgers University. Cursei filosofia. Tenho vinte e três anos. Estou...”

“Por que é que você está sendo antipático de novo?”

“Estou?”

“Está.”

Não pedi desculpas.

“Você está planejando trabalhar na biblioteca o resto da vida?”

“Bren, eu não estou planejando nada. Há três anos que eu não planejo coisa nenhuma. Pelo menos desde que saí do Exército há um ano. No Exército eu planejava o que ia fazer no fim de semana. Eu... não sou de planejar.” Depois de todas as verdades que de repente lhe havia entregado, eu não devia ter estragado tudo com uma mentira final. “Eu sou é de viver.”

“E eu sou é de Nova Jersey”, disse ela.

“Eu sou...”

Com um beijo ela encerrou aquele jogo ridículo; queria falar sério.

“Você me ama, Neil?”

Não respondi.

“Eu durmo com você me amando ou não, então me diz a verdade.”

“Você está sendo grosseira.”

“Não seja puritano”, ela retrucou.

“Não, grosseira em relação a mim.”

“Não entendi”, disse Brenda, e de fato não tinha entendido, e o fato de que ela não havia entendido me magoou; permiti-me, porém, o pequeno subterfúgio de perdoar sua obtusidade. “Você me ama?”, insistiu.

“Não.”

“Eu quero que você ame.”

“E a biblioteca?”

“O que é que tem a biblioteca?”, ela perguntou.

Estaria ela sendo obtusa outra vez? Pareceu-me que não — eu tinha razão, pois em seguida Brenda disse: “Quando você me amar, isso não vai ser problema nenhum.”

“Então é claro que vou te amar.” Sorri.

“Eu sei que vai”, ela respondeu. “Você podia cair na água, e eu fico esperando você de olhos fechados, e aí quando voltar você me dá um susto, todo molhado. Pode ir.”

“Você gosta de jogos, não é?”

“Vai. Eu vou fechar os olhos.”

Fui até a beira da piscina e mergulhei. A água parecia mais fria do que antes, e quando rompi a superfície e afundei às cegas senti um leve pânico. De volta à tona, nadei até a outra extremidade e, lá chegando, comecei a nadar em sentido contrário, mas de repente tive a convicção

de que quando saísse da piscina constataria que Brenda tinha ido embora e eu estaria sozinho naquele lugar desgraçado. Parti para o lado da piscina, icei-me para fora e voltei correndo para junto das espreguiçadeiras, e Brenda estava lá, e beijei-a.

“Meu Deus”, disse ela, estremecendo, “você não demorou nada.”

“Eu sei.”

“Minha vez”, disse ela, levantando-se, e um segundo depois ouvi barulho de água e depois nada. Nada por um bom tempo.

“Bren”, chamei em voz baixa, “você está bem?” Mas ninguém respondeu.

Encontrei os óculos dela na espreguiçadeira ao lado da minha e segurei-os. “Brenda?”

Nada.

“Brenda?”

“Não vale chamar”, disse ela, entregando-me seu corpo encharcado. “Sua vez”, disse ela.

Dessa vez fiquei debaixo d’água por um bom tempo, e quando voltei para a superfície meus pulmões estavam quase estourando. Joguei a cabeça para trás para respirar e vi acima de mim o céu, que parecia uma mão pesada apertando a terra, e comecei a nadar como se para escapar de sua pressão. Eu queria retornar a Brenda, pois mais uma vez temia — e não havia motivo para isso, não era mesmo? — que se demorasse demais ela não estaria lá quando eu voltasse. Lamentei não ter levado seus óculos comigo, o que a obrigaria a esperar por mim para levá-la em casa. Eu estava tendo pensamentos malucos, tinha consciência disso, e no entanto eles não pareciam tão gratuitos naquela escuridão e na estranheza daquele lugar. Ah, como eu queria chamá-la de dentro d’água, mas sabia que ela não responderia, e obriguei-me a nadar toda a extensão da piscina pela terceira vez, e depois a quarta, mas no meio da quinta senti um medo estranho outra vez, tive pensamentos momentâneos referentes à minha própria morte, e dessa vez quando voltei abracei-a com mais força do que eu ou ela esperávamos.

“Me larga, me larga”, ela riu, “minha vez...”

“Mas Brenda...”

Porém ela já havia sumido, e dessa vez parecia que não voltaria mais. Acomodei-me na espreguiçadeira e esperei que o sol nascesse na altura do nono buraco do campo de golfe, rezando para que ele viesse e me

confortasse com sua luz, e quando por fim Brenda voltou para mim eu não queria largá-la, e a sensação de frio e umidade de seu corpo de algum modo se infiltrou em mim, fazendo-me estremecer. “Chega, Brenda. Por favor, vamos parar com esse jogo”, eu disse, e quando voltei a falar apertei-a com tanta força que quase enterrei meu corpo no dela. “Eu te amo”, exclamei, “amo, sim.”

E assim o verão foi passando. Eu me encontrava com Brenda todas as noites: íamos nadar, dávamos caminhadas, rodávamos de carro, subindo a serra, indo tão longe em passeios tão demorados que, quando voltávamos, a neblina já começava a emergir das árvores e avançar na estrada, e eu apertava com mais força o volante e Brenda punha os óculos e ficava de olho na linha branca para me ajudar. E comíamos — algumas noites depois que descobri a geladeira das frutas, a própria Brenda me levou até ela. Enchíamos pratos de sopa enormes com cerejas, e em travessas para carne assada empilhávamos fatias de melancia. Então saíamos pela porta dos fundos do subsolo e íamos para o gramado dos fundos, onde ficávamos sentados debaixo da árvore de artigos esportivos, tendo como única iluminação a luz que vinha da saleta de televisão. Durante algum tempo, o único ruído que ouvíamos era o de nós mesmos a cuspir os caroços. “Seria bom se eles criassem raiz da noite pro dia e amanhã o quintal amanhecesse cheio de melancia e cereja.”

“Se os caroços criassem raiz aqui nesse quintal, meu amor, o que ia nascer era um pé de geladeira Westinghouse. Não estou sendo antipático”, eu acrescentava mais que depressa, e Brenda ria, e dizia que estava com vontade de comer uma ameixa-rainha-cláudia, e eu descia para o subsolo e a tigela de cerejas voltava cheia de ameixas-rainha-cláudia, e depois de nectarinas, e depois de pêssegos, até que, sou obrigado a admitir, meus intestinos frágeis não agüentavam, o que me obrigava a me abster de frutas na noite seguinte, infelizmente. E às vezes saíamos para comer sanduíches de *corned beef*, pizzas, cerveja com camarão, *ice cream sodas* e hambúrgueres. Uma noite fomos à feira do Lions Club, e Brenda ganhou um cinzeiro com a insígnia da organização quando acertou em três cestas seguidas no tiro ao alvo. E quando Ron voltou de Milwaukee, íamos de vez em quando vê-lo jogar basquete num time semiprofissional, e era nessas noites que eu me sentia um

estranho ao lado de Brenda, pois ela sabia o nome de cada jogador, e embora de modo geral eles fossem rapazes desengonçados e desinteressantes, havia um, chamado Luther Ferrari, que não era nem uma coisa nem outra, e Brenda o havia namorado durante um ano inteiro no tempo do colegial. Ele era o melhor amigo de Ron, e eu me lembrava de ter lido seu nome no *News* de Newark: era um dos grandes irmãos Ferrari, todos eles considerados os melhores do estado em pelo menos dois esportes. Era Ferrari que chamava Brenda de Buck, um apelido que, ao que parecia, remontava ao tempo em que ela ganhava medalhas. Tal como Ron, Ferrari era extremamente bem-educado, como se a polidez extrema fosse uma doença que acometesse as pessoas com mais de um metro e noventa de altura; era um cavalheiro comigo e delicado com Brenda, e depois de algum tempo comecei a dizer não quando ela sugeria que fôssemos ver Ron jogar. E então, uma noite, descobrimos que às onze horas o caixa do Hilltop Theater ia para casa e o administrador se fechava em seu escritório, e por isso naquele verão vimos o final de pelo menos quinze filmes, e quando voltávamos para casa de carro — isto é, quando eu levava Brenda para casa — tentávamos imaginar como seria o início dos filmes. Nosso final de filme predileto era *Um casal de caipiras na cidade*; nossa fruta predileta, a ameixa-rainha-cláudia; e nossa companhia favorita, a nossa única companhia, éramos nós mesmos. É claro que esbarrávamos em outras pessoas de vez em quando, amigos de Brenda, e uma ou outra vez amigos meus. Uma noite, em agosto, chegamos mesmo a ir a um bar na Route 6 com Laura Simpson Stollowitch e o noivo dela, mas foi uma noite muito chata. Brenda e eu parecíamos não saber conversar com outras pessoas, e assim ficamos boa parte do tempo dançando, e nos demos conta de que dançar era uma coisa que nunca tínhamos feito antes. O namorado de Laura bebia coquetéis de creme de menta com ar pomposo, e Simp — Brenda queria que eu a chamasse de Stolo, mas eu não o fazia —, Simp bebia uma mistura anódina, algo assim como gengibirra com soda. Sempre que voltávamos à mesa, Simp estava falando sobre “a dança” e seu noivo sobre “o filme”, até que finalmente Brenda lhe perguntou: “Que filme?”, e então dançamos até o bar fechar. E, quando voltamos para a casa de Brenda, enchemos uma tigela de cerejas e fomos para a sala de TV, e ficamos comendo na maior bagunça durante algum tempo; mais tarde, no sofá, fizemos amor e, quando me

levantei para ir ao banheiro na sala escura, meus pés descalços pisavam em carochos de cereja. Em casa, ao me despir pela segunda vez naquela noite, encontrei marcas vermelhas na sola dos pés.

E como os pais dela encaravam tudo isso? A sra. Patimkin continuava sorrindo para mim e o sr. Patimkin continuava achando que eu comia como um passarinho. Quando me convidavam para jantar, eu comia o dobro do que queria comer, para agradá-lo, mas na verdade, ao que parecia, depois de haver caracterizado meu apetite naquela primeira vez ele nunca mais se deu ao trabalho de prestar atenção. Mesmo se eu comesse dez vezes o normal, se me matasse de tanto comer, ele continuaria me considerando não um homem, e sim um pardal. Ninguém parecia incomodado com a minha presença, embora Julie agora estivesse bem mais fria comigo; assim, quando Brenda sugeriu a seu pai que, no final de agosto, eu passasse uma semana das minhas férias na casa dos Patimkin, ele pensou por um momento, escolheu o ferro número 5, deu sua primeira tacada e disse que sim. E quando ela repassou à mãe a decisão da Pias Patimkin, a sra. Patimkin não tinha muito que fazer. Foi, pois, graças à astúcia de Brenda que me convidaram.

Na manhã da sexta-feira que seria meu último dia de trabalho, minha tia Gladys me viu fazendo a mala e me perguntou para onde eu ia. Eu lhe disse aonde ia. Ela não respondeu, e julguei ver uma expressão de admiração naqueles olhos histéricos e avermelhados — eu havia progredido muito desde aquele dia em que ela me dissera pelo telefone: “Muito chique”.

“Quanto tempo você vai ficar lá, eu preciso saber pra não comprar coisa demais na hora das compras. Senão a geladeira fica cheia de leite que vai estragar e vai ser a maior fedentina...”

“Uma semana”, respondi.

“Uma *semana?*”, ela exclamou. “Eles têm lugar pra uma semana?”

“Tia Gladys, eles não moram no sobrado da loja.”

“Eu já morei num sobrado de loja e não tinha vergonha. Graças a Deus, nunca faltou um teto pra nós. Nunca pedimos dinheiro na rua”, ela me explicava enquanto eu guardava na mala a bermuda que tinha acabado de comprar, “e a sua prima Susana, nós vamos pagar a faculdade dela, se o tio Max estiver vivo e com saúde. A gente não mandou ela pra colônia de férias, ela não ganha sapato sempre que pede, não tem uma gaveta cheia de suéter...”

“Eu não disse nada, tia Gladys.”

“Aqui tem faltado comida pra você? Às vezes você deixa comida no prato e eu mostro pro tio Max, dá até pena. Uma criança na Europa dava pra fazer três refeições completas só com o que você deixa no prato.”

“Tia Gladys”. Aproximei-me dela. “Aqui eu tenho tudo que quero. Eu estou só tirando umas férias. Eu não mereço férias?”

Minha tia segurou-me, e senti que ela tremia. “Eu disse à sua mãe que ia tomar conta do filho dela, pra ela não se preocupar. E agora você vai fugir...”

Abracei-a e beijei-a no alto da cabeça. “Ora”, disse eu, “a senhora está sendo boba. Eu não estou fugindo. Estou só tirando uma semana de férias.”

“Você deixa o número do telefone deles, se você adoecer, Deus me livre.”

“Está bem.”

“Millburn, é lá que eles moram?”

“Short Hills. Eu vou deixar o telefone deles, sim.”

“Desde quando judeu mora em Short Hills? Eles não devem ser judeus de verdade, vá por mim.”

“São judeus de verdade, sim”, insisti.

“Só vendo pra crer.” Enxugou os olhos com a ponta do avental no momento exato em que fechei o zíper da mala. “Não fecha a mala ainda não, que eu vou fazer um embrulhinho com umas frutas que é pra você levar.”

“Está bem, tia Gladys”, e naquela manhã, a caminho do trabalho, comi a laranja e os dois pêssegos que ela pusera num saco para mim.

Algumas horas depois, o sr. Scapello me avisou que, quando eu voltasse das minhas férias depois do Dia do Trabalho, eu ascenderia ao banco de Martha Winney. Ele próprio, explicou-me, havia ocupado aquele cargo doze anos antes, e assim tudo indicava que, se eu conseguisse manter o equilíbrio, um dia talvez viesse a me tornar o sr. Scapello. Além disso, eu receberia um aumento de salário de oito dólares, o que era cinco dólares mais do que o aumento que o sr. Scapello recebera anos antes. Apertou minha mão e começou a subir as escadarias de mármore: seu traseiro esbarrava na fralda do paletó como se fosse a armação de uma saia-balão. Assim que ele se afastou de mim,

senti cheiro de hortelã, levantei a vista e vi o velho com veias no nariz e na papada.

“Bom dia, meu rapaz”, ele disse, simpático. “O livro voltou?”

“Que livro?”

“O Gauguin. Eu estava fazendo compras e resolvi passar pra perguntar. Ainda não recebi o bilhete. Já se passaram duas semanas.”

“Não”, respondi, e enquanto falava percebi que o sr. Scapello havia parado no meio da escada e se virado para trás, como se tivesse se esquecido de me dizer alguma coisa. “Olha”, disse eu ao velho, “ele deve voltar um dia desses.” Falei num tom seco, quase indelicado, e me assustei, pois de repente me dei conta do que ia acontecer: o velho criando caso, o sr. Scapello descendo a escada às pressas, o sr. Scapello subindo as escadas correndo, Scapello escandalizado, Scapello veemente, Scapello promovendo a ascensão de John McKee ao banco da srta. Winney. Virei-me para o velho: “O senhor podia deixar o seu telefone, que eu vou ver se acho o livro hoje à tarde...”, porém minha tentativa de manifestar interesse e educação chegou tarde mais; o homem rosnou um comentário a respeito dos funcionários públicos, uma carta para o prefeito, garotos metidos a besta e saiu da biblioteca, graças a Deus, apenas um segundo antes de o sr. Scapello voltar à minha mesa para me lembrar que todo mundo estava fazendo uma vaquinha para dar um presente à srta. Winney, e que se quisesse participar eu devia deixar cinquenta centavos na mesa dele ainda naquele dia.

Depois do almoço, o menino de cor entrou. Quando passou pela minha mesa a caminho da escada, chamei-o. “Vem cá”, disse eu. “Aonde você vai?”

“Pra seção de artipraste.”

“Que livro você está lendo?”

“O livro de seu Goguinho. Olha aqui, moço, eu não fiz nada de errado não. Rabisquei nada não. Pode me revistar...”

“Eu sei que você não fez nada. Escuta, já que você gosta tanto desse livro, por que é que você não leva ele pra casa? Você tirou cartão da biblioteca?”

“Não senhor, não tirei cartão nenhum, fui eu não.”

“Não, o cartão é uma coisa que você tira pra poder levar livro pra casa. Aí você não precisa vir aqui todo dia. Você está matriculado na escola?”

“Estou, sim senhor. Miller Street School. Mas nós está no verão. Por isso que eu não estou na escola não. Não é pra ninguém estar na escola agora não.”

“Eu sei. Se você está matriculado na escola, você pode tirar o cartão da biblioteca. Aí você pode levar o livro pra casa.”

“Pro que é que o senhor quer que eu levo o livro pra casa? Lá em casa nego vai estragar ele.”

“Você podia esconder o livro em algum lugar, numa gaveta...”

“Moço”, disse ele, olhando-me de esguelha, “pro que é que o senhor não quer que eu venho aqui?”

“Eu não disse pra você não vir aqui.”

“Eu *gosto* daqui. Eu gosto daquela escada.”

“Eu também gosto”, retruquei. “Mas o problema é que algum dia alguém vai retirar esse livro.”

Ele sorriu. “Procupa não”, disse. “Ninguém ainda não pegou ele não”, e lá se foi, estalando os sapatos, em direção à escada.

Como suei naquele dia! Era a época mais fresca do verão, mas quando saí da biblioteca no final da tarde minha camisa estava grudada nas costas. No carro, abri minha mala, enquanto o trânsito da hora do rush descia a Washington Street, me encolhi no banco de trás e vesti uma camisa limpa, de modo que, quando chegasse a Short Hills, eu parecesse digno de um interlúdio no subúrbio. Mas enquanto subia a Central Avenue eu não conseguia pensar nas minhas férias, nem mesmo no trânsito: para a desgraça dos pedestres e dos motoristas, eu trocava de marcha na hora errada, avançava sobre as faixas de pedestres e hesitava tanto no sinal verde quanto no vermelho. Eu não parava de pensar que, enquanto estivesse de férias, aquele filho-da-puta papudo ia voltar à biblioteca, o livro do menino de cor ia desaparecer, eu ia perder meu novo cargo, e meu antigo cargo... mas por que me preocupava com essas coisas? Eu não ia fazer carreira na biblioteca.

“O RON VAI CASAR!”, Julie gritou para mim quando entrei na casa. “O Ron vai casar!”

“Agora?”, perguntei.

“No Dia do Trabalho! Ele vai casar com a Harriet, ele vai casar com a Harriet.” Começou a cantarolar a frase como se estivesse pulando cordas, num tom nasal, de modo ritmado. “Eu vou virar cunhada!”

“Oi”, disse Brenda. “Eu vou virar cunhada.”

“Eu já soube. Quando foi que aconteceu?”

“Hoje de tarde ele nos contou. Eles ficaram conversando quarenta minutos ontem à noite numa ligação interurbana. Ela vem pra cá de avião na semana que vem, e vai ser uma festa de *casamento* daquelas. Meus pais estão zanzando de um lado pro outro o tempo todo. Eles vão ter que acertar tudo em um ou dois dias. E o meu pai vai deixar o Ron trabalhar na firma dele — mas ele vai começar ganhando só duzentos por semana, e vai ter que se esforçar pra subir na empresa. Quer dizer, vai ter que esperar até outubro.”

“Mas ele não ia ser professor de educação física?”

“Ia. Mas agora ele tem responsabilidades...”

E, no jantar, Ron se estendeu sobre o assunto das responsabilidades e do futuro.

“Vamos ter um menino”, disse ele, para a felicidade da mãe, “e quando ele tiver uns seis meses de idade vou colocar uma bola de basquete na frente dele, uma bola de futebol americano e uma de beisebol, e a bola que ele pegar, vai ser esse o esporte em que a gente vai se concentrar.”

“E se ele não pegar nenhuma?”, perguntou Brenda.

“Não banque a engraçadinha, mocinha”, disse a sra. Patimkin.

“Eu vou ser tia”, cantou Julie, e esticou a língua para Brenda.

“Quando é que a Harriet vem?”, arfou o sr. Patimkin com a boca cheia de batata.

“Uma semana a contar de ontem.”

“Ela pode dormir no meu quarto?”, exclamou Julie. “Pode?”

“Não, no quarto de hóspedes...”, começou a sra. Patimkin, mas então lembrou-se de mim — com um olhar de soslaio esmagador daqueles olhos violeta — e respondeu: “Claro que pode”.

Bem, comi como um passarinho mesmo. Depois do jantar minha mala foi carregada — por mim — para o quarto de hóspedes, que ficava em frente ao quarto de Ron e ao lado do de Brenda. Brenda subiu comigo para me mostrar onde era.

“Deixa eu ver a sua cama, Bren.”

“Depois”, disse ela.

“A gente pode? Aqui?”

“Acho que sim”, disse ela. “O Ron dorme feito uma pedra.”

“Eu posso ficar a noite toda?”

“Não sei.”

“Eu podia acordar cedo e voltar pra cá. A gente põe o despertador.”

“Vai acordar todo mundo.”

“Eu vou me lembrar de levantar. Pode deixar.”

“Melhor eu não ficar muito tempo com você aqui”, disse ela. “Minha mãe vai ter um chique. Eu acho que ela está nervosa por você estar aqui.”

“Eu também estou. Eu mal conheço eles. Você realmente acha que eu devo ficar a semana inteira?”

“A semana inteira? Depois que a Harriet chegar, a bagunça vai ser tanta que você pode ficar uns dois meses.”

“Você acha mesmo?”

“Acho.”

“Você quer que eu fique?”

“Quero”, ela respondeu, e desceu a escada para tranquilizar a consciência da mãe.

Desfiz a mala e pus minhas roupas numa gaveta que continha apenas um pacote de suadores e um álbum de formatura do colegial. Enquanto eu fazia isso, ouvi Ron subindo a escada.

“Oi”, ele me saudou, à porta do quarto.

“Parabéns”, respondi. Eu devia ter imaginado que qualquer palavra cerimoniosa arrancaria um aperto de mãos de Ron; ele interrompeu o que ia fazer em seu quarto e entrou no meu.

“Obrigado.” Apertou minha mão repetidamente. “Obrigado.”

Então se sentou na minha cama e ficou me vendo desfazer a mala.

Tenho uma única camisa com etiqueta da Brooks Brothers, e deixei que ela ficasse sobre a cama mais tempo; já as camisas Arrow, joguei-as de qualquer jeito dentro da gaveta. Ron esfregava o antebraço e sorria. Depois de algum tempo, aquele silêncio me deixou totalmente desconcertado.

“Pois é”, comentei, “não é brincadeira, não.”

Ele concordou, sei lá com quê.

“Como é que você se sente?”, indaguei após um silêncio ainda mais longo.

“Melhor. O Ferrari me acertou no basquete.”

“Ah. Bom”, retruquei. “E como você se sente às vésperas do casamento?”

“Ah. Legal, eu acho.”

Encostei-me na cômoda e fiquei contando as costuras do carpete.

Por fim Ron aventurou-se no mundo da linguagem. “Você conhece alguma coisa sobre música?”

“Alguma coisa, sim.”

“Você pode usar a minha vitrola se quiser.”

“Obrigado, Ron. Eu não sabia que você se interessava por música.”

“Muito. Tenho todos os discos que o André Kostelanetz já gravou. Você gosta do Mantovani? Eu também tenho tudo dele. Gosto muito de música semiclássica. Pode ouvir o meu disco de Columbus se quiser...”, e sua voz foi morrendo aos poucos. Por fim, apertou minha mão e saiu.

Do andar de baixo vinha a cantoria de Julie. “Eu vou ser ti-tia”, e a sra. Patimkin a corrigia: “Não, meu amor, você vai ser cunhada. É isso que você tem que cantar”, mas Julie continuava cantando: “Eu vou ser ti-tia”, e em seguida ouvi a voz de Brenda juntando-se à da irmã: “A gente vai ser ti-tia”, no que foi imitada por Julie, até que, por fim, a sra. Patimkin chamou o sr. Patimkin: “Por favor, manda ela parar de dar corda...”, e logo o dueto cessou.

Então ouvi a sra. Patimkin outra vez. Não dava para entender as palavras, mas Brenda respondeu. Suas vozes foram ficando mais altas; então comecei a ouvi-las perfeitamente. “Isso é hora de ficar com a casa cheia de visita?” Era a sra. Patimkin. “Eu pedi à senhora, mãe.” “Você pediu ao seu pai. Era a mim que você devia ter pedido antes. Ele não sabe o trabalho extra que isso me dá...” “Meu Deus, mãe, até parece que a gente não tem a Carlota e a Jenny.” “A Carlota e a Jenny não podem

fazer tudo. Isso aqui não é o Exército de Salvação!” “Mas que diabo a senhora quer dizer com isso?” “Dobre a língua comigo, mocinha. Vá lá que você fale assim com seus colegas universitários.” “Ah, *pára* com isso, mãe!” “Não grite comigo. Quando foi a última vez que você moveu uma palha nesta casa?” “Eu não sou escrava... sou filha.” “Você devia aprender o que é um dia de trabalho.” “*Por quê?*”, retrucou Brenda, “Por quê?” “Porque você é preguiçosa”, respondeu a sra. Patimkin, “e acha que o mundo tem obrigação de dar a você tudo de bandeja.” “Quem foi que disse isso?” “Você devia ganhar seu próprio dinheiro pra comprar roupa.” “Por quê? Meu Deus, mãe, o papai podia viver só das ações que ele tem, pelo amor de Deus. A senhora está se queixando de quê?” “Quando foi a última vez que você lavou os pratos!” “Jesus Cristo!”, estourou Brenda, “quem lava os pratos é a Carlota!” “Não me venha com Jesus Cristo!” “Ah, mãe!”, e Brenda começou a chorar. “Que diabo, por que a senhora é sempre assim!” “Isso mesmo”, disse a sra. Patimkin, “chora na frente do seu convidado...” “Meu *convidado...*”, chorava Brenda, “por que é que a senhora não vai gritar com ele também... por que é que todo mundo é tão antipático comigo...”

Do outro lado do corredor, ouvi o som dos milhares de violinos melódiosos de André Kostelanetz atacando “Night and day”. A porta do quarto de Ron estava aberta, e vi que ele estava estendido, colossal, na cama; cantava a letra da música junto com o disco. A letra era a de “Night and day”, porém não reconheci a melodia de Ron. Daí a um minuto ele pegou o telefone e deu à telefonista um número de Milwaukee. Enquanto ela fazia a ligação, Ron virou-se na cama e aumentou o volume da vitrola, para que a música fosse ouvida a mil e quinhentos quilômetros de distância.

Ouvi Julie lá embaixo: “Ha ha, a Brenda está chorando, ha ha, a Brenda está chorando”.

Em seguida, Brenda estava subindo a escada correndo. “Seu dia vai chegar, sua escrotinha!”, gritou ela.

“*Brenda!*”, gritou a sra. Patimkin.

“*Mamãe!*”, exclamou Julie. “A Brenda me xingou!”

“Mas o que é que está acontecendo aqui!”, berrou o sr. Patimkin.

“A senhora me chamou?”, gritou Carlota.

E, no outro quarto, Ron disse: “Alô, Har, eu contei pra eles...”.

Sentei-me em cima da minha camisa da Brooks Brothers e pronunciei

meu próprio nome em voz alta.

“Desgraçada!”, disse-me Brenda enquanto andava de um lado para outro no meu quarto.

“Bren, você acha que eu devia ir...”

“Shhh...” Ela foi até a porta do meu quarto e ficou escutando. “Eles vão fazer uma visita, graças a Deus.”

“Brenda...”

“Shhh ... Eles saíram.”

“A Julie também?”

“Também”, disse ela. “O Ron está no quarto dele? A porta está fechada.”

“Ele saiu.”

“Aqui não se ouve ninguém andando. Todo mundo anda de tênis, pisando macio. Ah, Neil.”

“Bren, eu estava te perguntando se não era melhor eu ficar só até amanhã e depois ir embora.”

“Ah, não é com você que ela está zangada.”

“Mas eu também não estou ajudando.”

“O problema é o Ron. Ele vai casar, e por isso ela está enlouquecida. E sou eu também. Agora, quando chegar a Harriet, aquela santa criatura, ela vai esquecer que eu existo.”

“Melhor pra você assim, não é?”

Brenda foi até a janela e olhou para fora. Estava escuro e fresco; as árvores se sacudiam e farfalhavam como lençóis estendidos no varal. Tudo lá fora apontava para o outono, e pela primeira vez me dei conta de quanto estava próxima a hora de Brenda voltar para a faculdade.

“Não é, Bren?” Mas ela não estava prestando atenção em mim.

Ela andou até uma porta que havia do outro lado do quarto. Abriu-a.

“Eu pensei que fosse um armário”, comentei.

“Vem cá.”

Ela segurou a porta para mim; lá dentro estava escuro, e eu ouvia o vento estranho sussurrando nos beirais da casa.

“O que é que tem aqui?”, perguntei.

“Dinheiro.”

Brenda entrou no cômodo. Quando uma lâmpada fraca de sessenta watts foi atarraxada no bocal, vi que o lugar estava cheio de móveis

antigos — duas bergères com sobrecobertas, um sofá com uma barriga proeminente no meio, uma mesa de jogo, duas cadeiras com o estofado aparecendo, um espelho descascado, abajures sem quebra-luz e uma pilha de estores enrolados.

“O que é isso?”, perguntei.

“Um depósito. Nossos móveis antigos.”

“Muito antigos?”

“São de Newark”, ela respondeu. “Vem cá.” Ficou de quatro na frente do sofá, levantando a barriga do móvel para olhar debaixo dela.

“Brenda, que diabo a gente está fazendo aqui? Você está se sujando toda.”

“Não está aqui.”

“O quê?”

“O dinheiro. Eu já disse.”

Sentei-me numa bergère, levantando uma pequena nuvem de poeira. Lá fora começara a chover, e sentimos uma leve umidade entrando pelo respiradouro que divisávamos no outro lado do depósito. Brenda levantou-se do chão e sentou-se no sofá. Os joelhos e a bermuda estavam sujos, e quando jogou o cabelo para trás ela sujou a testa. Ali, em meio àquela confusão e sujeira, tive a estranha experiência de ver a nós, a *nós dois*, em meio à confusão e à sujeira: parecíamos um jovem casal que acabava de se mudar para um novo apartamento; havíamos feito um levantamento de nossos móveis, nossos recursos financeiros, nosso futuro, e de repente a única coisa que nos dava prazer era o cheiro limpo que vinha lá de fora, o qual nos lembrava que estávamos vivos, mas que, numa situação de emergência, não nos garantiria o sustento.

“Que dinheiro?”, perguntei outra vez.

“As notas de cem dólares. No tempo em que eu era pequena...”, e respirou fundo. “Quando eu era pequena e tínhamos acabado de vir de Newark, meu pai me trouxe aqui um dia. Ele me trouxe a esse quarto e me disse que se alguma coisa acontecesse com ele, ele queria que eu soubesse onde havia um dinheiro que era pra mim. Disse que não era pra ninguém mais, só pra mim, e que eu não devia contar pra ninguém, nem mesmo pro Ron. Nem pra minha mãe.”

“Tinha quanto?”

“Três notas de cem dólares. Eu nunca tinha visto essas notas antes. Eu tinha nove anos, mais ou menos a idade da Julie. Acho que não fazia

nem um mês que a gente havia se mudado para cá. Eu me lembro que eu vinha aqui uma vez por semana, quando em casa só estava a Carlota, e me enfiava debaixo do sofá pra ver se o dinheiro ainda estava aqui. E sempre estava. Ele nunca mais falou nesse dinheiro. Nunca mais.”

“Onde está? Vai ver que alguém roubou.”

“Não sei, Neil. Acho que ele pegou de volta.”

“Quando o dinheiro sumiu”, perguntei, “meu Deus, você não contou pra ele? Talvez a Carlota...”

“Eu não sabia que o dinheiro não estava mais aqui, só descobri agora. Acho que depois de um certo tempo eu parei de vir aqui pra ver... E depois esqueci. Ou então não pensava mais nisso. Quer dizer, nunca me faltou nada, eu não precisava desse dinheiro. Acho que um dia *ele* concluiu que não eu ia precisar.”

Brenda foi até a janela estreita, coberta de poeira, e traçou suas iniciais nela.

“Por que é que você queria ele agora?”, perguntei.

“Não sei...”, ela respondeu; foi até a lâmpada e desligou-a.

Não saí da bergère e Brenda, de bermuda justa e camiseta, parecia nua a poucos metros de mim. Então vi que seus ombros tremiam. “Eu queria achar o dinheiro e rasgar tudo em pedacinhos, e depois enfiar os pedaços na bolsa daquela desgraçada! Se ele estivesse aqui, eu juro que fazia isso.”

“Eu não deixava, Bren.”

“Você não deixava?”

“Não.”

“Faz amor comigo, Neil. Agora mesmo.”

“Onde?”

“Vamos! Aqui mesmo, nesse sofá imundo imundo imundo.”

E eu obedeci.

No dia seguinte, Brenda preparou o café-da-manhã para nós dois. Ron tinha saído para seu primeiro dia de trabalho — eu o ouvira cantando no banho apenas uma hora depois de voltar para meu quarto; ainda estava acordado quando o Chrysler saiu da garagem levando o patrão e seu filho para a fábrica da Patimkin em Newark. A sra. Patimkin também não estava em casa; havia ido de carro ao Templo para conversar com o rabino Kranitz a respeito do casamento. Julie estava no quintal dos

fundos brincando de ajudar Carlota a pôr a roupa na corda.

“Sabe o que eu queria fazer agora de manhã?”, perguntou Brenda. Estávamos comendo uma toranja, dividindo-a da maneira mais bagunçada, porque como Brenda não conseguira encontrar uma faca apropriada resolvemos descascá-la como se fosse uma laranja e comer os gomos separadamente.

“O quê?”, perguntei.

“Correr”, ela respondeu. “Você costuma correr?”

“Correr em pista? Muito. No colegial a gente tinha que correr mil e seiscentos metros todo mês. Senão você era filhinho da mamãe. Quanto maior o pulmão, mais você odeia a mãe, pelo visto.”

“Eu quero correr”, disse ela, “e quero que você corra também. Está bom?”

“Ah, Brenda...”

Uma hora depois, porém, após um café-da-manhã que consistiu em mais uma toranja — o que, ao que parecia, era a única coisa que os corredores deviam comer pela manhã — pegamos o Volkswagen e fomos até o colégio, atrás do qual havia uma pista de quatrocentos metros. Havia uns garotos brincando com um cachorro no centro gramado da pista, e na extremidade oposta, perto do bosque, um vulto de short branco com fendas laterais, sem camisa, rodopiava, rodopiava, e depois lançava um peso o mais longe possível. Depois que o peso saía de sua mão ele executava uma espécie de sapateado ansioso, vendo o projétil descrever um arco e cair ao longe.

“Sabe”, disse Brenda, “você parece comigo. Só que é maior.”

Estávamos vestidos da mesma maneira — tênis, meias, bermuda cáqui e suéter de moletom —, porém tive a impressão de que Brenda não estava falando sobre o acaso de estarmos vestidos assim, se era mesmo um acaso. O que Brenda queria dizer, isso estava claro para mim, era que de algum modo eu estava começando a ficar com a aparência que ela queria que eu tivesse. Parecido com ela.

“Vamos ver quem corre mais”, disse Brenda, e saímos correndo pela pista. Nos primeiros duzentos metros, os três meninos e o cachorro correram atrás de nós. Quando passamos pelo lugar onde estava o lançador de peso, ele fez sinal para nós; Brenda exclamou “oi!” e eu sorri, o que, como vocês talvez saibam, talvez não saibam, faz com que a pessoa que está correndo a sério se sinta tremendamente ridícula.

Quando atingimos quatrocentos metros, os meninos se afastaram e voltaram para a grama, o cachorro começou a correr na direção oposta e senti uma pequena faca contra minha ilhargia. Mesmo assim, consegui acompanhar Brenda, a qual, quando começamos a dar a segunda volta, gritou “oi!” mais uma vez para o lançador de peso, que agora estava, o sortudo, descansando na grama, olhando para nós e esfregando o peso como se fosse uma bola de cristal. Ah, pensei, isso é que é esporte.

“E se a gente lançasse pesos?”, perguntei, ofegante.

“Depois”, disse ela, e vi gotas de suor pingando dos últimos fios de cabelo que saíam de trás de sua orelha. Quando atingimos a marca dos oitocentos metros, Brenda de repente resvalou da pista para a grama central e desabou; aquela desistência me surpreendeu, e continuei correndo.

“Ei, Bob Mathias”, exclamou ela, “vamos ficar deitados pegando sol...”

Porém agi como se não a tivesse ouvido e, embora meu coração batesse na garganta e minha boca estivesse seca como um deserto, obriguei minhas pernas a correr, jurando que só pararia depois que desse mais uma volta. Quando passei pelo lançador de peso pela terceira vez, gritei “oi!”.

Brenda estava excitada quando finalmente parei a seu lado. “Você é bom”, disse ela. Eu estava com as mãos nas cadeiras, olhando para o chão e tragando ar — ou melhor, o ar é que estava me tragando; eu nada tinha a dizer sobre o assunto.

“Hã-hã”, exclamei.

“Vamos fazer isso todo dia”, disse ela. “A gente levanta, come duas toranjas, e você vem pra cá correr. Eu fico cronometrando. Daqui a duas semanas você vai estar fazendo em menos de quatro minutos, não é, amor? Vou pegar o cronômetro do Ron.” Estava tão excitada que havia deslizado pela grama e em minha direção e agora estava puxando minhas meias para cima, pelas minhas pernas suadas. Mordeu meu joelho.

“Está bem”, respondi.

“Depois a gente volta e toma um café-da-manhã de verdade.”

“Está bem.”

“Você dirige agora”, disse ela; de repente levantou-se e saiu correndo à minha frente, e depois pegamos o carro.

E no dia seguinte, minha boca ainda pinicando por efeito dos gomos de toranja, estávamos de volta à pista. Havíamos trazido o cronômetro de Ron e uma toalha para quando eu terminasse.

“Minhas pernas estão um pouco cansadas”, comentei.

“Faz um aquecimento”, disse Brenda. “Eu acompanho você.” Pôs a toalha dobrada sobre a grama e juntos fizemos intensos agachamentos, abdominais e flexões, e depois ficamos dobrando os joelhos sem sair do lugar. Senti uma felicidade avassaladora.

“Hoje só vou correr metade, Bren. Vamos ver o que eu posso fazer...”, e ouvi Brenda acionar o cronômetro, e depois, quando eu já estava na outra extremidade da pista, nuvens me seguindo no céu como se elas fossem minha própria cauda felpuda, vi que Brenda estava sentada no chão, abraçando os joelhos, ora consultando o cronômetro, ora olhando para mim. Éramos as únicas pessoas na pista, e tudo aquilo me fazia pensar numa dessas cenas de filme de corrida de cavalo em que um velho treinador, como Walter Brennan, e um jovem bonito ficam cronometrando o cavalo da moça bonita numa bela manhã em Kentucky, para ver se o animal é mesmo o cavalo de dois anos de idade mais rápido do mundo. Havia diferenças, sem dúvida — por exemplo, quando completei quatrocentos metros, Brenda gritou para mim: “Um minuto e catorze segundos”, mas era agradável, emocionante e limpo, e quando terminei Brenda estava em pé, à minha espera. Em vez de rasgar uma fita ao final, abracei a carne doce de Brenda, e pela primeira vez ela disse que me amava.

Corríamos — eu corria — todos os dias, e no final da semana eu já estava fazendo mil e seiscentos metros em sete minutos e dois segundos, e no final o cronômetro era desligado e os braços de Brenda me aguardavam.

À noite, eu ficava lendo, de pijama, enquanto Brenda, em seu quarto, lia também, e esperávamos que Ron adormecesse. Havia noites em que tínhamos de esperar mais, e eu ouvia as folhas ao vento lá fora, pois no final de agosto havia começado a refrescar, o ar-condicionado era desligado à noite e podíamos abrir as janelas. Por fim Ron estava pronto para se deitar. Andava de um lado para outro no quarto, aparecia à porta de short e camiseta, ia ao banheiro, onde urinava ruidosamente e escovava os dentes. Depois era a minha vez de ir escovar os dentes. Passávamos um pelo outro no corredor, e eu lhe dava um boa-noite

cordial e sincero. No banheiro, por um momento eu admirava meu próprio bronzeado no espelho; atrás de mim, via o suporte atlético de Ron secando pendurado nas torneiras do chuveiro. Ninguém jamais observou que aquele enfeite era de mau gosto, e depois de algumas noites eu nem sequer reparava nele.

Enquanto Ron escovava os dentes e eu, deitado, esperava a minha vez, a vitrola tocava no quarto dele. Geralmente, quando voltava do basquete, ligava para Harriet — que chegaria em poucos dias — e depois se trancava no quarto com a *Sports Illustrated* e Mantovani; quando, porém, saía do quarto para se preparar para dormir, o que eu ouvia em sua vitrola não era Mantovani e sim algo diferente, que parecia ser a gravação a que ele se referira uma vez quando falara no seu disco de Columbus. Eu *imaginava* que era isso, pois não dava para entender muita coisa dos últimos momentos da gravação. Só dava para ouvir o som de sinos melancólicos e espaçados, com uma suave música patriótica ao fundo, e no primeiro plano uma voz soturna e grave, como a de Edward R. Murrow: “*E assim, adeus, Columbus*”, dizia a voz, “... *adeus, Columbus... adeus...*”. Então fazia-se silêncio e Ron voltava para o quarto; a luz se apagava e, alguns minutos depois, eu já o ouvia mergulhando naquele sono revigorante, restaurador, vitaminado que, em minha imaginação, os atletas dormiam.

Uma manhã, já quase na hora de escapular de volta para meu quarto, tive um sonho, e quando acordei já havia luz suficiente no quarto para eu ver a cor do cabelo de Brenda. Toquei-a, adormecida, pois o sonho me abalara: ele se passava num navio, um velho navio a vela como esses que vemos nos filmes de piratas. Junto comigo, no navio, estava o negrinho da biblioteca — eu era o capitão e ele meu imediato, e éramos os únicos membros da tripulação. Por algum tempo, o sonho foi agradável; estávamos ancorados no porto de uma ilha no Pacífico, e fazia muito sol. Na praia havia negras lindas, nuas, e nenhuma delas se mexia; mas de repente *nós* estávamos em movimento, nosso navio estava saindo do porto, e as negras iam lentamente até a beira do mar e começavam a jogar colares de flores em nossa direção, dizendo: “*Adeus, Columbus... adeus, Columbus... adeus...*” e, apesar de não quisermos partir, eu e o menino, o navio estava em movimento e não podíamos fazer nada, ele gritava para mim que a culpa era minha, e eu gritava que era dele, por não ter tirado o cartão de biblioteca, mas estávamos

perdendo nosso tempo, pois o navio se afastava cada vez mais da ilha, e logo as nativas desapareceram ao longe. O espaço era totalmente desproporcional no sonho, o tamanho dos objetos e sua disposição eram diferentes de tudo que eu já vira, e creio que foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que me fez voltar à consciência. Naquele dia, eu não tinha a menor vontade de me afastar de Brenda, e fiquei algum tempo brincando com o ponto de sua nuca onde ela havia cortado o cabelo. Permaneci a seu lado mais tempo do que devia, e quando finalmente voltei para meu quarto quase esbarrei em Ron, que se preparava para um dia de trabalho na Pias de Cozinha e Banheiro Patimkin.

AQUELA MANHÃ DEVERIA SER MINHA ÚLTIMA na casa dos Patimkin; quando, porém, comecei a jogar minhas coisas dentro da mala, Brenda me disse que eu podia desfazê-la — ela dera um jeito de arrancar mais uma semana de seus pais, e eu poderia ficar até o Dia do Trabalho, quando Ron se casaria; então, na manhã seguinte Brenda iria para a faculdade e eu voltaria ao trabalho. Assim, ficaríamos juntos até o último momento do verão.

Essa notícia deveria ter me deixado exultante, mas quando Brenda desceu a escada para acompanhar a família ao aeroporto — onde iriam pegar Harriet — eu não estava jubiloso e sim preocupado, pois vinha me sentindo cada vez mais atormentado com a idéia de que, quando Brenda voltasse para Radcliffe, seria o fim para mim. Estava convicto de que nem mesmo do alto do banco da srta. Winney eu poderia enxergar Boston. Não obstante, joguei minhas roupas de volta na gaveta e finalmente pude dizer a mim mesmo que Brenda não dera nenhum sinal de que nosso caso ia terminar, e todas as minhas suspeitas, minhas inseguranças, tinham sido geradas em meu próprio coração inseguro. Então entrei no quarto de Ron para ligar para minha tia.

“Alô?”, disse ela.

“Tia Gladys, como é que a senhora está?”

“Você está doente.”

“Não, estou me divertindo muito. Estou ligando pra dizer que vou ficar mais uma semana.”

“Por quê?”

“Eu já disse. Estou me divertindo. A senhora Patimkin me convidou pra ficar até o Dia do Trabalho.”

“Você tem cuecas limpas?”

“Eu lavo elas de noite. Está tudo bem, tia Gladys.”

“Lavando à mão não limpa direito.”

“Limpa, sim. Olha, tia Gladys, estou me divertindo muitíssimo.”

“Vive na *shmutz* e não quer que eu me preocupe.”

“Como vai o tio Max?”, perguntei.

“E como é que você quer que ele vá? O tio Max é o tio Max. Não estou gostando muito da sua voz, não.”

“Por quê? Estou com voz de quem anda de cueca suja?”

“Engraçadinho. Um dia você vai aprender.”

“O quê?”

“O que é que você quer dizer com *o quê*? Você vai descobrir. Você vai ficar aí tanto tempo que vai ficar metido a besta demais pra nós.”

“Nunca, minha querida”, retruquei.

“Só acredito vendo.”

“Está fresco aí em Newark, tia Gladys?”

“Está nevando”, ela respondeu.

“Esta semana toda não estava fresco?”

“Pra quem passa o dia todo sentado, está fresco. Pra mim, não é inverno, pode crer.”

“Está bem, tia Gladys. Um abraço pra todos.”

“Chegou carta da sua mãe pra você.”

“Bom. Eu leio quando chegar em casa.”

“Não dá pra você vir aqui pra ler?”

“Pode esperar. Eu mando um bilhete pra eles. Juízo, hein?”

“E as suas meias?”

“Eu ando descalço. Até logo, meu anjo.” E desliguei.

Na cozinha, Carlota estava aprontando o almoço. Eu sempre me espantava de constatar que o trabalho de Carlota parecia não interferir em seu modo de vida. Ela fazia com que as tarefas domésticas ilustrassem o que quer que ela estivesse cantando, mesmo quando a música era, como agora, “I get a kick out of you” [Eu me amarro em você]. Ia do forno à máquina de lavar louça — apertava botões, girava chaves, olhava pela porta de vidro do forno, e de vez em quando pegava uma uva preta grande num cacho que havia sobre a pia. Mastigava e mastigava, cantarolando o tempo todo, e então, com um gesto calculadamente displicente, jogava a casca e o caroço direto no triturador. Saudei-a quando saí pela porta dos fundos, e embora ela não respondesse senti uma afinidade com ela, porque nós dois havíamos sido em parte seduzidos e conquistados pelas frutas dos Patimkin.

No gramado, fiquei algum tempo encestando bolas; depois peguei um ferro de golfe e fiquei dando tacadas numa bola de algodão ao sol, sem fazer muita força; depois chutei uma bola de futebol em direção ao

carvalho; por fim voltei à cesta de basquete. Nada me distraía — havia um vazio em meu estômago, como se eu tivesse passado meses sem comer, e mesmo depois que entrei na cozinha e peguei um punhado de uvas a sensação continuou, e eu sabia que nada tinha a ver com o consumo de calorias; era apenas um eco do vazio que haveria de se instaurar em mim depois que Brenda fosse embora. Sua partida, é claro, me preocupava havia algum tempo, mas de repente ganhara uma tonalidade mais escura. Essa escuridão, curiosamente, parecia ter algo a ver com Harriet, a noiva de Ron, e por algum tempo pensei que era apenas a realidade da chegada de Harriet que tivera o efeito de realçar a passagem do tempo: antes, falávamos nisso, e de repente se tornara realidade — tal como a partida de Brenda chegaria de uma hora para a outra.

Mas era mais do que isso: a união entre Harriet e Ron me fazia lembrar que a separação não era necessariamente um estado permanente. As pessoas podiam se casar, mesmo sendo jovens! E no entanto eu e Brenda jamais havíamos falado sobre casamento, com exceção, talvez, daquela noite na piscina, em que ela disse: “Quando você me amar, não vai haver mais problema nenhum”. Bom, eu a amava, e ela me amava, e os problemas não estavam nem um pouco resolvidos. Ou seria eu que estava inventando problemas mais uma vez? Ao que parecia, eu deveria achar que minha situação havia melhorado muito; no entanto, ali no gramado, o céu de agosto parecia insuportavelmente belo e efêmero, e eu queria que Brenda se casasse comigo. Casamento, porém, não foi o que lhe propus quando ela chegou de carro, sozinha, cerca de quinze minutos depois. Aquela proposta exigiria de mim uma coragem que eu não julgava ter. Não me considerava preparado para nenhuma resposta que não fosse “Aleluia!”. Qualquer outra forma de afirmativa me teria deixado insatisfeito, e qualquer negativa, mesmo se disfarçada por trás das palavras “Vamos esperar, meu bem”, seria o fim. É por isso, creio eu, que fiz uma proposta alternativa, que acabou sendo muito mais ousada do que eu imaginava.

“O avião da Harriet atrasou, por isso resolvi voltar pra casa”, disse Brenda.

“Cadê os outros?”

“Eles vão esperar por ela e almoçar no aeroporto. Preciso avisar a Carlota”, e entrou em casa.

Minutos depois, reapareceu na varanda. Estava com um vestido amarelo com um decote profundo em forma de U, que mostrava onde tinha início seu bronzeado acima dos seios. Chegando no gramado, tirou os sapatos de salto alto e caminhou descalça até onde eu estava, sentado à sombra do carvalho.

“Andar de salto alto o tempo todo faz mal aos ovários”, disse Brenda.

“Quem te disse isso?”

“Não lembro. Quero que tudo esteja direitinho lá dentro.”

“Brenda, quero te pedir uma coisa...”

Ela puxou a toalha que tinha um O grande para perto de nós e sentou-se nela.

“O quê?”, perguntou.

“Eu sei que é um negócio assim de repente, se bem que na verdade não é... Eu quero que você compre um diafragma. Que você vá ao médico e compre um diafragma.”

Ela sorriu. “Não se preocupe, meu amor, nós somos cuidadosos. Está tudo bem.”

“Mas assim é mais seguro.”

“Do jeito que está é seguro. Isso seria um desperdício.”

“Mas por quê correr riscos?”

“Mas não estamos correndo risco nenhum. Quantas coisas você precisa?”

“Meu amor, o problema não é quantidade. Não é nem segurança”, acrescentei.

“Você simplesmente quer que eu tenha um diafragma, não é? Como se fosse uma bengala ou um capacete...”

“Brenda, eu quero... por uma questão de prazer.”

“Prazer? Pra quem? Pro médico?”

“Pra mim”, respondi.

Ela não disse nada, porém passou os dedos pela clavícula para enxugar as pequenas gotas de suor que haviam de repente brotado ali.

“Não, Neil, é bobagem.”

“Por quê?”

“Por quê? Porque é.”

“Você *sabe* por que é bobagem, Brenda — é porque fui *eu* que pedi?”

“Isso é mais bobagem ainda.”

“Se você me pedisse pra comprar um diafragma, a gente ia direto abrir

as Páginas Amarelas pra saber se tinha um ginecologista trabalhando numa tarde de sábado.”

“Eu nunca pediria isso a você, meu bem.”

“Mas é verdade”, disse eu, embora sorrindo. “É verdade.”

“Não é”, ela retrucou; levantou-se e caminhou até a quadra de basquete, onde ficou andando sobre as linhas brancas que o sr. Patimkin havia pintado na véspera.

“Volta aqui”, disse eu.

“Neil, isso é bobagem e não quero falar nisso.”

“Por que é que você está sendo egoísta?”

“Egoísta? *Você* é que está sendo egoísta. É pro seu prazer...”

“Isso mesmo. Meu prazer. Por que não?”

“Fala baixo. A Carlota.”

“Então vem pra cá, pô”, retruquei.

Ela se aproximou de mim, deixando pegadas brancas na grama. “Eu não sabia que você era tão carnal”, disse ela.

“Não sabia?”, respondi. “Vou lhe dizer uma coisa que você devia saber. Não é nem dos prazeres da carne que eu estou falando.”

“Então, francamente, eu não sei do que você está falando. Nem sei por que você está puxando esse assunto. O que a gente usa não basta?”

“Estou puxando esse assunto porque quero que você vá ao médico e compre um diafragma. Só isso. Sem explicações. Faz isso. Faz porque eu estou pedindo.”

“Você não está sendo razoável...”

“Porra, Brenda!”

“Porra digo eu!”, ela exclamou, e voltou para dentro da casa.

Fechei os olhos e recostei-me na árvore; quinze minutos depois, talvez menos, ouvi alguém golpeando a bola de golfe de algodão. Ela estava agora de short e blusa, e continuava descalça.

Não nos falamos, e fiquei vendo-a levantar o taco até a orelha e depois executar o *swing*, descrevendo com o queixo a trajetória que uma bola de golfe de verdade percorreria.

“Quinhentos metros”, disse eu.

Ela não respondeu, porém foi buscar a bola e começou a se preparar para mais uma tacada.

“Brenda. Por favor, vem aqui.”

Ela se aproximou, arrastando o taco na grama.

“O que é?”

“Não quero brigar com você.”

“Nem eu”, ela respondeu. “Foi a primeira vez.”

“O que eu pedi foi uma coisa tão horrível assim?”

Ela fez que sim.

“Bren, eu sei que provavelmente foi uma surpresa. Pra mim, foi. Mas nós não somos mais crianças.”

“Neil, eu simplesmente não quero. E não é porque foi você que pediu, não. Não sei de onde você tirou essa idéia. Não é por isso.”

“Então é por quê?”

“Ah, mil coisas. Acho que ainda não tenho *idade* pra esse equipamento todo.”

“O que é que isso tem a ver com idade?”

“Não é idade. É que... bom, sou *eu*. Quer dizer, é uma coisa muito *calculada*.”

“É claro que é calculada. É justamente esse o ponto. Será que você não entende? Isso ia nos mudar.”

“*Me* mudar.”

“*Nos* mudar. Juntos.”

“Neil, como que você acha que eu ia me sentir mentindo pra um médico?”

“Você pode ir na Clínica Margaret Sanger, em Nova York. Lá eles não perguntam nada.”

“Você já fez isso antes?”

“Não”, respondi. “Mas eu sei. Eu li a Mary McCarthy.”

“Isso mesmo. Era exatamente assim que eu ia me sentir, como uma personagem dela.”

“Não faz drama”, retruquei.

“Você é que está fazendo drama. Porque você acha que assim você vai estar tendo um caso. No verão passado eu andei com uma piranha, e eu fiz ela comprar...”

“Ah, Brenda, você é mesmo uma dondoca egoísta! É você que está pensando no ‘verão passado’, pensando que a gente vai terminar. A questão é justamente essa, não...”

“Isso mesmo, eu sou uma egoísta. Eu quero terminar. É por isso que eu peço pra você ficar mais uma semana, é por isso que eu deixo você dormir comigo na minha própria casa. Mas que diabo você tem! Por que

é que você e a minha mãe não revezam — um dia ela me inferniza, no outro você...”

“Pára com isso!”

“Vá pro inferno, você e todo mundo!”, exclamou Brenda, e agora ela estava chorando e, quando ela foi embora correndo, compreendi que eu não a veria, como de fato não a vi, pelo resto da tarde.

Harriet Ehrlich me deu a impressão de ser uma jovem curiosamente incapaz de ver segundas intenções nos outros ou em si própria. Tudo eram superfícies, e ela parecia perfeita para Ron, e também para os Patimkin. A sra. Patimkin, de fato, agiu tal como Brenda havia previsto: tão logo Harriet apareceu, a mãe de Brenda levantou uma asa e apertou-a contra seu ventre cálido, onde sua filha gostaria de se aconchegar. Fisicamente Harriet era parecida com Brenda, embora fosse um pouco mais peituda, e concordava com a cabeça de modo insistente sempre que alguém falava. Por vezes chegava a pronunciar as últimas palavras da frase de seu interlocutor junto com ele, embora isso não fosse freqüente; no mais das vezes balançava a cabeça e mantinha as mãos entrelaçadas. À noite, enquanto os Patimkin planejavam onde os recém-casados iriam morar, que móveis deveriam comprar, depois de quanto tempo deveriam ter um filho, o tempo todo eu ficava pensando que Harriet devia estar de luvas brancas, mas não estava.

Brenda e eu não trocamos mais nenhuma palavra, nenhum olhar; ficamos só escutando os outros, ela um pouco mais impaciente do que eu. Já perto do fim, Harriet começou a chamar a sra. Patimkin de “mãe”, e uma vez de “mamãe Patimkin”; e foi então que Brenda foi se deitar. Fiquei na sala, quase hipnotizado pela dissecação, análise, reconsideração e, por fim, aclamação do trivial. Por fim, o sr. e a sra. Patimkin, sonolentos, foram se deitar, e Julie, que havia adormecido na cadeira, foi carregada para o quarto por Ron. Assim, só ficamos nós dois, os únicos não-Patimkin.

“O Ron me disse que você tem um emprego muito interessante.”

“Eu trabalho na biblioteca.”

“Sempre gostei de ler.”

“Isso vai ser bom, você se casando com o Ron.”

“O Ron gosta de música.”

“É”, respondi. O que era mesmo que eu tinha *dito*?

“Você deve ser o primeiro a ler logo os *best-sellers*”, disse ela.

“Às vezes”, respondi.

“Pois é”, ela comentou, mudando a posição das mãos sobre os joelhos, “aposto que nós todos vamos nos divertir juntos. Eu e Ron e esperamos que você e Brenda sigam nosso exemplo em breve.”

“Não hoje.” Sorri. “Em breve. Se você me dá licença...”

“Boa noite. Eu gosto muito da Brenda.”

“Obrigado”, respondi enquanto começava a subir a escada.

Bati de leve na porta de Brenda.

“Estou dormindo.”

“Posso entrar?”, perguntei.

A porta entreabriu-se e ela disse: “O Ron vai subir em breve”.

“A gente deixa a porta aberta. Eu só quero conversar.”

Ela me deixou entrar, e sentei-me na cadeira virada para a cama.

“Gostou da sua cunhada?”

“Eu já conhecia.”

“Porra, Brenda, não precisa ser tão seca.”

Ela não respondeu, e fiquei sentado sem dizer nada, levantando e baixando a corrediça da janela.

“Você ainda está zangada?”, perguntei por fim.

“Estou, sim.”

“Não fique assim”, disse eu. “Esquece a minha sugestão. Não vale a pena, se é pra acontecer isso.”

“O que era que você esperava que acontecesse?”

“Nada. Eu não achava que seria uma coisa tão horrenda.”

“É porque você não consegue ver a coisa do meu ponto de vista.”

“Talvez.”

“Não é ‘talvez’, não.”

“Está bem”, retruquei. “Eu só queria que você entendesse por que você ficou tão irritada. Não foi a minha sugestão, não, Brenda.”

“Não? Então o que é?”

“Sou eu.”

“Ah, não me vem com isso de novo, não, está bem? Eu nunca saio ganhando, diga o que eu disser.”

“Mas você ganhou”, respondi.

Saí do quarto, fechei a porta e me recolhi.

Na manhã seguinte, quando desci, havia muita atividade na casa. Na

sala, ouvi a sra. Patimkin lendo uma lista para Harriet enquanto Julie entrava e saía correndo dos cômodos, procurando a chave dos patins. Carlota passava o aspirador de pó no carpete; todos os eletrodomésticos da cozinha estavam borbulhando, se retorcendo e tremendo. Brenda me saudou com um sorriso perfeitamente simpático, e na sala de jantar, onde entrei para dar uma olhada no quintal dos fundos e no tempo, beijou-me no ombro.

“Oi”, ela disse.

“Oi.”

“Vou ter que sair com a Harriet agora de manhã”, disse Brenda. “Não vai dar pra correr. A menos que você queira ir sozinho.”

“Não. Vou ler ou fazer alguma coisa. Aonde você vai?”

“A gente vai a Nova York. Fazer compras. Ela vai comprar um vestido de noiva. Pra usar depois do casamento. Pra viajar.”

“O que é que você vai comprar?”

“Um vestido de dama de honra. Se eu for com a Harriet, eu posso ir à Bergdorf’s sem a minha mãe vir com aquela história da Ohrbach’s.”

“Você compra uma coisa pra mim?”, pedi.

“Ah, Neil, lá vem você outra vez!”

“Eu estava só *brincando*. Eu nem estava pensando nisso.”

“Então por que você falou?”

“Ah, meu Deus!”, exclamei; saí, peguei meu carro e fui até Millburn Center, onde comi ovos e tomei café.

Quando voltei, Brenda já tinha saído, e na casa só estávamos Carlota, a sra. Patimkin e eu. Tentei evitar os cômodos em que elas estivessem, mas eu e a sra. Patimkin terminamos sentados um em frente ao outro na sala de televisão. Ela estava verificando os nomes numa folha comprida de papel que tinha na mão; a seu lado, na mesa, havia duas cadernetas de telefone finas que ela consultava de vez em quando.

“Quanto mais se trabalha, mais trabalho aparece”, disse-me ela.

Sorri de orelha a orelha, abraçando aquele chavão como se a sra. Patimkin tivesse acabado de inventá-lo. “É. É claro”, concordei. “A senhora quer uma ajuda? Quem sabe eu posso ajudar a conferir alguma coisa.”

“Não, não”, ela respondeu, sacudindo a cabeça num discreto gesto de recusa, “é pra Hadassah.”

“Ah”, respondi.

Fiquei a observá-la, até que ela me perguntou: “A sua mãe é sócia da Hadassah?”.

“Não sei se é agora. Ela era, quando morava em Newark.”

“Era uma sócia ativa?”

“Acho que sim, ela vivia plantando árvores em Israel por várias pessoas.”

“É mesmo?”, perguntou a sra. Patimkin. “Como ela se chama?”

“Esther Klugman. Ela está no Arizona agora. Lá também tem Hadassah?”

“Em qualquer lugar onde haja mulheres judias.”

“Então ela deve ser, sim. Ela está lá com meu pai. Foram por causa da asma. Estou morando com a minha tia em Newark. Ela não é da Hadassah. Mas a minha tia Sylvia é. A senhora conhece meus tios, Aaron Klugman e Sylvia? Eles são sócios do seu clube. Eles têm uma filha, a minha prima Doris...” Eu não conseguia parar. “... eles moram em Livingston. Não sei se é da Hadassah que a minha tia Sylvia é sócia. Acho que é uma organização ligada à tuberculose. Ou câncer. Ou então distrofia muscular. Eu sei que ela tem muito interesse em *alguma* doença.”

“Que ótimo”, disse a sra. Patimkin.

“Ah, é.”

“Elas fazem um trabalho muito bom.”

“Eu sei.”

A sra. Patimkin, pensei, estava começando a simpatizar comigo; deixou que aqueles olhos violeta parassem de olhar de soslaio e simplesmente contemplassem o mundo por algum tempo, sem julgar. “Você se interessa pela B’nai B’rith?”, perguntou-me. “O Ron vai entrar assim que se casar, sabe.”

“Acho que vou esperar até lá”, respondi.

Amuada, a sra. Patimkin retomou as listas, e me dei conta de que fora tolice minha arriscar um comentário bem-humorado sobre suas atividades judaicas. “A senhora é ativa no Templo, não é?”, indaguei, com todo o interesse de que era capaz.

“Sou”, ela respondeu.

“Qual é o templo que você frequenta?”, ela perguntou após uma pausa.

“Antigamente a gente ia na sinagoga da Hudson Street. Depois que

meus pais se mudaram, eu não tenho tido muito contato.”

Eu não sabia se a sra. Patimkin havia percebido um toque de falsidade na minha voz. Eu, por mim, achava que havia conseguido me sair bastante bem naquela confissão lamentável, principalmente quando me lembrava da minha década de paganismo antes da partida dos meus pais. Não obstante, a sra. Patimkin perguntou logo em seguida — uma pergunta estratégica, pareceu-me: “Nós vamos todos ao Templo na sexta à noite. Por que não vem conosco? Mas você é ortodoxo ou conservador?”.

Pensei por um momento. “Bom, eu não vou há muito tempo... Eu meio que mudo...” Sorri. “Eu sou apenas judeu”, disse, com boa intenção, mas também esse comentário teve o efeito de fazer a sra. Patimkin retomar seu trabalho para a Hassadah. Em desespero, tentei pensar em algo que a convencesse de que eu não era um infiel. Por fim, perguntei: “A senhora conhece a obra de Martin Buber?”.

“Buber... Buber”, disse ela, consultando a lista da Hadassah. “Ele é ortodoxo ou conservador?”

“... É um filósofo.”

“É *reformado*?”, ela perguntou, provocada por minha atitude evasiva ou pela possibilidade de que Buber comparecesse sem chapéu ao culto nas noites de sexta-feira, e de que a sra. Buber tivesse um único jogo de pratos na cozinha.

“Ortodoxo”, disse eu em voz baixa.

“Que bom”, disse ela.

“É.”

“A sinagoga da Hudson Street não é ortodoxa?”, ela indagou.

“Não sei.”

“Mas você não freqüentava?”

“Eu fiz o *bar mitzvah* lá.”

“E você não sabe que ela é ortodoxa?”

“Sei. Sei, sim. É ortodoxa.”

“Então você deve ser.”

“Ah, é, sou, sim”, concordei. “E a senhora?”, ataquei, enrubescendo.

“Ortodoxa. Meu marido é conservador”, o que queria dizer, entendi, que era indiferente. “A Brenda não é nada, como você provavelmente já sabe.”

“É?”, exclamei. “Não, eu não sabia.”

“Ela foi a melhor aluna de hebraico que eu já vi”, disse a sra. Patimkin, “mas aí, é claro, ela cresceu e ficou metida.”

A sra. Patimkin olhou para mim, e fiquei a pensar se a cortesia exigia que eu concordasse com ela. “Ah, não sei”, exclamei por fim; “eu diria que a Brenda é conservadora. Talvez um pouquinho reformada...”

O telefone tocou, me salvando, e em silêncio dirigi uma oração ortodoxa ao Senhor.

“Alô”, disse a sra. Patimkin. “... Não, não posso, tenho que dar um monte de telefonemas pra Hassadah...”

Eu agia como se estivesse escutando os passarinhos lá fora, embora com as janelas fechadas não entrasse nenhum ruído natural.

“Manda o Ronald levar... Mas não dá pra esperar, senão a gente vai se atrasar...”

A sra. Patimkin olhou de relance para mim; depois cobriu o bocal do fone com a mão. “Você iria de carro até Newark para mim?”

Levantei-me. “Vou. Claro.”

“Meu bem?” disse ela, ao telefone. “O Neil vai pegar... Não, *Neil*, o amigo da Brenda... Está bem... Até logo.”

“O senhor Patimkin está com uns padrões de talheres que eu preciso ver. Você podia ir até lá e pegar pra mim?”

“É claro.”

“Você sabe onde é a fábrica?”

“Sei.”

“Tome”, disse ela, entregando-me o chaveiro, “pegue o Volkswagen.”

“O meu carro está aí fora.”

“Vá nesse”, ela insistiu.

A Pias de Cozinha e Banheiro Patimkin ficava no coração do bairro negro de Newark. Anos atrás, no tempo da grande imigração, era ali que moravam os judeus, e ainda restavam algumas pequenas peixarias, delicatêssens *kosher* e banhos turcos, onde meus avós faziam compras e se banhavam no início do século. Até mesmo os cheiros permaneciam: salmão, *corned beef*, tomate azedo — mas agora, sobrepondo-se a esses odores, impunha-se a catinga forte e gordurenta das oficinas de desmonte, o fedor ácido de uma cervejaria, o cheiro de queimado de uma fábrica de couro; e nas ruas, em vez de iídiche, ouviam-se os gritos de crianças negras imitando Willie Mays com um cabo de vassoura e

meia bola de borracha. O bairro havia mudado: os judeus velhos, como meus avós, haviam trabalhado muito e morrido, e seus filhos haviam trabalhado muito e prosperado, e foram se mudando cada vez mais para longe, para o oeste, em direção à divisa de Newark, até que saíram da cidade e subiram a encosta dos montes Orange, chegando ao cume e começando a descer a outra encosta, se espalhando por território gentio tal como os escoto-irlandeses haviam se espalhado através da garganta de Cumberland. Agora, na verdade, os negros estavam fazendo a mesma migração, seguindo os passos dos judeus, e aqueles que permaneciam na Third Ward viviam a mais miserável das vidas e sonhavam, em seus travesseiros fétidos, com a fragrância dos pinheiros das noites da Geórgia.

Perguntei-me, apenas por um momento, se eu veria o menino negro da biblioteca naquelas ruas. Não o vi, é claro, embora tivesse certeza de que ele morava num daqueles prédios caindo aos pedaços, descascados, em que havia um fluxo constante de cachorros, crianças e mulheres de avental entrando e saindo. Nos andares mais altos, as janelas estavam abertas, e os velhos mais velhos, que não conseguiam mais descer as escadarias até a rua, ficavam sentados onde haviam sido instalados, diante das janelas sem tela, apoiando os cotovelos em travesseiros finos, cabeças espichadas para a frente, vendo o movimento de jovens, mulheres grávidas e desempregados. Quem viria depois dos negros? Quem restava? Ninguém, pensei, e algum dia essas ruas, onde minha avó tomava chá quente num velho copo de *yahrzeit*, estariam vazias e todos nós teríamos nos mudado para o alto dos montes Orange, e nesse caso os mortos não parariam de chutar as paredes de seus caixões?

Parei o Volkswagen diante de uma enorme porta de garagem na qual se lia:

PIAS DE COZINHA E BANHEIRO PATIMKIN
Qualquer Tamanho — Qualquer Forma

Lá dentro havia um escritório envidraçado no centro de um imenso galpão. Dois caminhões estavam sendo carregados nos fundos, e o sr. Patimkin, quando o vi, tinha um charuto na boca e gritava com alguém. Era com Ron, que estava com uma camiseta branca na qual se lia “Associação Atlética da Ohio State University”. Embora fosse mais alto que o sr. Patimkin, e quase tão corpulento quanto ele, suas mãos

pendiam inertes junto ao corpo, como se ele fosse um menino; o charuto do sr. Patimkin saracoteava em seus lábios. Seis negros carregavam um dos caminhões num ritmo febril, jogando — senti um frio no estômago — pias um para o outro.

Ron afastou-se do pai e voltou a dar ordens aos homens. Agitava os braços com veemência e, embora de modo geral parecesse um tanto confuso, não parecia nem um pouco preocupado com a possibilidade de que uma daquelas pias caísse no chão. De repente me imaginei dando ordens aos negros — bastaria uma hora para que eu arranjasse uma úlcera. Quase dava para ouvir aquelas superfícies esmaltadas se espatifando no chão. E eu me ouvia dizendo: “Cuidado, pessoal. Por favor, vamos ter cuidado, está bem? *Ai!* Ah, por favor sejam... *cuidado!* Cuidado! Ah!”. E se o sr. Patimkin chegasse para mim e me dissesse: “O.K., meu rapaz, você quer se casar com a minha filha? Vamos ver o que você sabe fazer”. Pois bem, ele veria: em poucos instantes aquele chão se transformaria num mosaico esvaído, coberto de cascalho de louça. “Klugman, que espécie de trabalhador você é? Você trabalha como você come!” “Isso mesmo, isso mesmo, eu sou um pardal, me deixa ir embora.” “Você não sabe nem mesmo carregar e descarregar mercadoria?” “Senhor Patimkin, eu já acho difícil respirar, até dormir me cansa, me deixa ir embora, me deixa ir embora...”

O sr. Patimkin voltou para seu aquário para atender o telefone; eu despertei à força daquele devaneio e fui em sua direção. Quando entrei no escritório, o sr. Patimkin levantou a vista do telefone; o cigarro grudento estava na mão livre — apontou para mim com ele, uma forma de saudação. Ouvi lá fora Ron gritar, com uma voz aguda: “Vocês não podem ir almoçar todos ao mesmo tempo. A gente não tem o dia todo!”.

“Senta”, disparou o sr. Patimkin, mas quando ele retomou sua conversa telefônica constatei que só havia uma cadeira no escritório, a dele. Na Pias Patimkin, as pessoas não se sentavam — ali se ganhava dinheiro da maneira mais difícil, em pé. Fiquei olhando para os diversos calendários que havia pendurados nos arquivos; eles continham ilustrações de mulheres tão oníricas, com coxas e tetas tão fantásticas, que nem dava para achá-las pornográficas. O artista que havia desenhado aquelas mulheres para a Construtora Lewis, para a Mecânica Caminhões e Automóveis Earl’s e para a Grossman e Filho, Caixas de Papelão tinha representado um terceiro sexo que eu nunca vira antes.

“Sei, sei, sei”, disse o sr. Patimkin. “Amanhã? Não me venha com essa história de amanhã. Amanhã o mundo pode acabar.”

Do outro lado da linha, alguém falava. Quem seria? Lewis da construtora? Earl da mecânica?

“Isso aqui é uma empresa, Grossman, não é uma instituição de caridade, não.”

Então era Grossman que estava sendo intimidado pelo telefone.

“Estou cagando pra isso”, disse o sr. Patimkin. “Você não é o único da cidade, meu caro”, e piscou para mim.

Aha, uma conspiração contra Grossman. Eu e o sr. Patimkin. Abri o sorriso mais cúmplice de que eu era capaz.

“Então está bem, a gente está aqui até as cinco... Só até as cinco.”

Escreveu alguma coisa num pedaço de papel. Era apenas um X grande.

“Meu filho vai estar aqui”, disse ele. “É, ele está na firma.”

Grossman disse alguma coisa que fez o sr. Patimkin rir. Ele desligou sem se despedir.

Olhou para os fundos para ver como Ron estava se saindo. “Quatro anos na faculdade e não sabe descarregar um caminhão.”

Eu não sabia o que dizer, mas terminei optando pela verdade. “Acho que eu também não sei.”

“Você aprende. Eu sou o quê, um gênio? Eu aprendi. Trabalho nunca matou ninguém.”

Com isso, concordei.

O sr. Patimkin contemplou o charuto. “Quem dá duro chega a algum lugar. Quem não tira a bunda da cadeira não chega a lugar nenhum, você sabe... Os homens mais ricos deste país trabalharam duro, pode crer. Até mesmo o Rockefeller. O sucesso não é fácil...” Essas palavras não foram exatamente pronunciadas, e sim saboreadas enquanto ele contemplava seus domínios. Não era um homem apaixonado pelas palavras, e pareceu-me que havia sido levado a essa enxurrada de generalizações pela combinação do desempenho de Ron com a minha presença — eu, o estranho que um dia poderia entrar para a família. Mas será que o sr. Patimkin nem sequer imaginava essa possibilidade? Eu não sabia; sabia apenas que essas poucas palavras pronunciadas por ele mal conseguiam exprimir toda a satisfação e surpresa que lhe proporcionava a vida que ele conseguira construir para si próprio e os seus.

Olhou de novo para Ron. “Veja só esse aí, se jogasse basquete assim botavam ele pra correr da quadra.” Porém sorria ao falar.

Foi até a porta. “Ronald, deixa eles irem almoçar.”

Ron gritou: “Eu estava pensando em mandar uns agora e outros depois.”

“Por quê?”

“Porque assim vai ter sempre alguém...”

“Não me venha com novidades”, gritou o sr. Patimkin. “Aqui todo mundo almoça na mesma hora.”

Ron virou-se para os homens. “Está bem, pessoal, vamos almoçar!”

O pai sorriu para mim. “Garoto esperto, hein?” Deu um tapinha na cabeça. “Isso é coisa de gente inteligente, não é? Ele não tem estômago pro trabalho. É um idealista”, e nesse ponto creio que o sr. Patimkin de repente se deu conta de quem eu era, e mais que depressa se corrigiu para não ofender. “Isso faz sentido, você sabe, quando a gente é professor, ou então como você, estudante, ou uma coisa dessas. Agora, aqui você precisa ser um pouco *gonif*. Você sabe o que isso quer dizer? *Gonif*?”

“Ladrão”, respondi.

“Você sabe mais que os meus filhos. Eles são uns góis, esses meus filhos, não sabem nada.” Olhou para os carregadores negros que passavam pelo escritório e gritou para eles: “Vocês sabem quanto tempo dura uma hora, não sabem? Então, todo mundo de volta daqui a uma hora!”.

Ron entrou no escritório e, é claro, apertou minha mão.

“O senhor está com aquelas coisas que a senhora Patimkin pediu?”, perguntei.

“Ronald, pega pra ele os padrões de talher.” Ron se afastou e o sr. Patimkin disse: “Quando eu me casei, a gente usava talher comprado na lojinha da esquina. Esse menino aí tem que comer em talher de ouro”. Mas não estava zangado; muito pelo contrário.

Naquela tarde, subi a serra no meu carro e fiquei algum tempo parado junto à cerca de arame, vendo os veados a saltitar, lépidos, e pastar, tímidos, sob a proteção de placas que advertiam: NÃO DÊ COMIDA AOS VEADOS, *Por determinação da Reserva de South Mountain*. A meu lado havia dezenas de crianças; elas riam e gritavam quando os

animais recolham com a língua a pipoca que elas tinham nas mãos, e ficavam tristes quando seu próprio entusiasmo afastava os filhotes para longe, onde suas mães trigueiras contemplavam, imponentes, o trânsito a percorrer as curvas daquela estrada de serra. Mães jovens, de tez branca, pouco mais velhas do que eu, muitas até mesmo mais moças, conversavam em seus conversíveis atrás de mim, olhando para fora de vez em quando para ver o que as crianças estavam aprontando. Eu já as vira antes, quando saía com Brenda para comer alguma coisa à tarde, ou para almoçar: ocupavam mesas, em grupos de três e quatro, nas lanchonetes rústicas que pontuavam a área da reserva, enquanto seus filhos devoravam hambúrgueres, bebiam leite maltado e colocavam na *jukebox* as moedas que as mães lhes davam. Embora nenhum dos pequeninos tivesse idade suficiente para ler os títulos das canções, quase todos eram capazes de berrar as letras, o que faziam enquanto as mães, algumas das quais reconheci como ex-colegas minhas do colegial, comparavam bronzeados, supermercados e férias. Sentadas ali, pareciam imortais. Seus cabelos sempre teriam a cor desejada, suas roupas teriam a textura e o tom exatos; em suas casas haveria mobília sueca moderna quando ela estivesse em voga, e se algum dia os móveis barrocos enormes e feios voltassem à moda, as mesas de centro de mármore, compridas e de pernas cotós, seriam substituídas por peças luís-quatorze. Eram elas as deusas, e se eu fosse Páris não teria como escolher uma delas, de tão microscópicas eram as diferenças que as distinguiam. Seus destinos as haviam fundido em uma. Apenas Brenda brilhava. Dinheiro e conforto não apagaria sua singularidade — até agora isso não acontecera. Ou teria acontecido? O que era que eu estava amando? eu me perguntava, e não sendo o tipo de pessoa que costuma enfiar bisturis em si própria, pus a mão na cerca e deixei que um veado de focinho mínimo me desse uma lambida e afastasse esses pensamentos da minha cabeça.

Quando voltei para a casa dos Patimkin, Brenda estava na sala de visitas, mais bonita do que eu jamais a vira. Estava provando seu vestido novo diante de Harriet e sua mãe. Até mesmo a sra. Patimkin amolecera um pouco ao vê-la; era como se algum sedativo tivesse sido injetado nela, com o efeito de relaxar os músculos anti-Brenda que havia em torno dos olhos e da boca.

Brenda, sem óculos, exibia-se sem sair do lugar; quando se virou para

mim, dirigiu-me um olhar aparvalhado, semi-adormecido, e embora outros talvez o interpretassem como sinal de sono, para as minhas veias aquilo parecia volúpia. A sra. Patimkin por fim disse à filha que o vestido era muito bonito, eu comentei que Brenda estava linda e Harriet afirmou que ela estava belíssima, que *ela* era quem devia ser a noiva, e em seguida houve um silêncio incômodo, em que todos nós ficamos pensando quem deveria ser o noivo.

Então, quando a sra. Patimkin levou Harriet para a cozinha, Brenda aproximou-se de mim e disse: “Eu devia mesmo ser a noiva”.

“É, sim, amor.” Beije-a, e de repente ela começou a chorar.

“O que foi, meu bem?”, perguntei.

“Vamos lá fora.”

No gramado, Brenda não estava mais chorando, mas sua voz indicava que ela estava muito cansada.

“Neil, liguei pra Clínica Margaret Sanger”, ela disse. “Quando eu estava em Nova York.”

Não respondi nada.

“Neil, perguntaram se eu era casada, sim. Meu Deus, a mulher parecia a minha mãe...”

“O que foi que você disse?”

“Que *não*.”

“O que foi que ela disse?”

“Não sei. Desliguei.” Ela se afastou e contornou o carvalho. Quando reapareceu, estava descalça e tinha uma das mãos pousada na árvore, como se estivesse girando em torno de um *maypole*.

“Você pode ligar de novo”, disse eu.

Ela fez que não. “Não, não consigo. Eu nem sei por que liguei. A gente estava fazendo compras e eu me afastei, consultei o número e disquei.”

“Então você pode ir a um médico.”

Ela fez que não outra vez.

“Olha, Bren”, comecei, correndo até ela, “nós vamos juntos, ao médico. Em Nova York...”

“Eu não quero ir num consultóriozinho sujo...”

“Nada disso. Vamos no ginecologista mais chique de Nova York. Desses que a sala de espera sai na *Harper’s Bazaar*. Que tal?”

Ela mordeu o lábio inferior.

“Você vai comigo?”, perguntou.

“Eu vou com você.”

“Vai ao consultório?”

“Meu anjo, o seu marido não iria ao consultório.”

“Não?”

“Porque ia estar no trabalho.”

“Mas você não está”, disse ela.

“Estou de férias”, retruquei, mas eu havia respondido a pergunta errada. “Bren, eu fico esperando, e quando terminar a gente toma alguma coisa. A gente vai jantar num restaurante.”

“Neil, eu não devia ter ligado pra Margaret Sanger — isso não é direito.”

“É, sim, Brenda. É a melhor coisa que a gente pode fazer.” Ela se afastou, eu estava exausto de tanto implorar. Tinha a vaga sensação de que poderia tê-la convencido se tivesse sido um pouco mais astucioso; e no entanto eu não queria fazê-la mudar de opinião através da astúcia. Permaneci calado quando ela se aproximou de novo, e talvez tenha sido precisamente isso, o fato de eu continuar calado, que a fez por fim dizer: “Vou perguntar à mamãe Patimkin se ela quer que a gente leve a Harriet também...”.

JAMAIS ESQUECEREI o calor e a umidade daquela tarde em que fomos a Nova York. Foi quatro dias depois do telefonema para a clínica Margaret Sanger — Brenda ficou adiando, adiando, mas finalmente na sexta-feira, três dias antes do casamento de Ron e quatro antes de ela voltar para a faculdade, atravessamos o Lincoln Tunnel, que parecia mais comprido e enfumaçado do que nunca, um inferno com paredes ladrilhadas. Finalmente estávamos em Nova York, sufocados outra vez por aquele dia pesado. Contornei o guarda que, em mangas de camisa, organizava o tráfego, e subi à cobertura da Port Authority para estacionar o carro.

“Você tem dinheiro pro táxi?”, perguntei.

“Você não vai comigo?”

“Eu estava pensando em esperar no bar. Aqui embaixo.”

“Você pode esperar no Central Park. O consultório é do outro lado da rua.”

“Bren, que diferen...” Mas quando vi a expressão em seus olhos, desisti do bar com ar-condicionado e acompanhei-a até o centro. Caiu uma chuva súbita enquanto nosso táxi atravessava a ilha, e quando parou de chover as ruas estavam grudentas e reluzentes, e o metrô rugia sob o asfalto; era como se tivéssemos penetrado no ouvido de um leão.

O consultório ficava no Squibb Building, bem em frente à Bergdorf Goodman’s, e assim era o lugar perfeito para Brenda aumentar seu guarda-roupa. Por algum motivo, nem sequer consideramos a hipótese de irmos a um médico em Newark, talvez por ser muito perto de casa, o que aumentaria a possibilidade de que a coisa fosse descoberta. Quando chegou à porta giratória, Brenda virou-se e olhou para mim; vi que seus olhos estavam cheios d’água, mesmo por trás dos óculos, e não disse nada, temendo o efeito possível de uma palavra, qualquer palavra. Beijei-lhe o cabelo e indiquei com um gesto que eu estaria do outro lado da rua, junto à fonte da praça, e então fiquei a vê-la passar pela porta. Na rua, o trânsito se deslocava devagar, como se a umidade fosse um muro a impedir todo e qualquer movimento. Até mesmo a fonte parecia estar

borbulhando água fervente sobre as pessoas sentadas a seu redor, e de repente resolvi que não ia atravessar a rua; em vez disso, entrei na Fifth Avenue e caminhei para o sul, seguindo pela calçada escaldante em direção à igreja de São Patrício. Na escadaria norte, havia uma multidão; viam uma modelo ser fotografada. Ela estava com um vestido cor de limão e posicionava os pés como se fosse uma bailarina; quando entrei na igreja ouvi uma mulher dizendo: “Mesmo se eu comesse ricota dez vezes por dia, eu não ficava magra desse jeito”.

Não estava muito mais fresco dentro da igreja, se bem que o silêncio e o tremeluzir das velas me deram essa impressão. Sentei-me num banco de trás, e embora não conseguisse me obrigar a ajoelhar-me, debrucei-me sobre o banco à minha frente, juntei as mãos e fechei os olhos. Perguntei a mim mesmo se eu parecia um católico, e em meu estado de estupefação comecei a fazer um pequeno discurso para mim mesmo. Será possível dizer que essa fala pensada era uma oração? Fosse como fosse, chamei meu interlocutor de Deus. Deus, disse eu, estou com vinte e três anos. Quero agir da melhor maneira. Agora o médico está prestes a tornar Brenda minha esposa, e não tenho certeza absoluta de que isso é a melhor solução. O que é que eu amo, Senhor? Por que foi que escolhi? Quem é Brenda? O mundo é dos espertos. Será que eu devia ter parado para pensar?

Eu não estava recebendo nenhuma resposta, mas prosseguia assim mesmo. Se nos encontramos com o Senhor, Deus, é por que somos carnis, e consumistas, e desse modo partilhamos do Senhor. Eu sou carnal, e sei que o Senhor aprova, sei porque sei. Mas até onde pode ir minha carnalidade? Sou consumista. Para onde deve se dirigir agora meu consumismo? Onde é que nos encontramos? Que prêmio é o Senhor?

Era uma meditação engenhosa, e de repente senti vergonha. Levantei-me e saí, e o barulho da Fifth Avenue me recebeu com uma resposta:

Que prêmio você imagina que seja, seu *schmuck*? Talheres de ouro, árvores de artigos esportivos, nectarinas, trituradores de lixo, narizes sem calombos, Pias Patimkin, Bonwit Teller...

Mas, porra, Deus, isso é o Senhor!

E Deus limitou-se a rir, aquele palhaço.

Nos degraus em torno da fonte vi um pequeno arco-íris que o sol havia traçado com as gotículas de água. Então vi Brenda saindo do

Squibb Building. Não tinha nada nas mãos, como uma mulher que estivesse apenas olhando as vitrines, e por um momento achei bom, no final das contas, ela não ter feito o que eu lhe pedira.

Enquanto Brenda atravessava a rua, porém, essa pequena frivolidade passou, e voltei a ser eu mesmo.

Ela chegou e olhou para mim, sentado no banco; respirou fundo, enchendo todo o corpo, e depois expirou com um “Uff!”

“Cadê?”, perguntei.

Em resposta, de início, ela apenas me dirigiu um olhar de vitória, o mesmo que dera a Simp na noite em que a derrotou, e a mim naquele dia em que terminei a terceira volta da pista sozinho. Por fim, disse: “Já está no lugar”.

“Ah, Bren.”

“Ele perguntou se era para embrulhar ou se eu já ia com ele.”

“Ah, Brenda, eu te amo.”

Dormimos juntos naquela noite, e estávamos tão nervosos por conta de nosso brinquedo novo que tivemos um desempenho de crianças do jardim-de-infância, ou (para usar a linguagem daquele país) de uma dupla de bobocas. E então, no dia seguinte, mal nos vimos, pois as últimas preparações para o casamento envolveram corridas, telegramas, gritos, crises de choro, afobação — em suma, loucura. Até mesmo as refeições perderam aquela abundância tipicamente Patimkin, e eram improvisadas à base de queijo Kraft, pão de cebola velho, salame seco, uns restos de fígado picado e coquetel de frutas. A agitação durou todo o fim de semana, e tentei ao máximo não me envolver na tempestade, em cujo centro Ron, desajeitado e sorridente, e Harriet, esvoaçante e delicada, aproximavam-se cada vez mais um do outro. Na noite de domingo a exaustão deteve a histeria, e todos os Patimkin, inclusive Brenda, foram se deitar cedo. Quando Ron entrou no banheiro para escovar os dentes, resolvi entrar e escovar os meus também. Enquanto eu usava a pia ele foi ver se seu suporte atlético estava seco; depois pendurou-o nas torneiras do chuveiro e me perguntou se eu queria ouvir discos com ele. Não foi por tédio nem solidão que aceitei, e sim porque uma fugaz faísca de camaradagem masculina de vestiário se estabelecera ali em meio a sabonetes, água e ladrilhos, e me ocorreu que o convite de Ron talvez fosse motivado pelo desejo de passar seus últimos momentos

como Homem Solteiro na companhia de outro Homem Solteiro. Se era isso mesmo, então pela primeira vez ele estava reconhecendo minha masculinidade. Como poderia eu dizer não?

Sentei-me na segunda cama de solteiro, que não estava sendo usada.

“Quer ouvir Mantovani?”

“Claro”, respondi.

“O que você prefere, ele ou Kostelanetz?”

“É páreo duro.”

Ron foi até o armário. “E aí, que tal o disco de Columbus? A Brenda já tocou pra você?”

“Não. Acho que não.”

Ron tirou um disco da capa e, como um gigante manuseando uma concha, com todo cuidado colocou-o na vitrola. Então sorriu para mim e voltou a sentar-se na cama. Pôs os braços atrás da cabeça e fixou os olhos no teto. “Eles dão esse disco pra todos os formandos. Junto com o álbum de formatura...” Porém calou-se assim que o som teve início. Fiquei vendo Ron ouvir o disco.

De início ouvia-se apenas um rufar de tambores, depois silêncio, depois tambores outra vez — e por fim, bem baixinho, uma marcha, cuja melodia era bem familiar. Quando terminou a canção, ouvi sinos batendo, baixo, depois alto, depois baixo outra vez. E por fim uma Voz, grave, saída das entranhas, histórica, a espécie de voz que associamos aos documentários sobre a ascensão do fascismo.

“O ano é 1956. A estação, outono. O lugar, a Ohio State University...”

Blitzkrieg! Dia do Juízo! O Senhor baixou sua batuta e o coral da Ohio State começou a cantar o hino da universidade como se a salvação da alma de todos estivesse em jogo. Após um uníssono desesperado, os cantores sucumbiram, gritando, no abismo sem fundo do olvido, e a Voz recomeçou:

“As folhas começam a mudar de cor nas árvores. Fogueiras fumacentas ardem na vila das associações estudantis, e calouros remexem as folhas com ancinhos, formando uma névoa espessa. Veteranos saúdam recém-chegados, os novos travam contato com os antigos, e mais um ano letivo tem início...”

Música. O coral retorna com toda a força. Em seguida, a Voz: “Lugar: as margens do Olentangy. Evento: a partida de futebol americano que assinala o início das aulas de 1956. Adversário: o sempre perigoso time

de Illini...”

O rugido da multidão. Uma voz nova — Bill Stern: “Illini inicia. Dá a largada. Linday recuando para passar a bola, encontra um receptor, passa a bola para o outro lado de campo — E A BOLA É INTERCEPTADA PELO NÚMERO 43, HERB CLARK DA OHIO STATE! Clark dribla um, dribla dois e chega ao meio-campo. Agora enfrenta os atacantes, chega à linha de 45 jardas, de 40, de 35...”

E enquanto Bill Stern dá corda a Clark, e Clark dá corda a Bill Stern, Ron, na cama, dando um pouco de efeito com o próprio corpo, ajuda Bill Stern a marcar o tento.

“E agora quem está na frente são os Buckeyes, 21 a 19. *Mas que partida!*”

A Voz da História se faz ouvir outra vez, grave: “Mas a estação seguia em frente, e quando a primeira neve cobriu a grama, era o som de bolas de borracha sobre a madeira e o grito de ‘Cesta!’ que ecoava no ginásio...”

Ron fechou os olhos.

“A partida contra o time de Minnesota”, uma outra voz, mais aguda, anunciou, “é, para alguns de nossos formandos, a última vez que vão defender as cores vermelho e branco... Os jogadores estão prestes a entrar na quadra iluminada. A platéia que lota as arquibancadas vai aplaudir com vontade esses rapazes que não vão estar aqui conosco no ano que vem. E eis que entra Larry Gardner, o grandalhão que é o número 7, o Big Larry de Akron, Ohio...”

“Larry...”, anunciam os alto-falantes; “Larry”, a multidão repete.

“E lá vem Ron Patimkin batendo bola. Ron, o número 11, de Short Hills, Nova Jersey. É a última partida do Big Ron, e por muito tempo os torcedores dos Buckeyes vão se lembrar dele...”

Big Ron retesou os músculos, na cama, quando o alto-falante chamou seu nome; a ovação que recebeu certamente fez tremer as redes. Então os outros jogadores foram anunciados, e depois terminou a temporada de basquete, e veio a Semana de nfase Religiosa, o Baile de Formatura (Billy May a todo volume ecoando no teto do ginásio), a Noite das Sátiras na vila das associações estudantis, E. E. Cummings lendo para os alunos (estrofe, silêncio, aplauso); e, por fim, a formatura:

“O campus está silencioso neste dia sublime. Para milhares de rapazes e moças, é uma ocasião de júbilo, e no entanto é um momento solene. E

para seus pais é um dia de riso e de choro. É um dia verdejante, de sol, sete de junho do ano de mil novecentos e cinqüenta e sete, e para esses jovens americanos é o dia mais emocionante de suas vidas. Para muitos, será a última vez que verão este campus, por muitos e muitos anos. A vida nos chama, e com ansiedade, se não com nervosismo, saímos para o mundo e deixamos para trás os prazeres que vivenciamos entre essas paredes cobertas de hera. Mas não as nossas lembranças. Elas serão as acompanhantes, se não os fundamentos, de nossas vidas. Escolheremos maridos e mulheres, escolheremos empregos e lares, teremos filhos e netos, mas jamais te esqueceremos, Ohio State. Nos anos futuros, teremos sempre conosco as lembranças de ti, Ohio State...”

Devagar, bem devagar, a banda da OSU começa a executar o hino, e então os sinos anunciam aquela hora final. Baixinho, bem baixinho, pois estamos na primavera.

Os braços de Ron, cheios de veias, ficaram arrepiados quando a Voz prosseguiu. “Nós nos oferecemos a ti, ó mundo, e te adentramos em busca da Vida. E a ti, Ohio State, e a ti, Columbus, dizemos muito obrigado, muito obrigado e adeus. Teremos saudades, no outono, no inverno, na primavera, mas algum dia voltaremos. Até esse dia, adeus, Ohio State, adeus, Columbus... adeus, Columbus... adeus...”

Os olhos de Ron estavam fechados. A banda despejava seu último carregamento de nostalgia, e eu saí do quarto na ponta dos pés, no mesmo passo que os 2163 membros da Turma de 1957.

Fechei a porta de meu quarto, mas depois abri-a e olhei de novo para Ron: ele continuava cantarolando em sua cama. Tu! pensei, meu cunhado!

O casamento.

Vou começar com os parentes.

O lado da família da sra. Patimkin: sua irmã Molly, uma criaturinha peituda com tornozelos inchados que contornavam os sapatos, e que teria ao menos um motivo para jamais se esquecer do casamento de Ron: a tortura que impusera a seus pés calçando-os com sapatos de salto de sete centímetros, e o marido de Molly, rico e perdulário, Harry Grossbart, que fizera fortuna com cevada e milho no tempo da Lei Seca. Agora tinha participação ativa no Templo, e sempre que via Brenda dava-lhe um tapa na bunda; era uma espécie de contravenção física que,

imagino eu, passava por afeto familiar. O irmão da sra. Patimkin, Marty Kreiger, o Rei do Cachorro-Quente *Kosher*, um homenzarrão imenso, que tinha tantas barrigas quanto queixos, e que aos cinquenta e cinco anos já tinha sobrevivido a um número de infartos igual à soma do número de queixos com o de barrigas. Acabava de passar uma temporada de repouso nos montes Catskill, onde, segundo ele, só comera germe de trigo e ganhara mil e quinhentos dólares jogando buraco. Quando o fotógrafo chegou, Marty pôs a mão nos peitos achatados de sua esposa e disse: “Que tal uma foto disso aqui!”. A esposa, Sylvia, era uma mulher frágil e magricela com ossos de passarinho. Havia chorado durante toda a cerimônia, soluçando abertamente no momento em que o rabino anunciou que Ron e Harriet eram “marido e mulher aos olhos de Deus e do Estado de Nova Jersey”. Mais tarde, no jantar, já havia endurecido o bastante para dar um tapa na mão do marido quando ele estendeu a mão para pegar um charuto. Porém, quando ele a estendeu para segurar seus seios, Sylvia simplesmente ficou horrorizada e não disse nada.

As irmãs gêmeas da sra. Patimkin, Rose e Pearl, tinham ambas os cabelos brancos, a cor de um Lincoln conversível, e vozes nasaladas, e maridos que andavam atrás delas mas só conversavam um com o outro, como se na verdade uma irmã tivesse se casado com a outra e um marido tivesse se casado com o outro. Os maridos, que se chamavam Earl Klein e Manny Kartzman, sentaram-se um ao lado do outro durante a cerimônia, e depois no jantar, e uma vez, quando a banda estava tocando entre um prato e outro, levantaram-se, Klein e Kartzman, como se fossem dançar, porém foram até o outro lado do salão, onde ficaram andando de um lado para o outro. Earl, fiquei sabendo depois, trabalhava com carpetes, e ao que parecia estava tentando calcular quanto ganharia se conseguisse fazer uma venda para o Hotel Pierre.

Do lado do sr. Patimkin só veio Leo, seu meio-irmão. Leo era casado com uma mulher chamada Bea, com a qual, pelo visto, ninguém conversava. A toda hora, durante a refeição, Bea se levantava de um salto e ia correndo até a mesa das crianças para ver se sua filhinha, Sharon, estava sendo bem cuidada. “Eu falei pra ela não trazer a menina. Arranja uma baby-sitter, eu disse.” Leo me deu essa informação quando Brenda dançava com o padrinho de Ron, Ferrari. “Aí ela me diz: a gente é milionária, é? Não, mas, pelo amor de Deus, o filho do meu irmão está

se casando, eu posso comemorar um pouco. Mas não, a gente tem que *shlep* com a menina pra todo lado. Aah, mas assim ela tem uma coisa pra fazer!...” Leo olhou a sua volta. No palco, Harry Winters (nome original, Weinberg) regia sua banda, executando um pot-pourri de *My fair lady*; na pista de dança, todas as idades, todos os tamanhos, todas as formas dançavam. O sr. Patimkin dançava com Julie, cujo vestido havia escorregado dos ombros, revelando suas costas pequenas e macias e o pescoço comprido, tal como o de Brenda. Ele dançava em pequenos quadrados, esforçando-se muito para não pisar nos pés de Julie. Harriet, a qual, diziam todos, era uma linda noiva, dançava com o pai. Ron dançava com a mãe de Harriet, Brenda com Ferrari, e eu havia me sentado por um momento na cadeira vazia ao lado de Leo para que ninguém me obrigasse a dançar com a sra. Patimkin, pois as coisas pareciam estar caminhando nessa direção.

“Você é o namorado da Brenda, não é?”, perguntou Leo.

Concordei com a cabeça — eu já desistira havia horas de dar explicações que me faziam ficar vermelho. “Você se deu bem, garoto”, disse Leo; “não vá meter os pés pelas mãos.”

“Ela é muito bonita”, retruquei.

Leo encheu uma taça de champanhe e ficou como se esperando que se formasse um colarinho de espuma; quando tal não aconteceu, encheu a taça até as bordas.

“Ser bonita ou não ser bonita, isso não faz diferença. Eu sou um sujeito prático. Eu estou por baixo, por isso tenho mais é que ser prático. O Aly Khan é que se preocupa de casar com estrela de cinema. Eu não nasci ontem... Sabe quantos anos eu tinha quando casei? Trinta e cinco. Não sei por que diabos eu estava com essa pressa toda.” Esvaziou a taça e encheu-a outra vez. “Eu lhe digo, uma única coisa boa aconteceu comigo em toda a minha vida. Talvez duas. Antes de eu voltar do estrangeiro, recebi uma carta da minha mulher — que ainda não era minha mulher na época. Minha sogra tinha encontrado um apartamento pra nós no Queens. Sessenta e dois dólares e cinquenta centavos por mês, era o aluguel. Essa foi a última coisa boa que aconteceu.”

“Qual foi a primeira?”

“Primeira o quê?”

“O senhor falou *duas* coisas”, expliquei.

“Não lembro. Eu falei duas porque a minha mulher diz que eu sou

sarcástico e cínico. Assim, quem sabe ela não fica achando que eu sou tão metido.”

Vi Brenda e Ferrari se separarem, e assim pedi licença e parti em direção a ela, mas nesse exato momento o sr. Patimkin separou-se de Julie e tudo parecia indicar que os dois homens iam trocar de parceiras. Em vez disso, os quatro ficaram parados na pista de dança, e quando me aproximei deles estavam rindo enquanto Julie perguntava: “Qual é a graça?”. Ferrari me saudou e puxou Julie para si, o que a fez cair na gargalhada.

O sr. Patimkin estava com uma das mãos nas costas de Brenda, e de repente colocou a outra mão nas minhas costas. “Vocês estão se divertindo, meninos?”, perguntou.

Nós três estávamos balançando ao som de “Get me to the church on time”.

Brenda beijou o pai. “Estou”, respondeu. “Estou tão bêbada que minha cabeça nem precisa do pescoço.”

“É um belo casamento, senhor Patimkin.”

“Se quiserem alguma coisa, é só me pedir...”, disse ele, também um pouco bêbado. “Vocês são dois jovens muito bons... E aí, está gostando de ver o seu irmão se casar?... Hein?... Mas que menina, hein?”

Brenda sorriu, e embora aparentemente achasse que seu pai se referia a ela, eu estava certo de que ele estava pensando em Harriet.

“O senhor gosta de casamentos, papai?”, perguntou Brenda.

“Eu gosto dos casamentos dos meus filhos...” Deu-me um tapa nas costas. “Vocês dois querem alguma coisa? Quero ver vocês se divertindo. Não esqueça”, disse a Brenda, “você é meu amor...” Então olhou para mim. “O que a minha Buck quiser, eu acho bom. Em qualquer firma, uma cabeça a mais nunca é demais.”

Sorri, ainda que não diretamente para ele, e vi ao longe Leo se encharcando de champanhe e olhando para nós três; quando meu olhar cruzou com o dele, Leo fez um sinal com a mão, um círculo com o polegar e o indicador, cujo significado era: “Aí, hein, garotão!”.

Depois que o sr. Patimkin se afastou, eu e Brenda dançamos bem juntinhos, e só nos sentamos quando os garçons começaram a circular com o prato principal. A mesa central estava barulhenta, principalmente na nossa ponta, onde os homens quase todos jogavam no mesmo time que Ron, em um esporte ou outro; eles comeram um número fantástico

de pãozinhos. Tank Feldman, companheiro de quarto de Ron, que viera de avião de Toledo, a toda hora pedia ao garçom mais pãozinhos, mais aipo, mais azeitonas, o que sempre provocava gritinhos de prazer em Gloria Feldman, sua mulher, uma moça nervosa e subnutrida que constantemente olhava para dentro do próprio vestido como se alguma coisa ali estivesse em obras. Gloria e Tank, na verdade, pareciam haver se automeado presidentes de mesa do nosso pedaço. Eles propunham brindes, começavam a cantar a plenos pulmões e volta e meia se referiam a Brenda e a mim como “os pombinhos”. Ao ouvir isso, Brenda sorria, exibindo os caninos, e eu arrancava uma expressão alegre de alguma aurícula fraudulenta de meu coração.

E a noite prosseguia; comíamos, bebíamos, dançávamos — Rose e Pearl dançaram um charleston juntas (enquanto seus maridos examinavam o madeiramento e os candelabros), e depois eu dancei um charleston com ninguém menos que Gloria Feldman, que ficou fazendo horrendas caretas coquetes o tempo todo. Já mais para o final da festa, Brenda, que estava bebendo champanhe tal como seu tio Leo, dançou sozinha um tango à Rita Hayworth, e na outra ponta do salão Julie adormeceu em cima de umas samambaias que ela retirara da mesa central e transformara em colchão. Uma sensação de entorpecimento foi tomando meu palato duro, e às três da manhã havia gente dançando de casaco, senhoras descalças embrulhando fatias de bolo em guardanapos para o almoço dos filhos, e por fim Gloria Feldman veio até a nossa ponta da mesa e perguntou, com a maior cara-de-pau: “Mas sim, sua sabe-tudo de Radcliffe, o que foi que você ficou fazendo durante o verão?”.

“Cultivando um pênis.”

Gloria sorriu e afastou-se tão repentinamente quanto havia se aproximado, e sem mais uma palavra Brenda saiu, trôpega, em direção ao banheiro, para enfrentar as conseqüências dos excessos etílicos. Tão logo ela se levantou Leo instalou-se a meu lado, com uma taça na mão e uma garrafa de champanhe, cheia, na outra.

“Nenhum sinal dos noivos?”, disse ele, com ar lascivo. A essa altura, já havia perdido quase todas as consoantes, e tentava fazer o possível apenas com as vogais longas e úmidas. “Pois você agora é o próximo, garoto, as cartas não mentem jamais... Você não é bobo, não...” E apunhalou-me com o gargalo da garrafa, despejando champanhe no meu

smoking alugado. Aprumou-se, despejou mais champanhe na mão e na taça, mas então de repente parou. Estava olhando para as luzes escondidas sob um longo arranjo de flores que enfeitava a frente da mesa. Sacudiu a garrafa, como se para fazer o champanhe espumar. “O filho-da-puta que inventou a lâmpada fluorescente tinha mais era que morrer!” Largou a garrafa na mesa e bebeu.

No palco, Harry Winters fez sinal para que seus músicos parassem. O baterista levantou-se, espreguiçou-se e todos começaram a abrir os estojos e guardar os instrumentos. Na pista de dança, parentes, amigos, sócios seguravam-se uns aos outros na cintura e nos ombros, e crianças pequenas abraçavam as pernas dos pais. Dois meninos corriam, entrando e saindo da multidão, gritando, brincando de pique, até que um deles foi agarrado por um adulto, que lhe deu umas boas palmadas no traseiro. Ele começou a chorar, e um a um os casais foram saindo da pista. Nossa mesa era um caos de coisas esmagadas: guardanapos, frutas, flores; havia garrafas de uísque vazias, samambaias murchas, pratos com restos de musse de cereja, cada vez mais grudentos com o passar das horas. E, na extremidade da mesa, o sr. Patimkin estava sentado ao lado de sua esposa, segurando sua mão. Em frente a eles, em duas cadeiras que haviam sido trazidas para lá, estavam o sr. e a sra. Ehrlich. Falavam em voz baixa e tranqüila, como se se conhecessem de longa data. Tudo agora havia desacelerado, e de vez em quando alguém se aproximava dos Patimkin e dos Ehrlich e lhes desejava *mazel tov*, e depois saíam, arrastando a família, para a noite de setembro, uma noite de frio e vento, como alguém comentou, o que me fez pensar que em breve chegariam o inverno e a neve.

“Elas não acabam nunca, essas coisas, você sabe.” Leo estava apontando para as luzes fluorescentes que brilhavam através das flores. “Duram anos. Se eles quisessem, faziam um carro assim, que não gastasse nunca. No verão, ele queimava a água, no inverno, neve. Mas eles não fazem, os chefões... Olha pra mim”, disse Leo, espirrando champanhe no paletó. “Eu vendo uma lâmpada boa. O tipo de lâmpada que eu vendo, você não compra em qualquer lugar, não. É uma lâmpada de qualidade. Mas eu sou um João-ninguém. Nem carro eu tenho. Sou irmão dele, e não tenho nem mesmo um carro. Só ando de trem. Sou o único cara que eu conheço que gasta três pares de galochas todo inverno. A maioria das pessoas compra uma nova quando perde a velha. Eu, não;

eu gasto, que nem sapato. Olha”, acrescentou, inclinando-se em minha direção, “eu podia vender uma lâmpada de merda, não ia sofrer por causa disso. Mas não é um bom negócio.”

Os Ehrlich e os Patimkin se levantaram, arrastando as cadeiras, e foram saindo, menos o sr. Patimkin, que veio em direção a nós.

Deu um tapa nas costas de Leo. “E aí, como é que você tem passado, seu *shtarke*?”

“Tudo azul, Ben. Tudo azul...”

“Você se divertiu?”

“Foi uma festa e tanto, Ben, deve ter custado uma nota preta, ora se não custou...”

O sr. Patimkin riu. “Quando preparo meu imposto de renda eu sempre consulto o Leo. Ele sabe exatamente quanto eu gastei... Quer uma carona até em casa?”, perguntou a mim.

“Não, obrigado. Estou esperando a Brenda. Nós vamos no meu carro.”

“Boa noite”, disse o sr. Patimkin.

Vi-o descer da plataforma onde ficava a mesa central e seguir em direção à saída. Agora as únicas pessoas no salão — nos destroços do salão — eram eu, Leo e a mulher e a filha dele, que dormiam, ambas, tendo como travesseiro uma toalha de mesa amassada, numa mesa junto da pista de dança. Nada de Brenda.

“Quem tem, tem”, disse Leo, esfregando os dedos, “e pode falar grosso. Gente como eu, hoje em dia, é desnecessária. Vendedor? Eles cospem em cima. Você vai no supermercado e compra qualquer coisa lá. A minha mulher faz as compras num que tem até lençol e fronha. Imagina só, uma mercearia! Pois eu vendo pra posto de gasolina, fábrica, pequena empresa, por toda a Costa Leste. Eu podia perfeitamente vender pro sujeito do posto de gasolina uma lâmpada de merda que uma semana depois já está queimada. Aquela que fica dentro da bomba de gasolina é dessa que eu estou falando, é uma lâmpada especial. Uma lâmpada industrial. Pois é. Você vende pra ele uma lâmpada de merda, e uma semana depois ele põe uma lâmpada nova, e na hora em que ele está atarraxando a lâmpada ele ainda se lembra do seu nome. Comigo, não. Eu vendo lâmpada de qualidade. Dura um mês, cinco semanas, só aí é que começa a piscar, e você ainda tem mais uns dois dias, ela fica meio fraca, mas de qualquer jeito cego você não fica.

Ela agüenta, é uma lâmpada de qualidade. Antes mesmo dela queimar você percebe que ela está escurecendo, aí você já tira e põe uma nova. O que as pessoas não querem é isso: uma hora o sol está de fora, de repente é noite fechada. Não, basta ela ficar fraquinha por uns dias que as pessoas já não acham tão ruim. Ninguém nunca joga fora a minha lâmpada — as pessoas guardam, porque na hora do aperto dá pra quebrar um galho. Às vezes eu pergunto pro cliente: você alguma vez já jogou fora uma lâmpada que você comprou do Leo Patimkin? Tem que ter psicologia. É por isso que eu vou pagar a faculdade da minha filha. Hoje em dia, quem não tem um pouco de psicologia está ferrado...”

Levantou o braço e apontou para sua esposa; então afundou na cadeira. “Aaah!”, exclamou, e bebeu meia taça de champanhe. “Vou te contar, eu vou até New London, Connecticut. Chego até lá, e quando volto pra casa, de noite, primeiro eu dou uma paradinha pra tomar umas e outras. Martíni. Eu tomo dois, às vezes três. Está na conta, não é? Mas pra essa aí, beber um gole ou uma banheira inteira é a mesma coisa. Ela diz que não está certo eu chegar em casa cheirando, por causa da menina. A menina ainda é um bebê, pelo amor de Deus, e ela acha que eu fico com cheiro. Um homem de quarenta e oito anos com uma filha de três anos! Essa menina vai acabar me dando uma trombose. Minha mulher quer que eu chegue em casa cedo e fique brincando com a menina antes dela ir para cama. Vem pra casa, diz ela, que *eu* preparo um drinque pra você. Ha! Eu passo o dia inteiro sentindo cheiro de gasolina, enfiando a cara dentro de capô de carro com um polaco sujo de graxa em New London, tentando enfiar uma droga numa lâmpada no bocal — eu mesmo atarraxo, eu digo a eles — e ela acha que eu quero chegar em casa e tomar um martíni servido num copo de geléia! Por quanto tempo você vai ficar freqüentando bar? ela me pergunta. Até o dia em que uma moça judia for eleita Miss Alemanha!

“Olha”, ele prosseguiu depois de mais uma taça, “eu gosto da minha filha tanto quanto o Ben gosta da Brenda. Não é que eu não queira brincar com ela. Mas se eu brinco com a menina e depois de noite eu me deito com a minha mulher, ela não pode ficar esperando grandes coisas de mim. É uma coisa ou outra. Eu não sou galã de cinema, não.”

Leo contemplou a taça vazia e colocou-a na mesa; pegou a garrafa e bebeu champanhe no gargalo, como se fosse refrigerante. “Quanto você acha que eu ganho por semana?”, ele indagou.

“Não sei.”

“Chuta.”

“Cem dólares.”

“Cem dólares, sim, e amanhã eles vão soltar os leões da jaula lá no Central Park. Quanto você acha que eu ganho?”

“Não faço idéia.”

“Um chofer de praça ganha mais que eu. Falando sério. O irmão da minha mulher é chofer de praça, e mora em Kew Gardens. Ele não engole desaforo, não; chofer de praça é fogo. Semana passada teve uma noite que choveu e eu pensei: ah, que diabo, vou pegar um táxi. Eu tinha passado o dia inteiro em Newton, Massachusetts. Normalmente eu não vou tão longe, mas naquele dia, de manhã, no trem, eu pensei: não, segue mais um pouco adiante, só pra variar. E o tempo todo eu sabia que estava me enganando. Não ia compensar nem o gasto adicional em transporte. Mas eu segui adiante. E de noite eu ainda tinha umas duas caixas comigo, e aí, quando o táxi parou, lá na Grand Central Station, foi como se uma voz dentro de mim me dissesse pra entrar. Eu até joguei as caixas de lâmpadas lá dentro, não estava nem aí se uma delas quebrasse. Aí o chofer vira pra mim e diz: o que é que você quer fazer, hein, meu chapa, rasgar o couro? Esse banco é novinho em folha. Não, respondi. Jesus Cristo, diz ele, me aparece cada um. Eu entro no carro e digo pra ele o endereço, no Queens, e era pra ele calar a boca, mas não, ele ataca de Jesus Cristo até o fim da viagem. Dentro do táxi está quente, aí eu abro a janela, e ele vira pra trás e me diz: O que é que você quer, hein, me fazer pegar um resfriado? Eu estou saindo de uma porra de um resfriado...” Leo olhou para mim com olhos vermelhos. “Esta cidade é uma loucura! Se tivesse um dinheirinho eu ia embora daqui na mesma hora. Eu ia pra Califórnia. Lá faz tanto sol, nem precisa de lâmpada. Eu fui à Nova Guiné no tempo da guerra, e o navio saiu de San Francisco. Foi *essa*”, exclamou, “foi essa a outra coisa boa que aconteceu comigo, aquela noite que eu passei em San Francisco com uma tal de Hannah Schreiber. São as duas coisas, você me perguntou e eu estou dizendo — o apartamento que a minha sogra arranhou pra gente e essa tal de Hannah Schreiber. Uma noite, só isso. Eu fui num baile no B’nai Brith pra soldados, no porão de um templo enorme, e conheci ela. Eu não era casado na época, por isso não faz cara feia pra mim, não.”

“Não fiz nada.”

“Ela tinha um quartinho legal, só dela. Ela estudava na escola normal. Eu já sabia que aquilo ia dar em alguma coisa porque ela me deixou pôr a mão dentro da anágua dela no táxi. Quem ouve até pensa que eu vivo andando de táxi. No máximo, mais umas duas vezes na minha vida. Pra falar com franqueza, eu nem gosto. Eu fico o tempo todo olhando pro taxímetro. Nem mesmo prazer eu não consigo ter!”

“Mas e a Hannah Schreiber?”

Ele sorriu, e um dente de ouro brilhou. “Um nome e tanto, não é? Era só uma menina, mas já tinha nome de velha. No quarto, ela diz pra mim que acredita em amor oral. Ainda ouço ela dizendo: Leo Patimkin, eu acredito no amor oral. E eu sei lá o que ela quer dizer com isso. Fiquei achando que ela era da Ciência Cristã, uma dessas seitas. Aí eu disse: Mas e os soldados, gente que vai pro estrangeiro e que pode até morrer, Deus me livre.” Ele deu de ombros. “Eu não era o sujeito mais esperto do mundo, não. Mas isso já faz quase vinte anos, eu ainda era um fedelho. Vou te contar — uma vez na vida, outra na morte, a minha mulher... sabe, ela faz comigo o que a Hannah Schreiber fez. Eu não gosto de forçar, ela trabalha muito. Isso pra ela é como andar de táxi para mim. Eu não forço ela, não. Eu ainda me lembro de todas as vezes, sou capaz de apostar. Teve uma que foi depois do *seder*, minha mãe ainda era viva, que repouse em paz. Minha mulher tinha tomado muito vinho Mogen David. Aliás, *duas vezes* depois do *seder*. Aaaah! Tudo de bom na minha vida dá pra contar nos dedos de uma mão! Se alguém me deixar um milhão de dólares, Deus me livre, eu não vou nem ter que tirar o sapato. Tem a outra mão todinha ainda.”

Apontou para as lâmpadas fluorescentes com a garrafa de champanhe quase vazia. “Isso aí é luz? Isso lá é luz pra se *ler*? É roxa, pelo amor de Deus! Metade dos cegos do mundo estragaram a vista por causa dessas porcarias. Sabe quem está por trás disso? Os oculistas! Falando sério, se alguém me pagasse duzentos dólares por todo o meu estoque e meu território, eu vendia tudo amanhã. Isso mesmo, Leo A. Patimkin, que cursou um semestre de contabilidade, estudando à noite no City College, vende o equipamento, o território e a freguesia. Eu pago três centímetros do *Times*. O território é daqui até o resto do mundo. Eu vou aonde quiser, sou dono do meu nariz, ninguém me diz o que fazer. Sabe aquela frase da Bíblia? ‘Faça-se a luz — e eis o Leo Patimkin!’ É a minha marca registrada, eu vendo isso também. Eu digo esse slogan pra eles, e

os polacos ficam achando que estou inventando. O que adianta você ser inteligente se você não está com a faca e o queijo na mão! Eu tenho mais inteligência no meu dedinho mínimo do que o Ben tem no cérebro todo dele. Por que é que ele está por cima e eu estou por baixo? *Por quê?! Vá por mim, quem nasce com sorte tem sorte!*” E, com essa explosão, calou-se.

Tive a impressão de que ele ia chorar, por isso inclinei-me em sua direção e sussurrei: “Melhor o senhor ir pra casa”. Ele concordou, mas tive de levantá-lo da cadeira e guiá-lo pelo braço até a mulher e a filha. Foi impossível acordar a menina, e Leo e Bea pediram que eu ficasse tomando conta dela enquanto eles iam pegar os casacos no saguão. Quando voltaram, Leo parecia ter conseguido de algum modo voltar ao plano da comunicação humana. Apertou minha mão com muito sentimento. Fiquei bastante emocionado.

“Você vai longe”, disse-me ele. “Você é um garoto inteligente, você não vai fazer bobagem. Não vá estragar tudo.”

“Não vou, não.”

“A próxima vez que a gente se encontrar vai ser o *seu* casamento”, e piscou para mim. Bea permaneceu parada a seu lado, murmurando “até logo” sem parar enquanto ele falava. Ele apertou minha mão outra vez, depois pegou a criança na cadeira e foram andando em direção à porta. Vistos de trás, com ombros arredondados, cabisbaixos, carregando a criança, pareciam estar fugindo de uma cidade capturada.

Brenda, constatei, estava dormindo num sofá no saguão. Eram quase quatro horas, e nós dois e mais o recepcionista éramos as únicas pessoas no saguão do hotel. De início, não acordei Brenda, pois ela estava pálida e abatida, e eu sabia que ela havia vomitado. Sentei-me a seu lado, prendendo seu cabelo atrás das orelhas. Como conhecê-la? eu me perguntava, pois enquanto ela dormia fiquei pensando que tudo que eu sabia a seu respeito era o que se podia ver numa fotografia. Sacudi-a de leve e, semi-adormecida, ela foi andando a meu lado até o carro.

O dia já estava quase nascendo quando saímos do Lincoln Tunnel em Nova Jersey. Deixei só os faroletes ligados e segui em direção ao Turnpike, vendo à minha frente os pântanos que se espalhavam por quilômetros e quilômetros, úmidos, sujos, fedorentos, como um cochilo de Deus. Pensei naquele outro cochilo, Leo Patimkin, meio-irmão de Ben. Dentro de poucas horas ele estaria num trem seguindo para o norte,

e quando passasse por Scarsdale e White Plains daria um arrote, sentiria gosto de champanhe e deixaria que o sabor permanecesse na boca. No banco a seu lado, como se fosse outro passageiro, estariam as caixas de lâmpadas. Ele saltaria em New London, ou então, inspirado pelo encontro com o meio-irmão, mais uma vez seguiria adiante, na esperança de ter sorte mais ao norte. Pois o mundo era o território de Leo, todas as cidades, todas as estradas federais ou locais. Ele podia ir até a Terra Nova se quisesse, até a baía de Hudson, até a Última Tule, e depois descer deslizando o outro lado do globo e ir bater nas janelas cobertas de geada das estepes russas, se quisesse. Só que não ia fazer isso. Estava com quarenta e oito anos e havia aprendido. Ele buscava o desconforto e o sofrimento, sem dúvida, mas quem já estava com o coração pesado ao chegar em New London não podia esperar nada de muito pior em Vladivostok.

No dia seguinte, o vento anunciava a chegada do outono, e os galhos do salgueiro-chorão riscavam o gramado da frente da casa dos Patimkin. Levei Brenda à estação rodoviária ao meio-dia, e ela me deixou.

O OUTONO CHEGOU DEPRESSA. Fazia frio, e em Nova Jersey as folhas mudaram de cor e caíram da noite para o dia. No sábado seguinte, subi a serra para ver os veados, e nem sequer saí do carro, pois estava frio demais para ir até a cerca; assim, fiquei vendo os animais a andar e correr na penumbra do final de tarde, e depois de algum tempo tudo, até mesmo os objetos da natureza, as árvores, as nuvens, a grama, o mato, me fazia pensar em Brenda, e então voltei para Newark. Já havíamos trocado nossas primeiras cartas, e uma vez eu lhe telefonara tarde da noite, mas nas cartas e pelo telefone sentíamos uma certa dificuldade em nos descobrir um ao outro; ainda não tínhamos encontrado o estilo certo. Naquela noite liguei para ela outra vez, e alguém que morava no mesmo andar do alojamento disse que ela havia saído e só voltaria tarde.

Ao voltar à biblioteca, fui interrogado pelo sr. Scapello a respeito do livro sobre Gauguin. O homem da papada tinha mesmo mandado uma carta desaforada a respeito da minha falta de educação, e só consegui livrar a pele contando uma história confusa num tom de indignação. Aliás, consegui dar tamanha volta que no final o sr. Scapello era quem estava pedindo desculpas a mim enquanto me conduzia a meu novo posto, em meio a enciclopédias, bibliografias, índices e guias. Minha agressividade surpreendeu a mim mesmo, e ocorreu-me que talvez eu a tivesse aprendido com o sr. Patimkin naquela manhã em que ele disse poucas e boas para o sr. Grossman pelo telefone. Era possível que eu tivesse mais jeito para comerciante do que imaginava. Talvez eu pudesse aprender a me tornar um Patimkin com facilidade...

Os dias passavam devagar; nunca mais voltei a ver o garoto de cor, e quando, uma vez, fui à seção de arte, o livro de Gauguin não estava lá; pelo visto o papudo finalmente conseguira retirá-lo. Como teria sido o dia em que o garoto descobriu que o livro não estava lá? Teria chorado? Por algum motivo, imaginei que ele havia posto a culpa em mim, mas depois me dei conta de que estava confundindo aquele meu sonho com a realidade. Talvez ele tivesse descoberto outro artista, Van Gogh, Vermeer... Mas não, esses não faziam o gênero dele. O mais provável

era que ele desistira da biblioteca e voltara a bancar Willie Mays nas ruas. Melhor para ele assim, pensei. Não adianta sonhar com o Taiti se você não tem dinheiro para ir para lá.

Vamos ver — o que mais eu fazia? Eu comia, dormia, ia ao cinema, encaminhava ao encadernador os livros que estavam com a lombada quebrada — fazia todas as coisas que eu sempre fizera antes, porém agora havia uma cerca em torno de cada atividade, que existia por si só, e minha vida consistia em saltar de uma cerca para a próxima. Não havia fluxo; o fluxo fora Brenda.

E então Brenda escreveu dizendo que iria voltar para passar os feriados judaicos, o que aconteceria na semana seguinte. Fiquei tão exultante que senti vontade de ligar para o sr. e a sra. Patimkin, só para lhes dizer como eu estava feliz. Quando, porém, peguei o telefone e disquei os dois primeiros números, me dei conta que do outro lado só haveria silêncio; se alguém dissesse alguma coisa, seria apenas a sra. Patimkin a perguntar: “O que é que você quer?”. O sr. Patimkin provavelmente já teria esquecido meu nome.

Naquela noite, depois do jantar, dei um beijo em tia Gladys e disse-lhe que ela não devia trabalhar tanto.

“Daqui a uma semana é Rosh Hashaná, e ele acha que eu devia tirar férias. Dez pessoas, eu vou receber. O que é que você pensa, que a galinha se limpa sozinha? Graças a Deus que os grandes feriados são só uma vez por ano, senão eu ia ficar velha antes do tempo.”

Mas, no final das contas, eram só nove pessoas que tia Gladys ia receber, pois dois dias depois da carta Brenda telefonou.

“Oy, *Got!*”, exclamou minha tia. “É *interurbano!*”

“Alô?”, atendi.

“Alô, amor?”

“Sou eu”, respondi.

“O que é?” Tia Gladys puxava minha camisa. “O que é?”

“É pra mim.”

“Quem?” Tia Gladys apontava para o fone.

“Brenda”, disse eu.

“Sim?”, disse Brenda.

“Brenda?”, perguntou tia Gladys. “Por que ela tem que ligar interurbano, eu quase tive um infarto.”

“Ela está em Boston”, expliquei. “Por favor, tia Gladys...”

E tia Gladys afastou-se, resmungando: “Esses meninos...”,
“Alô”, repeti ao telefone.
“Neil, como você está?”
“Eu te amo.”
“Neil, uma má notícia. Não vou poder vir esta semana.”
“Mas meu bem, são os feriados judaicos.”
“Meu amor”, ela riu.
“Você não pode dar isso como desculpa?”
“Eu tenho prova no sábado, e tenho que escrever um trabalho, e você sabe que se eu for pra casa eu não vou fazer nada...”
“Vai, sim.”
“Neil, eu realmente não posso. Minha mãe ia me obrigar a ir ao Templo, e eu nem ia ter tempo pra ver você.”
“Ah, meu Deus, Brenda.”
“Querido?”
“Sim?”
“Não dava pra você vir aqui?”, ela pediu.
“Eu estou trabalhando.”
“Nos feriados judaicos”, disse ela.
“Meu bem, não posso. Ano passado eu trabalhei nos feriados, e não dá pra de repente...”
“Você pode dizer que se converteu.”
“Além disso, minha tia vai receber toda a família, você sabe que com os meus pais...”
“Vem pra cá, Neil.”
“Eu não posso tirar dois dias, Bren. Eu acabo de ser promovido e receber um aumento...”
“Dane-se o aumento.”
“Meu bem, é o meu emprego.”
“Pra sempre?”, perguntou ela.
“Não.”
“Então vem. Eu reservei um quarto de hotel.”
“Pra mim?”
“Pra nós.”
“Você pode fazer isso?”
“Poder, não posso, mas todo mundo faz.”
“Brenda, você está me tentando.”

“Caia na tentação.”

“Eu podia pegar o trem na quarta-feira, direto depois do trabalho.”

“Você podia ficar até domingo à noite.”

“Bren, não dá. Mesmo assim eu vou ter que voltar no sábado.”

“Você *nunca* tira folga?”, ela perguntou.

“Às terças”, respondi, melancólico.

“Meu Deus.”

“E domingos”, acrescentei.

Brenda disse alguma coisa, mas não a ouvi, porque tia Gladys gritou: “Vocês vão ficar o dia inteiro falando no interurbano?”.

“Silêncio!”, gritei para ela.

“Neil, você vem?”

“Que diabo, vou, sim”, respondi.

“Você está zangado?”

“Acho que não. Eu vou, sim.”

“Até domingo.”

“A gente se vê.”

“Não fica aborrecido, Neil. Você parece estar aborrecido. São os feriados judaicos. Quer dizer, você tem *direito*.”

“Isso mesmo”, respondi. “Eu sou judeu ortodoxo, pelo amor de Deus, tenho mais é que aproveitar.”

“Isso mesmo”, ela disse.

“Tem um trem por volta das seis?”

“Tem de hora em hora, eu acho.”

“Então eu pego o das seis.”

“Vou estar na estação”, disse ela. “Como é que vou reconhecer você?”

“Vou estar disfarçado de judeu ortodoxo.”

“Eu também”, disse ela.

“Boa noite, amor”, disse eu.

Tia Gladys chorou quando eu lhe disse que ia viajar no Rosh Hashaná.

“E eu estava preparando um grande almoço”, disse ela.

“Pode preparar assim mesmo.”

“O que é que eu vou dizer pra sua mãe?”

“Eu falo com ela, tia Gladys. Por favor. A senhora não tem o direito

de ficar tão aborrecida...”

“Algum dia você vai ter uma família e você vai entender.”

“Eu já tenho família.”

“Mas que coisa”, disse ela, assoando o nariz. “Será que essa menina não podia ficar com a família dela? São os feriados.”

“Ela tem aula, não pode...”

“Se ela amasse a família dela, ela dava um jeito. A gente não vive seiscentos anos.”

“Ela ama a família, sim.”

“Então um dia por ano você pode fazer um sacrifício e visitar a família.”

“Tia Gladys, a senhora não entende.”

“Claro”, retrucou ela. “Quando eu tiver vinte e três anos eu vou entender tudo.”

Fui beijá-la e ela disse: “Sai de perto de mim, vai logo pra Boston...”.

No dia seguinte, constatei que o sr. Scapello também não queria que eu viajassem no Rosh Hashaná, mas consegui abalá-lo, creio eu, dando a entender que ele não queria me dar dois dias de folga por uma questão de anti-semitismo disfarçado, e assim, de modo geral, com ele foi mais fácil lidar. Na hora do almoço, fui à Pennsylvania Station e peguei a tabela de horário dos trens para Boston. Seria a minha leitura de cabeceira nas três noites seguintes.

Ela não parecia Brenda, pelo menos no primeiro minuto. E é provável que, para ela, eu também não parecesse eu. Mas nos beijamos e abraçamos, e foi estranho sentir a espessura dos nossos casacos entre nós.

“Estou deixando meu cabelo crescer”, disse ela no táxi, e depois não disse mais nada. Foi só quando a ajudei a sair do carro que percebi a fina aliança de ouro em sua mão esquerda.

Ela ficou para trás, andando de um lado para outro no saguão, enquanto eu assinava no registro: “Sr. e sra. Neil Klugman”, e depois, já no quarto, nos beijamos outra vez.

“Seu coração está disparado”, eu disse a ela.

“Eu sei”, ela respondeu.

“Você está nervosa?”

“Não.”

“Você já fez isso antes?”, perguntei.

“Eu li a Mary McCarthy.”

Brenda tirou o casaco e, em vez de guardá-lo no armário, jogou-o sobre a cadeira. Sentei-me na cama; ela não o fez.

“O que foi?”

Brenda respirou fundo e andou até a janela, e pensei que talvez o melhor a fazer fosse não perguntar nada — para que um se acostumassem com a presença do outro em silêncio. Pendurei nossos casacos no armário vazio e deixei as malas — a minha e a dela — em pé ao lado da cama.

Brenda estava ajoelhada na cadeira, virando-se para trás, olhando pela janela como se tivesse vontade de estar lá fora. Aproximei-me dela por detrás, abracei-a e segurei-lhe os seios, e quando senti a aragem fria que entrava por debaixo do peitoril me dei conta do tempo que havia passado desde a primeira noite quente em que a abracei e senti as minúsculas batendo em suas costas. E então percebi o verdadeiro motivo que me trouxera a Boston — a coisa havia durado demais. Era tempo de parar de brincar com aquela história de casamento.

“Tem algum problema?”, perguntei.

“Tem.”

Não era essa a resposta que eu esperava; na verdade, eu não queria resposta nenhuma, queria apenas tranquilizar seu nervosismo mostrando que eu estava atento.

Porém perguntei: “O que foi? Por que você não falou pelo telefone?”.

“Só aconteceu hoje.”

“Na faculdade?”

“Em casa. Eles estão sabendo de nós.”

Virei o rosto dela para o meu. “Tudo bem. Eu também contei pra minha tia que estava vindo pra cá. Qual a diferença?”

“Do que aconteceu no verão. Que nós dormimos juntos.”

“Ah?”

“Sim.”

“...O Ron?”

“Não.”

“Naquela noite, então, foi a Julie...”

“Não”, ela respondeu, “não foi *ninguém*.”

“Não entendi.”

Brenda andou até a cama e sentou-se na beira. Eu me instalei na cadeira.

“Minha mãe descobriu a coisa.”

“O diafragma?”

Ela fez que sim.

“Quando?”, perguntei.

“Acho que foi agora.” Andou até a cômoda e abriu a bolsa. “Toma, leia na ordem em que eu recebi.” Jogou o envelope para mim; estava amassado, com as bordas sujas, como se tivesse entrado e saído dos bolsos de Brenda muitas vezes. “Recebi esta hoje de manhã”, ela acrescentou. “Entrega especial.”

Tirei a carta e li:

PIAS DE COZINHA E BANHEIRO PATIMKIN

Qualquer Tamanho — Qualquer Forma

Querida Brenda:

Não ligue para a carta da sua Mãe quando você receber. Eu adoro você meu amor se você quiser um Casaco eu compro um Casaco para você. Você sempre teve tudo que você quisesse. Nós temos muita fé em você e por isso não fica muito aborrecida com o que a sua mãe diz na carta dela. É claro que ela está um pouco histérica por causa do choque e ela está trabalhando muito para a Hadassah. Ela é Mulher e é difícil para ela compreender alguns choques desta vida. É claro que eu não vou dizer que nós todos não ficamos surpresos porque desde o começo eu tratei ele muito bem e achei que ele ia gostar das Férias que a gente proporcionou a ele. Tem Pessoas que não fazem o que a gente imagina que elas vão fazer mas eu estou disposto a perdoar e dizer que são águas passadas, até agora Buck você sempre foi muito boa menina e tirou boas notas na Escola e Ron sempre foi o que a gente queria um bom menino, o mais importante, um menino direito. A essa altura da vida não vou começar a odiar meus próprios filhos. Quanto ao seu erro, quando um não quer dois não erram e agora que você está na Faculdade e longe dele e da história em que você se meteu tudo vai acabar bem. Tenho muita fé em você. A gente tem que ter fé nos filhos que nem na Empresa ou qualquer coisa importante e não tem nada que seja tão mau que a gente não pode perdoar principalmente quando é os filhos da gente. Nós temos uma Família unida e por quê não???? Aproveite bem os Feriados e no

Templo eu vou rezar por você como rezo todo ano. Na Segunda eu quero que você vá a Boston para comprar um casaco tudo que você precisar porque sei como é que aí fica frio... Dê um abraço na Linda e não esqueça de trazer ela com você no dia de Ação de Graças como no ano passado. Vocês duas se divertiram muito. Eu nunca falei nada de mau de nenhum dos seus amigos nem do Ron e assim essa história é a exceção que prova a Regra. Bons Feriados.

SEU PAI

A carta estava assinada BEN PATIMKIN, mas o nome estava riscado, e embaixo de “Seu pai” estava escrito outra vez, como se fosse um eco: “Seu pai”.

“Quem é Linda?”, perguntei.

“Minha companheira de quarto no ano passado.” Brenda jogou outro envelope para mim. “Toma. Essa eu recebi de tarde. Correio aéreo.”

A carta era da mãe de Brenda. Comecei a lê-la e parei por um momento. “Esta você recebeu *depois*?”

“Foi”, disse ela. “Quando recebi a dele, eu não entendi nada. Leia a dela.”

Recomecei a leitura.

Querida Brenda:

Nem sei como começar. Passei toda a manhã chorando e nem fui à reunião do conselho hoje à tarde porque meus olhos estão vermelhos. Nunca imaginei que uma coisa assim fosse acontecer com uma filha minha. Espero que você entenda o que eu quero dizer, que pelo menos a sua consciência esteja pesada, para que eu não tenha que degradar a nós duas com um relato. Só posso dizer que hoje de manhã, quando estava limpando as gavetas e guardando suas roupas de verão, encontrei uma coisa na gaveta de baixo, *debaixo* de umas suéteres que você provavelmente se lembra de ter deixado lá. Chorei na mesma hora e não parei de chorar desde então. Seu pai telefonou ainda há pouco e agora ele está vindo para casa porque percebeu como eu estava arrasada pelo telefone.

Não sei o que foi que nós fizemos para você nos recompensar desse jeito. Nós lhe demos uma casa boa e todo o amor e respeito de que uma criança precisa. Quando você era pequena, eu tinha muito orgulho de ver que você sabia se cuidar tão bem. Você cuidava da Julie com tanto

carinho que dava prazer ver, quando você tinha apenas catorze anos. Mas você foi se afastando da família, apesar de nós matricularmos você nas melhores escolas e lhe darmos tudo do bom e do melhor. Por que você nos recompensa dessa maneira, é uma pergunta que vou levar comigo para o túmulo.

Com relação ao seu amigo, nem tenho o que dizer. Os pais dele é que são responsáveis e não posso imaginar que espécie de criação ele teve para agir assim. Que bela maneira de retribuir a hospitalidade com que nós o recebemos, apesar de ele ser totalmente desconhecido para nós. Nunca, em toda minha vida, vou poder compreender como vocês dois foram capazes de fazer o que fizeram na nossa própria casa. Sem dúvida, o mundo mudou desde meu tempo de menina, para uma coisa assim poder acontecer. Eu fico me perguntando se você ao menos pensou em nós enquanto fazia isso. Nem falo em mim, mas como que você pôde fazer isso com seu pai? Que Deus não permita que a Julie fique sabendo do que aconteceu.

Só Deus sabe o que você tem feito todos esses anos em que nós confiamos em você.

Você partiu os corações dos seus pais, e é importante que você saiba disso. É assim que você nos agradece por tudo que nós lhe demos.

MAMÃE

Ela assinou “Mamãe” apenas uma vez, e numa letra extraordinariamente minúscula, como se fosse um sussurro.

“Brenda”, eu disse.

“O quê?”

“Você está começando a chorar?”

“Não. Já chorei.”

“Não comece outra vez.”

“Estou tentando, pelo amor de Deus.”

“Está bem... Brenda, posso lhe perguntar uma coisa?”

“O quê?”

“Por que você deixou o negócio na sua casa?”

“Porque não imaginei que íamos precisar dele aqui, só por isso.”

“E se eu viesse visitar você? Aliás, eu vim visitar você. E aí?”

“Eu imaginei que ia passar em casa antes disso.”

“E não dava para você trazer? Como se fosse uma escova de dentes?”

“Você está tentando fazer graça?”

“Não. Estou só perguntando por que você deixou ele em casa.”

“Eu já disse”, Brenda explicou. “Eu achei que ia passar em casa antes.”

“Mas, Brenda, isso não faz sentido. Imagine se você passasse em casa e depois voltasse pra cá. Dessa vez você não teria trazido?”

“Não sei.”

“Não fica zangada”, pedi.

“Você é que está zangado.”

“Estou aborrecido, não zangado.”

“Então eu também estou aborrecida.”

Não respondi, porém andei até a janela e olhei para fora. As estrelas e a lua estavam visíveis, prateadas e duras, e da janela dava para ver o campus de Harvard, onde as luzes pareciam tremeluzir quando as árvores à frente delas eram agitadas pelo vento.

“Brenda...”

“O quê?”

“Sabendo como é sua relação com sua mãe, não foi uma bobagem deixar isso em casa? Arriscado?”

“O que é que a minha relação com minha mãe tem a ver com isso?”

“Não dá pra você confiar nela.”

“Por quê?”

“Você não vê? Não dá.”

“Neil, ela estava só arrumando as gavetas.”

“Você não sabia que ela ia fazer isso?”

“Ela nunca fez isso antes. Não sei, talvez já tenha feito, sim. Neil, eu não posso pensar em tudo. Nós dormimos juntos todas as noites e ninguém ouviu nem percebeu...”

“Brenda, por que diabo você está confundindo as coisas de propósito?”

“Não estou, não!”

“O.K.”, respondi em voz baixa. “Está bem.”

“É você que está confundindo as coisas”, disse Brenda. “Você dá a entender que eu quis que ela encontrasse.”

Não respondi nada.

“Você realmente acha isso?”, ela perguntou depois que se passou um minuto inteiro sem ninguém dizer palavra.

“Não sei.”

“Ah, Neil, você está maluco.”

“Maluquice foi deixar aquele negócio lá.”

“Foi esquecimento.”

“Agora é esquecimento, antes tinha sido de propósito.”

“Foi esquecimento deixar na gaveta. Não foi esquecimento deixar lá em casa”, ela explicou.

“Brenda, meu amor, a coisa mais segura, mais inteligente, mais fácil, mais simples, teria sido trazer com você. É ou não é?”

“Não ia fazer diferença.”

“Brenda, essa é a discussão mais frustrante da minha vida!”

“Você insiste em dar a entender que eu *queria* que ela encontrasse. Você acha que eu preciso disso? Acha mesmo? Não posso nem mais voltar pra casa.”

“É mesmo?”

“É, sim!”

“Não é, não”, respondi. “Você pode voltar pra casa, sim — seu pai vai estar à sua espera com dois casacos e meia dúzia de vestidos.”

“E a minha mãe?”

“Vai ser a mesma coisa de sempre.”

“Não seja ridículo. Como é que posso encarar os dois!”

“Por que é você não pode encarar os dois? Você fez alguma coisa de errado?”

“Neil, encara a realidade da coisa, está bem?”

“Mas você *fez* alguma coisa de errado?”

“Neil, pra *eles* é errado. Eles são meus pais.”

“Mas *você* acha que é errado...?”

“Isso não importa.”

“Pra *mim*, importa, Brenda...”

“Neil, por que é que *você* confunde as coisas? Você está sempre me acusando de alguma coisa.”

“Ora, que diabo, Brenda, você é culpada de algumas coisas, sim.”

“O *quê*?”

“De deixar aquela droga daquele diafragma lá. Como é que você pode dizer que foi esquecimento!”

“Ah, Neil, não me venha com psicanálise barata!”

“Então por que foi que você fez isso? Você queria que ela

encontrasse!”

“Por quê?”

“Não sei, Brenda. *Por quê?*”

“Ah!”, ela exclamou, pegando o travesseiro e jogando-o de volta na cama.

“E agora, Bren?”, indaguei.

“O que você quer dizer com isso?”

“Exatamente isso. E agora?”

Ela se deitou na cama e escondeu o rosto.

“Não começa a chorar”, disse eu.

“Não vou chorar, não.”

Eu ainda estava com as cartas nas mãos, e tirei a do sr. Patimkin de dentro do envelope.

“Por que seu pai põe letra maiúscula em tantas palavras?”

Ela não respondeu.

“Quanto ao seu erro”, li em voz alta para Brenda, “quando um não quer dois não erram e agora que você está na Faculdade e longe dele e da história em que você se meteu tudo vai acabar bem. Tenho muita fé em você. Seu pai. Seu pai.”

Ela se virou e olhou para mim, mas em silêncio.

“Eu nunca falei nada de mau de nenhum dos seus amigos nem do Ron e assim essa história é a exceção que prova a Regra. Bons Feriados.” Parei; no rosto de Brenda não havia absolutamente nenhuma ameaça de lágrimas; de repente, sua expressão era sólida e decidida. “Bom, o que é que você vai fazer?”, perguntei.

“Nada.”

“Quem é que você vai levar pra casa no dia de Ação de Graças — a Linda?”, perguntei. “Ou eu?”

“Quem é que eu posso levar pra casa, Neil?”

“Não sei, quem é que você pode levar?”

“Eu posso levar você?”

“Não sei”, respondi. “Você pode?”

“Pára de repetir a pergunta!”

“Eu é que não posso dar a resposta.”

“Neil, seja realista. Depois disso tudo, eu posso levar você? Você pode imaginar nós todos sentados em volta da mesa?”

“Eu não posso se você não pode, e posso se você pode.”

“Você vai atacar de zen, é? Pelo amor de Deus!”

“Brenda, as escolhas não são minhas. Você pode levar a Linda ou então me levar. Você pode ir pra casa ou pode não ir pra casa. Essa é outra escolha. Aí você nem precisa se decidir se leva a mim ou a Linda.”

“Neil, você não entende. Eles continuam sendo meus pais. Eles me puseram nas melhores escolas, não é verdade? Eles me deram tudo que eu sempre quis, não é verdade?”

“É.”

“Então como é que eu posso não ir pra casa? Eu *tenho* que ir pra casa.”

“Por quê?”

“Você não entende. Os seus pais não te incomodam mais. Você tem sorte.”

“Tenho mesmo. Moro com uma tia maluca, isso é bom demais.”

“As famílias são diferentes. Você não entende.”

“Porra, eu entendo muito melhor do que você pensa. Eu entendo muito bem por que você deixou aquele troço lá. Você não entende? Será que não consegue entender?”

“Neil, o que é que você está dizendo! Você é que não entende. Você é que desde o início ficou me acusando de mil coisas. Você se lembra? Não é? Por que é que você não conserta os olhos? Por que é que você não conserta isso e aquilo? Como se fosse minha culpa eu poder consertar as coisas. Você sempre agia como se eu fosse fugir de você dali a um minuto. E agora você está fazendo isso de novo, me dizendo que eu deixei aquilo lá de propósito.”

“Eu amava você, Brenda, por isso eu me preocupava.”

“E eu amava você. Foi por isso que eu comprei aquela porcaria.”

Então nos demos conta do tempo verbal que tínhamos usado, e nos recolhemos a nós próprios, e ao silêncio.

Alguns minutos depois, peguei minha mala e vesti meu casaco. Acho que Brenda também estava chorando quando saí pela porta afora.

Em vez de pegar um táxi imediatamente, fui andando até Harvard Yard, aonde eu nunca tinha ido antes. Entrei por um dos portões e em seguida fui seguindo por um caminho para pedestres, sob a cansada folhagem outonal e o céu escuro. Tinha vontade de ficar sozinho, na escuridão; não porque quisesse pensar sobre alguma coisa, mas sim

porque, pelo menos por alguns minutos, eu não queria pensar em nada. Atravessei toda a praça e subi uma pequena ladeira, e então me vi diante da Biblioteca Lamont, e lembrei que Brenda me dissera uma vez que nos banheiros da biblioteca as pias eram da Patimkin. À luz do poste atrás de mim dava para ver meu reflexo no vidro da fachada do prédio. Lá dentro estava escuro e não havia nenhum aluno, nenhum bibliotecário. De repente tive vontade de largar minha mala, pegar uma pedra e jogá-la na vidraça, mas é claro que não fiz isso. Limitei-me a contemplar minha imagem no espelho em que a vidraça fora transformada por aquela iluminação. Eu era apenas aquela substância, pensei, aqueles membros, aquele rosto que via a minha frente. Eu olhava, mas meu exterior dizia pouco a respeito de meu interior. Senti vontade de poder dar a volta e passar para o outro lado do vidro, mais rápido do que a luz, do que o som, do que Herb Clark na partida inaugural, para me colocar atrás daquela imagem e apreender o que estaria olhando por trás daqueles olhos, fosse o que fosse. O que havia dentro de mim que transformara aquela perseguição e sofreguidão em amor, e depois o virara do avesso outra vez? O que havia transformado vitória em perda, e perda — quem sabe? — em vitória? Eu estava certo de que amara Brenda, embora naquele momento, diante da biblioteca, soubesse que não poderia amá-la mais. E sabia que levaria muito tempo para poder amar alguém da maneira como a amara. Com outra pessoa eu conseguiria sentir tanta paixão? O que gerara meu amor por ela havia gerado também tanta volúpia? Se ela fosse ao menos um pouco *menos* Brenda... mas nesse caso eu a teria amado? Olhei fixamente para a minha imagem naquele vidro escurecido, e então meu olhar o atravessou, passou por cima do chão frio e chegou a uma parede quebrada cheia de livros, com prateleiras imperfeitas.

Não fiquei muito mais tempo olhando, porém peguei o trem e cheguei a Newark no momento em que o sol estava nascendo no primeiro dia do Ano-Novo judaico. Eu tinha bastante tempo para chegar ao trabalho.

A CONVERSÃO DOS JUDEUS

“VOCÊ NÃO CONSEGUE ficar de boca fechada, hein?”, disse Itzie. “Por que é que você tem que abrir a boca o tempo todo?”

“Não fui eu que puxei o assunto, não, Itz, não fui eu, não”, disse Ozzie.

“Afim, o que é que você tem a ver com Jesus Cristo?”

“Não fui eu que falei em Jesus Cristo. Foi ele. Eu nem sabia do que é que ele estava falando. Jesus é um personagem histórico, ele repetia. Jesus é um personagem histórico.” Ozzie imitou a voz monumental do rabino Binder.

“Jesus foi uma pessoa que viveu, como eu ou você”, prosseguiu Ozzie. “Foi isso que o Binder disse...”

“É mesmo?... e daí! Pois eu estou me lixando se ele viveu ou não viveu. E por que é que você tem que abrir essa boca!” Itzie Lieberman era a favor de manter a boca fechada, especialmente quando se tratava das perguntas de Ozzie Freedman. A sra. Freedman já fora obrigada a ir falar com o rabino Binder duas vezes por conta das perguntas de Ozzie, e nesta quarta-feira, às quatro e meia, teria de fazê-lo pela terceira vez. Já Itzie preferia que sua mãe ficasse na cozinha; contentava-se em fazer comentários sutis quando os outros lhe davam as costas, em forma de gestos, caretas, rosnados e outros ruídos escatológicos menos delicados.

“Ele era uma pessoa de verdade, Jesus, mas não era como Deus, e a gente não acredita que ele é Deus.” Pouco a pouco, Ozzie estava explicando a posição do rabino Binder para Itzie, que havia faltado à aula de hebraico da véspera.

“Os católicos”, disse Itzie, cooperativo, “acreditam em Jesus Cristo, que ele é Deus.” Itzie Liebermann usava a expressão “os católicos” em seu sentido mais lato — que incluía os protestantes.

Ozzie recebeu o comentário de Itzie com um pequeno aceno de cabeça, como se fosse uma nota de rodapé, e continuou. “A mãe dele era Maria, e o pai provavelmente era José”, disse Ozzie. “Mas o Novo Testamento diz que o pai verdadeiro dele era Deus.”

“O pai *verdadeiro*?”

“É”, disse Ozzie, “aí é que está a coisa, o pai dele dizem que é Deus.”

“Conversa.”

“É o que o rabino Binder diz, que é impossível...”

“Claro que é impossível. Essa história toda é conversa. Pra ter um filho a mulher tem que trepar”, teologizou Itzie. “Maria teve que trepar.”

“É o que diz o Binder: ‘Uma mulher só pode ter um filho se tiver relações com um homem’.”

“Ele disse isso, Ozz?” Por um momento, parecia que Itzie havia deixado de lado a questão teológica. “Ele falou isso mesmo, relações?” Um pequeno sorriso curvo esboçou-se na metade inferior do rosto de Itzie, como um bigode rosado. “O que foi que vocês fizeram, Ozz, vocês riram ou o quê?”

“Eu levantei a mão.”

“É mesmo? E disse o quê?”

“Foi aí que eu fiz a pergunta.”

O rosto de Itzie iluminou-se. “O que foi que você perguntou — sobre as relações?”

“Não, eu fiz a pergunta sobre Deus, que se Ele foi capaz de criar o céu e a terra em seis dias, e de fazer todos os animais e os peixes e a luz em seis dias — principalmente a luz, isso é que sempre me deixou intrigado, isso dele criar a luz. Fazer os peixes e animais, isso é fantástico...”

“É fantástico, sim, pô.” A admiração de Itzie era sincera, porém pouco imaginativa: era como se Deus tivesse acabado de marcar um *home run*.

“Mas fazer a luz... Quer dizer, quando você pensa nisso, é mesmo incrível”, disse Ozzie. “Mas, pois é, aí eu perguntei pro Binder se Ele foi capaz de fazer tudo isso em seis dias, e se Ele *pôde escolher* os seis dias que Ele queria a partir do nada, então por que é que Ele não podia fazer uma mulher ter filho sem ter relações?”

“Você falou relações, Ozz, pro Binder?”

“Falei.”

“Em plena sala de aula?”

“Foi.”

Itzie deu um tapa na própria cabeça.

“Quer dizer, falando sério”, disse Ozzie, “isso era moleza. Depois daquelas outras coisas todas, isso aí era uma tremenda moleza.”

Itzie pensou por um momento. “O que foi que o Binder disse?”

“Ele começou a explicar mais uma vez que Jesus era um personagem histórico, que ele viveu como eu ou como você, mas que não era Deus.

Aí eu disse que compreendia isso. O que eu queria saber era outra coisa.”

O que Ozzie queria saber era sempre outra coisa. A primeira vez, ele quis saber como era que o rabino Binder podia dizer que os judeus eram “o Povo Eleito” se a Declaração de Independência afirmava que todos os homens eram criados iguais. O rabino Binder tentou estabelecer uma distinção entre igualdade política e legitimidade espiritual, mas o que Ozzie queria saber, ele insistiu com veemência, era outra coisa. Foi essa a primeira vez que sua mãe teve de ir falar com o rabino.

Depois foi a história do desastre do avião. Cinquenta e oito pessoas haviam morrido num desastre de avião no aeroporto La Guardia. Ao examinar a lista das vítimas no jornal, sua mãe encontrou entre os mortos oito nomes judaicos (sua avó encontrou nove, mas ela considerava Miller um nome judaico); por causa desses oito, ela disse que o desastre de avião era “uma tragédia”. Durante o período de debate livre na quarta-feira, Ozzie chamara a atenção do rabino Binder para o fato de que “alguns dos parentes dele” sempre ficavam procurando nomes judaicos. O rabino Binder começou a falar sobre a unidade cultural e por aí afora, quando Ozzie se levantou da cadeira e disse que o que ele queria saber era outra coisa. O rabino Binder insistiu que ele devia sentar-se, e foi então que Ozzie gritou que queria mais era que todos os cinquenta e oito fossem judeus. Foi essa a segunda vez que sua mãe foi falar com o rabino.

“E ele ficou repetindo que Jesus era uma figura histórica, e aí eu fiquei repetindo a pergunta. Falando sério, Itz, ele estava querendo que eu fizesse papel de burro.”

“Então o que foi que ele acabou fazendo?”

“Ele acabou gritando que eu estava bancando o bobo e o espertinho, e que minha mãe tinha que ir falar com ele, e que essa era a última vez. E que se dependesse dele eu nunca ia poder fazer o *bar mitzvah*. Depois, Itz, depois ele começou a falar com aquela voz de estátua, bem devagar e grossa, dizendo que era melhor eu pensar bem no que tinha dito a respeito do Senhor. Ele falou que era para eu ir pra sala dele e ficar pensando nisso.” Ozzie inclinou-se em direção a Itzie. “Itz, eu fiquei uma hora inteira pensando no assunto, e agora estou convencido que Deus podia muito bem fazer isso.”

Ozzie havia planejado confessar sua mais recente transgressão à mãe tão logo ela chegasse em casa do trabalho. Mas era uma noite de sexta-feira de novembro, e já estava escuro, e quando a sra. Freedman entrou em casa ela jogou o casaco para o lado, deu um beijo rápido no rosto de Ozzie e foi para a mesa da cozinha acender as três velas amarelas, duas para o sábado e uma para o pai de Ozzie.

Quando sua mãe acendia as velas, ela recolhia os dois braços lentamente, arrastando-os pelo ar, como se estivesse tentando convencer pessoas já quase convencidas. E seus olhos ficavam vidrados de lágrimas. Mesmo quando seu pai ainda era vivo, Ozzie lembrava que os olhos dela ficavam vidrados, de modo que aquilo não tinha nada a ver com a morte dele. Tinha a ver com o ato de acender as velas.

Quando ela levava um fósforo aceso ao pavio intacto de uma vela de sábado, o telefone tocou, e Ozzie, que estava ao lado dele, tirou o fone do gancho e apertou-o contra o peito, abafando-o. Quando sua mãe acendia as velas, Ozzie achava que não deveria haver nenhum ruído; até mesmo a respiração, se possível, deveria ser atenuada. Ozzie apertava o fone contra o peito e via sua mãe arrastando pelo ar o que quer que ela estivesse arrastando, e sentiu que seus próprios olhos estavam ficando vidrados. Sua mãe era uma mulher arredondada, cansada, grisalha, um pingüim cuja pele cinzenta já começava a sentir a atração da gravidade e o peso de sua história pessoal. Mesmo quando estava bem vestida, não parecia uma eleita. Mas quando acendia velas, parecia algo melhor ainda, uma mulher que sabia, por um momento, que Deus era capaz de fazer qualquer coisa.

Após alguns minutos misteriosos, sua mãe terminou. Ozzie pôs o fone no gancho e foi até a mesa da cozinha, onde ela estava começando a preparar os dois lugares para o jantar de sábado, uma refeição com quatro pratos. Ele disse à mãe que ela teria de falar com o rabino Binder na próxima quarta-feira às quatro e meia, e em seguida explicou por quê. Pela primeira vez na vida deles, sua mãe deu um tapa no rosto de Ozzie.

Durante toda a parte do jantar em que foram servidos fígado picado e canja de galinha, Ozzie chorou; não teve apetite nenhum para o resto da refeição.

Na quarta-feira, na maior das três salas de aula que havia no subsolo da sinagoga, o rabino Marvin Binder, homem de trinta anos, alto,

bonitão, de ombros largos e cabelos pretos, com fios fortes e grossos, tirou o relógio do bolso e viu que eram quatro horas. No fundo da sala Yakov Blotnik, o zelador, de setenta e um anos, lentamente limpava a janela grande, resmungando com seus botões; para ele, tanto fazia se eram quatro ou seis horas, segunda-feira ou quarta-feira. Para a maioria dos alunos, os resmungos de Yakov Blotnik, bem como sua barba crespa e castanha, seu nariz em forma de foice e os dois gatos pretos que o seguiam sempre, faziam dele objeto de espanto, um estrangeiro, uma relíquia, em relação a quem manifestavam ora temor, ora desrespeito. Para Ozzie, aqueles resmungos sempre lhe pareciam ser uma curiosa espécie de prece monótona; o que a tornava curiosa era o fato de que o velho Blotnik resmungava de modo tão constante havia tantos anos que, suspeitava Ozzie, ele havia decorado as preces e se esquecido completamente de Deus.

“Agora é a hora de debate livre”, disse o rabino Binder. “Vocês têm liberdade de falar sobre qualquer assunto judaico — religião, família, política, esportes...”

Fez-se silêncio. Era uma tarde de novembro com vento e céu nublado, e não parecia possível que pudesse existir, que jamais tivesse existido, algo semelhante ao beisebol. Assim, naquela semana ninguém disse nada a respeito daquele herói do passado, Hank Greenberg — o que teve um efeito de limitar muito o debate livre.

E a surra espiritual que Ozzie Freedman acabara de levar do rabino Binder também tivera um efeito limitador. Ao chegar a vez de Ozzie ler em voz alta um trecho do livro de hebraico, o rabino lhe perguntara, irritadiço, por que ele não lia mais depressa. Ele parecia não estar aprendendo. Ozzie respondeu que podia ler mais rápido, mas nesse caso talvez não compreendesse o que estava lendo. Não obstante, depois que o rabino insistiu várias vezes, Ozzie tentou, e manifestou muito talento, mas no meio de uma longa passagem parou de repente e disse que não estava entendendo uma palavra do que lia, e começou outra vez, do modo mais arrastado. Foi então que ocorreu a surra espiritual.

Assim, quando chegou a hora do debate livre, nenhum dos alunos se sentia muito livre. O convite do rabino teve por resposta apenas os resmungos tontos do velho Blotnik.

“Não tem nada mesmo que vocês queiram discutir?”, perguntou outra vez o rabino Binder, consultando o relógio. “Nenhuma pergunta,

nenhum comentário?”

Ouviram-se um pequeno ruído vindo da terceira fileira. O rabino pediu que Ozzie se levantasse e comunicasse ao resto da turma seus pensamentos.

Ozzie levantou-se. “Agora esqueci”, disse, e voltou a sentar-se.

O rabino Binder deu um passo em direção a Ozzie, colocando-se junto a uma carteira. Era a carteira de Itzie, e a presença do corpanzil do rabino ali, a apenas um punhal de distância de seu rosto, teve o efeito de fazê-lo apertar o corpo de repente.

“Fique em pé outra vez, Oscar”, disse o rabino Binder com tranqüilidade, “e tente organizar seus pensamentos.”

Ozzie levantou-se. Todos os seus colegas viraram-se e ficaram vendo-o coçar a testa de modo nada convincente.

“Não consigo organizar nada”, anunciou, e jogou-se de volta na cadeira.

“Levante-se!” O rabino Binder avançou da carteira de Itzie para a que ficava imediatamente à frente da de Ozzie; quando as costas rabínicas viraram-se para Itzie, ele fez fiau para elas, provocando uma pequena onda de risos sufocados na sala. O rabino Binder estava tão absorto na tarefa de dar fim de uma vez por todas às aquelas tolices de Ozzie que não ligou para os risos. “Levante-se, Oscar. Qual o tema da sua pergunta?”

Ozzie pegou uma palavra no ar. Era a palavra mais à mão. “Religião.”

“Ah, agora você se lembrou?”

“Lembrei.”

“Qual é a pergunta?”

Encurralado, Ozzie saiu-se com a primeira coisa que lhe veio à mente. “Por que é que Ele não pode fazer qualquer coisa que Ele quiser?”

Quando o rabino Binder se preparava para dar uma resposta, a resposta final, Itzie, três metros atrás dele, levantou um dedo da mão esquerda e fez um gesto significativo em direção às costas do rabino, e toda a turma veio abaixo.

Binder rapidamente se virou para ver o que havia acontecido, e no meio da confusão Ozzie gritou em direção às costas do rabino o que não teria ousado gritar diante de seu rosto. Foi um som alto e neutro, cujo timbre indicava que era algo guardado dentro dele havia cerca de seis dias.

“O senhor não sabe! O senhor não sabe nada sobre Deus!”

Mais que depressa o rabino virou-se para Ozzie. “O quê?”

“O senhor não sabe... o senhor não...”

“Peça desculpas, Oscar, peça desculpas!” Aquilo era uma ameaça.

“O senhor não...”

A mão do rabino Binder voou em direção ao rosto de Ozzie. Talvez sua intenção fosse apenas tapar a boca do menino, porém Ozzie se esquivou e a palma da mão atingiu-o bem no nariz.

O sangue veio num esguicho curto e vermelho, que caiu sobre a camisa de Ozzie.

O momento seguinte foi de total confusão. Ozzie gritou: “Filho-da-puta, filho-da-puta!”, e saiu correndo em direção à porta da sala. O rabino Binder deu um passo atrás, como se seu próprio sangue tivesse começado a fluir violentamente na direção oposta, e em seguida avançou para a frente, num movimento desajeitado, e saiu em disparada atrás de Ozzie. Toda a turma seguiu o vulto volumoso do rabino, com seu terno azul, e antes que o velho Blotnik tivesse tempo de olhar para baixo, do alto da janela, a sala ficou vazia, e todos estavam subindo o mais depressa possível os três lanços de escada que levavam ao telhado.

Se quiséssemos comparar a luz do dia à vida do homem: a alvorada, o nascimento; o pôr-do-sol — o momento em que o sol mergulha e desaparece —, a morte; então, no momento em que Ozzie Freedman enfiou-se na portinhola do telhado da sinagoga, esperneando como um potro selvagem para livrar-se dos braços esticados do rabino Binder — naquele momento o dia tinha cinquenta anos de idade. Via de regra, cinquenta ou cinquenta e cinco anos é uma boa imagem da idade dos finais de tarde de novembro, pois é nesse mês, nessa hora, que nossa percepção da luz não parece ser mais uma questão de visão, e sim de audição: a luz vai desaparecendo com estalidos. Assim, quando Ozzie fechou e trancou a portinhola na cara do rabino, o estalido nítido da lingüeta na fechadura poderia por um momento ser confundido com o som da tonalidade mais pesada de cinzento que pulsou no céu naquele instante.

Com todo seu peso, Ozzie ajoelhou-se sobre a portinhola trancada; estava certo de que a qualquer momento o ombro do rabino Binder haveria de arrebentar a madeira, reduzindo-a a lascas e projetando seu corpo no céu. Porém a portinhola não se mexeu, e o único som que ele

ouviu vindo lá de baixo foi um rumor de passos, primeiro bem alto, depois mais suave, como um trovão cada vez mais distante.

Uma pergunta explodiu em seu cérebro. “Mas isso sou eu, mesmo?” Em se tratando de um garoto de treze anos que havia acabado de chamar seu líder religioso de filho-da-puta, e duas vezes, a pergunta procedia. Cada vez mais alto, a pergunta se repetia para ele — “Sou eu? Sou eu?” — até que Ozzie deu por si não mais ajoelhado, e sim correndo como um louco em direção à beira do telhado, os olhos chorando, a garganta gritando e os braços agitando-se para todos os lados, como se não lhe pertencessem.

“Sou eu? Sou eu EU EU EU EU?! Tem que ser eu — mas será?!”

É a pergunta que um ladrão certamente faz a si próprio na noite em que abre com um pé-de-cabra sua primeira janela, e diz-se que é também a pergunta que o noivo dirige a si próprio diante do altar.

No decorrer dos poucos segundos enlouquecidos em que o corpo de Ozzie o impulsionou até a beira do telhado, seu autoquestionamento começou a turvar-se. Olhando para a rua lá embaixo, já não sabia se o problema por trás da pergunta era fui-eu-que-chamei-Binder-de-filho-da-puta? ou sou-eu-que-estou-correndo-de-um-lado-para-outro-no-telhado? Porém a cena lá embaixo resolvia todas as dúvidas, pois há um momento em qualquer ação em que a questão de você ser você ou ser outra pessoa se torna acadêmica. O ladrão enfia o dinheiro nos bolsos e sai pela janela afora. O noivo assina o livro de recepção do hotel, pegando um quarto para dois. E o menino no telhado se depara com toda uma rua cheia de gente olhando para o alto, para ele, pescoços esticados para trás, rostos levantados, como se ele fosse a cúpula do planetário Hayden. De repente você tem certeza de que você é você.

“Oscar! Oscar Freedman!” Uma voz elevou-se do centro da multidão, uma voz que, se pudesse ser visualizada, seria um texto escrito num pergaminho. “Oscar Freedman, desça daí. Imediatamente!” O rabino Binder apontava para ele com um braço rígido; e na extremidade daquele braço um dedo fazia pontaria, ameaçador. Era a atitude de um ditador, porém um ditador — os olhos confessavam tudo — cujo criado lhe havia cuspidos em cheio na cara.

Ozzie não respondeu. Apenas por uma fração de segundo olhou em direção ao rabino Binder. Em vez disso, seus olhos começaram a dar sentido ao mundo que se estendia a seus pés, distinguindo pessoas de

lugares, amigos de inimigos, participantes de espectadores. Em pequenos grupos irregulares em forma de estrela, seus amigos cercavam o rabino Binder, que continuava apontando. A ponta superior de uma estrela composta não de anjos, e sim de cinco garotos adolescentes, era Itzie. Que mundo era aquele, com aquelas estrelas lá embaixo, com o rabino Binder lá embaixo... Ozzie, que segundos antes não conseguia controlar seu próprio corpo, começava a sentir o significado da palavra controle: sentia Paz e sentia Poder.

“Oscar Freedman, vou contar até três pra você descer.”

Os ditadores não costumam contar até três para seus súditos fazerem o que quer que seja; mas, como sempre, o rabino Binder só era ditador na aparência.

“Você está pronto, Oscar?”

Ozzie fez que sim com a cabeça, embora por nada no mundo — nem no mundo inferior nem naquele mundo celestial que ele acabara de penetrar — pretendesse descer, nem mesmo se o rabino Binder lhe oferecesse um milhão.

“Está bem”, disse o rabino Binder. Passou a mão pela cabeleira negra de Sansão, como se fosse esse o gesto prescrito para acompanhar o número um. Então, recortando com a outra mão um pequeno pedaço circular do céu à sua volta, falou: “Um!”.

Não houve nenhum trovão. Pelo contrário, naquele momento, como se “um” fosse a deixa pela qual ela estava esperando, a pessoa menos trovejante do mundo apareceu à entrada da sinagoga. Não chegou exatamente a sair da sinagoga, porém apenas debruçou-se para fora, sob aquele céu cada vez mais escuro. Agarrou a maçaneta com uma das mãos e olhou para o telhado.

“Oy!”

O cérebro envelhecido de Yakov Blotnik se pôs em movimento aos trancos e barrancos, como se com a ajuda de muletas, e embora ele não conseguisse entender exatamente o que era que o menino estava fazendo no telhado, sabia que era mau — isto é, era mau-para-os-judeus. Para Yakov Blotnik, a vida havia se dividido de um modo bem simples: as coisas ou eram boas-para-os-judeus ou eram más-para-os-judeus.

Com a mão livre deu um tapa no rosto escaveirado, de leve. “Oy, Got!” E então, com o máximo de rapidez de que era capaz, abaixou a cabeça e contemplou a rua. Lá estava o rabino Binder (como se fosse um

homem num leilão com apenas três dólares no bolso, ele acabava de exclamar, com voz trêmula: “Dois!”); lá estavam os alunos, e mais nada. Até aqui, não era assim tão mau-para-os-judeus. Mas o menino tinha que descer imediatamente. O problema era: como tirar o menino do telhado?

Todo mundo que já teve um gato no telhado sabe o que fazer para retirá-lo de lá. Basta ligar para o corpo de bombeiros, ou então para a telefonista e pedir a ela que chame os bombeiros. Logo em seguida, ouve-se um estrépito de freios, sirenes e homens berrando instruções. E logo o gato é retirado do telhado. Faz-se a mesma coisa para retirar um garoto do telhado.

Isto é, faz-se a mesma coisa se você se chama Yakov Blotnik e uma vez seu gato já subiu no telhado.

Quando os carros de bombeiro, todos os quatro, chegaram, o rabino Binder já havia contado até três quatro vezes. A enorme escada Magirus virou a esquina e um dos bombeiros pulou dela, correndo em direção ao hidrante amarelo que havia na frente da sinagoga. Com uma imensa chave inglesa, começou a desatarraxar o bocal de cima. O rabino Binder disparou em sua direção e segurou-o pelo ombro.

“Não é incêndio...”

O bombeiro murmurou alguma coisa por cima do ombro e continuou, afobado, a desatarraxar.

“Mas não é incêndio, não é incêndio...”, gritava Binder. Quando o bombeiro murmurou outra vez, o rabino agarrou seu rosto com as duas mãos e virou-o para o telhado.

Para Ozzie, o rabino Binder parecia estar tentando arrancar a cabeça do bombeiro do corpo, como se fosse a rolha de uma garrafa. Não pôde deixar de rir daquela cena: era como um retrato de família — o rabino de quipá negro, o bombeiro de chapéu vermelho e o pequeno hidrante amarelo acorado ao lado deles, como se fosse um irmão menor, sem nada na cabeça. Da beira do telhado, Ozzie acenou para eles, um gesto lânguido, zombeteiro, com uma só mão; ao fazer isso, seu pé direito perdeu o apoio. O rabino Binder cobriu os olhos com as mãos.

Os bombeiros são rápidos. Antes mesmo de Ozzie recuperar o equilíbrio, uma rede grande, redonda, amarelada, já estava estendida sobre o gramado da sinagoga. Os bombeiros que a seguravam olhavam para Ozzie com rostos sérios, sem expressão.

Um dos bombeiros virou a cabeça para o rabino Binder. “O que é, o garoto é maluco ou o quê?”

O rabino Binder foi descolando às mãos dos olhos, lenta e dolorosamente, como se elas fossem uma fita adesiva. Então olhou: nada na calçada, nada na rede.

“Ele vai pular ou o quê?”, gritou o bombeiro.

Com uma voz que não parecia nem um pouco voz de estátua, o rabino Binder finalmente respondeu. “É, é, acho que sim... Ele está ameaçando...”

Ameaçando? Ora, Ozzie havia corrido para o telhado, ele lembrou, para fugir; nem sequer pensava em pular. Apenas correr para fugir, e a verdade era que não tinha nem mesmo escolhido o telhado como meta, e sim fora perseguido até lá.

“Qual o nome dele, do garoto?”

“Freedman”, respondeu o rabino Binder. “Oscar Freedman.”

O bombeiro olhou para Ozzie. “O que é que deu em você, Oscar? Você vai pular ou o quê?”

Ozzie não respondeu. Para falar com franqueza, aquela questão acabava de ser colocada.

“Olha, Oscar, se você vai pular, pula logo — e se não vai pular, não pula. Mas não faz a gente perder o nosso tempo, não, está bem?”

Ozzie olhou para o bombeiro e depois para o rabino Binder. Queria ver o rabino Binder cobrir os olhos outra vez.

“Vou pular.”

Então contornou a beira do telhado, chegando até a quina, onde não havia rede embaixo, e começou a agitar os braços no ar, batendo as palmas das mãos na calça quando as baixava. Começou a gritar como se fosse uma máquina: “Uíííí... uíííí”, e se debruçava, deixando a metade superior do corpo para fora. Os bombeiros correram para cobrir com a rede aquela parte do chão. O rabino Binder murmurou algumas palavras dirigidas a Alguém e fechou os olhos. Tudo aconteceu depressa, em movimentos desconjuntados, como se num filme mudo. A multidão, que havia chegado junto com os carros de bombeiro, soltou um uuuh-aaah, como se diante de uma queima de fogos. No meio da confusão, ninguém dera muita importância à multidão, exceto, é claro, Yakov Blotnik, que, dependurado da maçaneta, contava cabeças. “*Fier und tsvansik... finf und tsvantsik... Oy, Got!*” Não fora assim, não, no dia do gato.

O rabino Binder espiou por entre os dedos, verificando a calçada e a rede. Vazias. Mas lá estava Ozzie correndo para o outro canto do telhado. Os bombeiros corriam junto com ele, mas não conseguiam acompanhá-lo. Ozzie podia perfeitamente saltar quando quisesse e esborrachar-se na calçada, e quando os bombeiros chegassem ao lugar tudo que poderiam fazer com a rede seria cobrir a massa ensangüentada.

“Uíííí... uíííí...”

“Ô Oscar”, gritou o bombeiro, ofegante, “que diabo é isso, uma brincadeira ou o quê?”

“Uíííí... uíííí...”

“Ô Oscar...”

Mas a essa altura ele já estava no outro canto, batendo asas com ferocidade. O rabino Binder não agüentou mais — aqueles carros de bombeiro surgindo do nada, o menino suicida a gritar, a rede. Caiu de joelhos, exausto, e com as mãos arqueadas diante do peito, formando uma pequena cúpula: “Oscar, pára com isso, Oscar. Não pula, Oscar. Por favor, desce daí... Por favor, não pula”.

Lá atrás da multidão uma única voz, uma voz jovem, gritou uma única palavra para o menino no telhado.

“Pula!”

Era Itzie. Por um momento, Ozzie parou de bater asas.

“Vamos lá, Ozz — pula!” Itzie destacou-se do corpo da estrela e corajosamente, não bancando o engraçadinho, mas com a inspiração de um discípulo, ficou isolado, a gritar: “Pula, Ozz, pula!”.

Ainda de joelhos, as mãos ainda formando uma cúpula, o rabino Binder retorceu o corpo e olhou para trás. Fixou a vista em Itzie, e depois, agoniado, de novo em Ozzie.

“Oscar, não pula! Por favor, não pula... por favor, por favor...”

“Pula!” Dessa vez não era mais Itzie, e sim uma outra ponta da estrela. Quando a sra. Freedman chegou para seu encontro com o rabino Binder às quatro e meia, todo aquele pequeno céu invertido estava gritando e implorando para que Ozzie pulasse, e o rabino Binder não estava mais implorando para que ele não pulasse, e sim chorando sobre a cúpula das mãos.

Como era de se esperar, a sra. Freedman não podia imaginar o que seu filho estaria fazendo no telhado. Assim, ela perguntou:

“Ozzie, meu Ozzie, o que você está fazendo? Meu Ozzie, o que foi?”

Ozzie parou de fazer uíííí e desacelerou os braços, baixando para a velocidade de cruzeiro, como a que as aves usam quando o vento é fraco, mas não respondeu. Seu vulto se destacava contra o céu carregado, nublado, cada vez mais escuro — a luz agora diminuía em estalidos mais rápidos, como se fosse uma engrenagem pequena — batendo asas lentamente e olhando para baixo, para aquele pequeno volume, aquela mulher que era sua mãe.

“O que é que você está fazendo, Ozzie?” Ela virou-se para o rabino ajoelhado, aproximando-se tanto que entre o ventre dela e os ombros dele só havia uma fina fatia de crepúsculo.

“O que é que meu filhinho está fazendo?”

O rabino Binder levantou a vista para ela, boquiaberto, mas também ele não disse nada. A única coisa que se mexia era a cúpula de suas mãos, que oscilava para a frente e para trás, como um pulso fraco.

“Rabino, faz ele descer! Ele vai se matar. Faz ele descer, meu único filhinho...”

“Não consigo”, disse o rabino Binder. “Não consigo...”, e virou o rosto bonito para a multidão de garotos atrás dele. “São eles. Escuta só.”

E pela primeira vez a sra. Freedman viu a multidão de meninos, e ouviu o que eles gritavam.

“Ele está fazendo isso pra eles. Ele não me escuta. São eles.” O rabino Binder falava como se em transe.

“Pra eles?”

“É.”

“Pra eles por quê?”

“Eles querem que ele...”

A sra. Freedman levantou os dois braços como se estivesse regendo o céu. “É pra eles que ele está fazendo isso!” E então, num gesto mais antigo do que as pirâmides, mais antigo que os profetas e as inundações, seus braços caíram, batendo nas ilhargas. “Um mártir, é o que eu tenho. Olha!” Inclinou a cabeça em direção ao telhado. Ozzie continuava batendo asas devagar. “Meu mártir.”

“Oscar, desce daí, *por favor*”, gemia o rabino Binder.

Com uma voz surpreendentemente firme, a sra. Freedman gritou para o menino no telhado. “Ozzie, desce daí, Ozzie. Não seja mártir, meu filhinho.”

Como se fosse uma ladainha, o rabino Binder repetiu suas palavras. “Não seja mártir, meu filhinho. Não seja mártir.”

“Vamolé, Ozz — seja Marte!” Era Itzie. “Seja Marte, seja Marte”, e todas as vozes se uniram num cântico, pedindo um Marte, fosse lá o que isso fosse. “Seja Marte, seja Marte...”

Por algum motivo, quando a gente está no telhado, quanto mais escuro fica, menos a gente ouve. Tudo que Ozzie sabia era que havia dois grupos querendo duas coisas novas: seus amigos faziam seu pedido de modo animado e musical; sua mãe e o rabino diziam, num cantochão monótono, o que não queriam. A voz do rabino agora não tinha sinal de choro, tal como a de sua mãe.

A rede grande fixava-se em Ozzie como se fosse um olho cego. O céu enorme, nublado, pesava sobre ele. Visto de baixo, parecia uma chapa cinzenta corrugada. De repente, olhando para aquele céu ameaçador, Ozzie se deu conta do quanto era estranho o que aquelas pessoas, seus amigos, lhe pediam: queriam que ele pulasse, se matasse; era isso que cantavam — de tão felizes que estavam com a idéia. E havia algo ainda mais estranho: o rabino Binder estava ajoelhado, tremendo. Se havia uma pergunta a se fazer agora, não era: “Sou eu?”, e sim “Somos nós?... Somos nós?”.

Estar no telhado, pelo visto, era uma coisa séria. Se ele pulasse, os que cantavam começariam a dançar? Será? Se ele pulasse, o que pararia de acontecer? Ansioso, Ozzie teve vontade de rasgar o céu, enfiar a mão dentro e puxar o sol para fora; e no sol, como numa moeda, estaria escrito PULE ou NÃO PULE.

Os joelhos de Ozzie balançavam e tremiam um pouco sob seu peso, como se se preparassem para um mergulho. Seus braços se retesaram, enrijeceram, petrificaram-se, dos ombros até as unhas. Ele tinha a sensação de que cada parte de seu corpo ia dar seu voto quanto à questão de se ele devia ou não se matar — e era como se cada uma de suas partes fosse independente *dele*.

A luz estalou mais uma vez, inesperadamente, e a escuridão maior, como se fosse uma mordaca, silenciou os amigos, que pediam uma coisa num cântico, e a mãe e o rabino, que pediam outra numa ladainha.

Ozzie parou de contar votos, e com uma voz curiosamente aguda, como se não estivesse preparado para falar, falou.

“Mamãe?”

“Sim, Oscar.”

“Mamãe, fica de joelhos, que nem o rabino Binder.”

“Oscar...”

“De joelhos”, disse ele, “se não eu pulo.”

Ozzie ouviu uma lamúria, depois um farfalhar rápido, e quando olhou para baixo viu, no lugar onde sua mãe antes estava de pé, uma cabeça circundada por um vestido. Ela estava ajoelhada ao lado do rabino Binder.

Ele falou outra vez. “Todo mundo de joelhos.” Ouviu-se o som de todos se ajoelhando.

Ozzie olhou em volta. Com uma mão, apontou para a porta da sinagoga. “Quero *ele* de joelhos.”

Ouviu-se o ruído não de alguém se ajoelhando, e sim de um corpo e panos se esticando. Ozzie escutou o rabino Binder dizendo, num cochicho áspero: “... senão ele vai *se matar*”, e quando olhou de novo lá estava Yakov Blotnik, separado da maçaneta, pela primeira vez na vida ajoelhado, na postura em que rezam os gentios.

Quanto aos bombeiros — ajoelhar-se e manter uma rede esticada ao mesmo tempo não é tão difícil quanto se pode imaginar.

Ozzie olhou em volta outra vez; então se dirigiu ao rabino Binder.

“Rabino?”

“Sim, Oscar.”

“Rabino Binder, o senhor acredita em Deus?”

“Sim.”

“O senhor acredita que Deus pode fazer Qualquer Coisa?” Ozzie debruçou-se, espichando a cabeça na escuridão. “Qualquer Coisa?”

“Oscar, acho que...”

“Me diz que o senhor acredita que Deus pode fazer Qualquer Coisa.”

Houve um segundo de hesitação. Então: “Deus pode fazer Qualquer Coisa”.

“Me diz que o senhor acredita que Deus pode fazer uma criança sem relações.”

“Pode.”

“Me diz!”

“Deus”, admitiu o rabino Binder, “pode fazer uma criança sem relações.”

“Mamãe, diz isso a senhora.”

“Deus pode fazer uma criança sem relações”, disse sua mãe.

“Faz *ele* dizer.” Ninguém tinha nenhuma dúvida quanto a quem *ele* seria.

Instantes depois, Ozzie ouviu uma voz velha e cômica dizer alguma coisa a respeito de Deus na escuridão cada vez mais densa.

Em seguida, Ozzie fez todo mundo dizer o mesmo. E então fez com que todos dissessem que acreditavam em Jesus Cristo — primeiro, um de cada vez; depois, todos juntos.

Quando terminou o catecismo, a noite já começara. Da rua, tinha-se a impressão de que o menino no telhado havia suspirado.

“Ozzie?” Uma voz de mulher ousou falar. “Agora você vai descer?”

Não houve resposta, mas a mulher esperou, e quando finalmente se ouviu alguma coisa foi uma voz frágil e chorosa, exausta como a de um homem que acabou de fazer badalar os sinos.

“Mamãe, você não entende — você não devia bater em mim. Ele não devia bater em mim. Você não devia bater em mim por causa de Deus, mamãe. Não se deve bater em ninguém por causa de Deus...”

“Ozzie, por favor, desce agora.”

“Promete, promete que você nunca mais vai bater em ninguém por causa de Deus.”

Ele havia pedido apenas à mãe, mas por algum motivo todos os que estavam ajoelhados na rua prometeram que nunca mais iam bater em ninguém por causa de Deus.

Mais uma vez, fez-se silêncio.

“Agora eu posso descer, mamãe”, disse por fim o menino no telhado. Virou a cabeça para os dois lados, como se para verificar se os sinais estavam abertos. “Agora posso descer...”

E desceu, bem no centro da rede amarela que brilhava na margem da noite como uma auréola desmesurada.

O DEFENSOR DA FÉ

EM MAIO DE 1945, poucas semanas após o fim do conflito na Europa, fui transferido para os Estados Unidos, onde fiquei até o final da guerra com uma companhia de treinamento no Camp Crowder, Missouri. Juntamente com o resto do 9o Exército, eu havia passado o final do inverno e a primavera correndo tão depressa pela Alemanha que, quando entrei no avião, nem consegui acreditar que estávamos indo para o oeste. Embora minha mente me dissesse o contrário, a inércia do espírito me dizia que seguíamos para um novo *front*, onde iríamos desembarcar e continuar seguindo para o leste — sempre para o leste, até dar a volta no globo terrestre, atravessando aldeias em cujas ruas tortuosas, calçadas com paralelepípedos, o inimigo nos veria nos apropriarmos do que, até então, ele considerava seu. Em dois anos, eu havia mudado o suficiente para já não me incomodar com o tremor dos velhos, o choro das crianças, a incerteza e o temor daqueles olhos outrora arrogantes. Felizmente, eu tinha agora um autêntico coração de infante, o qual, tal como os pés, no início dói e incha, mas por fim fica endurecido o bastante para seguir pelos caminhos mais esdrúxulos sem sentir nada.

O capitão Paul Barrett era meu oficial comandante no Camp Crowder. O dia em que me apresentei, ele saiu de sua sala para me dar um aperto de mão. Era um homem baixo, áspero e irritadiço, que usava sempre — dentro de uma sala ou ao ar livre — um capacete de fibra lustrado, puxado até a altura dos olhos miúdos. Na Europa, atuara em combate e sofrera uma ferida grave no peito, e havia voltado para os Estados Unidos apenas alguns meses antes. Falou comigo bem à vontade, e na revista da tarde me apresentou aos soldados. “Senhores”, disse ele, “o sargento Thurston, como se sabe, não está mais nesta companhia. Este é o novo primeiro-sargento, o sargento Nathan Marx. Ele já combateu na Europa, e portanto espera encontrar aqui uma companhia de soldados, e não de *meninos*.”

Fiquei até tarde no corpo da guarda aquela noite, tentando sem muito empenho resolver o quebra-cabeça das listas de tarefas, formulários de pessoal e relatórios diários. O plantão da hora dormia de boca aberta num colchão no chão. Um recruta lia a lista de tarefas do dia seguinte, afixada no quadro de avisos entre a porta de tela e a porta de madeira.

Era uma tarde quente, e dos alojamentos vinha o som de rádios tocando música de dança. O recruta, que olhava fixamente para mim sempre que achava que eu não estava prestando atenção, por fim deu um passo em minha direção.

“Sargento, amanhã tem faxina geral?”, perguntou.

“Sempre tem nas noites de sexta?”, perguntei-lhe.

“Sempre”, ele respondeu, e depois acrescentou, misterioso, “é justamente isso.”

“Então vai ter.”

Ele se virou para o outro lado, e ouvi-o resmungando. Seus ombros sacudiam-se; cheguei a pensar que talvez estivesse chorando.

“Qual seu nome, soldado?”, perguntei.

Ele se virou para mim. Não estava chorando. Seus olhos, pontilhados de verde, alongados e estreitos, brilhavam como peixes ao sol. Ele se aproximou e sentou-se na beira da minha mesa. Estendeu a mão. “Sheldon”, disse.

“Fique em pé, Sheldon.”

Ele obedeceu e disse: “Sheldon Grossbart”. Sorriu da pequena familiaridade que me havia imposto.

“Você não gosta de fazer faxina nas noites de sexta, Grossbart?”, perguntei. “A gente podia acabar com essa história de faxina geral. A gente podia arrumar uma empregada.” Meu tom de voz surpreendeu-me. Eu estava falando igual a todos os primeiros-sargentos que já conhecera.

“Não, sargento.” Ele ficou sério, mas era uma seriedade que parecia ser apenas um sorriso contido. “É porque... faxina geral justamente nas noites de sexta, logo na sexta.”

Ele se encostou na quina da mesa outra vez — não chegou a se sentar, mas também não estava exatamente em pé. Olhou para mim, e aqueles olhos pontilhados faiscaram; depois fez um gesto com a mão. Foi um gesto muito discreto — apenas um movimento para a frente e para trás com o punho — e no entanto teve o efeito de excluir de nossa conversa tudo mais que existia ali no corpo da guarda, de fazer com que nós dois nos tornássemos o centro do mundo. Na verdade, parecia excluir tudo a respeito de nós dois que não fosse nossos corações.

“O sargento Thurston era diferente”, ele sussurrou, olhando para o plantão da hora adormecido, “mas nós achamos que com o senhor aqui talvez as coisas mudassem um pouco.”

“Nós?”

“Os soldados judeus.”

“Por quê?”, indaguei, severo. “O que é que você está pensando?” Se eu ainda estava zangado com aquela história de “Sheldon” ou se era outro o motivo, não havia tempo para decidir, mas o fato é que estava zangado.

“Nós ficamos achando que o senhor... Marx, não é? Como Karl Marx. Os irmãos Marx. Todos esses caras são... M-a-r-x. Não é assim que o *seu* nome se escreve, sargento?”

“M-a-r-x.”

“O Fishbein disse que...” Ele parou. “O que eu queria dizer, sargento...” O rosto e o pescoço estavam vermelhos, e sua boca se mexia, mas não saía palavra nenhuma. De repente, ficou em posição de sentido, olhando para mim. Era como se de uma hora para a outra tivesse chegado à conclusão de que não ia conseguir que eu fosse mais compreensivo que Thurston, porque minha religião era a de Thurston e não a dele. O jovem havia conseguido ficar na dúvida a respeito da minha religião, mas eu não sentia a menor vontade de esclarecer esse ponto. A questão era simples: eu não gostava dele.

Como não fiz outra coisa senão devolver aquele seu olhar, ele disse, num tom diferente: “O senhor sabe, sargento”, explicou, “nas noites de sexta os judeus vão ao culto.”

“O sargento Thurston dizia que vocês não podiam ir ao culto quando havia faxina geral?”

“Não.”

“Ele dizia que vocês tinham que ficar e lavar o chão?”

“Não, sargento.”

“O capitão diz que vocês têm que ficar e lavar o chão?”

“Não é isso, sargento. O problema são os outros caras do alojamento.” Inclinou-se em minha direção. “Eles acham que a gente está tirando o corpo fora. Mas não. É porque realmente os judeus vão ao culto nas noites de sexta. A gente tem que ir.”

“Então pode ir.”

“Mas os outros caras ficam acusando a gente. Eles não têm o direito.”

“Isso não é problema do Exército, Grossbart. É um problema pessoal que você vai ter que resolver sozinho.”

“Mas é uma injustiça.”

Levantei-me para sair. “Não posso fazer nada”, disse.

Grossbart empertigou-se e ficou em pé à minha frente. “Mas é uma questão de *religião*, senhor.”

“Sargento”, corriji.

“Sim, ‘sargento’”, ele repetiu, quase rosnando.

“Olha, vá falar com o capelão. Se quiser falar com o capitão Barrett, eu marco uma hora.”

“Não, não. Eu não quero criar problema, sargento. Essa é a primeira acusação que eles fazem contra nós. Eu só quero meus direitos!”

“Porra, Grossbart, pára de se lamuriar. Você tem seus direitos. Você pode ficar e lavar o chão ou então ir pra *shul*...”

O sorriso reapareceu. A saliva brilhava nos cantos de sua boca. “O senhor quer dizer igreja, sargento.”

“Eu quero dizer *shul*, Grossbart!”

Saí da sala, passando por ele. Ouvi as botas de um guarda pisando no cascalho, perto de mim. Pelas janelas iluminadas do alojamento, vi rapazes de camiseta e calça do uniforme faxina sentados nos beliches, lubrificando os fuzis. De repente ouvi um leve ruído atrás de mim. Virei-me e vi a silhueta de Grossbart correndo de volta para o alojamento, correndo para contar para seus amigos judeus que eles tinham acertado — que, tal como Karl e Harpo, eu era um deles.

Na manhã seguinte, conversando com o capitão Barrett, contei-lhe o incidente da véspera. Alguma coisa no meu relato deve ter levado o capitão a pensar que eu não estava apenas explicando a posição de Grossbart, mas também a defendendo. “Marx, eu sou capaz de lutar ao lado de um crioulo se ele me provar que é um homem. Eu me orgulho”, disse ele, olhando pela janela, “de ter uma mente aberta. Por isso, sargento, aqui ninguém tem tratamento especial, nem pro bem nem pro mal. Aqui o homem só precisa provar que é bom. Se ele se sai bem na prática de tiro, eu dou uma licença de fim de semana. Se ele se destaca no treinamento físico, eu dou o fim de semana pra ele. Porque ele *mereceu*.” Virou-se da janela e apontou o dedo para mim. “Você é judeu, não é, Marx?”

“Sim, senhor.”

“Eu admiro você. Admiro por causa das condecorações no seu peito. Eu julgo um homem pelo que ele mostra no campo de batalha, sargento.

É o que ele tem *aqui*”, disse, e então, embora eu esperasse que ele apontasse para o coração, voltou o polegar para os botões que com dificuldade mantinham a camisa fechada na altura do ventre. “Coragem”, disse ele.

“Sim, senhor. Eu só queria que o senhor soubesse como os homens se sentem.”

“Sargento Marx, você vai envelhecer antes do tempo se ficar se preocupando com isso. Deixa isso pro capelão — é problema dele, não seu. Vamos ensinar esses caras a atirar direito. Se os soldados judeus acham que os outros estão acusando eles de tirar o corpo fora — bom, eu realmente não sei. Acho muito estranho de repente Deus estar falando tão alto no ouvido do soldado Grossman que ele tem que sair correndo pra igreja.”

“Sinagoga”, corriji.

“Sinagoga, isso mesmo, sargento. Vou anotar pra não errar mais. Obrigado por passar por aqui.”

Naquela tarde, alguns minutos antes da revista à porta do corpo da guarda na hora do rancho, chamei o plantão da hora, o cabo Robert LaHill, para vir falar comigo. LaHill era um sujeito moreno e forte, cujos pêlos encaracolados saíam das roupas onde quer que encontrassem uma brecha. Tinha um olhar vidrado que levava o observador a pensar em cavernas e dinossauros. “LaHill”, disse eu, “quando você puser os homens em forma, não esqueça de dizer que eles podem freqüentar a igreja *sempre* que houver serviço religioso, desde que antes eles passem no corpo da guarda pra avisar.”

LaHill coçou o pulso, mas não deu sinal de ter me ouvido ou compreendido.

“LaHill”, repeti, “*igreja*. Não esqueça, está bem? Igreja, padre, missa, confissão.”

Ele retorceu um dos lábios, numa espécie de sorriso; tomei aquilo como sinal de que por um segundo ele havia retornado à espécie humana.

“Os soldados judeus que quiserem participar do culto hoje à noite devem se apresentar à frente do corpo da guarda às dezenove horas”, prossegui. Então, como se só naquele momento me lembrasse de acrescentar, disse: “Por ordem do capitão Barrett”.

Pouco depois, quando a luz do entardecer — a mais suave que eu já

vira naquele ano — começou a descer sobre o Camp Crowder, ouvi a voz grossa e inexpressiva de LaHill perto da minha janela: “Atenção, soldados. Sargento mandou dizer que às dezenove horas todos os soldados judeus devem se apresentar aqui na frente do corpo da guarda, se quiserem assistir à missa judaica”.

Às sete da noite, olhei pela janela do corpo da guarda e vi três soldados, com uniformes cáquis bem engomados, esperando no pátio de terra. Consultavam os relógios e andavam de um lado para o outro enquanto trocavam cochichos. Estava escurecendo, e os soldados, sozinhos num espaço vazio, pareciam pequeninos. Quando abri a porta, ouvi os ruídos da faxina geral — beliches sendo empurrados contra as paredes, torneiras despejando água em baldes, vassouras varrendo os assoalhos de madeira, limpando os alojamentos para a revista de sábado. Pedacos de pano moviam-se rápidos sobre as vidraças. Saí da sala, e no momento em que meu pé tocou no chão julguei ouvir Grossbart dar o comando aos outros: “*Sen-tido!*”. Ou imaginei, talvez, quando os três entraram na posição de sentido, ter ouvido o comando.

Grossbart deu um passo à frente. “Obrigado, senhor”, disse ele.

““Obrigado, sargento””, disse eu. “Você já está no Exército há três semanas — já devia saber como é que se diz.”

Grossbart virou para mim a palma das mãos, para indicar que, na verdade, eu e ele vivíamos fora daquelas convenções. “Obrigado assim mesmo”, disse ele.

“É”, disse um rapaz alto atrás dele. “Muito obrigado.”

E o terceiro rapaz sussurrou: “Obrigado”, porém sua boca quase não se mexeu, de modo que sua postura, em posição de sentido, só se alterou pelo movimento dos lábios.

“Obrigado por quê?”, indaguei.

Grossbart bufou, sorridente. “Pelo pronunciamento. Feito pelo cabo. Ajudou. Ficou mais...”

“Chique.” O rapaz alto concluiu a frase de Grossbart.

Grossbart sorriu. “Ele quer dizer formal. Público”, disse a mim. “Agora não vai mais parecer que a gente está só tirando o corpo fora para não pegar no pesado.”

“Foi ordem do capitão Barrett”, disse eu.

“Aaah, mas o senhor fez uma forcinha”, disse Grossbart. “Por isso

nós agradecemos.” Então se virou para os companheiros. “Sargento Marx, queria lhe apresentar Larry Fishbein.”

O rapaz alto deu um passo à frente e estendeu a mão. Apertei-a. “O senhor é de Nova York?”, perguntou.

“Sou.”

“Eu também.” Ele tinha um rosto cadavérico que afundava do malar até o queixo, e quando sorria — o que fez ao se dar conta de que éramos da mesma região — revelava uma boca cheia de dentes estragados. Piscava o tempo todo, como se estivesse tentando conter as lágrimas. “Que bairro?”, indagou.

Virei-me para Grossbart. “São sete e cinco. A que horas começa o culto?”

“A *shul*”, disse ele sorrindo, “é daqui a dez minutos. Eu queria apresentar ao senhor o Mickey Halpern. Este é Nathan Marx, nosso sargento.”

O terceiro rapaz deu um salto para a frente. “Soldado Michael Halpern.” Bateu continência.

“A continência é só pra oficiais, Halpern”, expliquei. O rapaz baixou a mão e, por nervosismo, aproveitou para verificar se os bolsos da camisa estavam abotoados.

“Quer que eu comande eles até lá, senhor?”, perguntou Grossbart. “O senhor vai junto?”

Atrás de Grossbart, Fishbein interveio com sua vozinha aguda. “Depois vão servir um lanche. Uma sociedade beneficente de Saint Louis, o rabino nos disse semana passada.”

“O capelão”, sussurrou Halpern.

“O senhor também está convidado”, disse Grossbart.

Para esquivar-me daquela súplica, desviei o olhar, e vi, nas janelas do alojamento, uma nuvem de rostos olhando para nós quatro. “Então vá logo, Grossbart”, disse eu.

“O.K.”, ele replicou. Virou-se para os outros. “Acelerado, *marche!*”

Eles partiram, mas três metros adiante Grossbart fez meia-volta e, correndo para trás, gritou: “Bom *shabbus*, senhor!”. E em seguida os três foram engolidos pelo crepúsculo de Missouri.

Mesmo depois que eles desapareceram na praça de armas, cujo verde agora se transformara em azul-escuro, dava para ouvir Grossbart marcando a cadência da marcha, e enquanto o som ia morrendo de

repente me veio do fundo da memória uma lembrança — despertada também pelo ângulo da luz — dos sons estridentes de um playground no Bronx onde, anos antes, ao lado do Grand Concourse, eu ficava brincando em longas tardes de primavera como aquela. Era uma lembrança agradável para um jovem tão distante da paz e do lar, e veio associada a tantas outras lembranças que comecei a ficar excessivamente sentimental. Cheguei mesmo a me entregar a um devaneio tão forte que tive a sensação de que uma mão se estendia e me alcançava dentro de mim. Ela viera de tão longe para me tocar! Tivera de passar por todos aqueles dias na floresta da Bélgica, todas as mortes que eu me recusara a chorar; pelas noites nas casas de fazenda na Alemanha onde havíamos queimado livros para nos aquecer; por extensões infinitas em que eu me havia fechado para toda e qualquer ternura que pudesse sentir por meus camaradas, em que havia mesmo conseguido negar a mim mesmo a postura de conquistador — a arrogância que eu, como judeu, poderia perfeitamente ter sentido ao pisar com minhas botas os destroços de Wesel, Münster e Braunschweig.

Mas agora um único ruído noturno, um som associado a minha cidade natal e ao passado, bastou para que a memória irrompesse através de tudo aquilo que eu havia anestesiado, chegando ao que, de súbito, eu lembrava ser. Assim, não foi de todo curioso que, na tentativa de me reencontrar, eu me visse seguindo os passos de Grossbart em direção à Capela No 3, onde se realizava o culto judaico.

Sentei-me na última fileira, que estava vazia. Duas fileiras à minha frente estavam Grossbart, Fishbein e Halpern, com pequenos copos de papel brancos na mão. Cada fileira era mais alta do que a anterior, de modo que eu podia ver perfeitamente o que estava acontecendo. Fishbein vertia o conteúdo de seu copo no de Grossbart, o qual achava graça ao ver o arco roxo que o líquido descrevia entre a mão de Fishbein e a sua. Iluminado por uma luz amarela forte, o capelão na plataforma à nossa frente lia a primeira linha do responsorial. O livro de orações de Grossbart estava fechado em seu colo; ele se ocupava com o copo. Apenas Halpern rezava, participando do responsorial. Os dedos da mão direita estavam espalhados sobre a capa do livro aberto. O boné, puxado para a frente, estava redondo como um quipá. De vez em quando Grossbart umedecia os lábios na beira do copo; Fishbein, com um rosto amarelo e comprido que parecia uma lâmpada prestes a queimar, olhava

de um lado para outro, espichando o pescoço para ver os rostos da mesma fileira, depois os que estavam à sua frente, e por fim os que estavam atrás. Quando me viu, suas pálpebras bateram o toque de recolher. Seu cotovelo encostou em Grossbart, o pescoço inclinou-se em direção ao amigo, ele cochichou algo, e então, quando a congregação respondeu, a voz de Grossbart foi ouvida junto com as outras. Também Fishbein agora olhava para o livro; seus lábios, porém, permaneciam imóveis.

Por fim chegou a hora de beber o vinho. O capelão sorriu para eles; Grossbart bebeu o seu num único gole, Halpern bebericou com ar meditativo e Fishbein fingiu um ar devoto com o copo vazio. “Contemplando esta congregação” — o capelão sorriu ao pronunciar a palavra — “vejo hoje muitas caras novas, e quero dar as boas-vindas a todos neste nosso culto das noites de sexta no Camp Crowder. Eu sou o major Leo Ben Ezra, seu capelão.” Embora americano, o capelão falava bem devagar — sílaba por sílaba, quase — como se para comunicar-se, acima de tudo, com os surdos que estivessem lendo seus lábios. “Tenho apenas umas poucas palavras para dizer antes de irmos para a sala ao lado, onde as senhoras bondosas do Templo Sinai, de Saint Louis, Missouri, oferecem um bom lanche para vocês.”

Houve aplausos e assobios. Após mais um sorriso momentâneo, o capelão levantou as mãos, com as palmas viradas para a frente, erguendo os olhos por um momento, como se para fazer os soldados se lembrar de onde estavam e de Quem mais talvez estivesse assistindo. No silêncio súbito que se seguiu, julguei ouvir Grossbart comentar, rindo: “Lavar o chão é pros góis!”. De quem eram aquelas palavras? Eu não tinha certeza, mas Fishbein, com um sorriso largo, cutucou Halpern. Este lhe dirigiu um olhar apatetado e retomou seu livro de orações, com o qual se ocupara durante toda a falação do rabino. Com uma das mãos ajeitou o cabelo crespo e negro que saía de baixo do boné. Seus lábios se mexiam.

O rabino prosseguiu. “É sobre a comida que eu queria falar com vocês por um momento. Eu sei, eu sei, eu sei”, ele repetiu, num tom cansado, “que para a maioria de vocês a comida *trafe* tem gosto de cinzas. Eu sei que alguns de vocês chegam a ter ânsia de vômito, e que seus pais sofrem de pensar que seus filhos estão tendo que comer alimentos impuros de gosto repulsivo. O que posso lhes dizer? Só posso dizer que vocês devem fechar os olhos e engolir como puderem. Comam o

necessário para a vida, e joguem fora o resto. Eu gostaria de poder ajudá-los mais. Para aqueles que acham isso impossível, peço que tentem, que se esforcem, mas depois venham conversar comigo em particular. Se a repugnância for forte demais, vamos ter que buscar ajuda junto a alguém superior.”

Um rumor de conversas aumentou e diminuiu. E então todos cantaram “Ain Kelohainu”; depois de tantos anos, constatei que ainda sabia a letra. Então, de repente, terminado o culto, Grossbart se aproximou de mim. “Algum superior? Será que o general?”

“Ô Shelly”, disse Fishbein, “ele quis dizer Deus.” Deu um tapa no rosto e olhou para Halpern. “Superior é isso.”

“Shhh!”, fez Grossbart. “O que o senhor acha, sargento?”

“Não sei”, respondi. “Melhor perguntar ao capelão.”

“Eu vou perguntar. Vou marcar hora pra falar com ele em particular. Eu e o Mickey também.”

Halpern fez que não. “Não, não, Sheldon...”

“Você tem direitos, Mickey”, disse Grossbart. “Eles não podem fazer gato-sapato com a gente.”

“Por mim, tudo bem”, disse Halpern. “Quem se incomoda é minha mãe, eu não.”

Grossbart olhou pra mim. “Ontem ele vomitou. Por causa do grude. Era só presunto e Deus sabe o quê mais.”

“Eu estou resfriado — foi só por isso”, explicou Halpern. Empurrou para cima o quipá, que voltou a ser um boné.

“E você, Fishbein?”, perguntei. “Você também só come *kosher*?”

Ele ficou vermelho. “Mais ou menos. Mas deixa pra lá. Meu estômago é muito forte, e eu não como muito mesmo.” Continuei a encará-lo, e ele levantou o pulso para reforçar o que dissera; a correia de seu relógio estava apertada no último furo, fato que ele indicou para mim.

“Mas o culto é importante pra você?”, perguntei-lhe.

Ele olhou para Grossbart. “Claro, senhor.”

“‘Sargento’.”

“Lá em casa, nem tanto”, disse Grossbart, colocando-se entre nós dois, “mas aqui reforça a nossa consciência de judeus.”

“Temos que permanecer unidos”, disse Fishbein.

Comecei a andar em direção à porta; Halpern deu um passo atrás para

me deixar passar.

“Foi isso que aconteceu na Alemanha”, Grossbart estava dizendo, bem alto para que eu também ouvisse. “Eles não ficaram unidos. Eles deixaram fazer gato-sapato com eles.”

Virei-me. “Olha aqui, Grossbart. Você está no Exército, e não numa colônia de férias.”

Ele sorriu. “E daí?”

Halpern tentou sair de fininho, mas Grossbart segurou-o pelo braço.

“Grossbart, quantos anos você tem?”, indaguei.

“Dezenove.”

“E você?”, perguntei a Fishbein.

“Também. Nasci no mesmo mês, até.”

“Ele?” Apontei para Halpern, que a essa altura já havia conseguido chegar à porta.

“Dezoito”, cochichou Grossbart. “Mas esse não sabe dar laço nos sapatos nem escovar os dentes. Eu tenho pena dele.”

“Eu tenho pena de todos nós, Grossbart”, disse eu, “mas você tem que agir como homem. Não exagere.”

“Exagerar em quê, senhor?”

“Esse negócio de ‘senhor’, por exemplo. Não exagere”, disse eu.

Ele não disse nada. Passei por Halpern, que não olhou para mim. Então me vi do lado de fora, mas ouvi Grossbart lá dentro chamando: “Ô Mickey, *leben*, volta. O lanche!”.

“*Leben!*” Era assim que minha avó me chamava!

* * *

Uma semana depois, de manhã, eu estava trabalhando à minha mesa quando o capitão Barrett me chamou à sua sala com um grito. Quando entrei, o capacete de fibra do capitão estava enfiado tão fundo que nem dava para ver seus olhos. Ele falava ao telefone e ao se dirigir a mim tapou com a mão o bocal do fone. “Quem é esse tal de Grossbart?”

“Terceiro pelotão, capitão”, respondi. “Um recruta.”

“Que história é essa de comida? A mãe dele falou com um porcaria de um deputado sobre a comida.” Tirou a mão de cima do bocal e levantou o capacete, deixando visíveis os cílios inferiores. “Sim, senhor”, disse ele ao telefone. “Sim, senhor. Eu continuo na linha. Estou perguntando ao Marx...”

Cobriu o bocal outra vez e virou a cabeça para mim. “É o Lightfoot Harry”, explicou-me, entre dentes. “O tal do deputado ligou pro general Lyman, que ligou pro coronel Sousa, que ligou pro major, que ligou pra mim. Está todo mundo doido pra empurrar esse abacaxi pra cima de mim. Que história é essa?” Ele brandia o fone para mim. “Então eu não dou comida pros soldados? Que diabo!”

“Senhor, o Grossbart é meio estranho...” Barrett recebeu esse comentário com um sorriso irônico. Resolvi mudar de tática. “Capitão, ele é um judeu muito ortodoxo, que só pode comer certos tipos de comida.”

“Ele vomita, segundo o deputado. Toda vez que ele come uma coisa, diz a mãe dele, ele vomita!”

“Ele está acostumado a observar as leis alimentares, capitão.”

“E por que é que a mãe dele tem que ligar pra Casa Branca?”

“Os pais judeus... eles são mais protetores do que o normal, capitão. É que os judeus têm laços familiares muito estreitos. Quando o filho sai de casa, às vezes a mãe fica muito mal. O rapaz deve ter falado alguma coisa numa carta, e a mãe dele entendeu errado.”

“Eu tenho vontade de dar um soco na cara dele”, disse o capitão. “Estamos em guerra, e ele quer uma bandeja de prata!”

“Acho que a culpa não é do garoto, não, senhor. Tenho certeza que a gente vai resolver o problema falando com ele. Os pais judeus se preocupam...”

“*Todos* os pais se preocupam, pelo amor de Deus! Mas nem todos bancam o importante e ficam tentando arranjar pistolão...”

Interrompi, com a voz mais aguda e mais tensa do que antes. “A vida familiar, capitão, é muito importante — mas o senhor tem razão, às vezes a coisa passa dos limites. É uma coisa maravilhosa, capitão, mas os laços são tão estreitos que esse tipo de coisa...”

Ele já não escutava minhas tentativas de dar uma explicação para aquela carta tanto a mim mesmo quanto a Lightfoot Harry. “Major?”, ele exclamou. “Major... o Marx estava me dizendo que os judeus são assim mesmo, abusados. Ele acha que dá pra gente resolver o problema aqui mesmo na companhia... Sim, senhor... Eu ligo, sim, assim que eu puder.” Desligou. “Onde estão os homens, sargento?”

“Na linha-de-tiro.”

Dando um tapa no capacete, puxou-o para baixo de novo, cobrindo os

olhos, e levantou-se de repente. “Vamos dar uma volta”, disse.

O capitão assumiu a direção e eu me sentei a seu lado. Era um dia quente de primavera, e debaixo do meu uniforme de faxina recém-engomado eu tinha a impressão de que minhas axilas derretiam. As estradas estavam secas, e quando chegamos à linha-de-tiro meus dentes estavam cheios de terra, embora a boca tivesse ficado fechada durante toda a viagem. O capitão pisou no freio de repente e me disse para achar o tal do Grossbart imediatamente.

Encontrei-o deitado de bruços, atirando a torto e a direito no alvo de cento e cinquenta metros. Aguardando a vez atrás dele estavam Halpern e Fishbein. Fishbein, com óculos de armação de aço do Exército — eu ainda não o vira com aqueles óculos —, parecia um velho vendedor ambulante, doido para vender o fuzil e os cartuchos pendurados em seu corpo. Fiquei parado junto às caixas de munição, esperando que Grossbart terminasse de disparar contra aqueles alvos distantes. Fishbein recuou para se aproximar de mim.

“Oi, sargento Marx”, disse.

“Tudo bem?”, murmurei.

“Tudo bem, sim, obrigado. O Sheldon atira muito bem.”

“Não reparei.”

“Eu não sou muito bom, não, mas acho que estou começando a pegar o jeito. Sargento, eu não quero, o senhor sabe, perguntar o que eu não devia...” O rapaz calou-se. Estava tentando adotar um tom íntimo, mas o ruído dos tiros o obrigava a gritar comigo.

“O que é?”, perguntei. Vi ao longe o capitão Barrett se levantando dentro do jipe, tentando encontrar a mim e Grossbart.

“Meus pais vivem perguntando pra onde a gente vai”, disse Fishbein. “Todo mundo diz que é o Pacífico. Pra mim, tanto faz, mas os meus pais... Se eu pudesse tranquilizar eles, acho que eu ia conseguir me concentrar mais no tiro.”

“Não sei aonde vamos, não, Fishbein. Tenta se concentrar assim mesmo.”

“O Sheldon acha que o senhor talvez dê um jeito de descobrir.”

“Eu não sei de nada, Fishbein. Fica tranquilo e não deixa que o Sheldon...”

“*Eu* estou tranquilo, sargento. É que lá em casa...”

Grossbart havia terminado, e estava tirando a poeira do uniforme com

uma das mãos. Chamei-o. “Grossbart, o capitão quer falar com você.” Ele veio em direção a nós. Seus olhos brilhavam. “Oi!”

“Não aponta esse troço pra mim!”, exclamei.

“Eu não vou atirar no senhor, sargento.” Dirigi-me um sorriso largo como uma abóbora e virou o cano da arma pra outro lado.

“Porra, Grossbart, isso aqui não é brincadeira! Venha comigo.”

Saí andando à sua frente, e fui dominado pela terrível suspeita de que, às minhas costas, Grossbart estaria *marchando*, com o fuzil no ombro, como se fosse um destacamento de um homem só. Chegando ao jipe, ele apresentou armas ao capitão. “Soldado Sheldon Grossbart, senhor.”

“Descansar, Grossman.” O capitão sentou-se, escorregou para o lado do carona e, com o dedo encurvado, convidou Grossbart a se aproximar.

“Bart, *sir*. Sheldon Grossbart. É um erro comum.” Grossbart fez um sinal com a cabeça em minha direção, cujo significado era: *eu* haveria de compreender. Desviei o olhar no momento em que o caminhão do rancho chegou à linha-de-tiro, despejando meia dúzia de componentes do serviço de rancho, todos com as mangas arregaçadas. O sargento que comandava esse serviço gritava com os soldados enquanto eles montavam os equipamentos de rancho.

“Grossbart, a sua mãezinha escreveu pra um deputado dizendo que nós não estamos alimentando vocês direito. Você está sabendo disso?”, perguntou o capitão.

“Foi meu pai, senhor. Ele escreveu pro deputado Franconi, dizendo que a minha religião me proíbe de comer certas comidas.”

“Que religião é essa, Grossbart?”

“Judaísmo.”

“‘Judaísmo, *senhor*’”, disse eu a Grossbart.

“Desculpe, senhor. Judaísmo, senhor.”

“Você tem vivido à base do quê?”, perguntou o capitão. “Você já está no Exército há um mês. Você não está com cara de quem está morrendo de fome.”

“Eu como porque tenho que comer, senhor. Mas o sargento Marx é testemunha de que eu só como o estritamente necessário pra sobreviver.”

“É verdade, Marx?”, perguntou Barrett.

“Nunca vi o Grossbart comendo, senhor”, respondi.

“Mas o senhor ouviu o rabino”, disse Grossbart. “Ele me disse o que

eu devia fazer, e eu escutei.”

O capitão olhou para mim. “E então, Marx?”

“Continuo não sabendo o que ele come ou deixa de comer, senhor.”

Grossbart levantou os braços para me implorar, e por um momento parecia que ia entregar sua arma para que eu a segurasse. “Mas, sargento...”

“Grossbart, responda à pergunta do capitão, só isso”, disse eu, ríspido.

Barrett sorriu para mim, o que me irritou. “Está bem, Grossbart”, disse ele. “O que é que você quer? Aquele papelzinho? Você quer pular fora?”

“Não, senhor. Só quero que me deixem viver como judeu. A mim e aos outros também.”

“Que outros?”

“Fishbein, senhor, e Halpern.”

“Eles também não gostam do nosso serviço, é?”

“O Halpern vomita, senhor. Eu já vi.”

“Eu pensava que era você que vomitava.”

“Só uma vez, senhor. Eu não sabia que a salsicha era salsicha.”

“Nós vamos distribuir menus, Grossbart. Vamos passar uns filmes de treinamento sobre comida, pra você saber quando é que a gente está tentando envenenar você.”

Grossbart não respondeu. Os homens haviam formado duas grandes filas no rancho. Na rabeira de uma delas vi Fishbein — ou melhor, os óculos dele me viram. Eles refletiram o sol nos meus olhos. Halpern estava ao lado dele, enxugando o colarinho por dentro com um lenço cáqui. À medida que a fila avançava, eles se aproximavam da comida. O sargento do rancho continuava gritando com sua equipe. Por um momento, cheguei a ficar apavorado com a idéia de que de algum modo o sargento do rancho se envolveria com o problema de Grossbart.

“Marx”, disse o capitão, “você é judeu — não é?”

Resolvi bancar o escada para ele. “Sim, senhor.”

“Há quanto tempo você está no Exército? Diz pra esse garoto.”

“Três anos e dois meses.”

“Um ano em combate, Grossbart. Doze meses infernais lutando por toda a Europa. Eu admiro este homem.” O capitão bateu o punho contra meu peito. “Você já ouviu ele reclamando da comida? Já ouviu? Quero uma resposta, Grossbart. Sim ou não.”

“Não, senhor.”

“Como que não? Ele é judeu.”

“Tem coisas que são mais importantes pra alguns judeus do que outras coisas pra outros judeus.”

Barrett perdeu a paciência. “Olha aqui, Grossbart. O Marx é um homem de verdade — porra, ele é um herói. Quando você estava no colegial, o sargento Marx estava matando alemão. Quem é que faz mais pelos judeus — você, que vomita por causa de uma porcaria de uma salsicha, aliás uma salsicha de primeira, ou o Marx, matando aqueles filhos-da-puta nazistas? Se eu fosse judeu, Grossbart, eu beijava os pés deste homem. Esse cara é um herói, e ele come o que a gente dá pra ele comer. Eu queria saber por que é que você fica criando caso! O que é que você quer — pular fora?”

“Não, senhor.”

“Eu estou falando com uma parede! Sargento, tira esse sujeito da minha frente.” Barrett voltou para o banco do motorista. “Eu vou conversar com o capelão.” O motor rugiu, o jipe deu a volta numa nuvem de poeira e o capitão seguiu de volta para o alojamento.

Por um momento, eu e Grossbart ficamos parados um ao lado do outro, olhando para o jipe. Então ele virou-se para mim e disse: “Eu não quero criar caso nenhum. Essa é a primeira acusação que eles sempre fazem à gente”.

Quando ele falou, vi que seus dentes eram brancos e perfeitos, e ao ver aqueles dentes me dei conta de súbito de que Grossbart tinha, mesmo, pais — que, no passado, alguém havia levado o pequeno Sheldon ao dentista. Ele era o filho deles. Embora Grossbart falasse tanto dos pais, era difícil imaginá-lo criança, vê-lo como um herdeiro — alguém que tem laços de sangue com outra pessoa, mãe, pai ou mesmo, acima de tudo, comigo. Essa idéia me levou a outra.

“O que é que seu pai faz, Grossbart?”, perguntei, quando fomos seguindo em direção à fila do rancho.

“Ele é alfaiate.”

“Americano?”

“Agora é. Com um filho no Exército”, disse, rindo.

“E a sua mãe?”, indaguei.

Ele piscou. “Uma *ballabusta*. Só falta dormir com o espanador na mão.”

“Também é imigrante?”

“E até hoje só fala iídiche.”

“O seu pai também?”

“Um pouquinho de inglês. ‘Lavar’, ‘passar’, ‘ajustar a cintura’. Praticamente só isso. Mas eles são bons pra mim.”

“Então, Grossbart...” Estendi a mão e o detive. Ele virou-se para mim, e quando nossos olhares se encontraram, os olhos dele pareceram dar um salto para trás, encolhendo dentro das órbitas. “Grossbart... foi você que escreveu aquela carta, não foi?”

Bastaram-lhe uns dois segundos para que seus olhos voltassem a faiscar de felicidade. “Fui.” Ele seguiu em frente, e continuei caminhando a seu lado. “É o que o meu pai *teria* escrito se soubesse escrever. Agora, o nome foi o dele, mesmo. Foi *ele* quem assinou. Ele até pôs no correio. Eu mandei a carta pra lá. Pra ficar com carimbo de Nova York.”

Eu estava atônito, e ele percebeu. Na maior seriedade, Grossbart ergueu o braço direito à minha frente. “Sangue é sangue, sargento”, disse, beliscando a veia azulada em seu punho.

“Mas que diabo você está querendo fazer, Grossbart?”, perguntei. “Eu já vi você comer, sim. Você sabia? Eu disse ao capitão que não sabia o que você comia, mas eu já vi você comer como um cavalo na hora do rancho.”

“A gente dá duro, sargento. Estamos em treinamento. A fornalha precisa de carvão pra funcionar.”

“Por que é que você disse na carta que vive vomitando?”

“Eu estava falando era do Mickey, na verdade. Estava falando por ele. Ele jamais escreveria uma carta, sargento, e olha que eu insisti. Ele vai acabar definhando se ninguém fizer nada por ele. Sargento, eu usei o meu nome — o nome do meu pai —, mas estou é cuidando do Mickey, e do Fishbein também.”

“Você é um verdadeiro messias, não é?”

Já havíamos chegado à fila do rancho.

“Essa é boa, sargento”, ele retrucou, sorrindo. “Mas quem sabe? Vai ver que o senhor é que é o Messias — um pouco. O Mickey diz que o Messias é uma idéia coletiva. Ele estudou na *ieshivá*, o Mickey, por um tempo. Ele diz que nós todos juntos somos o Messias. Eu um pouquinho, o senhor um pouquinho. O senhor devia ouvir ele falando, sargento,

quando ele se empolga.”

“Eu um pouquinho, você um pouquinho”, disse eu. “Você quer mais é acreditar nisso, não é, Grossbart? Porque aí tudo ia ficar limpo pra você.”

“Até que não é uma coisa ruim pra gente acreditar, sargento. Isso só quer dizer que todos nós devemos *dar* um pouco, só isso.”

Afastei-me dele e fui comer com os outros sargentos.

Dois dias depois, uma carta endereçada ao capitão Barrett apareceu na minha mesa. Ela havia passado por toda a cadeia de comando — da sala do deputado Franconi, onde fora recebida, para o general Lyman, para o coronel Sousa, para o major Lamont e agora para o capitão Barrett. Li a carta duas vezes. A data era 14 de maio, o dia em que Barrett falara com Grossbart na linha-de-tiro.

Prezado deputado:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer seu interesse, em nome de meu filho, o soldado Sheldon Grossbart. Felizmente, pude conversar com Sheldon pelo telefone há poucos dias, e creio que consegui resolver nosso problema. Como mencionei na carta anterior, ele é um rapaz muito religioso, e foi só com muita dificuldade que pude convencê-lo de que a verdadeira atitude religiosa — o que o próprio Deus gostaria que ele fizesse — seria sofrer as dores do remorso religioso pelo bem de seu país e de toda a humanidade. Não foi fácil, caro deputado, mas ele terminou compreendendo. O que ele disse (e anotei as palavras num bloco para jamais esquecê-las), o que ele disse foi: “Acho que o senhor tem razão, papai. Milhões de judeus como eu entregaram suas vidas ao inimigo, e o mínimo que eu posso fazer é abrir mão por algum tempo de meu legado religioso para ajudar a dar fim a este conflito e reconquistar a dignidade e humanidade para todos os filhos de Deus”. Não há pai que não fique orgulhoso de ouvir isso, deputado.

A propósito, Sheldon fez questão de me dizer — e de passar adiante ao senhor — o nome de um soldado que o ajudou a tomar essa decisão: SARGENTO NATHAN MARX. O sargento Marx é um veterano de combate e é o primeiro-sargento de Sheldon. Esse homem vem ajudando Sheldon a vencer alguns dos primeiros obstáculos que ele foi obrigado a enfrentar no Exército, e foi parcialmente responsável por fazê-lo mudar de idéia a respeito das leis alimentares. Sei que Sheldon ficaria muito

grato se Marx obtivesse reconhecimento por isso.

Muito obrigado, e boa sorte. Espero ver seu nome na cédula nas próximas eleições.

Atenciosamente,
SAMUEL E. GROSSBART

Anexado ao comunicado referente a Grossbart vinha um outro, dirigido ao general Marshall Lyman, comandante do acampamento, e assinado pelo deputado Charles E. Franconi, da Câmara de Representantes. O comunicado informava ao general Lyman que o sargento Nathan Marx era motivo de orgulho para o Exército e o povo judeu.

Por que Grossbart voltara atrás? Teria concluído que fora longe demais? Seria a carta um recuo estratégico — uma tentativa ardilosa de fortalecer a aliança que ele julgava existir entre nós dois? Ou teria mesmo mudado de idéia, através de um diálogo imaginário entre Grossbart *père* e Grossbart *fils*? Fiquei intrigado, mas apenas por alguns dias — isto é, apenas até o momento em que me dei conta de que, fosse qual fosse o motivo, ele havia mesmo resolvido desaparecer da minha vida; decidira tornar-se apenas um recruta. Eu o via na revista, mas ele jamais piscava o olho para mim; via-o na fila do rancho, mas ele não tentava estabelecer contato comigo. Nos domingos, junto com os outros recrutas, ele vinha assistir a partida de beisebol dos sargentos, em que eu jogava como arremessador, porém não me dirigia uma palavra desnecessária uma única vez. Também Fishbein e Halpern recuaram — por ordem de Grossbart, disso eu não tinha dúvida. Pelo visto, ele compreendera que a atitude sensata era voltar atrás antes de mergulhar na condição antipática de detentor de privilégios imerecidos. Com essa separação, pude perdoar seu comportamento anterior, e por fim cheguei a admirá-lo por seu bom senso.

Enquanto isso, livre de Grossbart, fui me acostumando com meu trabalho e minhas tarefas administrativas. Um dia subi numa balança e constatei que havia de fato me transformado num não-combatente: eu havia engordado três quilos. Consegui ter paciência suficiente para passar da página três de um livro. Cada vez mais eu pensava no futuro, e escrevi cartas para moças que conhecera antes da guerra. Cheguei mesmo a receber algumas respostas. Escrevi para a Columbia University

pedindo um catálogo da faculdade de direito. Continuei acompanhando a guerra no Pacífico, mas essa guerra não era a minha. O fim parecia concebível, e por vezes, à noite, eu sonhava que estava caminhando pelas ruas de Manhattan — Broadway, Third Avenue, 116th Street, onde havia morado durante os três anos em que estudei na Columbia. Abraçado a esses sonhos, comecei a sentir felicidade.

E então, num sábado, quando todos já haviam saído e eu estava sozinho no corpo da guarda lendo um exemplar de *Sporting News* com o atraso de um mês, Grossbart reapareceu.

“O senhor gosta de beisebol, sargento?”

Levantei a vista. “Como é que você vai?”

“Vou bem”, respondeu Grossbart. “Estão me transformando num soldado.”

“E como vão o Fishbein e o Halpern?”

“Vão indo”, disse ele. “Hoje não tem treinamento. Eles foram ao cinema.”

“Por que é que você não foi com eles?”

“Eu queria vir aqui só pra cumprimentar o senhor.”

Ele sorriu — um sorriso tímido, de boa-praça, como se eu e ele soubéssemos muito bem que nossa amizade se alimentava de visitas inesperadas, aniversários lembrados e cortadores de grama emprestados. De início, senti-me ofendido, e em seguida esse sentimento foi engolido pelo mal-estar geral que me dominou quando me dei conta de que todo mundo no acampamento estava fechado num cinema escuro e eu estava ali sozinho com Grossbart. Dobrei meu jornal.

“Sargento”, disse ele, “eu queria lhe pedir um favor. É um favor mesmo; estou abrindo o jogo com o senhor.”

Ele parou, dando-me uma oportunidade de me recusar a ouvi-lo — o que, é claro, teve o efeito de me impor uma cortesia que eu não tinha nenhuma intenção de lhe fazer. “Diga lá.”

“Bom, na verdade são dois favores.”

Permaneci mudo.

“O primeiro tem a ver com esses boatos. Todo mundo diz que nós vamos para o Pacífico.”

“Como eu disse ao seu amigo, o Fishbein, eu não sei”, respondi. “Você vai ter que esperar pra saber. Como todo mundo.”

“Você acha que é possível que algum de nós vá pro Leste?”

“Pra Alemanha? Talvez.”

“Não, eu estava pensando em Nova York.”

“Pouco provável, Grossbart. É o que eu acho.”

“Obrigado pela informação, sargento”, disse ele.

“Não é uma informação, Grossbart. É só uma suposição minha.”

“Seria muito bom ficar perto de casa. Meus pais... o senhor sabe.”

Deu um passo em direção à porta e em seguida virou-se para trás. “Ah, a outra coisa. Posso perguntar?”

“O que é?”

“A outra coisa é o seguinte: eu tenho parentes em Saint Louis, e eles me prometeram um jantar de *Pessach* se eu conseguir chegar lá. Puxa, sargento, isso pra mim seria muito importante.”

Levantei-me da cadeira. “Durante o treinamento básico ninguém tira licença, Grossbart.”

“Mas a gente está de folga de agora até a manhã de segunda, sargento. Eu podia sair e ninguém ia ficar sabendo.”

“*Eu* ficaria sabendo. Você também.”

“Só nós. Nós dois. Ontem à noite eu liguei pra minha tia, e o senhor precisava ouvir ela falando. ‘Vem, vem, sim’, ela me disse. ‘Vai ter *gefilte fish*, *chrain*, e tudo mais!’ Só um dia, sargento. Se der problema, eu assumo a culpa.”

“O capitão não está aqui pra assinar a licença.”

“O senhor podia assinar.”

“Olha aqui, Grossbart...”

“Sargento, estou há dois meses, praticamente, comendo só *trafe*, é de matar.”

“Eu pensava que você estava decidido a encarar isso. A abrir mão por algum tempo do seu legado religioso.”

Ele me apontou o dedo em riste. “O senhor!”, disse. “Isso não era pro senhor ler.”

“Eu li, sim. E daí?”

“A carta foi escrita pra um deputado.”

“Grossbart, não me venha com histórias. Você *queria* que eu lesse essa carta.”

“Por que é que o senhor está me perseguindo, sargento?”

“Você está brincando!”

“Isso já aconteceu comigo antes”, disse ele, “mas um dos meus,

nunca!”

“Cai fora daqui, Grossbart! Some da minha frente!”

Ele não se mexeu. “Vergonha, o senhor tem vergonha”, disse ele. “Por isso o senhor desconta na gente. Dizem que Hitler tinha sangue judeu também. Só de ouvir o senhor eu acredito.”

“O que é que você está tentando fazer comigo, Grossbart?”, perguntei. “O que é que você quer? Você quer que eu lhe dê privilégios especiais, que eu mude a comida, que eu descubra pra onde vão mandar você, que eu lhe arranje uma licença pro fim de semana.”

“O senhor até fala como um gó!” Grossbart brandiu o punho. “Eu não estou só pedindo uma licença pro fim de semana? Afinal, o *seder* é ou não é sagrado?”

O *seder*! De repente me dei conta de que o *Pessach* já fora celebrado havia algumas semanas. Eu lhe disse isso.

“É verdade”, ele respondeu. “Quem é que vai negar? Foi há um mês, sim — eu estava no campo comendo porcaria! E agora só estou pedindo um favorzinho de nada. Eu achei que um rapaz judeu fosse compreender. Minha tia está disposta a tudo, até a fazer o *seder* com um mês de atraso...” Ele se virou para sair, resmungando.

“Volte aqui!”, gritei. Ele parou e olhou para mim. “Grossbart, por que é que você não pode ser como os outros? Por que é que você se destaca dos outros da pior maneira?”

“Por que eu sou judeu, sargento. Eu *sou* diferente. Posso não ser melhor. Mas sou diferente.”

“Estamos em guerra, Grossbart. Por ora, você *tem* que ser igual.”

“Eu me recuso.”

“O quê?”

“Eu me recuso. Eu não posso deixar de ser eu, é muito simples.” Seus olhos se encheram de lágrimas. “É difícil ser judeu. Mas agora eu entendo o que o Mickey diz — é mais difícil ainda continuar sendo.” Levantou uma mão com tristeza para mim. “Olha só o *senhor*.”

“Pára com essa choradeira!”

“Pára com isso, pára com aquilo, pára com não sei que mais! Pára o *senhor*, sargento. Pára de fechar seu coração pro seu povo!” E, enxugando o rosto com a manga, saiu correndo pela porta afora. “É o mínimo que a gente pode fazer um pelo outro — o mínimo...”

Uma hora depois, olhando pela janela, vi Grossbart atravessando o

campo. Estava com o uniforme cáqui engomado e carregava um pequeno bernal de couro. Saí da sala no auge do calor do dia. O silêncio era geral; não se via ninguém, fora quatro soldados da faxina de cozinha, perto do rancho, debruçados sobre uma panela, conversando e descascando batatas ao sol.

“Grossbart!”, gritei.

Ele olhou na minha direção e continuou andando.

“Grossbart, venha cá!”

Ele virou-se e atravessou o campo. Por fim, parou diante de mim.

“Onde é que você vai?”, perguntei.

“Pra Saint Louis. Estou me lixando.”

“Sem licença, vão deter você.”

“Sem licença, vão me deter.”

“Você vai pra cadeia”

“Eu *já* estou na cadeia.” Deu meia-volta e saiu.

Deixei-o dar apenas um ou dois passos. “Volta aqui”, disse eu, e entrei no escritório, seguido por ele, onde bati à máquina uma licença e assinei o nome do capitão, pondo minhas iniciais depois.

Ele pegou a licença e então, um instante depois, estendeu a mão e agarrou a minha. “Sargento, o senhor não sabe como isso é importante pra mim.”

“Está bem”, respondi. “Não vá se meter em confusão.”

“Eu queria poder mostrar para o senhor como isso é importante pra mim.”

“Não me faça mais nenhum favor. Não vá escrever pra nenhum deputado pedindo um elogio pra mim.”

Ele sorriu. “Não vou fazer isso, não. Mas eu queria fazer alguma coisa.”

“Me traz um pouco de *gefilte fish*. Mas cai fora daqui.”

“Eu trago, sim!”, respondeu ele. “Com uma fatia de cenoura e um pouco de raiz-forte. Não vou esquecer.”

“Está bem. Mostra essa licença no portão. E não conta *pra ninguém*.”

“Não vou contar. Com um mês de atraso, bom *yom tov* para o senhor.”

“Bom *yom tov*, Grossbart”, respondi.

“O senhor é um bom judeu, sargento. O senhor gosta de pensar que tem um coração duro, mas por trás disso o senhor é um homem bom e

humano. Estou falando sério.”

Aquelas três últimas palavras me tocaram mais do que qualquer palavra saída da boca de Grossbart devia me tocar. “Está bem, Grossbart”, disse eu. “Pode me chamar de ‘senhor’, e depois cai fora daqui.”

Ele saiu correndo e sumiu. Eu estava muito contente comigo mesmo; era um grande alívio parar de brigar com Grossbart, e o gesto não me custara nada. Barret jamais ficaria sabendo, e se descobrisse eu daria um jeito de inventar uma desculpa. Fiquei algum tempo sentado à minha mesa, contente com minha decisão. Então a porta telada foi aberta outra vez e Grossbart entrou de repente. “Sargento!”, exclamou ele. Atrás dele vi Fishbein e Halpern, os dois com uniformes engomados, cada um carregando um bernal como o de Grossbart.

“Sargento, peguei o Mickey e o Larry saindo do cinema. Por um triz a gente não desencontrou.”

“Grossbart — eu não falei pra você não contar pra ninguém?”, perguntei.

“Mas a minha tia disse que eu podia levar meus amigos. Aliás, que eu *devia* levar.”

“O sargento sou *eu*, Grossbart — não a sua tia!”

Grossbart olhou para mim sem entender. Puxou Halpern pela manga. “Mickey, diz pro sargento o que isso representa pra você.”

Halpern olhou para mim e, dando de ombros, disse: “É muito importante pra mim”.

Fishbein deu um passo à frente sem que lhe pedissem. “Isso seria muito importante pra e mim pros meus pais, sargento Marx.”

“Não!”, gritei.

Grossbart sacudia a cabeça. “Sargento, eu até entendia se o senhor me negasse a licença, mas negar ao Mickey, que já estudou numa *ieshivá* — isso eu não consigo entender.”

“Eu não estou negando nada ao Mickey”, repliquei. “Você foi longe demais, Grossbart. Foi *você* o responsável.”

“Então eu dou a minha licença pra ele”, disse Grossbart. “Eu dou a ele o endereço da minha tia e mando um bilhete. Deixa pelo menos *ele* ir.”

E mais que depressa enfiou a licença no bolso da calça de Halpern. Halpern olhou para mim, e Fishbein fez o mesmo. Grossbart estava à porta, abrindo-a. “Mickey, me traz um pedaço de *gefilte fish*, pelo

menos”, disse ele, e saiu.

Nós três ficamos nos entreolhando, e por fim eu disse: “Halpern, me dê essa licença”.

Ele tirou o papel do bolso e entregou-o a mim. A essa altura Fishbein já tinha ido até a porta, onde esperava. Ficou parado por um momento com a boca entreaberta, e depois apontou para si próprio. “E eu?”, perguntou.

Ele era tão ridículo que me senti exausto. Joguei-me na cadeira e senti algo latejando no fundo dos olhos. “Fishbein”, disse eu, “você entende que eu não estou tentando negar nada a você, não é? Se o Exército fosse meu, eu servia *gefilte fish* no rancho, eu vendia *kugel* na cantina, com toda a sinceridade.”

Halpern sorriu.

“Você entende, não entende, Halpern?”

“Entendo, sim, sargento.”

“E você, Fishbein? Eu não quero criar inimizade. Eu sou igual a vocês — eu quero servir o tempo que eu tiver que servir e depois voltar pra casa. Eu sinto falta das mesmas coisas que vocês.”

“Então, sargento”, disse Fishbein, “por que o senhor não vem também?”

“Ir pra onde?”

“Pra Saint Louis. Pra casa da tia do Shelly. Vai ter um *seder* de verdade. Vamos brincar de esconder o *matzo*.” Ofereceu-me um sorriso largo, com dentes enegrecidos.

Vi Grossbart outra vez, do outro lado da tela.

“Psiu!” Estava agitando um pedaço de papel. “Mickey, está aqui o endereço. Diz pra ela que eu não pude ir.”

Halpern não se mexeu. Olhou para mim, e vi que se iniciava em seus braços o movimento de sacudir os ombros outra vez. Tirei a capa da minha máquina de escrever e bati licenças para ele e para Fishbein. “Podem ir”, disse eu. “Vocês três.”

Pensei que Halpern ia beijar minha mão.

Aquela tarde, num bar em Joplin, tomei cerveja ouvindo sem prestar muita atenção uma partida dos Cardinals. Tentei encarar a situação em que eu havia me metido, e comecei a achar que o conflito com Grossbart talvez fosse tanto culpa minha quanto dele. Eu era o quê, para ter de me *obrigar* a ser generoso? Quem era eu para ter tanta má vontade, um

coração tão duro? Afinal, não estavam me pedindo mundos e fundos. Eu tinha o direito de cair em cima de Grossbart — tinha motivo para fazê-lo — quando isso implicava fazer o mesmo com Halpern? E com Fishbein — aquela criatura feia e simpática? Em meio às muitas lembranças de minha infância que haviam me inundado nos últimos dias, ouvi a voz de minha avó: “Por que é que você está fazendo *tsimmes*? Era isso que ela perguntava à minha mãe quando, por exemplo, eu me cortava ao fazer o que não devia, e sua filha resolvia me passar um sabão. Eu precisava de um abraço e um beijo, e minha mãe ficava me dando lições de moral. Mas minha avó sabia — a piedade é mais importante que a justiça. Eu também devia saber. Quem era Nathan Marx para ser tão sovina com a bondade? Sem dúvida, pensei, o próprio Messias — se algum dia Ele vier — não vai brigar por causa de ninharias. Se Deus quiser, Ele virá com beijos e abraços.

No dia seguinte, quando eu estava jogando beisebol na praça de armas, resolvi perguntar a Bob Wright, que estava encarregado do Departamento de Pessoal, aonde ele imaginava que nossos recrutas seriam enviados quando terminasse o treinamento, dentro de duas semanas. Perguntei por perguntar, entre uma e outra entrada, e Bob respondeu: “Eles todos vão ser empurrados pro Pacífico. O Shulman redigiu as ordens no outro dia mesmo”.

A notícia me chocou, como se eu fosse o pai de Halpern, Fishbein e Grossbart.

Naquela noite, eu estava começando a adormecer quando alguém bateu à minha porta. “Quem é?”, indaguei.

“O Sheldon.”

Ele abriu a porta e entrou. Por um momento, senti sua presença sem o ver. “Como foi?”, perguntei.

Grossbart surgiu de súbito à minha frente na escuridão quase completa. “Foi ótimo, sargento.” Sentou-se na beira da cama. Eu me recostei na cabeceira.

“E o senhor?”, ele indagou. “Foi bom o fim de semana?”

“Foi.”

“Os outros foram dormir.” Respirou fundo, um gesto paternal. Ficamos calados por um momento, e uma sensação caseira invadiu meu cubículo feio; a porta estava trancada, o gato estava do lado de fora, as

crianças estavam dormindo em seus quartos.

“Sargento, posso lhe dizer uma coisa? Pessoal?”

Não respondi, e ele parecia entender por quê. “Não é sobre mim. É sobre o Mickey. Sargento, eu nunca senti por ninguém o que eu sinto por ele. Ontem à noite eu ouvi o Mickey na cama ao lado da minha. Ele estava chorando tanto, que era de partir o coração. Soluçando, mesmo.”

“Lamento.”

“Eu tive que mandar ele parar com aquilo. Ele segurou a minha mão, sargento — depois não queria largar mais. Estava quase histérico. Falava sem parar que só queria saber aonde gente estava indo. Mesmo que fosse o Pacífico, era melhor do que nada. Ele só queria saber.”

Havia muito tempo, alguém ensinara Grossbart a triste regra segundo a qual somente as mentiras arrancam a verdade. Não que eu não acreditasse que Halpern tivesse chorado; os olhos dele *sempre* pareciam avermelhados. Mas, verdade ou não, aquilo virou uma mentira quando Grossbart o disse. Ele era totalmente estratégico. Mas eu — percebi-o com a força de uma condenação — também era! Há estratégias de agressão, mas há também estratégias de recuo. E assim, reconhecendo que eu mesmo agira com certa astúcia, contei-lhe o que eu sabia. “É pro Pacífico.”

Ele não conteve uma interjeição de espanto, o que não era uma mentira. “Eu vou contar pra ele. Eu preferia que não fosse verdade.”

“Eu também.”

Ao ouvir essas palavras, ele apressou-se a perguntar: “Então o senhor acha que podia fazer alguma coisa? Uma transferência, quem sabe?”

“Não, eu não posso fazer nada.”

“O senhor não conhece ninguém lá no DP?”

“Grossbart, eu não posso fazer nada. Se a ordem é ir pro Pacífico, vocês vão pro Pacífico.”

“Mas o Mickey...”

“O Mickey, eu, você — todo mundo, Grossbart. Não há nada a fazer. Pode ser que a guerra termine antes de vocês irem. Peça a Deus um milagre.”

“Mas...”

“Boa noite, Grossbart.” Deitei-me outra vez, e foi com alívio que senti as molas do colchão relaxando quando Grossbart se levantou para ir embora. Agora eu o via claramente; seu queixo havia caído, ele

parecia um lutador de boxe atordoado. Pela primeira vez, vi um saquinho de papel em sua mão.

“Grossbart.” Sorri. “Meu presente?”

“Ah, sim, sargento. Tome aí — um presente de todos nós.” Entregou-me o saco. “É um rolinho de primavera.”

“Rolinho de primavera?” Peguei o saco e senti uma mancha de gordura no fundo. Abri-o, certo de que Grossbart estava brincando.

“A gente achou que o senhor ia gostar. O senhor sabe — rolinho chinês. A gente imaginou que senhor provavelmente gostava...”

“A sua tia serviu rolinho chinês?”

“Ela não estava em casa.”

“Grossbart, ela convidou você. Você me disse que ela convidou você e os seus amigos.”

“Eu sei”, disse ele. “Acabei de reler a carta. Era na semana que vem.”

Saí da cama e andei até a janela. “Grossbart”, exclamei. Mas eu não o estava chamando.

“O quê?”

“Você é o quê, Grossbart? Com toda a sinceridade, você é o quê?”

Creio que foi a primeira pergunta que lhe fiz para a qual ele não tinha uma resposta imediata.

“Como é que você pode fazer isso com as pessoas?”, prossegui.

“Sargento, o dia de folga fez muito bem a todos nós. O Fishbein, só o senhor vendo, ele *adora* comida chinesa.”

“Mas o *seder*”, insisti.

“Quem não tem cão caça com gato, sargento.”

A raiva me tomou de repente. Não me esquivei dela. “Grossbart, você é um mentiroso!”, exclamei. “Você é manipulador, é desonesto. Você não respeita nada. Absolutamente nada. Nem a mim, nem a verdade — nem mesmo o coitado do Halpern! Você usa todos nós...”

“Sargento, sargento, eu tenho pena do Mickey. Com toda a sinceridade, tenho, sim. Eu *adoro* o Mickey. Eu tento...”

“Você tenta! Você tem pena!” Avancei em direção a ele e agarrei-o pela camisa. Dei-lhe um safanão furioso. “Grossbart, sai daqui! Sai daqui e some da minha vida. Por que se eu vir você de novo, eu vou ferrar com você. *Entendeu?*”

“Entendi.”

Soltei-o, e quando ele saiu do quarto senti vontade de cuspir no chão,

no lugar que ele havia pisado. Não conseguia conter minha fúria. Ela me inundava, tomando conta de mim, até eu pensar que só conseguiria me livrar dela chorando ou cometendo alguma violência. Fui até a cama, agarrei o saco que Grossbart me havia dado e, com toda a força, joguei-o pela janela. E na manhã seguinte, quando os homens policiavam a área em torno do alojamento, ouvi um grito partindo de um dos recrutas, que só esperava encontrar, como sempre, um punhado de guimbas de cigarros e papéis de bala. “Um rolinho!”, gritou. “Meu Deus, um rolinho de primavera chinês!”

* * *

Uma semana depois, quando li as ordens que haviam chegado do DP, não consegui acreditar em meus próprios olhos. Todos os recrutas seriam enviados para o Camp Stoneman, Califórnia, e de lá para o Pacífico — todos, menos um: o soldado Sheldon Grossbart. Ele seria encaminhado ao Fort Monmouth, Nova Jersey. Reli a folha mimeografada várias vezes. Dee, Farrell, Fishbein, Fuselli, Fylypowycz, Glinicki, Gromke, Gucwa, Halpern, Hardy, Helebrandt, até chegar a Anton Zygodlo — todos iriam para o Oeste antes do final do mês. Todos, menos Grossbart. Ele havia arranjado um pistolão, que não era eu.

Peguei o telefone e liguei para o DP.

Fui atendido por uma voz animada: “Cabo Shulman, senhor.”

“Me passe o sargento Wright.”

“Quem fala, senhor?”

“O sargento Marx.”

Para minha surpresa, a voz exclamou: “Ah!”. Em seguida, disse: “Só um minuto, sargento”.

Aquele “Ah!” ficou na minha cabeça enquanto eu esperava que Wright atendesse o telefone. Por que “Ah!”? Quem era Shulman? E então, com a maior facilidade, entendi qual o pistolão que Grossbart havia utilizado. Era como se estivesse ouvindo Grossbart no dia em que ele descobriu Shulman na cantina, ou no boliche, ou até mesmo no culto. “Muito prazer. Você é de onde? Do Bronx? Eu também. Você conhece fulano? E sicrano? Eu também! Você trabalha no DP? É mesmo? Vem cá, tem alguma possibilidade da gente ir pro Leste? Será que você podia fazer alguma coisa? Mudar alguma coisa? Enrolar, roubar, mentir? Nós

temos que nos ajudar uns aos outros, você sabe. Se os judeus da Alemanha...”

Bob Wright atendeu o telefone. “Como é que você está, Nate? E o beisebol?”

“Tudo bem. Bob, eu queria te pedir um favor.” Ouvi minhas próprias palavras, e elas me trouxeram Grossbart à memória com tanta nitidez que foi mais fácil do que eu imaginava fazer o que havia planejado. “Isso pode parecer loucura, Bob, mas tem um garoto aqui que vai ser transferido pra Monmouth e que queria outra coisa. Ele perdeu um irmão na Europa, e está louco para ir pro Pacífico. Diz ele que se ficar no país vai se sentir um covarde. Não sei, Bob, mas será que dava pra fazer alguma coisa? Colocar uma outra pessoa pra ir pra Monmouth?”

“Quem?”, ele perguntou, desconfiado.

“Qualquer um. O primeiro na ordem alfabética. Tanto faz. O garoto só me perguntou se dava pra fazer alguma coisa.”

“Qual é o nome dele?”

“Grossbart, Sheldon.”

Wright não disse nada.

“É”, comentei. “Ele é judeu, e por isso achou que eu podia ajudar. Você sabe.”

“Acho que dá pra fazer alguma coisa, sim”, disse ele por fim. “O major está sumido daqui há algumas semanas. Missão secreta no campo de golfe. Vou tentar, Nate, é o que eu posso te dizer.”

“Muito obrigado, Bob. Até domingo.” E desliguei, suando em bicas.

No dia seguinte apareceram as ordens corrigidas: Fishbein, Fuselli, Fylypowycz, Glinicki, Gromke, Grossbart, Gucwa, Halpern, Hardy... O soldado Harley Alton, sujeito de sorte, ia para o Fort Monmouth, Nova Jersey, onde por algum motivo queriam um recruta que tivesse tido treinamento de infantaria.

Aquela noite, após o rancho, passei no corpo da guarda para preparar a lista de tarefas. Grossbart estava esperando por mim. Ele foi o primeiro a falar

“Seu filho-da-puta!”

Sentei-me à minha mesa, e enquanto ele me olhava com ferocidade comecei a fazer as alterações necessárias na lista.

“O que é que o senhor tem contra mim?”, exclamou. “Contra a minha família? Que mal vai fazer ao senhor se eu ficar mais perto do meu pai,

Deus sabe quantos meses de vida ele ainda tem pela frente?”

“Por quê?”

“O coração”, disse Grossbart. “Como se ele já não tivesse tido os problemas que teve na vida, o senhor ainda vai acrescentar mais um! Maldito o dia em que eu o conheci! O Shulman me contou o que aconteceu lá. O seu anti-semitismo não tem limite! O mal que o senhor já fez aqui não basta. O senhor ainda faz questão de dar um telefonema especial! O senhor realmente quer que eu morra!”

Fiz as últimas anotações no aviso e me levantei para sair. “Boa noite, Grossbart.”

“O senhor me deve uma explicação!” Ele ficou parado diante da porta.

“Sheldon, você é que deve explicações.”

Ele franziu o cenho. “Ao senhor?”

“A mim, creio que sim. Mais ainda ao Fishbein e ao Halpern.”

“Está bem, pode distorcer tudo. Eu não devo nada a ninguém, eu fiz o que eu pude por eles. Agora eu acho que tenho o direito de cuidar de mim.”

“Nós temos que aprender a cuidar uns dos outros, Sheldon. Foi você que me disse isso.”

“E o senhor acha que isso é que cuidar de mim — isso que o senhor fez?”

“Não. É cuidar de todos nós.”

Empurrei-o para o lado e saí em direção à porta. Ouvi sua respiração furiosa atrás de mim, e era como vapor saindo de uma locomotiva de uma força terrível.

“Você vai se sair bem”, disse eu, à porta. E, pensei, Fishbein e Halpern também iam se sair bem, até mesmo no Pacífico, desde que Grossbart continuasse a ver, na subserviência de um e na espiritualidade frágil do outro, uma vantagem para si próprio.

Saí do corpo da guarda, ouvindo Grossbart a chorar atrás de mim. Nos alojamentos, pelas janelas iluminadas, vi os rapazes de camiseta sentados nos beliches, conversando sobre as novas ordens, o assunto das conversas dos últimos dois dias. Com um nervosismo discreto, eles engraxavam sapatos, lustravam fivelas de cintos, dobravam cuecas, tentavam da melhor maneira possível aceitar seu destino. Atrás de mim, Grossbart engolia em seco, aceitando o dele. E então, resistindo com

toda a minha força de vontade ao impulso de me virar para trás e pedir perdão pelo meu ato de vingança, aceitei o meu.

EPSTEIN

MICHAEL, O CONVIDADO DO FIM DE SEMANA, ia dormir numa das duas camas de solteiro do antigo quarto de Herbie, onde ainda havia fotos de jogadores de beisebol na parede. Lou Epstein estava deitado com a esposa em seu quarto, com a cama disposta na diagonal. O quarto de sua filha, Sheila, estava vazio; ela havia ido a uma reunião com o noivo, que era cantor de música *folk*. Num canto de seu quarto havia um ursinho de pelúcia equilibrado sobre o traseiro, tendo um *button* com os dizeres VOTE NO PARTIDO SOCIALISTA preso na orelha esquerda; as estantes em que outrora livros de Louisa May Alcott acumulavam poeira agora ostentavam as obras de Howard Fast. A casa estava em silêncio. A única luz acesa era a da sala de jantar, no andar de baixo, onde as velas do *shabat* brilhavam no candelabro dourado alto, e a vela de *jahrzeit* de Herbie tremeluzia num copo.

Epstein olhava para o teto escuro do quarto, deixando a cabeça, que passara o dia inteiro dando voltas, se esvaziar por um momento. Sua mulher, Goldie, resfolegava a seu lado, como se sofresse de uma bronquite eterna. Dez minutos antes ela havia se despido, e ele ficara a vê-la enfiando a camisola branca pela cabeça, passando pelos seios que se afunilavam sobre o ventre, pelas nádegas que pareciam um fole, as coxas e pernas cheias de veias azuis, como um mapa rodoviário. O que antigamente podia ser beliscado, o que era pequeno e duro, agora podia ser cutucado e puxado. Tudo estava caído. Ele fechara os olhos enquanto ela vestia a camisola e tentara lembrar-se da Goldie de 1927, do Lou Epstein de 1927. Virou-se para ela e apertou o ventre contra suas nádegas, lembrando, e estendeu a mão para segurar seus seios. Os mamilos pendiam como as tetas de uma vaca, do tamanho de seu dedo mínimo. Epstein virou-se para o outro lado.

Uma chave girou na fechadura da porta da frente — ouviram-se cochichos, e depois a porta se fechou com cuidado. Epstein retesou os músculos e ficou aguardando os ruídos — aqueles socialistas não perdiam tempo. À noite, era um tal de abrir e fechar zíperes que não era possível dormir. “O que será que eles ficam fazendo lá embaixo?”, ele

explodira com a mulher numa noite de sexta. “Provando roupas?” Agora, mais uma vez, Epstein esperava. Não que ele fosse contra a diversão dos jovens. Não era puritano, achava que a juventude tinha mais era que se divertir. Afinal, também ele fora jovem, não era? Mas em 1927 ele e a mulher eram pessoas bonitas. Lou Epstein jamais fora parecido com aquele sujeitinho sem queixo, preguiçoso e metido a besta, cuja única renda provinha do que ganhava cantando músicas *folk* em bares, e que uma vez perguntara a Epstein se não tinha sido “emocionante” viver numa “época de grande convulsão social” como os anos 30.

E sua filha, por que ela não ficara parecida com... com a moça que morava em frente, com quem Michael havia saído, aquela que perdera o pai. Aquilo, sim, era uma moça bonita. Mas a sua Sheila, não. O que acontecera — ele se perguntava —, o que acontecera com aquele bebezinho de pele rosada? Em que ano, em que mês aquelas canelas finas ficaram grossas como toros, a tez de pêssegos com creme virou uma massa de espinhas? Aquela criança linda agora era uma mulher de vinte e três anos de idade munida de “consciência social”! Consciência, uma ova, pensou Epstein. Ela passa o dia inteiro procurando um piquete para participar, depois volta para casa à noite e come como um cavalo... Sheila e aquele tocador de violão, um pegando nas partes do outro — era pior do que pecaminoso; era nojento. Quando Epstein se virava na cama e ouvia os dois a ofegar e abrir zíperes, aquele som era como um trovão em seus ouvidos.

Zip!

Pronto, já estavam eles outra vez. Epstein resolveu ignorá-los, pensar em seus outros problemas. A firma... faltava apenas um ano para a aposentadoria que ele planejava, e não havia nenhum herdeiro para a Sacos de Papel Epstein. Ele construíra a empresa a partir do zero, sofrera e sangrara durante a Depressão e os governos Roosevelt, e fora só com a guerra e Eisenhower que finalmente teve sucesso. A idéia de entregá-la a um estranho era insuportável para ele. Mas fazer o quê? Herbie, que estaria com vinte e oito anos, havia morrido de poliomielite aos onze. E Sheila, sua única esperança, havia escolhido como noivo um homem preguiçoso. O que ele podia fazer? Como é que um homem de cinquenta e nove anos pode começar a produzir herdeiros de uma hora para outra?

Zip! Hã-hã-hã! Aah!

Ele fechou os ouvidos e a mente. Tentou recolher recordações e mergulhar nelas. Por exemplo, o jantar...

Ficou surpreso quando chegou em casa da firma e encontrou o soldado sentado à mesa de jantar. Surpreso porque o rapaz, que havia dez ou doze anos ele não via, tinha ficado com a cara dos Epstein, a cara que seu filho teria, a pequena protuberância no nariz, o queixo forte, a pele morena e a massa de cabelo negro e reluzente que um dia ficaria cinzento como um céu nublado.

“Olha quem está aqui”, gritou sua mulher assim que ele entrou em casa, com a sujeira do dia ainda debaixo das unhas. “O filho do Sol.”

O soldado levantou-se da cadeira e estendeu-lhe a mão. “Como vai o senhor, tio Louis?”

“É um Gregory Peck”, disse a mulher de Epstein, “um Montgomery Clift, esse filho do seu irmão. Chegou aqui há três horas e já arrumou namorada. E é um cavalheiro que só vendo...”

Epstein não disse nada.

O soldado permanecia em posição de sentido, ereto, como se tivesse aprendido boas maneiras muito antes do Exército. “Desculpe eu chegar assim de repente, tio Louis. Me mandaram pra Monmouth na semana passada e o papai disse que eu devia passar aqui pra ver vocês. Estou de licença este fim de semana e a tia Goldie disse que eu devia ficar...” Ele esperou.

“Olha só pra ele”, dizia Goldie. “Um príncipe!”

“Claro”, disse Epstein por fim, “fica, sim. Como está seu pai?” Epstein não falava com Sol desde 1945, quando comprou a parte da firma que pertencia ao irmão e este se mudou para Detroit, após um bate-boca.

“O papai está bem”, disse Michael. “Ele manda um abraço.”

“Eu mando também. Diz a ele.”

Michael sentou-se, e Epstein pensou que o garoto provavelmente pensava tal como o pai: que Lou Epstein era um homem rude cujo coração só batia mais depressa quando ele pensava na Sacos de Papel Epstein.

Quando Sheila chegou em casa, todos se sentaram para jantar, e eram quatro à mesa, como antigamente. Goldie Epstein se levantava o tempo todo, sem parar, enfiando um prato novo debaixo do nariz de cada um assim que terminava o anterior. “Michael”, disse ela, num tom histórico,

“Michael, quando você era pequeno, você comia muito mal. A sua irmã Ruthie, que Deus a abençoe, essa comia bem. Não muito, mas bem.”

Pela primeira vez Epstein lembrou-se de sua sobrinha, a pequena Ruthie, uma moreninha linda, uma Ruth bíblica. Olhou para sua filha e ouviu a mulher falando, falando. “Não, a Ruthie não comia muito, não. Mas também não era luxenta. O nosso Herbie, que Deus o tenha, era luxento...” Goldie olhou para o marido como se ele se lembrasse exatamente de que modo seu filho amado comia; Epstein ficou olhando para seu prato de carne assada.

“Mas”, prosseguia Goldie Epstein, “você vai viver e vai ficar bem, Michael, você que aprendeu a comer direito...”

Aaah! Aaah!

Os ruídos partiram ao meio a recordação de Epstein.

Aaah!

Era demais. Levantou-se, verificou que estava de pijama e saiu em direção à sala. Ele ia lhes dizer poucas e boas. Diria a eles que... que 1927 não era 1957! Não, isso era o que *eles* lhe diriam.

Mas na sala não estavam Sheila e o cantor de música *folk*. Epstein sentiu o frio do assoalho subir pelas pernas frouxas de seu pijama e gelar sua virilha, arrepiando a pele das coxas. Eles não o viram. Deu um passo para trás, colocando-se atrás da porta em arco da sala de visitas. Seus olhos, porém, permaneceram fixos no chão da sala, no filho de Sol e na garota que morava em frente.

A garota chegara de short e suéter. Agora as duas peças estavam jogadas sobre o braço do sofá. A luz das velas era suficiente para Epstein ver que ela estava nua. Michael, a seu lado, debatendo-se, potente, só não tinha retirado os coturnos e as meias cáquis. Os seios da garota eram como duas xícaras brancas pequenas. Michael beijou-os, e continuou beijando. Epstein sentiu um formigamento; não ousava se mexer, não queria se mexer, até que os dois, como vagões num pátio de manobras, chocaram-se um contra o outro, com ferocidade, acoplados, estremeceram. No meio daquele barulho, na ponta dos pés, trêmulo, Epstein recuou, subiu a escada e voltou para a cama da esposa.

Não conseguiu se obrigar a dormir durante horas, ou assim lhe pareceu; só poderia adormecer depois que a porta da rua se abrisse e os dois jovens saíssem. Quando, cerca de um minuto depois, ouviu outra chave abrir a fechadura, Epstein não sabia se era Michael voltando para

dormir ou...

Zip!

Agora era Sheila com o cantor *folk*! O mundo inteiro, pensou ele, todo o mundo jovem, os feios e os belos, os gordos e os magros, abrindo e fechando zíperes! Ele agarrou os abundantes cabelos grisalhos e puxou-os até doer o couro cabeludo. Sua mulher mudou de posição e emitiu um ruído. “Mmtê... mmtê...” Ela agarrou as cobertas e cobriu-se. “Mmtê...”

Manteiga! Ela está sonhando com manteiga. Sonha com receitas enquanto o mundo abre e fecha zíperes. Epstein fechou os olhos e afundou à força, mais e mais, num sono de velho.

ATÉ ONDE É NECESSÁRIO RECUAR para se descobrir o início do problema? Mais tarde, quando tivesse mais tempo, Epstein faria essa pergunta a si próprio. Quando foi que começou? Naquela noite em que ele viu aqueles dois no chão? Ou na noite de verão, dezessete anos antes, quando ele afastou o médico da cama e juntou os lábios aos de seu Herbie? Ou, pensava Epstein, teria sido aquela noite, quinze anos atrás, em que em vez de sentir cheiro de mulher entre os lençóis sentiu cheiro de sapólio? Ou aquela vez em que sua filha pela primeira vez o chamou de “capitalista” como se fosse um palavrão, como se ter sucesso fosse um crime? Ou não teria sido nada disso? Talvez procurar um início fosse apenas uma maneira de procurar uma desculpa. Pois não teria o problema, o grande problema, começado mesmo no momento mais óbvio, na manhã em que ele viu Ida Kaufman esperando o ônibus?

E por falar em Ida Kaufman, por que cargas d’água fora uma estranha, e não uma pessoa que ele amasse ou fosse capaz de amar, que finalmente mudara sua vida? Ela, que morava em frente à sua casa havia menos de um ano, e que (segundo a sra. Katz, a fofoqueira da rua) provavelmente venderia a casa agora que o sr. Kaufman havia morrido, mudando-se em caráter definitivo para a casa de veraneio deles em Barnegat? Até aquela manhã, Epstein não havia dado muita atenção à mulher: morena, bonita, seios fartos. Quase não falava com as outras donas de casa, porém passava o tempo todo, até um mês antes, cuidando do marido devastado pelo câncer. Uma ou duas vezes Epstein levantara o chapéu para ela, mas mesmo nessas ocasiões estava mais preocupado com o destino da Sacos de Papel Epstein do que com o ato de civilidade que estava praticando. Até mesmo naquela manhã de segunda-feira, ele poderia perfeitamente ter passado batido pelo ponto de ônibus. Os pássaros saltitavam e cantavam nas árvores, e o sol brilhava no céu como o troféu de um jovem atleta. Mas a mulher parada no ponto de ônibus estava com um vestido fino e sem casaco, e Epstein viu-a esperando, e por baixo do vestido, das meias, da lingerie imaginada, viu o corpo da moça deitada no tapete de sua sala, pois Ida Kaufman era a

mãe de Linda Kaufman, a moça que se tornara amiga de Michael. Assim, Epstein parou junto ao meio-fio e, por causa da filha, deu carona à mãe.

“Muito obrigada, senhor Epstein”, disse ela. “Muita bondade sua.”

“Não é nada”, Epstein respondeu. “Estou indo pra Market Street.”

“Market Street pra mim está ótimo.”

Ele pisou fundo demais no acelerador, e o Chrysler grande partiu com um salto, barulhento como um Ford envenenado. Ida Kaufman abriu a janela do seu lado e deixou que a brisa entrasse; acendeu um cigarro. Depois de algum tempo perguntou: “Foi o seu sobrinho, não foi, que saiu com a Linda no sábado à noite?”.

“O Michael? Foi.” Epstein ficou vermelho, por motivos que Ida Kaufman desconhecia. Sentiu que seu pescoço estava em brasa, e tossiu para dar a impressão de que algum problema respiratório fizera com que o sangue subisse de seu coração.

“É um rapaz muito bonzinho, educadíssimo”, disse ela.

“Filho do meu irmão, o Sol, de Detroit.” E começou a pensar no irmão, para que a vermelhidão passasse: se não fosse a briga com Sol, Michael seria o herdeiro da Sacos de Papel Epstein. Isso seria bom para ele? Seria melhor do que se um estranho...?

Enquanto Epstein pensava, Ida Kaufman fumava, e assim seguiram em frente sem falar, sob as copas das árvores, o coro de pássaros, e o céu novo de primavera desfraldado como uma bandeira azul.

“Ele parece com o senhor”, disse ela.

“O quê? Quem?”

“O Michael.”

“Não”, retrucou Epstein, “ele é a cara do Sol.”

“Não, não, não negue...”, e ela caiu na gargalhada, soltando fumaça como um dragão; jogou a cabeça para trás, majestosa. “Não, não, não, ele é a sua cara!”

Epstein olhou para ela, sem entender: os lábios, grandes e vermelhos, por cima dos dentes, sorrindo. Por quê? Ora, é claro — o seu filho é a cara do leiteiro, era a velha piada. Ele sorriu, mais da idéia de ir para a cama com a cunhada, que estava ainda mais caída do que sua mulher.

O sorriso de Epstein fez com que Ida Kaufman risse de modo ainda mais extravagante. Ora, que diabo, pensou ele, também ia fazer uma brincadeira.

“E a sua Linda, com quem que ela parece?”

A boca de Ida Kaufman endiretou-se; suas pálpebras se apertaram, matando a luz dos olhos. Teria ele dito a coisa errada? Teria ido longe demais? Conspurcado o nome de um morto, ainda por cima de alguém que tivera câncer? Mas não, pois de repente ela levantou os braços e deu de ombros como se dizendo: “Quem há de saber, Epstein, quem há de saber?”.

Epstein caiu na gargalhada. Havia muito tempo que ele não conhecia uma mulher com senso de humor: sua esposa levava a sério tudo que ele dizia. Mas Ida Kaufman, não — ela ria tanto que os seios quase pulavam para fora do vestido castanho. Não eram xícaras, e sim jarras. Quando deu por si, Epstein estava contando outra piada, e outra, no meio da qual um policial encostou no seu carro e multou-o por ter furado um sinal que, de tanta felicidade, ele não tinha visto. Foi a primeira das três multas que recebeu naquele dia; a segunda foi por correr demais até Barnegat naquela mesma manhã, e a terceira, também por excesso de velocidade, no Parkway ao cair da tarde, tentando não se atrasar para o jantar. Ao todo, pagou trinta e dois dólares de multa, mas, como ele próprio comentou com Ida, quando a gente está rindo tanto que os olhos estão cheios de lágrimas, como saber se o sinal está aberto e fechado, se a gente está andando devagar ou correndo?

Às sete daquela noite ele deixou Ida de volta no ponto de ônibus da esquina e enfiou uma cédula em sua mão.

“Toma”, disse, “toma — compra alguma coisa”; assim, o total das despesas do dia chegou a cinquenta e dois dólares.

Então entrou na sua rua, já com uma história pronta para contar para a esposa: um homem interessado em comprar a Sacos de Papel Epstein o havia ocupado o dia inteiro fora da fábrica, um negócio interessante. Quando estacionava o carro, viu a forma quadrada de sua mulher atrás das persianas. Passava a mão numa das lâminas, para ver se ela estava empoeirada, enquanto aguardava a chegada do marido.

BROTOEJA?

Epstein agarrou as calças do pijama na altura dos joelhos e olhou-se no espelho do quarto. Lá embaixo, uma chave virou na fechadura, porém ele estava absorto demais para percebê-lo. Brotoeja era o que Herbie vivia tendo — coisa de criança. Seria possível um homem adulto ter brotoeja? Aproximou-se do espelho desajeitadamente, tropeçando no pijama semi-abaixado. Talvez fosse uma irritação provocada pela areia. É claro, pensou, porque naquelas últimas três semanas de calor e sol ele e Ida Kaufman, quando terminavam, iam descansar na praia na frente da casa. Com certeza teria entrado areia nas suas calças, irritando a pele durante toda a viagem de volta. Epstein deu um passo para trás e estava apertando a vista, ainda se olhando no espelho, quando Goldie entrou no quarto. Estava saindo de um banho quente de banheira — doíam-lhe os ossos, ela dissera — e sua carne estava vermelha, como se cozida. Sua presença inesperada surpreendeu Epstein, que estava contemplando a pele irritada com a intensidade de um filósofo. Ao virar-se de repente para trás, seus pés se prenderam na calça, ele tropeçou e a calça do pijama escorregou para o chão. E assim ficaram os dois, nus como Adão e Eva, só que Goldie estava toda vermelha, enquanto Epstein tinha sua brotoeja, ou irritação, ou então... e a idéia lhe veio tal como um axioma brota na mente de um metafísico. Mas é claro! Suas mãos rapidamente cobriram a virilha.

Goldie olhou para ele, atônita, enquanto Epstein procurava palavras que fossem adequadas à sua postura.

Por fim: “Foi bom o banho?”.

“Nem bom nem mau, só um banho”, sua mulher resmungou.

“Você vai se resfriar”, disse Epstein. “Veste uma roupa.”

“Eu vou me resfriar? Você é que vai!” Olhou para as mãos dele, entrelaçadas à frente da virilha. “Tem alguma coisa doendo?”

“Um pouco de frio”, disse ele.

“Onde?” Ela indicou a parte protegida. “Aí?”

“O corpo todo.”

“Então cobre tudo.”

Ele se abaixou para levantar as calças de pijama; no momento em que deixou cair a folha de parreira das mãos, Goldie soltou uma interjeição breve. “O que é isso?”

“Isso o quê?”

“Isso!”

Ele não conseguia olhar nos olhos do rosto da mulher, por isso fixou a vista nos olhos roxos daqueles peitos caídos. “Parece uma irritação provocada por areia.”

“*Vus far* areia?!”

“Uma irritação qualquer”, disse ele.

Ela se aproximou e estendeu a mão, não para tocar, mas para apontar. Traçou um pequeno círculo em torno da área com o indicador. “Irritação aí?”

“O que é que tem?”, retrucou Epstein. “Podia ser na mão ou no peito. É só uma irritação.”

“Mas por que isso, assim, de repente?”, perguntou a mulher.

“Olha, eu não sou médico”, respondeu Epstein. “Hoje está aí, amanhã pode não estar mais. Como é que eu posso saber! O mais provável é que eu peguei no assento da privada lá na fábrica. Os *shvartzes* são uns porcos...”

Goldie fez uma espécie de muxoxo.

“Está me chamando de mentiroso?”

Ela levantou a vista. “Quem foi que te chamou de mentiroso?” E percorreu o próprio corpo rapidamente com a vista, verificando os membros, o ventre, os peitos, para ver se por acaso havia pegado aquela erupção dele. Voltou a olhar para o marido, depois para o próprio corpo outra vez, e de repente seus olhos se alargaram. “Ah, seu...!”, gritou.

“Sshh”, retrucou Epstein, “vai acordar o Michael.”

“Seu cachorro! Quem foi, quem?”

“Eu já disse, os *shvartzes*...”

“Mentiroso! Cachorro!” Foi recuando até chegar à cama e jogou-se nela com tanta força que as molas guincharam. “Mentiroso!” Em seguida, levantou-se da cama e começou a arrancar os lençóis. “Vou queimar, vou queimar tudo!”

Epstein desvencilhou-se do pijama que prendia uma perna à outra e correu até a cama. “O que é que você está fazendo? Isso não pega. Foi o

assento da privada. Você compra um pouco de amônia...”

“Amônia!”, ela berrava. “Você é que tinha que *beber* amônia!”

“Não”, gritava Epstein, “não”, e arrancou os lençóis da mulher, jogando-os de volta na cama e recolocando-os no lugar como um louco. “Deixa isso...” Correu para o pé da cama, mas enquanto ajeitava o lençol ali Goldie correu para a cabeceira e arrancou o que ele havia prendido lá; assim, Epstein correu de volta para a cabeceira enquanto Goldie corria para o pé da cama. “Não me toque”, ela gritava, “não chega perto de mim, seu cachorro imundo! Vá pegar uma puta imunda!” Então arrancou os lençóis novamente, com um único puxão, embolou-os e cuspiu neles. Epstein arrancou-os de sua mão e começou o cabo-de-guerra, de um para outro, de um para outro, até rasgarem tudo. Pela primeira vez, então, Goldie chorou. Com os braços cheios de farrapos brancos, começou a soluçar. “Meus lençóis, meus lençóis tão bons, limpinhos...”, e jogou-se na cama.

Dois rostos apareceram na porta do quarto. Sheila Epstein gemeu “Jesus Cristo!”; o cantor *folk* deu uma olhada, deu outra e escafedeu-se, descendo a escada às carreiras. Epstein dispôs alguns trapos brancos em torno das vergonhas. Não disse uma palavra quando a filha entrou.

“Mamãe, o que houve?”

“Seu pai”, gemeu ela na cama, “está com... uma irritação!” E começou a soluçar com tanta violência que a carne de suas nádegas brancas estremecia e pulava.

“Isso mesmo”, disse Epstein, “uma irritação na pele. Isso lá é crime? Sai daqui! Deixa seus pais dormirem.”

“Por que é que ela está chorando?”, exigiu Sheila. “Quero uma resposta!”

“Como é que eu posso saber? Eu não sou telepata! Essa família é toda maluca, como é que a gente pode saber!”

“Não chama a minha mãe de maluca!”

“Não levanta a voz pra mim! Respeite o seu pai!” Apertou os farrapos de pano contra o corpo. “Agora sai daqui!”

“Não!”

“Então eu vou expulsar você.” Partiu em direção à porta; sua filha permaneceu imóvel, e ele não teve coragem de empurrá-la. Em vez disso, jogou a cabeça para trás e dirigiu-se ao teto. “Agora ela faz piquete no meu quarto! Sai daqui, sua jamanta!” Deu um passo em

direção a ela e rosnou, como quem tenta espantar um gato ou cachorro. Com todos os seus setenta quilos, Sheila empurrou o pai para trás; surpreso e magoado, ele deixou cair o lençol. E a filha olhou para o pai. Seus lábios ficaram pálidos por baixo do batom.

Epstein levantou a vista e encarou-a. Implorou: “Eu peguei no assento da privada. Os *shvartzes*...”.

Antes que ele pudesse completar a frase, uma nova cabeça surgiu à porta, cabelos despenteados, lábios inchados e vermelhos; era Michael, chegando da casa de Linda Kaufman, sua namorada de fim de semana. “Ouvi o barulho, tem algum...”, e viu sua tia nua na cama. Quando desviou à vista, viu o tio Lou.

“Vocês todos”, gritou Epstein. “Fora daqui!”

Mas ninguém obedeceu. Sheila bloqueava a porta, politicamente motivada; as pernas de Michael estavam petrificadas, uma de vergonha, a outra de curiosidade.

“Fora!”

Ouviram-se pés subindo a escada. “Sheila, não seria melhor eu chamar...” E então o tocador de violão apareceu à porta, ávido, narigudo. Contemplou a cena e seu olhar, por fim, fixou-se na virilha de Epstein; seu bico se abriu.

“O que é que ele tem? Sífilis?”

Aquelas palavras pairaram no ar por um momento, instaurando a paz. Goldie Epstein parou de chorar e levantou-se da cama. Os rapazes à porta baixaram a vista. Goldie arqueou as costas, soltou os peitos e começou a mexer nos lábios. “Eu quero...”, disse. “Eu quero...”

“O quê, mamãe?”, exigiu Sheila. “O que é?”

“Eu quero... o divórcio!” Ela parecia espantada após falar, embora não tanto quanto o marido; ele bateu a mão espalmada na cabeça.

“Divórcio! Você está maluca?” Epstein olhou à sua volta; disse a Michael: “Ela está maluca!”.

“Eu quero”, ela repetiu, e então os olhos se reviraram e ela caiu desfalecida, atravessada no colchão nu.

Depois que trouxeram os saís, mandaram Epstein ir se deitar no quarto de Herbie. Ele se virava e revirava naquela cama estreita, com a qual não estava acostumado; na outra cama a seu lado ouvia a respiração de Michael. Na segunda-feira, pensou, na segunda-feira ele pediria

ajuda. Um advogado. Não, primeiro um médico. Sem dúvida, na mesma hora o médico o olharia e lhe diria o que já estava claro para ele: Ida Kaufman era uma mulher limpa. Epstein seria capaz de jurar que ela era limpa — pois se havia cheirado sua carne! O médico o tranquilizaria: era uma irritação causada apenas pela fricção. Uma coisa temporária, produzida por dois, e não transmitida por um. Ele era inocente! A menos que seu sentimento de culpa não tivesse nada a ver com nenhum micróbio sujo. Fosse como fosse, porém, o médico lhe daria uma receita. E então o advogado daria outra. E a essa altura todo mundo já estaria sabendo, inclusive — ele se deu conta de repente — seu irmão Sol, que haveria de saborear a notícia. Epstein virou-se para o lado e olhou para a cama de Michael. Pontos de luz brilhavam na cabeça do rapaz: ele estava acordado, e tinha o nariz, o queixo e a testa dos Epstein.

“Michael?”

“Sim.”

“Você está acordado?”

“Estou.”

“Eu também”, disse Epstein, e acrescentou, para se desculpar, “com toda essa confusão...”

Ele voltou a olhar para o teto. “Michael?”

“Sim?”

“Nada...” Porém estava tão curioso quanto preocupado. “Michael, você não tem nenhuma irritação, não, tem?”

Michael soergueu-se na cama; respondeu com firmeza: “Não”.

“Eu estava só pensando”, Epstein apressou-se em explicar. “Você sabe, eu estou com essa irritação...” Sua voz foi morrendo aos poucos e ele desviou a vista do rapaz, o qual, a idéia ocorreu-lhe outra vez, podia ser o herdeiro da firma se aquele idiota do Sol não tivesse... Mas que importância tinha a firma agora? A firma nunca fora para ele, e sim para eles. E agora não havia mais eles.

Epstein cobriu os olhos com as mãos. “A mudança, a mudança”, disse. “Eu nem sei quando começou. Eu, Lou Epstein, com uma irritação de pele. Eu já nem me sinto mais como se fosse Lou Epstein. Assim, sem mais nem menos, puf!, as coisas mudaram.” Olhou para Michael mais uma vez, falando devagar agora, enfatizando cada palavra, como se o rapaz fosse mais do que um sobrinho, mais, até, de que uma única pessoa. “A minha vida inteira eu tentei. Eu juro, que eu caia morto aqui

mesmo, se não for verdade que em toda minha vida tentei fazer a coisa certa, dar à minha família o que eu nunca tive...”

Parou; não era bem isso o que queria dizer. Acendeu a luz de cabeceira e recomeçou, de modo diferente. “Eu tinha sete anos, Michael. Eu cheguei aqui com sete anos de idade, e aquele dia, eu me lembro dele como se fosse ontem. Os seus avós e eu — o seu pai ainda não tinha nascido, o que eu vou lhe contar ele não sabe, vá por mim. Com os seus avós eu estava no cais do porto, esperando que o Charlie Goldstein viesse nos pegar. Ele era sócio do seu avô na Europa, aquele ladrão. Mas então a gente ficou esperando, e até que enfim ele veio nos buscar, pra nos levar pro lugar onde a gente ia morar. E quando ele chegou, ele vinha com uma lata grande na mão. Sabe o que tinha nela? Querosene. A gente ficou parado e o Charlie Goldstein despejou aquilo na cabeça de cada um. Ele esfregava no cabelo, pra matar os piolhos. O gosto era horrível. Pra um menino pequeno, foi horrível...”

Michael deu de ombros.

“Eh! Como é que você pode compreender?”, resmungou Epstein. “Como é que você pode saber? Vinte anos de idade...”

Michael deu de ombros outra vez. “Vinte e dois”, disse em voz baixa.

Epstein tinha outras histórias para contar, porém não sabia se alguma delas o aproximaria mais do que ele tinha na cabeça, mas não conseguia exprimir em palavras. Levantou-se da cama e andou até a porta do quarto. Abriu-a e ficou parado, à escuta. No sofá da sala, o cantor *folk* roncava. Que noite para ter hóspedes em casa! Fechou a porta e voltou para dentro do quarto, coçando a coxa. “Falando sério, *ela* não perdeu o sono... Ela não me merece. Ah, mas ela cozinha? Grandes coisas! Ela arruma a casa? E por isso merece uma medalha? Eu devia um dia era chegar em casa e encontrar a maior bagunça. Devia poder escrever minhas iniciais na poeira, em algum lugar, pelo menos no subsolo. Michael, depois desses anos todos, seria um prazer!” Agarrou seus cabelos grisalhos. “Como foi que isso aconteceu? A minha Goldie, uma mulher como aquela virar uma máquina de limpar. Impossível.” Andou até o outro lado do quarto e ficou olhando para as fotos de jogadores de beisebol que Herbie pusera na parede, aqueles rostos de queixos musculosos, as cores agora desbotadas, com assinaturas embaixo: Charlie Keller, Lou Gehrig, Red Ruffing... Tanto tempo. Como Herbie adorava os Yankees!

“Uma noite”, Epstein começou outra vez, “foi antes da Depressão... sabe o que a gente fez, eu e a Goldie?” Agora Epstein estava olhando para Red Ruffing, olhando sem ver. “Você não conheceu a minha Goldie, que mulher linda, linda que ela era. E naquela noite nós tiramos retratos, fotos. Eu montei a máquina fotográfica — foi lá na casa antiga — e a gente tirou fotos, no quarto.” Ele parou, relembrando. “Eu queria uma foto da minha mulher nua, pra andar com ela sempre comigo. Eu confesso. No dia seguinte, acordei e a Goldie estava rasgando os negativos. Ela dizia que Deus me livre de eu ter um acidente e a polícia pegar minha carteira pra me identificar, e aí, *oy-oy-oy!*” Ele sorriu. “Você sabe como são as mulheres, elas se preocupam... Mas pelo menos nós tiramos as fotos, mesmo se não revelamos depois. A maioria das pessoas não faz nem isso, não é?” Ficou pensando e depois desviou a vista de Red Ruffing para Michael, que estava, discretamente, sorrindo.

“O quê, as fotos?”

Michael começou a rir baixinho.

“Hein?” Epstein sorriu. “O quê, você nunca teve essa idéia? Eu confesso. Deve ter gente que acha que isso é errado, pecado, sei lá, mas quem é que vai dizer...”

Michael enrijeceu; finalmente era o filho de seu pai. “Alguém tem que dizer. Tem coisas que simplesmente não são direitas.”

Epstein estava disposto a reconhecer um pecadilho de juventude. “Pode ser”, disse, “vai ver que ela teve razão de rasgar os...”

Michael sacudia a cabeça com veemência. “Não! Tem coisas que são erradas. São erradas e pronto!”

E Epstein viu que o dedo apontava não para o tio Lou, o fotógrafo, e sim para o tio Lou, o adúltero. De repente ele começou a gritar. “Certo, errado! Você e seu pai só falam nisso. Quem é que vocês acham que são, o rei Salomão?” Agarrou os balaústres da cama. “Você quer que eu lhe diga o que mais aconteceu na noite das fotos? Que o meu Herbie começou naquela noite, disso eu tenho certeza. Há mais de um ano que a gente tentava e tentava, até eu ficar esgotado, e naquela noite conseguimos. Depois das fotos, por causa das fotos... quem é que pode saber?”

“Mas...”

“Mas o quê! Mas *isto?*” Apontava para sua própria virilha. “Você é um garoto, você não entende. Quando começam a tirar as coisas de

“você, você estica o braço e *agarra* — pode até agir como um cachorro, mas agarra, e se é certo ou é errado, quem é que pode saber! Com os olhos cheios de lágrimas, a gente nem vê a diferença!” Sua voz abaixou agora, mas apesar do tom menor a ferocidade só fez crescer. “Quem é você pra me xingar! Então eu não vi você com a filha da Ida? Isso é certo? Quando é você, é certo, é?”

Agora Michael estava ajoelhado na cama. “*O senhor... viu?*”

“Eu vi!”

“Mas é diferente...”

“Diferente?”, gritou Epstein.

“Casado é diferente!”

“Se é diferente, você não sabe. Ter uma mulher, ser pai, ser pai duas vezes... aí começam a tirar o que você tem...” E caiu, de pernas bambas, sobre a cama de Michael. Michael recuou e olhou para o tio, mas não sabia o que fazer nem como repreendê-lo, pois nunca tinha visto uma pessoa com mais de quinze anos chorar.

NORMALMENTE, AS MANHÃS de domingo corriam assim: às nove e meia Goldie começava a preparar o café-da-manhã; Epstein ia até a esquina comprar o salmão defumado e o jornal. Quando o salmão estava na mesa, os *bagels* estavam no forno e a seção ilustrada do *News* estava a cinco centímetros do nariz de Goldie, então Sheila descia a escada, bocejando, com um robe que lhe chegava aos pés. Sentavam-se para comer e Sheila xingava o pai por ele comprar o *News*, “botando dinheiro no bolso de um fascista”. Lá fora, os gentios caminhavam em direção à igreja. Sempre fora assim, só que, é claro, com o passar dos anos o *News* foi ficando cada vez mais perto do nariz de Goldie e mais longe do coração de Sheila; agora ela assinava o *Post*.

No domingo em questão, Epstein acordou com o aroma de café borbulhando na cozinha. Quando desceu a escada sorrateiro, passando pela cozinha — ele recebera ordens de usar o banheiro do subsolo enquanto não consultasse o médico — sentiu cheiro de salmão defumado. E quando, por fim, entrou na cozinha, barbeado e vestido, ouviu o farfalhar de jornais. Era como se um outro Epstein, seu fantasma, tivesse se levantado uma hora mais cedo e realizado suas tarefas domingueiras. Embaixo do relógio, em torno da mesa, estavam Sheila, o cantor *folk* e Goldie. Havia *bagels* no forno, e o cantor, sentado com o encosto da cadeira para a frente, dedilhava o violão e cantava:

*Estou por baixo há tanto tempo
Que acho até que estou por cima...*

Epstein juntou as mãos e esfregou-as, preparando-se para comer. “Sheila, você saiu pra comprar isso?” Indicou com um gesto o jornal e o salmão. “Obrigado.”

O cantor *folk* levantou a vista e, sem mudar a melodia, improvisou:

Saí pra comprar salmão...

e sorriu, um verdadeiro palhaço.
“Cala a boca!”, disse Sheila a ele.

O cantor ecoou as palavras dela, ploc! ploc! ploc!

“Obrigado, meu rapaz”, disse Epstein.

“O nome dele é Marvin”, disse Sheila, “caso o senhor não saiba.”

“Obrigado, Martin.”

“Marvin”, corrigiu o rapaz.

“Eu não escuto muito bem.”

Goldie Epstein levantou os olhos do jornal. “A sífilis amolece o cérebro.”

“O quê!”

“A sífilis amolece o cérebro...”

Epstein levantou-se, possesso. “Foi você que disse isso a ela?”, ele gritou com a filha. “Quem foi que disse isso a ela?”

O cantor *folk* parou de dedilhar seu violão. Ninguém respondeu; uma conspiração. Epstein agarrou a filha pelos ombros. “Respeite o seu pai, ouviu?”

Ela se livrou da mão dele com um movimento brusco. “Meu pai o senhor não é!”

E aquelas palavras lhe trouxeram à memória... a brincadeira que Ida Kaufman fizera no carro, o vestido castanho dela, o céu de primavera... Ele se debruçou sobre a mesa em direção à esposa. “Goldie, Goldie, olha pra *mim*! Olha pra mim, o Lou!”

Ela voltou a olhar para o jornal, porém o manteve a tal distância do nariz que Epstein sabia que ela não estava conseguindo ler; segundo o oculista, os músculos dos olhos dela, juntamente com o resto, haviam afrouxado. “Goldie”, disse ele, “Goldie, eu fiz a pior coisa no mundo, fiz? Olha nos meus olhos, Goldie. Me diga, desde quando judeu se divorcia? Desde quando?”

Ela olhou para ele e depois para Sheila. “A sífilis amolece o cérebro. Eu não posso viver com um cachorro!”

“A gente vai resolver isso. Vamos falar com o rabino...”

“Ele nem ia reconhecer você...”

“Mas as crianças, e as crianças?”

“Que crianças?”

Herbie tinha morrido e Sheila era uma estranha; ela tinha razão.

“Filho crescido sabe se virar sozinho”, disse Goldie. “Se ela quiser, ela pode vir pra Flórida comigo. Estou pensando em me mudar pra Miami Beach.”

“Goldie!”

“Pára de gritar”, disse Sheila, doida para entrar na briga. “Você vai acordar o Michael.”

Com uma polidez excessiva, Goldie dirigiu-se à filha. “O Michael saiu cedo. Foi com a Linda passar o dia na praia, na casa que elas têm em Belmar.”

“Barnegat”, resmungou Epstein, retirando-se da mesa.

“O que foi que o senhor disse?”, exigiu Sheila.

“Barnegat.” E Epstein resolveu sair de casa antes que fizessem mais alguma pergunta.

Na lanchonete da esquina, comprou o jornal e ficou sentado, tomando café e vendo pela vitrine as pessoas indo à igreja. Uma *shiksa* bonita passou, segurando um chapéu redondo branco; ela abaixou-se, tirou o sapato e sacudiu-o, jogando fora uma pedra. Epstein ficou vendo-a abaixar-se e derramou um pouco de café na camisa. A garota tinha um traseiro arredondado como uma maçã por baixo do vestido justo. Epstein olhou, e então, como se estivesse rezando, bateu no peito com o punho, vez após vez. “O que foi que eu fiz! Ah, meu Deus!”

Quando terminou o café, pegou o jornal e saiu andando pela rua. Para casa? Que casa? Do outro lado da rua viu Ida Kaufman no quintal de sua casa, de short e miniblusa, estendendo no varal a lingerie da filha. Epstein olhou à sua volta e só viu gentios indo para a igreja. Ida o reconheceu e sorriu para ele. Irritado, Epstein saiu da calçada e, com ferocidade, pôs-se a atravessar a rua fora da faixa.

Ao meio-dia, na casa dos Epstein todos os presentes ouviram uma sirene. Sheila levantou a vista do *Post* e ficou escutando; consultou o relógio. “Meio-dia? Meu relógio está quinze minutos atrasado. Porcaria de relógio, foi meu pai que deu.”

Goldie Epstein estava folheando os anúncios da seção de viagem do *New York Times*, que Marvin saíra para comprar para ela. Olhou para o relógio. “O meu está catorze minutos atrasado. Também”, disse à filha, “foi ele que me deu...”

A sirene ficou ainda mais alta. “Meu Deus”, disse Sheila, “parece que é o fim do mundo.”

E Marvin, que estava lustrando o violão com seu lenço vermelho, imediatamente começou a cantar, com voz aguda e olhos fechados, uma

canção negra sobre o fim do mundo.

“Silêncio!”, disse Sheila. Atentou para o som. “Mas é domingo. Sirene é só no sábado...”

Goldie levantou-se do sofá de repente. “Será um ataque aéreo de verdade? Oy, era só o que faltava!”

“É a polícia”, disse Sheila, e com olhos ferozes correu até a porta da frente, pois era politicamente contrária à polícia. “Está subindo a rua — uma ambulância!”

Saiu correndo pela porta afora, seguida por Marvin, ainda com o violão pendurado no pescoço. Goldie veio em seguida, os chinelos estalando contra as solas dos pés. Na rua virou-se de repente para trás, verificando se a porta da casa estava fechada para impedir a entrada de gatunos diurnos, insetos e poeira. Quando se virou para a frente outra vez, não precisou correr muito. A ambulância havia parado no outro lado da rua, na entrada da garagem da casa dos Kaufman.

Já havia se formado uma multidão, vizinhos de roupão de banho e robe, com a seção de quadrinhos do jornal na mão; e também gente que ia à igreja, *shiksas* de chapéu branco. Goldie não conseguiu chegar à frente da multidão, onde sua filha e Marvin haviam se instalado, mas mesmo dali onde estava pôde ver um médico jovem sair da ambulância e subir correndo a escada da varanda, dois degraus de cada vez, o estetoscópio se sacudindo no bolso de trás das calças.

Chegou a sra. Katz, uma mulher atarracada de cara vermelha, com uma barriga que parecia começar na altura dos joelhos. Ela puxou o braço de Goldie. “Goldie, mais problemas aqui?”

“Não sei, Pearl. Que barulheira. Parecia uma bomba atômica.”

“Quando for isso, você vai ficar sabendo”, disse Pearl Katz. Contemplou a multidão, depois olhou para a casa. “Coitada”, disse, lembrando-se de que, apenas três meses antes, numa manhã de março com muito vento, uma ambulância chegara para levar o marido da sra. Kaufman para a clínica, da qual ele jamais voltou.

“Problemas, problemas...” A sra. Katz sacudia a cabeça, um barril de solidariedade. “Todo mundo tem seus problemas, vá por mim. Aposto que ela teve um colapso nervoso. Isso não é nada bom. Pedra na vesícula a gente tira e pronto. Agora, colapso nervoso, isso é muito ruim... Será que foi a filha que passou mal?”

“A filha não está em casa”, disse Goldie. “Ela saiu com o meu

sobrinho, o Michael.”

A sra. Katz viu que ninguém ainda havia saído da casa; tinha tempo de recolher umas informações. “Quem é ele, Goldie? O filho daquele seu cunhado que o Lou nunca fala com ele? É esse que o pai...?”

“É, sim, o Sol, lá de Detroit...”

Porém não concluiu a frase, pois a porta da frente havia sido aberta, embora ainda não se pudesse ver ninguém. Uma voz no meio da multidão dava ordens. “Um pouco de espaço aqui. Por favor! Um pouco de espaço, porra!” Era Sheila. “Um espaço aí! Marvin, me ajuda!”

“Não posso largar o violão... não acho um lugar...”

“Manda eles andarem pra trás!”, ordenou Sheila.

“Mas o meu instrumento...”

O médico e o ajudante estavam se espremendo e inclinando a maca para poderem sair da casa. Atrás deles estava a sra. Kaufman, com uma camisa branca de homem enfiada no short. Os olhos eram dois buracos vermelhos; estava sem maquiagem, observou a sra. Katz.

“Deve ser a garota”, disse Pearl Katz, na ponta dos pés. “Goldie, dá pra você ver quem é? É a garota?”

“A garota *saiu*...”

“Pra trás!”, ordenou Sheila. “Marvin, que diabo, dá uma ajuda!”

O jovem médico e seu ajudante mantinham a maca na horizontal enquanto desciam de lado a escada da frente.

A sra. Katz dava pulinhos. “Quem é?”

“Não consigo ver”, disse Goldie. “Não consigo...” Ficou na ponta dos pés, descalçando os chinelos. “Eu... ah, meu Deus! Meu Deus!” E saiu correndo, gritando: “Lou! Lou!”.

“Mamãe, fica aí.” Sheila agora estava lutando com a mãe. A maca entrou na ambulância.

“Sheila, me solta, é o seu pai!” Apontou para a ambulância, cujo olho vermelho rodava lentamente no alto. Goldie olhou de relance para a escada. Ida Kaufman ainda estava lá, ajeitando os botões da camisa. Então Goldie partiu em direção à ambulância, com a filha do lado, empurrando-a pelos cotovelos.

“Quem é a senhora?”, perguntou o médico. Deu um passo em direção às duas para impedir que avançassem, pois elas pareciam querer saltar para dentro da ambulância e em cima do paciente.

“A esposa...”, gritou Sheila.

O médico apontou para a varanda. “Olha, minha senhora...”

“Eu sou a *esposa*”, gritou Goldie. “Eu!”

O médico olhou para ela. “Entra aí.”

Goldie, ofegante, ajudada por Sheila e o médico, subiu na ambulância e soltou uma gigantesca interjeição de espanto quando viu o rosto branco sobre o lençol cinzento; os olhos estavam fechados, a pele mais pardacenta do que o cabelo. O médico afastou Sheila e entrou, e em seguida a ambulância partiu, com a sirene gritando. Sheila correu atrás do veículo por um momento, batendo na porta, mas depois saiu na direção contrária, atravessou a multidão e subiu a escada da varanda da casa de Ida Kaufman.

Goldie virou-se para o médico. “Ele morreu?”

“Não, infartou.”

Ela deu um tapa no próprio rosto.

“Ele vai ficar bom”, disse o médico.

“Mas um infarto. Nunca, em toda a vida.”

“Um homem de sessenta, sessenta e cinco anos, acontece.” O médico dava respostas secas enquanto tomava o pulso de Epstein.

“Ele só tem cinqüenta e nove.”

“Acontece”, disse o médico.

A ambulância furou o sinal fechado e virou para a direita tão de repente que Goldie foi jogada no chão. Sentada no chão, continuou falando. “Mas como é que um homem saudável...”

“Minha senhora, não fica fazendo pergunta. Um homem adulto não pode agir como criança.”

Ela cobriu os olhos com as mãos quando os de Epstein se abriram.

“Ele acordou”, disse o médico. “Vai ver que ele quer segurar a sua mão ou alguma coisa assim.”

Goldie foi de gatinhas para perto dele e olhou-o. “Lou, você está bem? Dói em algum lugar?”

Epstein não respondeu. “Ele sabe que sou eu?”

O médico deu de ombros. “Diz pra ele.”

“Sou eu, Lou.”

“É a sua mulher, Lou”, disse o médico. Epstein piscou. “Ele sabe”, disse o médico. “Ele vai ficar bom. Ele só vai ter que levar uma vida normal, normal pros sessenta.”

“Você ouviu o médico, Lou. É só você levar uma vida normal.”

Epstein abriu a boca. A língua pendia sobre os dentes como uma cobra morta.

“Não fala nada”, disse sua mulher. “Não se preocupa com nada. Nem mesmo com a firma. A gente dá um jeito. A Sheila vai casar com o Marvin e pronto. Você não vai ter que vender, Lou, vai ficar na família. Você pode se aposentar, descansar, que o Marvin assume. Ele é um rapaz inteligente, o Marvin, um *mensh*.”

Os olhos de Lou reviraram-se.

“Não tenta falar, não. Eu cuido de tudo. Logo, logo você vai melhorar e a gente faz uma viagem. A gente pode ir a Saratoga, fazer estação de águas, se você quiser. A gente vai, eu e você...” De repente ela agarrou a mão do marido. “Lou, você vai viver uma vida normal, não vai? *Não vai?*” Ela estava chorando. “Porque o que vai acontecer, Lou, é que você vai se matar! Você continua desse jeito e vai acabar...”

“Está bem”, disse o jovem médico, “fica calma. Senão a gente vai acabar tendo que cuidar de dois pacientes.”

A ambulância estava entrando pela entrada lateral do hospital, e o médico ajoelhou-se junto à porta de trás.

“Nem sei por que eu estou chorando.” Goldie enxugou as lágrimas. “Ele vai ficar bom? O senhor diz, eu acredito, o senhor é médico.” E quando o jovem abriu a porta com uma cruz vermelha pintada do lado de fora, ela perguntou, em voz baixa: “Doutor, o senhor tem alguma coisa que cure esse outro problema que ele tem — essa irritação?”. Ela apontou.

O médico olhou para ela. Então levantou por um momento o lençol que cobria o corpo nu de Epstein.

“Doutor, isso é sério?”

Os olhos e o nariz de Goldie estavam escorrendo.

“Uma erupção”, disse o médico.

Ela agarrou-o pelo pulso. “O senhor cura isso?”

“E nunca mais vai voltar”, disse o médico, saltando da ambulância.

NÃO SE JULGA UM
HOMEM PELA CANÇÃO
QUE ELE CANTA

FOI NUMA AULA DE “PROFISSÕES” no primeiro ano do colegial, quinze anos atrás, que conheci o ex-presidiário Alberto Pelagutti. Na primeira semana, eu e meus colegas passamos por uma “bateria de testes” cujo objetivo era investigar nossas capacidades, deficiências, tendências e psiques. No final da semana, o sr. Russo, o professor de Profissões, somaria as capacidades, subtrairia as deficiências e nos diria quais as ocupações mais adequadas a nossos talentos; era tudo meio misterioso, porém científico. Lembro que em primeiro lugar fizemos um “Teste de Preferências”: “O que você prefere fazer — isto, isso ou aquilo?...”. Albie Pelagutti estava sentado uma fileira atrás de mim, à minha esquerda, e nesse primeiro dia de aula, enquanto eu atravessava com tranqüilidade o teste, examinando fósseis aqui, defendendo criminosos ali, Albie, como o interior do Vesúvio, subia, caía, fervia, debatia-se e estrebuchava em sua cadeira. Quando finalmente tomava uma decisão, era para valer. A gente ouvia seu lápis cravar um X junto à atividade que ele julgava preferível. Sua agonia reforçava sua fama, que havia chegado ao colégio antes dele: Albie estava com dezessete anos; acabava de sair do reformatório de Jamesburg; aquele era seu terceiro colégio, a terceira vez que cursava a primeira série do colegial; porém agora — ouvi mais um X sendo cravado — ele tinha resolvido “andar na linha”.

Meia hora após o início do teste, o sr. Russo saiu da sala. “Vou beber água”, explicou. Russo sempre fazia questão de nos mostrar que jogava limpo, que — ao contrário de outros professores que talvez tivéssemos tido — não sairia pela porta da frente e depois entraria de fininho pela porta dos fundos para ver se éramos mesmo responsáveis. E era tiro e queda: quando voltava após beber água, seus lábios estavam úmidos; quando voltava do banheiro, dava para sentir o cheiro do sabonete em suas mãos. “Vocês têm bastante tempo”, disse ele; saiu e fechou a porta.

Seus sapatos oxford pretos ressoavam pelo corredor de mármore, e cinco dedos grossos apertaram meu ombro. Virei-me; era Pelagutti. “O quê?”, perguntei. “Número vinte e seis”, disse Pelagutti. “Qual é a resposta?” Eu disse a verdade: “Qualquer uma”. Pelagutti semi-ergueu-se da carteira e olhou-me com raiva. Era um hipopótamo, grande, escuro e fedorento; as mangas curtas de sua camisa apertavam-lhe os braços

monstruosos, como se ele estivesse tirando sua própria pressão sanguínea — a qual, naquele momento, estava batendo no céu: “Qual é a resposta?!” Ameaçado, voltei três páginas no meu livreto de perguntas e reli a de número 26. “O que é que você prefere fazer: (1) Ir a uma convenção internacional de comércio. (2) Catar cerejas. (3) Fazer companhia a um amigo doente e ler para ele. (4) Mexer no motor de um carro.” Olhei para Albie perplexo, e dei de ombros. “Não faz diferença — não tem uma resposta que é certa. Qualquer uma.” Ele quase saltou da carteira. “Não me vem com essa! Qual a resposta?” Cabeças desconhecidas se levantaram em toda a sala — olhares de relance, lábios sussurrando, sorrisos de repreensão — e me dei conta de que a qualquer minuto Russo, com lábios úmidos, poderia voltar e no meu primeiro dia do colégio eu seria apanhado dando cola. Voltei a olhar para a pergunta 26; depois olhei de novo para Albie; então, movido — como sempre acontecia comigo em relação a ele — pela raiva, pena, medo, amor, vingança e um instinto de ironia que, naquele momento, era tão delicado quanto uma marreta, cochichei: “Fazer companhia a um amigo doente e ler pra ele”. O vulcão acalmou-se, e eu e Albie ficamos nos conhecendo.

Tornamo-nos amigos. Ele ficou grudado em meu cotovelo durante o resto da prova, durante o almoço e, por fim, depois da aula. Fiquei sabendo que Albie, quando garoto, fizera todas as coisas que eu, tutelado, não fizera: comera hambúrgueres em lanchonetes desconhecidas; saíra de casa no inverno depois de um banho frio com o cabelo molhado; maltratara animais; tivera contato com prostitutas; roubara, fora apanhado e pagara o preço. Porém, enquanto eu desembrulhava meu almoço na *bonbonnière* em frente à escola, ele me disse: “Agora chega de fazer merda. Eu vou estudar. Eu vou” — creio que a expressão fora aprendida num musical que ele assistira no cinema enquanto o resto da turma estava na aula de inglês — “eu vou dar o melhor de mim”. Na semana seguinte, quando Russo nos passou o resultado do teste, tudo levava a crer que Albie estava não apenas andando para a frente como também trilhando caminhos estranhos e maravilhosos. Sentado à sua mesa, com pilhas de testes à frente, como se fossem munições, tabelas e diagramas acumulados dos dois lados, Russo nos revelou nossos destinos. Eu e Albie íamos ser advogados.

De tudo quanto Albie me confessou naquela primeira semana, um fato

em particular fixou-se em meu cérebro: em pouco tempo esqueci o nome da cidade na Sicília em que ele nasceria; a profissão do pai (fabricava ou entregava gelo); o ano e o modelo dos carros que ele havia roubado. Mas não esqueci que Albie, segundo ele, tinha sido o maior craque do time de softbol do reformatório de Jamesburg. Quando fui escolhido pelo professor de educação física, o sr. Hopper, para atuar como capitão de um dos times de softbol da escola (jogávamos softbol até terminar o campeonato nacional de beisebol, e depois jogávamos *touch football*), decidi que Pelagutti tinha de pertencer a meu time. Com aqueles braços, ele seria capaz de mandar a bola longe.

No dia em que iam se formar os times, Albie ficou andando de um lado para o outro junto a mim no vestiário, enquanto eu punha meu uniforme de educação física — suporte atlético, short cáqui, camiseta e tênis. Albie já havia mudado de roupa: por baixo do short de ginástica não usava suporte atlético, porém mantivera a cueca lilás; ela era uns sete centímetros mais comprida do que o short, e parecia ser uma bainha comprida e enfeitada. Em vez de camiseta para esportes, ele estava com uma camisa-de-meia sem manga, dessas de usar por baixo; e sob os tênis de cano comprido pretos como carvão usava meias finas de seda preta, com pequenas setas bordadas nos lados. Nu, como algum ancestral longínquo, Albie podia perfeitamente lançar leões para serem mortos no Coliseu; mas aquele traje, embora eu não lhe dissesse nada, empanava sua dignidade.

Enquanto saíamos do vestiário, caminhávamos pelo escuro corredor subterrâneo e chegávamos ao campo, iluminado pelo sol de setembro, ele falava sem parar. “Quando eu era pequeno eu não praticava esporte, mas lá em Jamesburg eu jogava, e peguei o jeito do beisebol rapidinho.” Eu concordava com a cabeça. “O que você acha do Pete Reiser?”, perguntou Albie. “Ele é muito bom”, respondi. E ele: “O que você acha do Tommy Henrich?”. “Não sei”, respondi, “é confiável, eu acho.” Como torcedor dos Dodgers, eu gostava mais de Reiser do que de Henrich, que jogava nos Yankees; além disso, meu gosto sempre foi meio barroco, e Reiser, que volta e meia fazia tabela nas paredes em torno do campo e assim obtinha mais uma vitória para o time do Brooklyn, conquistara um troféu especial no meu coração. “É”, disse Albie, “eu gosto de todos os Yankees.”

Não tive oportunidade de perguntar a Albie o que ele queria dizer

com aquilo, pois o sr. Hopper, bronzeado, sorridente, empertigado, já se preparava para tirar cara-ou-coroa; levantei a vista, vi o brilho do sol e pedi cara. Deu coroa, e o outro capitão foi o primeiro a escolher. Meu coração deu um salto quando ele olhou para os braços de Albie, porém logo me acalmei, pois ele seguiu em frente e escolheu em primeiro lugar um sujeito alto e magro, bom para a primeira-base. Na mesma hora, eu disse: “Quero o Pelagutti”. Não é todo dia que a gente vê um sorriso como o que surgiu no rosto de Albie Pelagutti naquele momento: quem o visse poderia pensar que eu acabava de transformar sua sentença de prisão perpétua em liberdade condicional.

Começou o jogo. Eu atuava como interbases — canhoto — e era o segundo bateador; Albie era jardineiro-central e, atendendo a seu pedido, seria o quarto bateador. O primeiro a bater do time adversário mandou uma bola rasteira, eu passei-a para a primeira base e o eliminei. O segundo levantou bem a bola, e ela foi parar no jardim central. Assim que vi Albie sair correndo atrás da bola, compreendi que para ele Tommy Henrich e Pete Reiser eram apenas nomes; todos os seus conhecimentos a respeito de beisebol haviam sido adquiridos na véspera. Enquanto a bola pairava no ar, Albie dava pulos embaixo dela, os braços esticados para cima; os punhos estavam colados um ao outro e as duas mãos se abriam e fechavam como asas de borboleta, implorando para que a bola caísse dentro delas.

“Vem cá”, ele gritava para o céu, “vem cá, sua sacana...” E continuava pulando sem parar, pedalando como se estivesse de bicicleta. Espero que o momento de minha morte não dure tanto quanto aquela bola desgraçada demorou a cair. Ela subia, subia, e Albie saracoteava debaixo dela como se estivesse recebendo o Espírito Santo. Então a bola caiu, acertando Albie bem no peito. O corredor já estava passando pela segunda base e seguindo em direção à terceira enquanto Albie rodava como um pião, os braços agora abaixados e esticados, como se ele estivesse brincando de roda com duas crianças invisíveis. “Atrás de você, Pelagutti!”, eu gritava. Ele parou. “O quê?”, gritou para mim. Corri em direção ao jardim central. “Atrás de você — passa!” E então, enquanto o corredor chegava à terceira base, tive que explicar para ele o que significava “passar”.

Ao final da primeira metade das primeiras entradas, quando chegou

nossa vez de jogar como batedores, o placar era: eles 8, nós 0 — 8 *home runs*, e em todas elas Pelagutti passara a bola tarde demais.

Uma espécie de prazer masoquista me obriga a descrever o desempenho de Albie como batedor: primeiro, ele ficava *de frente* para o arremessador; depois, quando tentava golpear a bola — e ele tentou acertar todas elas —, movia o taco não para o lado, e sim para baixo, como se estivesse cravando uma estaca no chão. Não me perguntem se ele era destro ou canhoto. Não sei.

Enquanto trocávamos de roupa no vestiário, permaneci calado. Eu fervia de raiva, vendo Pelagutti com o canto do olho. Ele tirou aqueles tênis malucos e vestiu uma camisa cor-de-rosa por cima da camiseta — ainda tinha uma mancha vermelha no peito acima da camiseta, no lugar onde a primeira bola alta o acertara. Sem tirar o short, enfiou os pés na calça cinzenta — fiquei vendo a calça subir, passando pelas marcas vermelhas que as bolas baixas haviam deixado em suas canelas, e pelas marcas vermelhas que as bolas lançadas haviam deixado nos joelhos e nas coxas.

Por fim falei. “Porra, Pelagutti, você não reconhecia o Pete Reiser nem se tropeçasse nele!” Ele estava guardando os tênis no armário; não respondeu. Eu me dirigia àquelas costas monumentais cobertas de pano cor-de-rosa. “Que cara-de-pau, essa sua história que você jogava no time da prisão!” Ele resmungou algo. “O quê?”, perguntei. “Joguei, sim”, ele rosnou. “Que nada!”, exclamei. Ele virou-se e, com um olhar feroz, repetiu: “Joguei, sim!”. “Deve ter sido um senhor time, hein!”, repliquei. Saímos do vestiário sem trocar mais nenhuma palavra. Enquanto passávamos pela sala do professor de educação física a caminho da aula de Profissões, o sr. Hopper, que estava sentado à sua mesa, olhou para mim e piscou. Então indicou Pelagutti com um gesto de cabeça, dando a entender que sabia que eu havia escolhido um perna-de-pau, mas como podia eu ter acreditado que um vagabundo como Pelagutti era um atleta de primeira? Em seguida, o sr. Hopper virou para a mesa seu rosto artificialmente bronzeado.

“Agora”, disse eu a Pelagutti quando chegamos ao patamar do segundo andar, “vou ter que aturar você no meu time até o fim.” Ele continuou subindo a escada sem responder; tinha um traseiro de boi que merecia uma cauda para ficar espantando as moscas — só de olhar para ele minha fúria aumentou. “Seu mentiroso de merda!”, exclamei.

Ele se virou o mais rápido de que um boi é capaz. “Você não tem que aturar ninguém.” Tínhamos terminado de subir a escada e estávamos entrando no corredor cheio de armários; os garotos que seguiam atrás de nós pararam para escutar. “Não tem, não, seu metido!” E vi um punho cerrado peludo vindo em direção à minha boca. Tentei me esquivar, mas não deu tempo, e ouvi algo estalar dentro do meu nariz. Senti meus quadris dobrando para trás, as pernas e a cabeça virando para a frente, e assim, formando uma letra C, caí cinco metros para trás até sentir o mármore frio sob as palmas de minhas mãos. Albie me contornou e entrou na sala de Profissões. Nesse exato momento levantei a cabeça e vi os sapatos oxford pretos do sr. Russo entrando na sala. Tenho quase certeza de que ele vira Albie me acertar, mas jamais terei certeza disso. Ninguém, nem eu, nem o próprio Albie, jamais voltou a tocar no assunto. Talvez eu não devesse tê-lo chamado de mentiroso, mas se Albie foi mesmo um ás do beisebol, deve ter sido numa divisão de que jamais ouvi falar.

Para estabelecer um contraste, quero falar em Duke Scarpa, outro expresidiário da nossa turma naquele ano. Nem Albie nem o Duke, aliás, eram representantes típicos do bairro em que ficava minha escola. Os dois moravam do outro lado de Newark, e só haviam chegado até nós depois que o Conselho de Educação tentou colocar Albie em duas outras escolas e o Duke em quatro. Por fim, o Conselho resolveu apostar, tal como Marx, que a cultura mais elevada conseguiria absorver a mais baixa.

Albie e Duke não tinham muito interesse um no outro; enquanto Albie estava decidido a andar na linha, Duke, com seu silêncio untuoso, sua graça invertebrada, sempre dava a impressão de estar tramando o próximo golpe. No entanto, apesar da ausência de afeto entre os dois, Duke vivia andando atrás de Albie e de mim, cômico, creio eu, de que se Albie o desprezava era por ser capaz de perscrutar sua alma — e que seria mais fácil tolerar um companheiro assim do que um outro que o desprezasse por não fazer a menor idéia do que se passava em sua alma. Se Albie era um hipopótamo ou boi, Duke era um réptil. E eu? Não sei; é mais fácil identificar o animal nos outros.

Na hora do almoço, eu e o Duke costumávamos brincar de boxe no salão que dava para o refeitório. Ele não sabia distinguir um gancho de um *jab*, e não gostava que marcassem sua pele escura ou despenteassem

seu cabelo; porém dava-lhe tanto prazer esquivar-se, pular, enrolar-se e desenrolar-se, que tenho a impressão de que ele seria capaz de pagar pelo privilégio de brincar de serpente comigo. O Duke me hipnotizava; ele fazia ressoar uma corda viscosa dentro de mim — enquanto Albie Pelagutti buscava e tangia uma corda mais profunda e, creio eu, mais nobre.

Mas não quero dar a impressão de que Albie era uma flor. Vou contar o que eu e ele fizemos com o sr. Russo.

Russo acreditava na sua bateria de testes tal como seus pais imigrantes (como os de Albie, e talvez o próprio Albie) acreditavam na infalibilidade papal. Se os testes diziam que Albie ia ser advogado, então ele ia ser advogado. Quanto ao passado de Albie, parecia ter o efeito de aumentar ainda mais a crença de Russo na profecia: ele se dirigia a Albie com a salvação estampada no olhar. Assim, em setembro Russo deu a Albie uma biografia para ele ler, a vida de Oliver Wendell Holmes; durante o mês de outubro, uma vez por semana, ele obrigava o pobre rapaz a falar de improviso para toda a turma; em novembro encarregou-o de fazer uma redação sobre a Constituição, que acabou sendo escrita por mim; e em dezembro veio o golpe final: mandou Albie, juntamente comigo (e dois outros que manifestavam talento para direito), ao Fórum do Condado de Essex, onde poderíamos ver “advogados de verdade em ação”.

Era uma manhã fria, de muito vento; jogamos as guimbas de nossos cigarros em cima da estátua de Lincoln na praça do Fórum e começamos a subir as escadarias de cimento branco, quando então Albie deu meia-volta de repente e desceu para a praça, seguindo para a Market Street. Chamei-o, porém ele gritou que já tinha visto aquilo antes, e logo não estava mais andando e sim correndo em direção às ruas apinhadas do centro da cidade, perseguido não pela polícia, mas pelo passado. Não que ele achasse Russo um idiota por mandá-lo ir visitar o Fórum — Albie respeitava os professores demais para pensar tal coisa; creio que imaginou ser a intenção de Russo esfregar a Justiça na sua cara.

Assim, não fiquei surpreso quando, no dia seguinte, depois da aula de educação física, Albie anunciou sua trama contra o professor de Profissões; era o primeiro crime que ele planejava desde que decidira andar na linha, em setembro. Resumiu o plano para mim, dizendo que eu

teria de passar adiante os detalhes para os outros alunos. Na qualidade de intermediário entre Albie e os alunos como eu, bem-comportados e saudáveis, que nunca havíamos sido presos e formávamos a maioria da turma, fiquei à porta da sala, e quando cada aluno entrava eu lhe sussurrava no ouvido: “A partir das dez e quinze, assim que o Russo se virar pra escrever no quadro-negro você se abaixa pra amarrar os cadarços do sapato”. Se o aluno olhava para mim perplexo, eu apontava para Pelagutti, e quando ele via aquele vulto enorme em sua carteira, sua expressão de espanto desaparecia e mais um cúmplice entrava na sala. O único que me deu trabalho foi o Duke. Ele ouviu o plano e depois me olhou carrancudo, com a expressão de um homem que pertence a uma facção diferente e que nunca ouviu falar naquela.

Por fim tocou a campainha; fechei a porta e fui em silêncio para minha carteira. Esperei que o relógio marcasse dez e quinze; então Russo virou-se para o quadro e começou a escrever a faixa salarial dos operários da indústria de alumínio. Abaixei-me para amarrar meus cadarços — debaixo de todas as carteiras vi outros rostos de cabeça para baixo, sorrindo amarelo. À minha esquerda e atrás de mim, Albie sibilava; suas mãos remexiam as meias de seda preta, e o sibilo foi crescendo e crescendo, até se transformar numa torrente de palavras em siciliano, murmuradas, vomitadas, venenosas. O diálogo era apenas entre Russo e ele. Olhei para a frente da sala, enquanto amarrava e desamarrava os cadarços, com o sangue fluindo para meu rosto. Vi as pernas de Russo se virarem para nós. Que cena ele deve ter visto — onde antes havia vinte e cinco rostos agora não havia nada. Apenas as carteiras. “Está bem”, ouvi Russo dizer, “está bem.” E juntou uma mão à outra, batendo palmas. “Chega, pessoal. Acabou a brincadeira. Levanta, todo mundo.” Então o sussurro de Albie chegou a todas as orelhas avermelhadas abaixo das carteiras, passando por nós como um rio subterrâneo: “Ninguém levanta!”.

Russo nos pedia para levantarmos e continuávamos abaixados. E só nos levantamos quando Albie nos deu ordem; quando então, seguindo suas instruções, começamos a cantar:

*À sombra da macieira
Não fique senão comigo,
Comigo e mais ninguém,*

*Comigo e mais ninguém,
À sombra da macieira...*

E ainda por cima batíamos palmas no ritmo da música. Que barulheira!

O sr. Russo permanecia imóvel diante da turma, ouvindo, atônito. Estava com um terno de riscado azul-escuro bem passado, uma gravata marrom com uma cabeça de *collie* no centro e um alfinete de gravata com as iniciais R. R.; seus sapatos pretos reluziam. Russo, que acreditava em limpeza, honestidade, pontualidade e destinos planejados — que acreditava no futuro, nas Profissões! E a meu lado, atrás de mim, dentro de mim, por toda parte — Albie! Nos entreolhávamos, eu e Albie, e meus pulmões quase estouravam de felicidade: “*À sombra da macieira...*”. A voz monótona de Albie se destacava, quando então um som líquido de *crooner* de boate se derreteu em meus ouvidos: era o Duke, batendo palmas em ritmo de tango.

Russo apoiou-se por um momento num cartaz didático — “Trabalhadores qualificados: salários e exigências” — e em seguida voltou para sua cadeira e afundou nela, tanto que era como se ela não tivesse fundo. Abaixou a cabeçorra até encostá-la no tampo da mesa; seus ombros dobraram-se, como se fossem de papel molhado; foi então que Albie deu o golpe de misericórdia. Parou de cantar “*À sombra da macieira*”; todos paramos também. Russo, diante daquele silêncio, levantou a cabeça; fixou os olhos negros e empapuçados em nosso líder, Alberto Pelagutti. Lentamente o professor começou a sacudir a cabeça: aquele rapaz não era um Capone, e sim um Garibaldi! Russo esperava, eu esperava, todos nós esperávamos. Albie levantou-se lentamente e começou a cantar o hino nacional. E todos nós ficamos em pé e cantamos com ele. Com lágrimas brilhando em seus longos cílios negros, Robert Russo levantou-se da cadeira pesadamente, derrotado, e enquanto a voz grave e catastrófica de Pelagutti soava atrás de mim, vi os lábios de Russo começando a se mexer: “*as bombas explodindo no ar...*”. Meu Deus, como nós cantamos!

Albie foi embora da escola em junho daquele ano — só havia passado em Profissões —, mas nossa amizade, aquele estranho vaso, se fez em pedaços alguns meses antes, ao meio-dia. Era hora do almoço, em março, eu e o Duke estávamos brincando de boxe na sala perto do

refeitório, e Albie, que havia se aproximado do Duke desde aquele dia em que sua voz cálida e líquida se juntara às dos outros — Albie agora atuava como juiz, pulando entre nós, separando-nos quando nos agarrávamos num *clinch*, nos alertando a respeito dos golpes abaixo da cintura, tentando agarrar a virilha caída do Duke, divertindo-se à grande. Lembro que eu e o Duke estávamos num *clinch*; eu o socava de leve nos rins enquanto ele estrebuchava em meus braços. O sol entrava pela janela atrás dele, transformando seus cabelos num ninho de cobras. Eu o socava nas ilhargas, ele se contorcia; eu respirava fundo pelo nariz, olhando para seus cabelos serpentinos, quando de repente Albie enfiou-se entre nós, separando-nos à força — o Duke caiu para o lado e eu disparei para a frente, acertando um soco no vidro da janela que Scarpa estava usando como *corner*. Ouvi um tropel; em um segundo uma multidão inocente, a soltar piadas e mastigar, formou-se a meu redor — eu estava sozinho. Albie e o Duke haviam desaparecido. Xinguei os dois, cachorros, covardões! A multidão só retomou o almoço depois que a merendeira, uma matrona imensa, cheia de varizes, com um uniforme duro de tão engomado, anotou meu nome e me levou à enfermaria, onde retirariam os cacos de vidros de minha mão. Naquela tarde, fui chamado pela primeira e única vez à sala do diretor, o sr. Wendell.

Quinze anos se passaram desde esse dia, e não sei que fim levou Albie Pelagutti. Se virou gângster, não tinha fama nem dinheiro suficiente para que a Comissão Kefauver se interessasse por ele alguns anos atrás. Quando a Comissão Anticrime chegou a Nova Jersey, acompanhei as investigações com assiduidade, mas nunca li nos jornais o nome Alberto Pelagutti, nem mesmo Duke Scarpa — mas quem há de saber com que nome o Duke é conhecido agora? Sei, porém, o que aconteceu com o professor de Profissões, pois quando uma outra comissão senatorial irrompeu pelo estado algum tempo atrás, foi descoberto que Robert Russo — entre outros — era marxista no tempo em que cursava a licenciatura no Montclair State Teachers' College, por volta de 1935. Russo recusou-se a responder algumas das perguntas da comissão, e o Conselho de Educação de Newark se reuniu para puni-lo e demiti-lo. De vez em quando leio no *News* de Newark que os advogados da Civil Liberties Union ainda estão tentando recorrer em seu favor, e cheguei mesmo a escrever uma carta para o Conselho de Educação declarando que, se alguma influência subversiva foi exercida sobre mim,

não foi obra do meu ex-professor do colegial, Russo; se ele era comunista, jamais fiquei sabendo. Eu não sabia se devia ou não incluir na carta um relato do incidente do hino nacional: sabe-se lá o que é e o que não é considerado prova pelas velhinhas ranzinhas e os donos de cadeias de mercearias que detêm posições vitalícias nos Conselhos de Educação.

E se (alterando um texto de um autor antigo) a história de um homem é seu destino, quem sabe se o Conselho de Educação de Newark dará atenção a uma carta escrita por mim? Pois será que os quinze anos que se passaram foram suficientes para enterrar o episódio que me levou a ser chamado à sala do diretor?

... Era um homem alto e distinto; quando entrei em sua sala, ele levantou-se e estendeu-me a mão. O mesmo sol que uma hora antes transformara em serpentes os cabelos do Duke agora entrava enviesado pelas persianas do sr. Wendell e aquecia seu carpete verde-escuro. “Como vai?”, perguntou ele. “É”, foi minha resposta estapafúrdia; na mesma hora escondi minha mão cheia de curativos debaixo da outra. Cortês, ele me indicou uma cadeira: “Não quer sentar-se?”. Assustado, desacostumado, esbocei uma mesura abortada e sentei-me. Vi o sr. Wendell andar até seu arquivo de metal, abrir uma gaveta e tirar dela uma ficha branca grande. Colocou a ficha na mesa e fez sinal para que eu fosse ler o que estava datilografado nela. Na primeira linha, em caixa-alta, vinha meu nome completo — sobrenome, primeiro nome, segundo nome; logo abaixo, o número “um” em algarismo romano, e a seu lado: “Lutando no corredor, quebrou janela (19/3/42)”. Já estava registrado. E numa ficha grande, cheia de espaço.

Voltei à minha cadeira e fiquei ouvindo o sr. Wendell me dizer que aquela ficha me acompanharia pelo resto da vida. De início, prestei atenção no que ele dizia, mas à medida que sua falação se prolongava mais e mais, o que havia de dramático em suas palavras foi se esvaziando e minha atenção passou a se voltar para aquele arquivo. Fiquei a imaginar as fichas que havia dentro dele, a de Albie e a do Duke, e então compreendi — porém sem chegar a perdoar — por que aqueles dois haviam desaparecido, deixando-me sozinho para pagar o pato. É que Albie já sabia da existência daquele arquivo, e eu não; quanto a Russo, coitado, esse só ficou sabendo recentemente.

ELI, O FANÁTICO

LEO TZUREF SAIU DE TRÁS de uma coluna branca para receber Eli Peck. Eli recuou com um salto, surpreso; então trocaram um aperto de mãos e Tzuref indicou com um gesto a velha mansão arruinada. Diante da porta, Eli virou-se e viu, além do terreno ondulado do gramado, do outro lado da selva de cercas vivas, depois da alameda escura e intacta, os postes de luz se acendendo em Woodenton. As lojas da Coach House Road emitiram uma explosão de amarelo — aquilo pareceu a Eli uma mensagem secreta de seus concidadãos: “Diga a esse Tzuref quem somos, Eli. Somos uma comunidade moderna, Eli, temos nossas famílias, pagamos impostos...”. Eli, onerado pelo peso daquela mensagem, dirigiu a Tzuref um olhar aparvalhado e exausto.

“O senhor deve ter um expediente pesado”, comentou Tzuref, conduzindo o advogado com sua pasta para o frio hall de entrada.

Os saltos dos sapatos de Eli produziam tal estrépito no assoalho de mármore rachado que o forçavam a elevar a voz. “O que mata é o deslocamento”, disse, entrando no cômodo mal iluminado que Tzuref abriu para ele. “Três horas por dia... estou vindo direto do trem.” Desmilingüiu-se sobre uma cadeira de encosto de varetas. Imaginava que a cadeira fosse mais baixa do que era na realidade, e por isso chocou-se contra os ossos espetados do assento. Aquele impacto sobre as nádegas o despertou para sua missão. Tzuref, um homem calvo de sobrancelhas fartas, que dava a impressão de ter sido muito gordo no passado, instalara-se atrás de uma escrivaninha vazia, que o deixava semi-oculto, como se ele estivesse sentado no chão. A seu redor tudo estava vazio. Não havia livros nas estantes, nem tapetes no chão, nem cortinas nas amplas janelas de caixilhos. Quando Eli começou a falar, Tzuref levantou-se e abriu uma das janelas, fazendo ranger sua única dobradiça. “Estamos em maio e parece agosto”, disse, de costas para Eli, revelando um círculo negro no cocoruto. Faltava-lhe um pedaço da cabeça! Ele voltou, caminhando na escuridão — não havia lâmpadas nas luminárias — e Eli se deu conta de que o que vira era apenas um quipá. Tzuref riscou um fósforo e acendeu uma vela, no momento exato em que gritos distantes de crianças brincando entraram pela janela. Era como se Tzuref tivesse aberto a janela para que Eli pudesse ouvi-las.

“Mas sim”, disse ele. “Recebi sua carta.”

Eli ficou imóvel, esperando que Tzuref abrisse uma gaveta e retirasse a carta do arquivo. Em vez disso, o velho debruçou-se, enfiou a mão no bolso da calça e tirou o que parecia ser um lenço com uma semana de uso. Ele desamassou-o; desdobrou-o; alisou-o sobre a mesa com o dorso da mão. “Pois é”, disse.

Eli apontou para a folha suja que havia discutido detalhadamente com seus sócios, Lewis e McDonnell. “Eu esperava uma resposta”, retrucou. “Já faz uma semana.”

“Era tão importante, senhor Peck, que eu sabia que o senhor viria.”

Passaram crianças correndo abaixo da janela aberta, e sua algaravia misteriosa — não era misteriosa para Tzuref, que sorriu — entrou na sala como se fosse uma terceira pessoa. Aquele barulho ressoou contra a carne de Eli, e ele não conseguiu conter um arrepio. Arrependia-se de não ter passado em casa, para tomar um banho e jantar, antes de visitar Tzuref. Não estava se sentindo tão profissional quanto de hábito — o lugar era escuro demais, a hora era tarde demais. Mas lá em Woodenton estariam esperando, seus clientes e vizinhos. Ele representava os judeus de Woodenton, e não apenas a si próprio e sua esposa.

“O senhor compreende?”, disse Eli.

“Não é difícil.”

“É uma questão de zoneamento...”, e como Tzuref não respondesse, limitando-se a tamborilar sobre os lábios, Eli disse: “Não fomos nós que fizemos as leis...”.

“Vocês obedecem a elas.”

“Elas nos protegem... protegem a comunidade.”

“Lei é lei”, disse Tzuref.

“Precisamente!” Eli sentiu um impulso de se levantar e ficar andando de um lado para o outro.

“Por outro lado, é claro” — Tzuref formou uma balança com as mãos no ar — “a lei não é a lei. Quando é que a lei que é a lei não é a lei?” Fez a balança oscilar. “E vice-versa.”

“É simples”, disse Eli, seco. “Não se pode construir um colégio interno numa área residencial.” Ele não iria permitir que Tzuref confundisse a questão levantando questões. “Nós achamos melhor dizer ao senhor antes que qualquer medida fosse tomada.”

“Mas e uma casa numa área residencial?”

“Isso, sim. É isso que residencial quer dizer.” O inglês do deslocado de guerra talvez não fosse tão bom quanto parecera de início. Tzuref falava devagar, mas até então Eli julgara, erradamente, que era por astúcia — ou mesmo por sabedoria. “Residência quer dizer lar”, acrescentou.

“Pois então, isto aqui é minha residência.”

“Mas e as crianças?”

“É a residência delas.”

“*Dezessete* crianças?”

“Dezoito”, corrigiu Tzuref.

“Mas o senhor dá aulas a elas aqui.”

“Ensino o Talmude. Isso é ilegal?”

“Não, mas aí vira escola.”

Tzuref formou a balança outra vez, lentamente fazendo-a pender para um dos lados.

“Olha, senhor Tzuref, aqui na América um lugar como esse a gente chama de colégio interno.”

“Onde ensinam o Talmude?”

“Onde ensinam qualquer coisa. O senhor é o diretor, eles são os alunos.”

Tzuref pôs a balança na mesa. “Senhor Peck”, disse ele, “não acredito...”, mas não parecia estar se referindo a nada que Eli tivesse dito.

“Senhor Tzuref, é a lei. Eu vim lhe perguntar o que o senhor pretende fazer.”

“O que eu *tenho* que fazer?”

“Espero que sejam a mesma coisa.”

“E são.” Tzuref colocou a barriga na mesa. “Vamos ficar.” Sorriu. “Estamos cansados. O diretor está cansado. Os alunos estão cansados.”

Eli levantou-se e pegou a pasta. Ela parecia muito pesada, repleta de queixas, vinganças e tramas de seus clientes. Havia dias em que ele a carregava como se fosse uma pluma — na sala de Tzuref ela pesava uma tonelada.

“Até logo, senhor Tzuref.”

“*Shalom*”, respondeu Tzuref.

Eli abriu a porta do escritório e foi andando com cuidado pelo corredor escuro como um túmulo até a porta da rua. Saiu para a varanda

e, encostado numa coluna, olhou para as crianças que brincavam no gramado. Suas vozes se elevavam e diminuía­m enquanto elas corriam umas atrás das outras em torno da velha casa. À luz do crepúsculo, a brincadeira das crianças parecia uma dança tribal. Eli aproximou-se, desceu da varanda e de repente a dança cessou. Um grito prolongado e estridente ficou no ar. Era a primeira vez em sua vida que alguém corria ao vê-lo. Sempre olhando para as luzes de Woodenton, Eli começou a descida.

Então, sentado num banco sob a copa de mármore, Eli o viu. De início parecia ser apenas um bolsão mais negro de escuridão — depois o vulto emergiu. Eli o reconheceu com base na descrição que lhe haviam feito. Lá estava ele, com aquele chapéu, o chapéu que era a verdadeira causa da missão de Eli, a razão do incômodo de Woodenton. As luzes da cidade mais uma vez transmitiram sua mensagem: “Pegue o do chapéu. Que descaramento, que descaramento...”.

Eli seguiu em direção ao homem. Talvez ele fosse menos teimoso do que Tzuref, mais razoável. Afinal de contas, era a lei. Mas quando já estava próximo dele o bastante para chamá-lo, não o fez. O que o deteve foi a visão do casaco negro que ia até abaixo dos joelhos do homem e as mãos pousadas uma sobre a outra no colo. E o chapéu talmúdico, de copa redonda e aba larga, empurrado para trás. E a barba, que ocultava o pescoço e era tão macia e rala que flutuava para trás cada vez que ele respirava. O homem estava dormindo, e os cachos pendiam sobre suas faces. O rosto não era mais velho que o de Eli.

Eli seguiu apressado em direção às luzes.

O bilhete deixado sobre a mesa da cozinha o perturbou. Rabiscos em pedacinhos de papel haviam feito história na semana anterior. Aquele, porém, não estava assinado. Nele se lia: “Benzinho, fui dormir. Tive uma espécie de experiência edipiana com o bebê hoje. Ligue para o Ted Heller”.

Ela lhe tinha deixado um jantar frio e empapado na geladeira. Ele detestava jantares frios e empapados, porém aceitava aquele de bom grado em lugar da presença de Miriam. Eli estava irritado, e nesses momentos sua mulher jamais o ajudava com seus poderes analíticos infernais. Ele a amava quando a vida corria bem — e era nessas ocasiões que ela o amava. Mas às vezes Eli sentia que ser advogado era viver

cercado de areia movediça — ele não conseguia respirar. Com frequência se via na situação de desejar estar defendendo a parte oposta; se estivesse do outro lado, porém, desejaria estar do lado em que estava. O problema era que às vezes a lei não parecia ser a resposta, a lei parecia não ter nada a ver com o que estava deixando todo mundo aporrinhado. E isso, é claro, tinha o efeito de fazê-lo sentir-se um bobo, uma pessoa desnecessária... Se bem que não era esse o caso em questão — seus concidadãos tinham bons argumentos. Mas não *exatamente*, e se Miriam percebesse que Eli estava aborrecido, ela haveria de querer explicar para ele por que estava aborrecido, compreendendo-o, perdendo-o, para que as coisas voltassem ao Normal, pois o Normal era quando eles se amavam. O problema das tentativas de Miriam era que elas tinham o efeito de aborrecê-lo mais ainda; não apenas elas lhe explicavam de modo insuficiente ele próprio e sua situação como também o convenciam de que *ela* era uma pessoa fraca. Na verdade, nem Eli nem Miriam eram particularmente fortes. Ele já tivera duas oportunidades de se defrontar com esse fato, e em ambas as ocasiões encontrara conforto naquilo que os vizinhos, misericordiosos, denominavam “colapso nervoso”.

Eli jantou com a pasta a seu lado. No meio do jantar, não resistiu; tirou de dentro dela os bilhetes de Tzuref e colocou-os na mesa, ao lado do de Miriam. De vez em quando folheava os bilhetes, que haviam sido trazidos à cidade pelo sujeito do chapéu preto. O primeiro, o incendiário:

A quem interessar possa:

Por obséquio, entregue a este cavalheiro o seguinte: sapatos para meninos com sola e salto de borracha.

5 pares 33 lgo.

3 pares 31 lgo.

3 pares 31 méd.

2 pares 30 fino

3 pares 30 lgo.

1 par 35 méd.

1 par 35 lgo.

Total 18 pares de sapatos para meninos. Este cavalheiro leva um cheque já assinado. Favor preencher com a quantia correta.

L. TZUREF
Diretor, Ieshivá de
Woodenton, N.Y.
(8/5/48)

“Eli, um imigrante casca-grossa”, dissera-lhe Ted Heller. “Não disse uma palavra. Só fez me entregar o bilhete e ficar parado, que nem aqueles velhos do Bronx que vinham antigamente vender bugigangas judaicas.”

“Uma ieshivá!”, dissera Artie Berg. “Eli, em Woodenton, uma ieshivá! Se eu quisesse morar em Brownsville, Eli, eu ia morar em Brownsville.”

“Eli”, agora era Harry Shaw quem falava, “na terra do Puddington. O velho Puddington vai revirar na cova. Eli, quando saí da cidade, Eli, eu não imaginava que a cidade ia vir atrás de mim.”

Bilhete número dois:

Prezado merceeiro:

Por obséquio, entregue a este cavalheiro cinco quilos de açúcar. Ponha na nossa conta, Ieshivá de Woodenton, N. Y. — conta essa que estamos abrindo agora com o senhor, pretendendo quitá-la mensalmente. Este cavalheiro deverá procurá-lo uma ou duas vezes por semana.

L. TZUREF
Diretor
(10/5/48)

P.S. O senhor tem carne *kosher*?

“Ele foi entrando sem mais nem menos, o tal imigrante”, dissera Ted, “e me cumprimentou com a cabeça, Eli. Agora ele é meu *amigo*.”

“Eli”, dissera Artie Berg, “ele entregou esse troço pra um *funcionário* da Stop N’ Shop — e ainda por cima estava com aquele chapéu!”

“Eli”, Harry Shaw outra vez, “isso não tem graça nenhuma. Mais dia, menos dia, Eli, vai ter uns cem garotinhos de quipá recitando as aulas de hebraico na Coach House Road, e aí quero ver você achar graça.”

“Eli, o que anda acontecendo por lá? Meus filhos ouvem uns barulhos estranhos.”

“Eli, isso aqui é um bairro moderno.”

“Eli, nós pagamos impostos.”

“Eli.”

“Eli!”

“*Eli!*”

De início era só mais um cidadão gritando em seu ouvido; mas quando ele se virou viu Miriam, parada à porta, por trás de seu barrigão.

“Eli, amor, como foi?”

“Ele disse não.”

“Você viu o outro?”, ela perguntou.

“Dormindo, debaixo de uma árvore.”

“Você explicou pra ele como as pessoas se sentem?”

“Ele estava dormindo.”

“Por que você não o acordou? Eli, não é uma situação normal.”

“Ele estava cansado!”

“Não grita, por favor”, disse Miriam.

““Não grita. Estou grávida. O bebê está pesado.”” Eli se deu conta de que estava se irritando com o que Miriam ainda nem dissera; era o que ela ia dizer.

“O bebê é muito pesado, diz o médico”, explicou Miriam.

“Então *senta* e prepara meu jantar.” Agora percebeu que estava irritado por ela não estar presente durante o jantar, quando ele se sentira aliviado ao constatar sua ausência. Era como se Eli tivesse um nervo exposto no rabo, um rabo em que ele próprio pisasse o tempo todo. Por fim a própria Miriam pisou nele.

“Eli, você está aborrecido. Eu compreendo.”

“Não, você não compreende, não.”

Miriam saiu da cozinha. Da escada, gritou: “Compreendo, sim, amor”.

Era uma armadilha! Ele ia se zangar sabendo que ela seria “compreensiva”. Ela, por sua vez, ficaria cada vez mais compreensiva ao ver que ele estava zangado. Ele, por sua vez, ficaria mais zangado... O telefone tocou

“Alô”, disse Eli.

“Eli, é o Ted. E aí?”

“Aí nada.”

“Quem é esse Tzuref? É americano?”

“Não. Deslocado de guerra. Alemão.”

“E os garotos?”

“Também são deslocados de guerra. Alunos dele.”

“O quê? Ele ensina o quê?”, perguntou Ted.

“Não sei.”

“E o cara do chapéu, você viu o cara do chapéu?”

“Vi. Ele estava dormindo.”

“Eli, ele dorme *de chapéu*?”

“Ele dorme de chapéu.”

“Bando de fanáticos”, disse Ted. “Estamos no século vinte, Eli. Agora é um cara de chapéu. Daqui a pouco, um monte de garotinhos da ieshivá vai aparecer na cidade.”

“Só falta eles se interessarem pelas nossas filhas.”

“A Michele e a Debbie não vão querer saber deles.”

“Então”, murmurou Eli, “você não tem por que se preocupar, Teddie”, e desligou.

Logo em seguida o telefone tocou. “Eli? A linha caiu. A gente não tem por que se preocupar? Você deu um jeito?”

“Tenho que falar com ele de novo amanhã. A gente vai dar um jeito.”

“Que ótimo, Eli. Vou ligar pro Artie e o Harry.”

Eli desligou.

“Eu entendi que você tinha dito que não tinha dado jeito nenhum.”
Era Miriam.

“Eu disse, sim.”

“Então por que você disse pro Ted que tinha dado um jeito?”

“Eu dei.”

“Eli, acho que você devia fazer um pouco mais de terapia.”

“Não se fala mais nisso, Miriam.”

“Você não pode atuar como advogado sendo um neurótico. Isso não é resposta.”

“Você é engenhosa, Miriam.”

Ela virou-se, com a testa franzida, e levou seu bebê pesado para a cama.

O telefone tocou.

“Eli, é o Artie. O Ted me ligou. Você deu um jeito? Tudo bem?”

“Sim.”

“Quando é que eles vão embora?”

“Artie, deixa comigo, está bem? Estou cansado. Eu vou dormir.”

Na cama, Eli beijou a barriga da mulher e pousou a cabeça nela para pensar. Pousou-a de leve, pois naquele dia tinha início a segunda semana do nono mês de gravidez. Mesmo assim, quando ela dormia, era um bom lugar para descansar, subindo e descendo ao ritmo de sua respiração, e ficar pensando. “Se aquele cara tirasse aquele chapéu maluco... Eu sei o que incomoda todo mundo. Se ele tirasse aquele chapéu maluco não haveria mais problema.”

“O quê?”, perguntou Miriam.

“Estou falando com o bebê.”

Miriam sentou-se na cama. “Eli, por favor, meu bem, será que não seria bom você dar uma passadinha no doutor Eckman, só pra conversar um pouco com ele?”

“Eu estou bem.”

“Ah, amorzinho!”, ela exclamou, e repousou a cabeça no travesseiro outra vez.

“Você sabe qual foi a contribuição da sua mãe pra esse casamento — uma espreguiçadeira e um entusiasmo insuportável por Sigmund Freud.”

Miriam fingiu estar dormindo; ele sabia, por causa da respiração.

“O que eu estou dizendo à criança é verdade, não é, Miriam? Uma espreguiçadeira de lona, três meses de assinatura da *New Yorker* e um exemplar de *Introdução à psicanálise*. Não é verdade?”

“Eli, por que é que você é tão agressivo?”

“Você só se preocupa com as suas entranhas. Você fica parada na frente do espelho o dia todo contemplando a sua gravidez.”

“As mães grávidas têm uma relação com o feto que os pais não podem entender.”

“Relação, o cacete. O que é que meu fígado está fazendo agora? O que é que meu intestino delgado está fazendo agora? Será que a minha ilhota de Langerhans está pifando?”

“Não fica com ciúmes de um fetozinho, Eli.”

“Eu estou com ciúme é da sua ilhota de Langerhans!”

“Eli, não consigo discutir com você quando sei que você está zangado mas não é comigo. Será que você não vê, amor, que você está zangado é com você mesmo?”

“Você e o Eckman.”

“Quem sabe ele não pode ajudar você, Eli.”

“Quem sabe ele não pode ajudar você. Vocês dois já são praticamente

amantes.”

“Você está sendo agressivo outra vez”, disse Miriam.

“Você não devia se incomodar — já que eu só estou sendo agressivo comigo mesmo.”

“Eli, nós vamos ter um bebê lindo, eu vou ter um parto perfeito, você vai ser um ótimo pai e não há motivo nenhum pra você ficar obcecado com seja lá o que for que está obcecando você. Nossa única preocupação” — ela sorriu para ele — “é o nome.”

Eli se levantou da cama e calçou os chinelos. “Vamos chamar a criança de Eckman se for menino e de Eckman se for menina.”

“Eckman Peck é um horror.”

“Ele vai ter que conviver com isso”, disse Eli, e desceu para seu escritório, onde o fecho de sua pasta brilhava ao luar que entrava pela janela.

Eli pegou os bilhetes de Tzuref e os releu mais uma vez. Sentia desânimo só de pensar em todas as motivações sofisticadas que sua mulher seria capaz de encontrar para o fato de ele estar sempre lendo e relendo aqueles bilhetes. “Eli, por que é que você se preocupa *tanto* com o Tzuref?” “Eli, não fica tão *envolvido*. Você sabe por que você se envolve *tanto*, Eli?” Mais cedo ou mais tarde, a mulher sempre encontra o ponto fraco do marido. Que azar ele ser neurótico! Por que não nascera com uma perna mais curta que a outra?

Retirou a tampa da máquina de escrever, odiando Miriam por ela ter aquela vantagem sobre ele. Enquanto escrevia a carta, ficava o tempo todo imaginando o que a mulher diria para explicar por que ele não *conseguia* deixar de lado aquela questão. Pois bem, o problema de Miriam era que ela não *conseguia* encarar a questão. Porém a resposta dela lhe vinha prontamente: estava na cara que Eli sofria de uma “formação de reação”. Mas apesar de todas aquelas expressões sofisticadas, Eli sabia que o que ela queria mesmo era que ele despachasse Tzuref e sua família, para que o humor do bairro melhorasse e as circunstâncias tranquilas de sua felicidade doméstica voltassem. Tudo que ela queria era ordem e amor na esfera privada. Será que estava errada? O mundo que arranque os cabelos — em Woodenton deve reinar a paz. Eli escreveu a carta assim mesmo:

Prezado sr. Tzuref:

Nossa reunião de hoje me parece ter sido inconclusiva. Não vejo motivo para não encontrarmos uma solução negociada que satisfaça a comunidade judaica de Woodenton, a ieshivá e o senhor. Creio que o que mais incomoda meus vizinhos é a presença na cidade do cavalheiro de chapéu preto, terno preto etc. Woodenton é um subúrbio progressista cujos moradores, tanto os judeus quanto os gentios, fazem questão de que suas famílias vivam num ambiente de conforto, beleza e serenidade. Afinal, estamos no século XX, e não achamos que seja uma exigência excessiva pedir que os moradores da nossa comunidade usem trajes adequados ao lugar e à época em que vivemos.

Talvez o senhor não saiba que Woodenton é há muitos anos habitada por protestantes prósperos. Foi só depois da guerra que os judeus passaram a ter o direito de adquirir propriedades aqui, o que possibilitou que judeus e gentios vivam juntos num clima amistoso. Para se chegar a essa situação, tanto os judeus quanto os gentios foram obrigados a abrir mão de suas práticas mais extremas a fim de que um grupo não ameaçasse nem ofendesse o outro. Sem dúvida, esse clima amistoso é desejável. Se tais condições existissem na Europa antes da guerra, talvez a perseguição do povo judeu, que vitimou o senhor e essas dezoito crianças, não tivesse sido executada com tanto sucesso — talvez até nem tivesse ocorrido.

Assim sendo, sr. Tzuref, peço-lhe encarecidamente que aceite as condições abaixo. Se o senhor as aceitar, nós nos comprometemos a abrir mão do processo contra a ieshivá por ela violar as posturas de zoneamento de nosso bairro de números 18 e 23. As condições são apenas as seguintes:

1. As atividades religiosas, educativas e sociais da ieshivá de Woodenton ficarão restritas ao âmbito da ieshivá.
2. Os funcionários da ieshivá serão bem recebidos nas ruas e lojas de Woodenton desde que utilizem trajes do tipo que é normalmente utilizado pela população norte-americana no século XX.

Se essas condições forem aceitas, não vemos por que a ieshivá de Woodenton não possa coexistir de modo pacífico e tranqüilo com os judeus de Woodenton, tal como os judeus de Woodenton passaram a conviver com os gentios de Woodenton. Eu ficaria agradecido se o senhor me respondesse o mais depressa possível.

Atenciosamente,

ELI PECK, advogado

Dois dias depois, Eli recebeu a resposta imediata que pedira:

Sr. Peck:

O terno usado pelo cavalheiro é tudo que ele tem.

Atenciosamente,
LEO TZUREF, diretor

Mais uma vez, quando Eli passou pelas árvores escuras e chegou ao gramado, as crianças fugiram dele. Ele levantou a pasta como se para detê-las, mas elas correram tão depressa que tudo que ele viu foi um rebanho de quipás em movimento.

“Pode vir, pode vir...”, chamava uma voz na varanda. Tzuref surgiu detrás de um pilar. Será que ele morava atrás daqueles pilares? Estaria apenas vendo as crianças brincar? Fosse como fosse, quando Eli aparecia, Tzuref estava sempre pronto, sem aviso prévio.

“Olá”, disse Eli.

“*Shalom.*”

“Eu não queria assustar os meninos.”

“Eles têm medo, por isso correm.”

“Eu não fiz nada.”

Tzuref deu de ombros. Aquele pequeno movimento pareceu a Eli tão forte quanto uma acusação. O que Eli não recebia em casa, recebia ali.

Entraram e sentaram-se. Embora estivesse mais claro do que na vez anterior, uma lâmpada ou duas teriam ajudado. Eli foi obrigado a levar sua pasta para perto da janela para captar os restos de luz da tarde. Tirou a carta de dentro de um classificador de papel manilha. Tzuref tirou a carta de Eli do bolso da calça. Eli tirou a cópia de sua própria carta, feita com papel-carbono, de um outro classificador de papel-manilha. Tzuref tirou a primeira carta de Eli do bolso de trás. Eli tirou a cópia da pasta. Tzuref levantou as mãos espalmadas. “... É tudo que eu tenho...”

Aquelas mãos espalmadas, aquele tom de deboche — mais uma acusação. Era um crime tirar cópias em carbono! Todo mundo levava vantagem sobre ele — nada que Eli fizesse estava certo.

“Eu ofereci um acordo, senhor Tzuref. O senhor o recusou.”

“Recusei, senhor Peck? O que é, é.”

“O homem pode comprar um terno novo.”

“É tudo que ele tem.”

“Foi o que o senhor me disse”, retrucou Eli.

“Foi o que eu disse, então o senhor sabe.”

“Isso não é um obstáculo intransponível, senhor Tzuref. Nós temos lojas.”

“Até pra isso?”

“Na Route 12, uma Robert Hall...”

“Para tirar de um homem a única coisa que ele tem?”

“Tirar, não — *substituir*.”

“Mas eu lhe digo que ele não tem nada. *Nada*. Essa palavra não existe em inglês? *Nicht? Gornisht?*”

“Existe, sim, senhor Tzuref.”

“Mãe e pai?”, disse Tzuref. “Não. Esposa? Não. Filho? Um bebezinho de dez meses? Não! Uma aldeia cheia de amigos? Uma sinagoga onde a gente conhece cada banco só de sentar nele? Onde a gente sente o cheiro do pano da Torá de olhos fechados?” Tzuref levantou-se de sua cadeira, provocando uma brisa que jogou no chão a carta de Eli. Chegando à janela, pôs a cabeça para fora e fixou o olhar além de Woodenton. Quando se virou de novo para Eli, estava sacudindo o dedo para ele. “E ainda fizeram uma experiência médica nele! Ou seja, nada, senhor Peck. Absolutamente nada!”

“Eu tinha entendido errado.”

“Não chegou nenhuma notícia em Woodenton?”

“A respeito do terno, senhor Tzuref. Eu tinha entendido que ele não tinha dinheiro para comprar outro.”

“E não tem.”

Estavam de novo no ponto de partida. “Senhor Tzuref!”, exclamou Eli. “*Aqui?*” Bateu com a mão na carteira.

“Isso mesmo!”, disse Tzuref, batendo no próprio peito.

“Então a gente compra um pra ele!” Eli foi até a janela e, segurando Tzuref pelos ombros, pronunciou cada palavra lentamente. “Nós-vamos-pagar-o-terno. Está bem?”

“Paga? O quê, diamantes?”

Eli levou a mão ao bolso interno, mas depois deixou-a cair. Ah, que burrice! Tzuref, pai de dezoito filhos, havia batido com a mão não no que havia no bolso do paletó, e sim em algo mais fundo, atrás das costelas.

“Ah...”, disse Eli. Afastou-se encostado na parede. “Então o terno é tudo que ele tem.”

“O senhor recebeu minha carta”, disse Tzuref.

Eli permaneceu na sombra, e Tzuref virou-se para sua cadeira. Pegou no chão a carta de Eli. “O senhor diz coisas demais... todo esse raciocínio... todas essas condições...”

“O que é que eu posso fazer?”

“Em inglês tem a palavra ‘sofrer’?”

“Temos ‘sofrer’, sim. Também temos a palavra ‘lei’.”

“Pára com a lei! Vocês têm a palavra ‘sofrer’. Então experimenta. É uma coisa pequena.”

“Eles não querem”, disse Eli.

“Mas o senhor, hein, senhor Peck?”

“Eu sou eles, eles são eu, senhor Tzuref.”

“Ach! O senhor é nós, nós somos o senhor!”

Eli fez que não com a cabeça repetidamente. Na escuridão, de súbito ocorreu-lhe que Tzuref seria capaz de enfeitiçá-lo. “Senhor Tzuref, um pouco de luz?”

Tzuref acendeu os tocos de vela que restavam nos castiçais. Eli teve medo de perguntar se eles não tinham dinheiro para pagar a conta da eletricidade. Talvez as velas fossem tudo que eles tinham.

“Senhor Peck, quem foi que fez a lei, posso lhe perguntar?”

“O povo.”

“Não.”

“Sim.”

“Antes do povo.”

“Ninguém. Antes do povo não havia lei.” Eli não estava com vontade de conversar sobre aquilo, mas a luz das velas tinha um efeito sedutor sobre ele.

“Errado”, disse Tzuref.

“Nós fazemos a lei, senhor Tzuref. A comunidade é nossa. Eles são meus vizinhos. Eu sou o advogado deles. Eles me pagam. Sem a lei, é o caos.”

“O que o senhor chama de lei, eu chamo de vergonha. O coração, senhor Peck, o coração é a lei! Deus!”, ele proclamou.

“Olha, senhor Tzuref, eu não vim aqui pra falar de metafísica. As pessoas usam a lei, é uma coisa flexível. Elas protegem as coisas que

têm valor pra elas, a propriedade, o bem-estar, a felicidade...”

“Felicidade? Elas escondem a vergonha delas. E o senhor, o senhor não tem vergonha, senhor Peck?”

“Nós fazemos isso”, disse Eli, com uma voz cansada, “por nossos filhos. Estamos no século vinte...”

“Os góis, pode ser. Eu estou no cinqüenta e oito.” Apontou para Eli. “Velho demais pra ter vergonha.”

Eli sentiu-se esmagado. Todo mundo imputava motivações malévolas a seus atos. Todo mundo! As explicações são tão baratas, para que comprar lâmpadas? “Chega de sabedoria, senhor Tzuref. Por favor. Estou exausto.”

“E quem não está?”, retrucou Tzuref.

Ele pegou os papéis de Eli na mesa e os levantou. “O que o senhor quer que a gente faça?”

“O que vocês têm que fazer”, disse Eli. “Eu fiz a proposta.”

“Então ele tem que abrir mão do terno?”

“Senhor Tzuref, senhor Tzuref, deixe esse terno em paz! Eu não sou o único advogado no mundo. Eu largo esse caso, e aí vem aqui um advogado que não vai querer negociar. Aí o senhor não vai ter casa, crianças, nada. Só uma porcaria de um terno preto! Sacrifique o que o senhor quiser sacrificar. Eu sei o que *eu* faria.”

Tzuref não disse nada, limitando-se a entregar a Eli suas cartas.

“Não sou eu, senhor Tzuref, são eles.”

“Eles são o senhor.”

“Não”, Eli recitou, “eu sou eu. Eles são eles. O senhor é o senhor.”

“O senhor fala em folhas e galhos. Eu estou falando sobre o que está debaixo da terra.”

“Senhor Tzuref, essa sua sabedoria talmúdica está me enlouquecendo. Isso é aquilo, aquilo é não sei o quê. Me dê uma resposta direta.”

“Só se a pergunta for direta.”

“Ah, meu Deus!”

Eli voltou a sua cadeira e enfiou seus pertences na pasta. “Então é assim”, disse, zangado.

Tzuref repetiu seu dar de ombros.

“Não esqueça, senhor Tzuref, o que vier a acontecer é responsabilidade sua.”

“*Minha?*”

Eli se recusava a ser vítima outra vez. Aquela enrolação não provava nada.

“Adeus”, disse.

Mas quando abriu a porta que dava para o hall, ouviu a voz de Tzuref.

“E a sua esposa, como vai?”

“Vai bem, muito bem.” Eli seguiu em frente.

“E o bebê vai nascer quando? A qualquer momento?”

Eli virou-se. “Isso mesmo.”

“Bom”, disse Tzuref, levantando-se. “Boa sorte.”

“O senhor está sabendo?”

Tzuref apontou para a janela — então, com as mãos, desenhou em si próprio uma barba, um chapéu e um casaco bem comprido. Com os dedos formou a bainha do casaco, tocando no chão. “Ele faz compras duas, três vezes por semana, ele conhece as mulheres.”

“Ele *fala* com elas?”

“Ele vê as mulheres.”

“E sabe qual delas é a minha?”

“Ele faz compras nas mesmas lojas que elas. Ele diz que ela é linda. Tem um rosto bondoso. Uma mulher capaz de amar... se bem que disso ninguém pode ter certeza.”

“*Ele* fala sobre *nós* com *o senhor*?”, cobrou Eli.

“O senhor fala sobre nós com ela?”

“Adeus, senhor Tzuref.”

Disse Tzuref: “*Shalom*. E boa sorte — eu sei o que é ter filhos. *Shalom*”, sussurrou, e com aquele sussurro as velas se apagaram. Mas no instante anterior, as chamas iluminaram os olhos de Tzuref, e Eli viu que não era sorte que Tzuref lhe desejava, em absoluto.

Do lado de fora, Eli esperou. No gramado, as crianças estavam de mãos dadas, formando um círculo, a rodar. De início Eli não se mexeu. Mas não podia ficar a noite toda escondido nas sombras. Lentamente começou a sair de fininho, caminhando ao longo da fachada da casa. Suas mãos apalpavam os lugares onde faltavam tijolos. Caminhou pela sombra até chegar ao lado da casa. Então, apertando a pasta contra o peito, desceu atravessando os trechos mais escuros do gramado. Sua meta era uma clareira distante, e quando chegou lá não parou, porém continuou correndo, até sentir-se tão tonto que as árvores pareciam estar correndo junto com ele, não correndo em direção a Woodenton, e sim

fugindo. Seus pulmões estavam quase estourando quando ele chegou à luz amarelada do posto de gasolina da Gulf nos arredores da cidade.

“Eli, hoje eu tive dores. Onde que você estava?”

“Eu fui lá no Tzuref.”

“Por que você não ligou? Fiquei preocupada.”

Ele jogou o chapéu por cima do sofá, no chão. “Cadê os meus ternos de inverno?”

“No armário do hall. Eli, estamos em maio.”

“Preciso de um terno durável.” Ele saiu da sala, Miriam foi atrás.

“Eli, fala comigo. Senta aí. Janta. Eli, o que é que você está fazendo? Vai encher o carpete de naftalina.”

De dentro do armário, ele olhou para fora. E então olhou para dentro outra vez — ouviu-se um zíper se abrindo, e de repente ele passou pelos olhos da mulher com um terno de tweed esverdeado.

“Eli, você fica muito bem com esse terno. Mas não agora. Come alguma coisa. Hoje eu preparei o jantar — vou esquentar pra você.”

“Tem uma caixa que caiba esse terno?”

“Eu tenho uma caixa da Bonwit’s, comprei lá outro dia. Eli, *pra quê?*”

“Miriam, se você me vê fazendo uma coisa, deixa eu fazer.”

“Você não comeu nada.”

“Eu estou *fazendo* uma coisa.” Começou a subir a escada em direção ao quarto.

“Eli, você podia por favor me dizer o que é que você quer, e pra quê?”

Ele se virou e olhou para ela. “E se dessa vez você me disser qual é o motivo *antes* de eu dizer o que estou fazendo? Provavelmente vai acabar dando no mesmo.”

“Eli, eu quero ajudar.”

“Não tem nada a ver com você.”

“Mas eu quero ajudar *você*”, disse Miriam.

“Então fica calada.”

“Mas você está nervoso”, disse ela, e subiu a escada atrás dele, pesadamente, respirando por dois.

“Eli, agora o que é?”

“Uma camisa.” Arrancou todas as gavetas da cômoda nova de teca. Tirou uma camisa.

“Eli, batista? Com um terno de tweed?”, ela perguntou.

Ele estava no armário agora, de joelhos. “Cadê meus sapatos de cordovão?”

“Eli, por que é que você está fazendo isso de uma maneira tão compulsiva? Você parece que *tem* que fazer uma coisa.”

“Ah, Miriam, como você é sutil.”

“Eli, pára com isso e fala comigo. Pára, senão eu chamo o doutor Eckmam.”

Eli estava descalçando os sapatos que estava usando. “Cadê a caixa da Bonwit’s?”

“Eli, você quer que eu tenha o neném aqui e agora?”

Eli foi até a cama e sentou-se nela. Agora estava recoberto não apenas por sua roupa de antes, mas também pelo terno de tweed e a camisa de cambraia, levando, debaixo de cada braço, um pé de sapato. Levantou os braços e deixou os sapatos caírem sobre a cama. Então desfez o nó da gravata com uma das mãos e com os dentes, acrescentando mais um item ao butim.

“Cueca”, disse. “Ele vai precisar de cueca.”

“Quem?!”

Eli começou a tirar as meias.

Miriam ajoelhou-se e ajudou-o a tirar o pé esquerdo da meia. Sentou-se no chão segurando a meia. “Eli, deita na cama. Por favor.”

“Plaza 9-3103.”

“O quê?”

“O número do Eckman”, ele respondeu. “Pra você não ter trabalho.”

“Eli...”

“Você está com aquele detestável olhar amoroso do tipo ‘Você precisa de ajuda’, Miriam, ora se não está.”

“Não estou, não.”

“Eu não estou pirando”, disse Eli.

“Eu sei, Eli.”

“Da última vez, fiquei sentado dentro do armário mastigando meus chinelos. Foi isso que eu fiz.”

“Eu sei.”

“E agora não estou fazendo isso. Eu não estou tendo um colapso nervoso, Miriam, vamos deixar isso bem claro.”

“Está bem”, disse Miriam. Beijou o pé que tinha na mão. Então, em voz baixa, perguntou: “O que é que você está fazendo?”

“Juntando roupa pro sujeito do chapéu. Não me explica por quê, Miriam. Me deixa fazer o que eu estou fazendo.”

“É só isso?”, perguntou ela.

“Só isso.”

“Você não está indo embora?”

“Não.”

“Às vezes fico achando que a coisa está demais para você e que você um dia vai embora.”

“Que coisa está demais pra mim?”

“Sei lá, Eli. Alguma coisa está demais. Sempre que tudo está tranqüilo há um bom tempo, que a vida está agradável e a gente tem uma possibilidade de ficar ainda mais feliz. Como agora. É como se você achasse que a gente não *merece* ser feliz.”

“Que droga, Miriam! Eu vou dar um terno novo pra esse cara — tudo bem? De agora em diante, quando ele vier à cidade ele vai estar vestido igual a todo mundo. Por você, tudo bem?”

“E o Tzuref vai embora?”

“Eu não sei nem se ele vai aceitar o terno, Miriam! Por que é que você vem com essa história dele ir embora?”

“Eli, não fui eu que falei nele ir embora. Todo mundo fala nisso. É o que todo mundo quer. Pra que fazer todo mundo ficar infeliz? E ainda por cima é a lei, Eli.”

“Não vem me dizer o que é a lei.”

“Está bem, amorzinho. Eu vou pegar a caixa.”

“*Eu* pego a caixa. Onde ela está?”

“No subsolo.”

Quando Eli voltou do subsolo, encontrou todas as roupas muito bem dobradas sobre o sofá: camisa, gravata, sapatos, meias, cueca, cinto e um velho terno de flanela cinzenta. Sua mulher estava sentada na ponta do sofá com uma cara de balão cativo.

“Cadê o terno verde?”, ele perguntou.

“Eli, é o seu terno mais bonito. É o meu preferido. Sempre que eu penso em você, Eli, é com esse terno.”

“Pega ele.”

“Eli, é um terno da Brooks Brothers. Você mesmo diz que adora ele.”

“Pega ele.”

“Mas o de flanela é mais prático. Pra fazer compras.”

“Pega ele.”

“Você é exagerado, Eli. Esse é o seu problema. Você não faz nada com moderação. É assim que as pessoas se destroem.”

“Eu faço *tudo* com moderação. Esse é o meu problema. O terno está de novo lá no armário?”

Ela fez que sim, e seus olhos começaram a se encher de lágrimas. “Por que é que tem que ser o *seu* terno? Quem é você pra decidir dar um terno? E os outros?” Estava chorando abertamente, segurando o ventre. “Eli, eu vou ter um filho. Será que a gente precisa de tudo *isso*?” E empurrou as roupas para o chão.

No armário, Eli pegou o terno verde. “É da J. Press”, disse, olhando para a etiqueta.

“Espero que ele *seja* feliz com essa porcaria!”, disse Miriam, soluçando.

* * *

Meia hora depois, a caixa estava cheia. A corda que ele havia encontrado no armário da cozinha não conseguia manter todas as peças dentro da caixa. O problema é que havia coisas demais: o terno cinzento *e mais* o verde, uma camisa de oxford além da outra de cambraia. Que o homem ficasse com dois ternos! Com três, quatro ternos, desde que essa besteirada toda acabasse! E o chapéu — é claro! Deus, ele quase havia esquecido o chapéu. Subiu a escada de dois em dois degraus e, no armário de Miriam, arrancou uma caixa de chapéu da prateleira do alto. Espalhando chapéu e papel de seda pelo chão, voltou para o andar de baixo e pôs na caixa o chapéu que tinha usado naquele dia. Então olhou para sua mulher, que estava deitada no chão diante da lareira. Pela terceira vez em três minutos, ela estava dizendo: “Eli, agora é pra valer”.

“Onde?”

“Bem debaixo da cabeça do bebê, como se alguém estivesse espremendo uma laranja.”

Tendo parado para escutar, Eli ficou estupefato. Disse: “Mas ainda faltam duas semanas...”. No fundo, ele esperava mesmo era que a coisa se prolongasse não apenas por mais duas semanas, e sim por mais nove meses. Isso o levou a desconfiar, de repente, que sua mulher estivesse fingindo estar com dores só para que ele parasse de pensar em entregar o terno. Na mesma hora, irritou-se consigo próprio por ter pensado tal

coisa. Deus, era nisso que ele havia se transformado! Estava agindo como um total filho-da-puta com ela desde que começara aquela história do Tzuref — justamente quando a gravidez tinha se tornado mais incômoda para ela. Ele se fechara todo para ela, mas assim mesmo, disso tinha certeza, fora por um bom motivo: se deixasse, ela o tentaria a sair daquela confusão com respostas fáceis. Ele era perfeitamente capaz de cair em tentação, sim, e fora por isso que havia lutado com unhas e dentes. Mas agora uma onda de amor o envolveu quando pensou no útero de sua mulher a se contrair, e no seu filho. E no entanto não revelou seus sentimentos a ela. Dada a esplêndida situação de seu casamento, sabe-se lá se Miriam poderia aproveitar para arrancar dele alguma promessa a respeito daquela escola no alto do morro.

Tendo feito sua segunda mala daquela noite, Eli foi correndo levar a mulher para o Woodenton Memorial Hospital. Lá ela não teve o filho, e sim passou horas e mais horas, a noite toda, sentindo primeiro laranjas, depois bolas de boliche, depois bolas de basquete, sendo espremidas atrás de sua pélvis. Na sala de espera, à luz esmagadora e senegalesca de uma dúzia de lâmpadas fluorescentes, Eli redigiu uma carta para Tzuref.

Prezado sr. Tzuref:

As roupas nesta caixa são para o cavalheiro do chapéu. Numa vida de sacrifícios, o que representa mais um? Mas numa vida sem sacrifícios, até mesmo um único sacrifício é impossível. O senhor entende o que estou dizendo? Não sou um nazista capaz de levar dezoito crianças, que provavelmente têm medo até de um vaga-lume, a ficarem sem teto. Mas se o senhor quer morar aqui, o senhor tem que aceitar o que temos a oferecer. O mundo é o mundo, sr. Tzuref. Como o senhor mesmo diria, o que é, é. A única coisa que pedimos a esse homem é que ele mude de roupa. Esta caixa contém dois ternos e duas camisas, e tudo mais de que ele vai precisar, inclusive um chapéu. Quando ele precisar de roupas novas, é só me avisar.

Aguardamos a vinda dele a Woodenton, e esperamos ter boas relações com a ieshivá de Woodenton.

Assinou a carta e colocou-a dentro da caixa, por uma das pontas que não fechavam direito. Em seguida, foi ao telefone que havia do outro lado da sala e ligou para Ted Heller.

“Alô.”

“Shirley, é o Eli.”

“Eli, passamos a noite toda telefonando. As luzes estão acesas na sua casa, mas ninguém atende. A gente ficou achando que era ladrão.”

“A Miriam está tendo um filho.”

“Em casa?”, perguntou Shirley. “Ah, Eli, que idéia divertida!”

“Shirley, deixa eu falar com o Ted.”

Depois de um estrondo de arrebentar os tímpanos, quando o fone bateu no chão, Eli ouviu passos, uma respiração, um pigarro, e por fim Ted. “Menino ou menina?”

“Nada por enquanto.”

“Você pôs idéias na cabeça da Shirley, Eli. Agora ela resolveu que vai ter o nosso próximo em casa.”

“Bom.”

“É uma maneira fantástica de unir a família, Eli.”

“Olha, Ted, resolvi a história do Tzuref.”

“Quando é que eles vão embora?”

“Eles não vão embora exatamente, Teddie. Eu resolvi o problema — você não vai nem saber que eles estão lá.”

“Um sujeito vestido como se estivesse no ano 1000 antes de Cristo, e eu não vou saber? O que é que você tem na cabeça, rapaz?”

“Ele vai mudar de roupa.”

“Ah, é? Arranjou outro terno de ir a enterro?”

“O Tzuref me prometeu, Ted. Da próxima vez que ele vier à cidade, ele vem vestido como eu ou você.”

“O quê! Alguém está enrolando alguém, Eli.”

A voz de Eli aumentou de volume de repente. “Se ele diz que vai fazer, é porque ele vai fazer!”

“Mas, Eli”, perguntou Ted, “ele disse isso?”

“Disse.” Custou-lhe uma dor de cabeça repentina aquela invencionice.

“E se não mudar, Eli? Vamos supor que ele não mude. Quer dizer, isso *pode* acontecer, Eli. Ele pode apenas estar querendo ganhar tempo, sei lá.”

“Não”, garantiu Eli.

Do outro lado não veio nenhum som por um momento. “Olha aqui, Eli”, disse Ted por fim, “vai que ele muda de roupa. Está bem? Mas eles continuam lá em cima, não é? Isso não vai mudar.”

“A questão é que você não vai nem saber.”

Paciente, Ted disse: “Foi isso que a gente pediu a você, Eli? Quando a gente confiou em você, teve fé em você, era isso que a gente estava pedindo? A gente não estava querendo que o sujeito se transformasse num dândi, Eli, vá por mim. A questão é que nós achamos que aqui não é o lugar deles. E quando eu digo nós, Eli, não sou só eu. Os judeus da comunidade escolheram a mim, Artie e Harry pra ver o que era possível fazer. E nós nomeamos você. E o que foi que aconteceu?”

Eli deu por si próprio dizendo: “O que aconteceu, aconteceu”.

“Eli, você está falando como em palavras cruzadas.”

“Minha mulher está tendo um filho”, explicou Eli na defensiva.

“Eu entendo, Eli. Mas é uma questão de zoneamento, não é? Não foi isso que a gente descobriu? Se você não segue as posturas, você cai fora. Quer dizer, eu não posso resolver criar cabrito montês, por exemplo, no meu quintal...”

“A coisa não é tão simples, Ted. Ela envolve gente...”

“Gente? Eli, isso já foi discutido e rediscutido não sei quantas vezes. Não estamos só lidando com gente, não — eles são fanáticos religiosos, é isso que eles são. Com aquela roupa. O que eu queria descobrir mesmo é o que está acontecendo por lá. Estou ficando cada vez mais desconfiado, Eli, e não tenho medo de dizer isso. Pra mim, isso está cheirando a bruxaria, esse tipo de coisa. Já um cara como o Harry, por exemplo, pensa e pensa, e tem medo de dizer o que está pensando. Pois eu digo. Olha, não entendo nada dessas coisas de escola dominical. No domingo eu levo minha filha mais velha até Scarsdale pra ela aprender histórias da Bíblia... e você sabe o que é que ensinam a ela? Esse tal de Abrão da Bíblia ia matar o *filho* num sacrifício. Ela tem pesadelo por causa disso, pelo amor de Deus! Então religião é isso? Hoje em dia um cara assim ia acabar internado. Estamos na era da ciência, Eli. Eu vejo o tamanho do pé do freguês com uma máquina de raios X. Essas coisas todas, Eli, a ciência já provou que estão erradas, e eu me recuso a ver uma coisa assim acontecendo no meu quintal.”

“Não tem nada acontecendo no seu quintal, Teddie. Você está exagerando, ninguém está sacrificando filho nenhum.”

“Nisso você tem toda razão, Eli — eu é que não vou sacrificar os meus. Você vai ver, o dia que você tiver filho. Aquele lugar, sabe o que é? Um esconderijo pra gente que não tem coragem de enfrentar a vida. É

uma questão de necessidade. Eles têm essas superstições todas, e por quê? Por que não conseguem enfrentar o mundo, por que não conseguem ocupar o lugar deles na sociedade. Isso não é ambiente para criar um filho, Eli.”

“Olha, Ted, vamos encarar a coisa de um outro ângulo. A gente pode converter essa gente”, disse Eli sem muita convicção.

“O quê, transformar esse pessoal num bando de católicos? Olha aqui, Eli — meu amigo, as pessoas têm relações saudáveis nesta cidade porque é tudo protestante e judeu moderno. A questão é essa, não é, Eli? Não vamos ficar um enrolando o outro, não, eu não me chamo Harry. Do jeito que as coisas estão agora, está muito bom — todo mundo vivendo como ser humano. Não vai haver nenhum *pogrom* aqui em Woodenton. Certo? Porque não tem fanático, não tem maluco” — Eli estremeceu, e fechou os olhos por um segundo — “só gente que respeita os outros, e deixa cada um levar sua vida. O bom senso é que manda, Eli. Eu sou a favor do bom senso. Moderação.”

“Isso mesmo, isso mesmo, Ted, eu concordo, mas o bom senso, quem sabe, diz que esse cara tem que mudar de roupa. Aí, pode ser que...”

“O bom senso diz isso? O que o bom senso me diz é que essas pessoas têm que sair daqui e arrumar um lugar que seja bom pra elas longe daqui, Eli. Nova York é a maior cidade do mundo, fica só a cinquenta quilômetros daqui — por que é que eles não vão pra lá?”

“Ted, dá uma chance pra eles. Mostra pra eles o que é o bom senso.”

“Eli, você está lidando com *fanáticos*. E desde quando eles demonstram bom senso? Falam uma língua morta — isso é bom senso? Fazem tudo girar em torno do sofrimento, ficam dizendo oy-oy-oy a vida toda — isso é bom senso? Olha, Eli, isso tudo já foi discutido. Não sei se você já sabe — mas estão dizendo que a revista *Life* vai mandar um cara lá na *ieshivá* pra fazer uma reportagem. Com foto e tudo.”

“Olha, Teddie, acho que você está deixando a sua imaginação voar muito alto. Eu não acredito que a *Life* esteja interessada.”

“Mas *eu* estou interessado, Eli. E a gente achava que você também estava.”

“E estou”, disse Eli. “Estou, sim. Deixa o homem mudar de roupa, Ted. Vamos ver o que dá.”

“Eles vivem na era medieval, Eli — é alguma superstição, alguma regra.”

“Vamos ver”, implorou Eli.

“Eli, todo dia...”

“Mais um dia”, disse Eli. “Mais um dia, e se eles não mudarem...”

“E aí?”

“Aí eu consigo um mandado na segunda de manhã. E pronto.”

“Olha, Eli — não sou eu que decido. Deixa eu ligar pro Harry...”

“Você é o porta-voz, Teddie. Eu estou enrolado aqui com a Miriam, que está tendo um filho. Só estou pedindo mais um dia pra mim — um dia pra eles.”

“Está bem, Eli. Eu não quero ser intransigente. Mas só até amanhã. Amanhã é o dia do juízo, Eli, falando sério.”

“Já estou até ouvindo as trombetas”, disse Eli, pondo o fone no gancho. Por dentro ele estremecia — a voz de Teddie parecia ter separado seus ossos nas juntas. Eli ainda estava na cabine telefônica quando a enfermeira veio lhe dizer que a sra. Peck certamente só teria a criança na manhã seguinte. Ele devia ir para casa e descansar um pouco; quem visse até pensaria que era *ele* que estava tendo um filho. A enfermeira deu-lhe uma piscadela e foi embora.

Mas Eli não foi para casa. Saiu à rua com a caixa da Bonwit's e colocou-a dentro do carro. A noite era suave e estrelada, e ele começou a rodar pelas ruas de Woodenton. Janelas quadradas, frescas, pintadas de cor de abóbora, era tudo que se via atrás dos gramados extensos das casas do bairro. As estrelas brilhavam nos bagageiros permanentes instalados nas capotas das caminhonetes estacionadas à frente das casas. Eli seguia em seu carro, bem devagar, subindo, descendo, dando voltas. Só se ouvia o ruído dos pneus fazendo curvas suaves.

Quanta paz. Que paz incrível. Terá havido crianças mais protegidas em suas camas do que estas? Pais — perguntava-se Eli — de barrigas tão cheias? Água tão quente dentro dos *boilers*? Nunca. Nem em Roma, nem na Grécia. Nem mesmo dentro das cidades muradas se vivia tão bem! Era compreensível que quisessem que tudo ficasse tal como estava. Aqui, afinal de contas, havia paz e segurança — o objetivo visado pela civilização durante séculos. Era isso que Ted Heller, com todas as bobagens que dizia, estava pedindo: paz e segurança. Era isso que os pais de Eli pediam no Bronx, e seus avós na Polônia, e os avós deles na Rússia ou na Áustria, sabe-se lá de que lugares, e para que lugares, eles tiveram que fugir. Era o que Miriam pedia. E agora eles

havam conseguido — o mundo finalmente se transformara num lugar seguro para as famílias, até mesmo para as famílias judias. Depois de tantos séculos, talvez fosse mesmo necessária essa resistência comunitária — ou insensibilidade comunitária — para proteger tanta felicidade. Talvez fosse esse o problema dos judeus desde o início — eram frouxos demais. É claro, viver exige coragem... pensava Eli enquanto passava da estação ferroviária e estacionava o carro no posto da Gulf, agora escuro. Saiu do carro carregando a caixa.

No alto da ladeira, uma janela tremeluzia. O que estaria fazendo Tzuref em sua sala? Assassinando bebês? Provavelmente não. Mas estudando uma língua que ninguém entendia? Praticando costumes cujas origens tinham sido esquecidas havia muito tempo? Sofrendo sofrimentos já sofridos até demais? Teddie tinha razão — para que insistir naquilo! Porém, se um homem resolvia ser teimoso, ele não podia querer sobreviver. O mundo dá e cobra em troca. Não tem sentido ficar criando caso por causa de um terno. Eli lhe daria uma última chance.

Parou no alto da ladeira. Não havia ninguém. Subiu o gramado devagar, colocando um pé depois do outro na grama, escutando o *sh shhh shhhh* que seus sapatos faziam ao apertar a grama molhada contra a terra. Eli olhou em volta. Ali não havia nada. Nada! Uma casa caindo aos pedaços — e um terno.

Na varanda, olhou atrás de um pilar. Sentia que alguém o observava. Mas só via estrelas. E a seus pés, ao longe, brilhavam as luzes de Woodenton. Colocou sua caixa no degrau diante da enorme porta da frente. Tateou dentro da caixa para ver se sua carta continuava lá. Quando a encontrou, empurrou-a mais para dentro do terno verde, do qual seus dedos ainda se lembravam, do inverno. Ele devia ter trazido algumas lâmpadas também. Então passou por trás do pilar de novo, e dessa vez havia algo no gramado. Era a segunda vez que ele via o sujeito. Ele estava virado para Woodenton, e atravessando muito lentamente o espaço aberto, indo em direção às árvores. O punho direito batia no peito. E então Eli ouviu um som cada vez que ele batia no peito. Que gemido! Era capaz de arrepiar cabelos, paralisar corações, encher olhos de lágrimas. E teve esses três efeitos sobre Eli, e mais ainda. Uma sensação surgiu no fundo de seu ser, numa profundidade tal que ele não tinha palavras para qualificá-la. Era estranho. Ele escutava — não doía,

não, ouvir aquele gemido. Porém doeria produzi-lo? E assim, tendo apenas as estrelas como ouvintes, ele tentou. Doía, sim. Não o zumbido de abelhas que brotou no fundo da garganta e saiu voando pelas narinas. A dor zumbia e ardia lá embaixo. Doía mais e mais dentro dele, e com isso o gemido foi crescendo. Tornou-se um grito, mais e mais alto, um canto, uma cantoria louca que se espalhou por entre os pilares e saiu para o gramado, até que a estranha criatura de chapéu que lá estava virou-se e abriu os braços, parecendo, no meio da noite, um espantalho.

Eli correu, e quando chegou ao carro a dor era apenas um arranhão sangrento no pescoço, onde um galho o havia fustigado quando ele fugia dos braços do imigrante.

No dia seguinte, seu filho nasceu. Mas só à uma da tarde, e até lá muita coisa já havia acontecido.

Em primeiro lugar, às nove e meia o telefone tocou. Eli levantou-se de um salto do sofá onde havia desabado na véspera e retirou do gancho o fone que gritava. Já quase sentia o cheiro do hospital quando berrou no microfone: “Alô, sim!”.

“Eli, é o Ted. Eli, deu certo. Ele acabou de passar pela loja. Eu estava abrindo a porta, Eli, eu me virei e juro que pensei que fosse você. Mas era ele. Ele continua andando como antes, mas a roupa, Eli, a roupa.”

“Ele quem?”

“O imigrante. Ele está com roupa de homem normal. E o terno é uma beleza.”

O terno voltou de repente à consciência de Eli, empurrando para trás todo o resto. “Qual a cor do terno?”

“Verde. Ele anda por aí com um terno verde como se hoje fosse feriado. Eli... hoje é feriado judaico?”

“Onde ele está agora?”

“Está subindo a Coach House Road, com o tal terno de tweed. Eli, deu certo. Você tinha razão.”

“Vamos ver.”

“E agora?”

“Vamos ver.”

Eli tirou a cueca com que tinha dormido e foi para a cozinha, onde acendeu o fogo embaixo do café. Quando começou a ferver, pôs a cabeça em cima da cafeteira para ver se o vapor desatava o nó que havia

atrás de seus olhos. Isso ainda não havia acontecido quando o telefone tocou.

“Eli, é o Ted outra vez. Eli, o sujeito está andando por todas as ruas da cidade. Parece que está fazendo turismo, sei lá. O Artie me ligou, o Herb me ligou. Agora a Shirley telefonou dizendo que ele acabou de passar pela nossa casa. Eli, vá até a varanda que você vai ver.”

Eli andou até a janela e olhou para fora. Não conseguia ver além da curva da rua, e não havia ninguém à vista.

“Eli?” Ouviu a voz de Ted saindo do fone que ele deixara pendurado pelo fio. Pôs o fone no gancho, enquanto as últimas palavras chegavam a seus ouvidos: “Elivocêviu...?”. Vestiu a calça e a camisa que usara na véspera e foi descalço até o gramado à frente da casa. E não deu outra: a aparição logo apareceu na curva, com um chapéu marrom empurrado para trás mais do que era para estar, um terno verde um pouco caído nos ombros, uma camisa para se usar abotoada desabotoada, uma gravata com um laço que deixava atrás uma ponta de cinco centímetros, uma calça que cascadeava sobre os sapatos — o homem era mais baixo do que parecia com aquele chapéu preto. E as roupas avançavam com aquele andar que não era um andar, uma sucessão de passinhos mínimos arrastados. O homem fez a curva, e por mais estranho que fosse sua aparência — a estranheza se manifestava na barba, surgia nos movimentos — dava a impressão de estar em casa. Excêntrico, talvez, porém em casa. Não gemeu, nem chamou Eli com os braços bem abertos. Porém parou ao vê-lo. Parou e levou a mão ao chapéu. Quando tentou pegar a copa, sua mão subiu demais. Então encontrou a altura certa e tentou segurar a aba. Os dedos tatearam incertos; quando finalmente fizeram a saudação, começaram a percorrer o rosto do sujeito, e em pouco tempo pareciam haver tocado em cada uma de suas feições. Roçaram nos olhos, percorreram a extensão do nariz, passaram pelo lábio hirsuto, até encontrarem refúgio no cabelo que ocultava um pouco do colarinho. Para Eli, aqueles dedos diziam: *eu tenho rosto, eu tenho rosto, pelo menos*. Então a mão atravessou a barba, e quando parou sobre o peito era como se fosse um ponteiro — e os olhos fizeram uma pergunta enquanto marés de água se sucediam sobre eles. *O rosto é bom, posso ficar com ele?* Era tal a expressão naqueles olhos que Eli continuava a vê-los após desviar a vista. Eram os corações de seus junquinhos, que haviam surgido apenas uma semana antes — eram as

folhas de seu vidoeiro, eram as lâmpadas das luminárias da varanda, os cocôs espalhados pelo gramado: aqueles olhos eram os olhos dentro de sua cabeça. Pertenciam a ele, fora ele que os fizera. Eli virou-se e entrou em casa, e quando olhou pela janela, por entre a persiana e o alizar, o terno verde já havia desaparecido.

O telefone.

“Eli, é a Shirley.”

“Eu vi, Shirley”, e desligou.

Ficou sentado um bom tempo, imobilizado. O sol se deslocava pelas janelas. O cheiro de café se espalhava pela casa. O telefone começou a tocar, parou, começou outra vez. Veio o carteiro, veio o homem da lavanderia, o homem da padaria, o jardineiro, o homem do sorvete, a moça da Liga das Eleitoras. Uma negra que pregava um estranho evangelho, pedindo a revisão da Lei dos Alimentos e Remédios, bateu à porta, tamborilou nas janelas e por fim enfiou meia dúzia de panfletos por baixo da porta dos fundos. Porém Eli continuava sentado, sem cueca, usando o terno da véspera. Não respondeu a ninguém.

Dado o estado em que se encontrava, foi estranho que o ruído de tropeçar e cair que veio da porta dos fundos chegasse até seu ouvido interno. Mas num instante ele pareceu derreter-se e esvair-se pelas fendas da cadeira e em seguida emergir outra vez e correr até a origem do barulho. Diante da porta, esperou. Não se ouvia nada, apenas um suave farfalhar de folhas tenras e úmidas nas árvores. Quando finalmente abriu a porta, não encontrou ninguém. Esperava ver muito verde, verde, verde, do tamanho da porta, com um chapéu em cima, esperando por ele com aqueles olhos. Mas não havia ninguém lá fora, só a caixa da Bonwit's, cheia até transbordar, a seus pés. Sem nenhum barbante, a tampa equilibrada no alto.

Covarde! Ele não conseguiu! Não conseguiu!

A alegria desse pensamento bombeou combustível para suas pernas. Eli saiu em disparada pelo quintal dos fundos, passando pelo ramo recém-brotado de forsítia, tentando ver, ainda que apenas de relance, o barbudo fugindo nu pelos quintais, pulando as sebes e cercas, rumo a sua ermida protetora. Ao longe, uma pilha de pedras rosadas e brancas — que Harriet Knudson havia pintado na véspera — o enganou. “Corre”, gritou ele para as pedras, “corre, seu...”, porém percebeu seu erro antes que qualquer outra pessoa o fizesse, e por mais que olhasse e

espichasse o pescoço não havia sinal em lugar nenhum de um homem mais ou menos da sua altura, com uma pele branca, branca, terrivelmente branca (como devia ser branca a pele daquele corpo!) fugindo covardemente. Voltou devagar, curioso, para a porta dos fundos. E enquanto as árvores estremeciam ao sabor da brisa, Eli retirou a tampa da caixa. O choque inicial foi o choque de ver a luz do dia ser desligada de repente. Dentro da caixa havia um eclipse. Mas em pouco tempo negro distinguiu-se de negro, o negro vítreo do forro, o negro grosseiro da calça, o negro mortício das bainhas desfiadas, e no centro uma montanha negra: o chapéu. Eli pegou a caixa e levou-a para dentro de casa. Pela primeira vez na vida sentiu o *cheiro* do negrume: um pouco rançoso, um pouco azedo, um pouco velho, mas nada que fosse insuportável. Mesmo assim, mantinha a caixa bem afastada do corpo, e colocou-a sobre a mesa de jantar.

Vinte cômodos naquele casarão, e eles querem guardar as roupas velhas deles na minha casa! O que é que eu faço com elas? Dão para alguma instituição de caridade? Foi de uma delas que elas vieram. Pegou o chapéu pelas bordas e olhou dentro dele. A copa era lisa como um ovo, a aba toda esfarrapada. Não há outra coisa a fazer com um chapéu que se tenha na mão senão colocá-lo na cabeça, e foi o que Eli fez. Abriu a porta do armário do hall e olhou-se no espelho de corpo inteiro. O chapéu lhe dava olheiras. Ou talvez fosse por ele não ter dormido bem. Puxou a aba para baixo, até que uma sombra tocou seus lábios. Agora as olheiras tomaram conta de todo o rosto. Diante do espelho desabotoou a camisa, abriu o zíper da calça e então, despindo-se, examinou o que ele era. É uma decepção ridícula se ver nu de chapéu. Principalmente com aquele chapéu. Eli suspirou, mas não conseguiu se livrar da grande fraqueza que de repente se instalou em seus músculos e juntas, sob o peso terrível do chapéu estranho daquele homem estranho.

Voltou para a mesa de jantar e retirou tudo que havia dentro da caixa: paletó, calça e colete (o colete tinha um cheiro mais profundo que o do negrume). E por baixo de tudo, entre os sapatos que pareciam rachados e mordidos, vinha o primeiro toque de branco. Um pequeno poncho com uma franja — uma peça cinzenta que parecia ser roupa de baixo — estava amassado no fundo, as franjas dobradas e retorcidas. Eli pegou a peça e desenrolou-a. O que é isso? Um agasalho? Usado por baixo da

roupa quando se está resfriado? Levou-o ao nariz, mas não tinha cheiro de Vick Vaporub nem de emplastro de mostarda. Era uma coisa especial, alguma coisa judaica. Comida especial, língua especial, rezas especiais, por que não roupa de baixo especial? O homem tinha tanto medo de ser tentado a voltar a usar suas roupas tradicionais — raciocinou Eli — que havia levado tudo para ficar enterrado em Woodenton, inclusive a roupa de baixo especial. Pois era assim que Eli entendia agora aquela caixa de roupas. O imigrante estava dizendo: está bem, desisti. Eu me recuso até mesmo a ser tentado. Nós nos rendemos. E foi assim que Eli continuou entendendo a coisa até se dar conta de que havia colocado aquela bandeira branca cheia de franjas em cima do chapéu e que a sentia grudando em seu peito. E agora, olhando-se no espelho, por um momento não sabia quem estava tentando quem a fazer o quê. Afinal, *por que* o imigrante havia deixado suas roupas para ele? Teria sido ele mesmo? Se não fora ele, então quem? E por quê? Mas, Eli, pelo amor de Deus, numa era de ciência as coisas não acontecem assim. Até mesmo os porcos tomam drogas...

Fosse qual fosse a fonte da tentação e seu fim, para não falar em seu começo, Eli, alguns momentos depois, estava inteiramente vestido de negro, com um pouco de branco por baixo, diante do espelho de corpo inteiro. Fora obrigado a abaixar a calça para que os tornozelos não ficassem expostos. O imigrante... será que ele não usava meias? Ou teria se esquecido delas? O mistério foi resolvido quando Eli criou coragem e resolveu investigar os bolsos da calça. Temia que alguma coisa úmida e horrível acontecesse com seus dedos se eles desaparecessem dentro daqueles bolsos — mas quando por fim ousou o gesto, viu-se com um pé de meia cáqui, do Exército, em cada mão. Enquanto as calçava, inventou uma gênese para elas: um presente dado por um soldado americano em 1945. Além de tudo mais que fora perdido entre 1938 e 1945, o homem havia também perdido as meias. Não o fato de que ele perdera as meias, e sim o de que se rebaixara a ponto de ter de aceitar aquelas meias, quase teve o efeito de fazer Eli chorar. Para acalmar-se, saiu pela porta dos fundos e ficou contemplando o gramado de sua casa.

No gramado dos Knudson, Harriet Knudson estava dando a suas pedras mais uma demão de tinta cor-de-rosa. Ela levantou a vista na hora exata em que Eli saiu da casa. Ele voltou para dentro correndo e

jogou todo o peso de seu corpo contra a porta. Quando olhou por entre as cortinas, só viu lata de tinta, pincel e pedras espalhadas pelo gramado salpicado de rosa. O telefone tocou. Quem era — Harriet Knudson? Eli, tem um judeu parado à sua porta. *Sou eu*. Que bobagem, Eli, eu vi o homem com meus próprios olhos. *Era eu, e eu vi você também, pintando suas pedras de rosa*. Eli, você está tendo outro colapso nervoso. Jimmy, o Eli está tendo outro colapso nervoso. Eli, é o Jimmy, eu soube que você está tendo um colapsozinho, posso te ajudar em alguma coisa, rapaz? Eli, é o Ted, a Shirley diz que você está precisando de ajuda. Eli, é o Artie, você está precisando de ajuda. Eli, é o Harry, você precisa de ajuda você precisa de ajuda... O telefone tocou pela última vez e morreu.

“Deus ajuda quem ajuda a si próprio”, recitou Eli, e mais uma vez saiu pelos fundos. Dessa vez andou até o centro do gramado, expondo-se por completo às árvores, à grama, aos pássaros e ao sol, revelando que era ele, Eli, com aquele traje. Mas a natureza não tinha nada a lhe dizer, e assim ele caminhou furtivo até a sebe que separava sua propriedade do campo aberto, e atravessou-a, perdendo o chapéu duas vezes no meio da vegetação rasteira. Então, apertando o chapéu com força contra a cabeça, começou a correr, sentindo as borlas trançadas batendo em seu coração. Correu por entre o mato e as flores silvestres e, ao dar na estrada velha que contornava a cidade, diminuiu o passo. Estava andando quando chegou ao posto da Gulf pelos fundos. Apoiou-se numa enorme roda de caminhão sem pneu e, em meio a tubos, motores enferrujados e dezenas de latas de óleo sem tampa, descansou. Com uma espécie de astúcia descerebrada, preparou-se para o último quilômetro de sua viagem.

“Como vai o senhor?” Era o frentista, esfregando as mãos imundas no macacão e procurando algo em meio às latas.

O estômago de Eli deu um salto, e ele apertou o casaco contra o pescoço.

“Um bom dia para o senhor”, disse o frentista, e se afastou.

“*Shalom*”, sussurrou Eli, e escafedeu-se em direção à ladeira.

O sol estava a pino quando Eli chegou no alto. Tinha vindo pelo meio do mato, onde era mais fresco, mas assim mesmo suava por baixo de seu terno novo. Não havia uma barra de couro dentro do chapéu para absorver o suor, e o pano grudava em sua cabeça. As crianças estavam

brincando. As crianças estavam sempre brincando, como se isso fosse a única coisa que Tzuref tivesse para lhes ensinar. Estavam de short, e suas pernas eram tão finas que dava para ver as juntas sob a pele se movendo quando elas corriam. Eli esperou que elas fizessem a curva e desaparecessem para sair do meio das árvores. Mas alguma coisa não o deixava esperar — o terno verde. Estava na varanda, em torno do sujeito barbudo, que pintava a base de um pilar. Seu braço subia e descia, subia e descia, e o pilar brilhava como fogo branco. Ao vê-lo, Eli imediatamente pulou para fora do bosque e surgiu no gramado. Não se virou para trás, embora suas entranhas o fizessem. Foi subindo o gramado, mas as crianças continuaram a brincar; levou a mão ao chapéu negro e o inclinou, murmurando “Shhh... shhhh”, e elas mal pareciam se dar conta de sua presença.

Por fim sentiu o cheiro da tinta.

Esperou que o homem se virasse para ele. O homem continuava a pintar. De súbito Eli teve a sensação de que, se pudesse puxar para baixo o chapéu preto de modo a cobrir os olhos, depois o peito, o ventre e as pernas, se pudesse vedar toda a luz, no instante seguinte daria por si em casa, na cama. Mas o chapéu não passava da testa. Não adiantava tentar se iludir — ele estava ali. Até onde ele sabia, ninguém o havia forçado a fazer aquilo.

O braço do imigrante subia e descia, pintando o pilar. Eli respirou bem alto, pigarreou, mas mesmo assim o imigrante não facilitava as coisas para ele. Por fim, Eli foi obrigado a dizer “Oi”.

O braço subiu e desceu; parou — dois dedos foram arrancar um pêlo do pincel que havia grudado no pilar.

“Bom dia”, disse Eli.

O pêlo foi arrancado; a pintura recomeçou.

“*Shalom*”, cochichou Eli, e o sujeito se virou.

O reconhecimento demorou algum tempo. O homem olhou para a roupa que Eli estava usando. Eli, bem de perto, olhou para roupa que o homem estava usando. E então Eli teve a estranha idéia de que ele era duas pessoas. Ou que era uma só pessoa usando dois ternos. O imigrante parecia estar sofrendo de uma confusão semelhante. Os dois ficaram se entreolhando por um bom tempo. O coração de Eli encolheu, e por um momento seu cérebro ficou em tal estado de confusão que suas mãos fizeram menção de ajeitar o botão do colarinho de sua camisa que estava

sendo usada por outra pessoa. Que trapalhada! O imigrante cobriu o rosto com os braços.

“O que foi...?”, perguntou Eli. O homem já havia pegado a lata de tinta e o pincel e estava fugindo. Eli correu atrás dele.

“Eu não ia bater...”, gritava Eli. “Pára...” Eli o alcançou e segurou-o pela manga. Mais uma vez, as mãos do imigrante ocultaram seu rosto. Dessa vez, com a violência do gesto, os dois foram salpicados de tinta branca.

“Eu só quero...” Mas, com aquele traje, Eli na verdade não sabia o que queria. “Conversar...”, completou ele por fim. “Que você olhe pra mim. Por favor, *olha* pra mim, é só isso...”

As mãos continuavam levantadas, enquanto a tinta escorria do pincel e pingava na manga do terno verde de Eli.

“Por favor... por favor”, Eli dizia, mas não sabia o que fazer. “Diz alguma coisa, fala em *inglês*”, implorou.

O homem foi recuando contra a parede, mais e mais, como se esperasse que um braço viesse por fim resgatá-lo. Ele se recusava a descobrir o rosto.

“Olha”, disse Eli, apontando para si próprio. “É o seu terno. Eu vou cuidar dele.”

Não houve resposta — apenas um leve tremor por trás das mãos, o que levou Eli a falar da maneira mais delicada que lhe era possível.

“Nós... nós vamos botar bastante naftalina nele. Está faltando um botão” — Eli apontou — “eu vou consertar. Vou mandar pôr um zíper... Por favor, por favor, olha para mim, só isso...” Estava falando sozinho, e no entanto como poderia parar? Nada do que ele dizia fazia sentido — esse fato era suficiente para fazer seu coração inchar. E no entanto, de algum modo, se continuasse falando, talvez conseguisse dizer alguma coisa que tornaria as coisas mais fáceis entre eles dois. “Olha...” Pôs a mão dentro da camisa para mostrar a peça com franjas que usava por baixo. “Estou usando até mesmo aquela roupa de baixo especial... Por favor”, disse ele, “*por favor, por favor*”, repetia, como se fosse uma fórmula sagrada. “Ah, *por favor*...”

Nada se movia por baixo do terno de tweed — e se os olhos estavam cheios de lágrimas, ou de malícia, ou de ódio, não havia como ele saber. Era de enlouquecer. Ele havia vestido aquela roupa idiota, e para quê? Para isso? Levantou o braço e arrancou as mãos no rosto do outro.

“Pronto!”, exclamou — e naquele primeiro momento só viu no rosto do imigrante duas gotas brancas grudadas em cada face.

“Me diga...” — Eli baixou as mãos do homem — “me diga o que eu posso fazer por você, que eu faço...”

Rígido, o imigrante permanecia imóvel, exibindo suas duas lágrimas brancas.

“O que eu puder fazer... Olha, veja só o que eu já fiz.” Agarrou o chapéu negro e o sacudiu na cara do outro.

Em troca, o imigrante lhe deu uma resposta. Levou uma mão ao peito e depois esticou-a com força, com o dedo estendido, em direção ao horizonte. E com que expressão de sofrimento! Como se o ar estivesse cheio de lâminas! Eli seguiu o dedo e viu, além da ponta, além da unha, Woodenton.

“O que você quer?”, perguntou Eli. “Eu trago!”

De repente o imigrante começou a correr. Mas então parou, deu meia-volta e apontou o dedo no ar outra vez. Na mesma direção. Em seguida, sumiu.

Então, sozinho, Eli teve sua revelação. Não questionou sua compreensão, a substância nem a fonte. Mas, com um entusiasmo estranho, onírico, foi embora.

Na Coach House Road, os carros estavam parados em fila dupla. A mulher do prefeito empurrava um carrinho de compras cheio de comida de cachorro da Stop N’ Shop até sua caminhonete. O presidente do Lions Club, guardanapo em torno do pescoço, enfiava moedas dentro do parquímetro à porta do Bit-in-Teeth Restaurant. Ted Heller recebia o sol refletido pelos mosaicos da nova entrada, em estilo bizantino, de sua sapataria. Vestindo um jeans tingido de rosa, a mulher de Jimmy Knudson saía da Halloway’s Hardware com uma lata de tinta em cada mão. A Roger’s Beauty Shoppe estava de portas abertas — dentro, uma fileira de cabeças de mulheres enfiadas em capacetes prateados até perder de vista. Acima da porta da barbearia, o tradicional bastão em espiral girava, e o filho menor de Artie Berg estava montado num cavalo vermelho enquanto o barbeiro cortava seu cabelo; a mãe, sorrindo, folheava um exemplar de *Look*: o imigrante havia mudado de roupa.

E a essa rua, que parecia cromada e não asfaltada, chegou Eli Peck. Não bastaria, ele sabia, caminhar por toda a rua de um dos lados. Isso

não bastava. Assim, deu dez passos numa calçada, depois, em ângulo, atravessou para o outro lado, onde deu mais dez passos, e em seguida voltou à primeira calçada. Buzinas soavam, o trânsito parou enquanto Eli subia a Coach House Road. Caminhava emitindo um gemido agudo e nasal. Lá fora ninguém o ouvia, porém Eli sentia a vibração na cartilagem do nariz.

A seu redor, tudo se desacelerou. O sol parou de cintilar nos raios das rodas e nas calotas. Seu brilho ficou fixo quando todos frearam para ver o homem de preto. Todos paravam e o olhavam boquiabertos, onde quer que ele entrasse. Então, após um minuto, ou dois, ou três, o sinal abria, um bebê gritava e o fluxo continuava. Dessa vez, embora o sinal abrisse, ninguém se mexeu.

“Ele fez a barba”, disse Eric, o barbeiro.

“Ele quem?”, indagou Linda Berg.

“O... cara do terno. Daquela casa lá do alto.”

Linda olhou pela vitrine.

“É o tio Eli”, disse o pequeno Kevin Berg, cuspidando cabelo.

“Ah, meu Deus”, disse Linda, “o Eli está tendo um colapso nervoso.”

“Um colapso nervoso!”, disse Ted Heller, mas não na mesma hora. O que ele disse na mesma hora foi “Mmmeeu...”

Em pouco tempo, todo mundo na Coach House Road já sabia que Eli Peck, o jovem advogado nervoso que tinha uma esposa bonita, estava tendo um colapso nervoso. Todo mundo, menos Eli Peck. Ele sabia que o que estava fazendo não era loucura, embora sentisse perfeitamente o que havia de estranho naquilo. Aquelas roupas negras lhe pareciam ser a pele de sua pele — elas cediam e esticavam à medida que se acostumavam com as protuberâncias e reentrâncias de seu corpo. E ele sentia os olhos, todos os olhos da Coach House Road. Via faróis freando ruidosamente até parar a poucos centímetros dele. Via bocas: primeiro o queixo deslizando para a frente, depois a língua batendo nos dentes, os lábios explodindo, um pequeno trovão na garganta, e em seguida as palavras: Eli Peck Eli Peck Eli Peck Eli Peck. Ele começou a caminhar devagar, jogando o peso para baixo e para a frente com cada sílaba: E-li-Peck-E-li-Peck-E-li-Peck. Caminhava pesadamente, e quando seus vizinhos pronunciavam cada sílaba de seu nome sentia que cada sílaba fazia todos os seus ossos estremecerem. Eli sabia quem ele era até a medula dos ossos — era o que lhe diziam. Eli Peck. Queria que

dissessem mil vezes, um milhão de vezes, ele ficaria para sempre caminhando com aquele terno preto, enquanto os adultos cochichavam, comentando a estranheza daquilo, e as crianças faziam um gesto cujo sentido era “Vergonha... vergonha”.

“Tudo bem, rapaz...”, Ted Heller fazia sinal para Eli de sua loja. “Vem cá, rapaz, está tudo bem...”

Eli o viu, abaixo da aba de seu chapéu. Ted não saiu da porta da loja, porém debruçou-se e falou com a mão sobre a boca. Atrás dele, três clientes espiavam pela porta. “Eli, é o Ted, você se lembra do Ted...”

Eli atravessou a rua e constatou que estava caminhando em direção a Harriet Knudson. Espichou o pescoço para que ela pudesse ver seu rosto por completo.

Viu que a testa dela se derreteu até os cílios. “Bom dia, senhor Peck.”

“*Shalom*”, disse Eli, atravessou a rua e viu o presidente do Lions Club.

“Já duas vezes...”, ele ouviu alguém dizer, e então atravessou a rua de novo, subiu o meio-fio e viu-se diante da padaria, onde um entregador passou correndo por ele levantando uma bandeja cheia de bolos confeitados. “Desculpa, padre”, disse, e entrou correndo no caminhão. Porém não conseguiu sair do lugar. Eli Peck havia parado o trânsito.

Ele passou pelo Rivoli Theater, a Beekman Cleaners, a Harris’ Westinghouse, a Igreja Unitária, e por fim só havia árvores. Na Ireland Road virou para a direita e começou a caminhar pelas ruas tortuosas de Woodenton. Carrinhos de bebês paravam e rangiam — “Não é o...”. Jardineiros detinham suas tesouras. Crianças abriam alas na calçada, passando para o meio-fio. E Eli não cumprimentava ninguém, apenas exibia o rosto para todos. Sentia uma vontade imensa de ter lágrimas brancas para exibir também... E foi só quando chegou ao gramado de sua própria casa, quando viu a casa, as persianas, os junquinhos novos, que se lembrou de sua mulher. E do filho que certamente já teria nascido. E foi então que lhe ocorreu o momento terrível. Ele podia entrar, vestir suas roupas e ir ver a mulher no hospital. Nada era irrevogável, nem mesmo aquela sua caminhada. Em Woodenton a memória é duradoura, mas a fúria é efêmera. A apatia atua como o perdão. Além disso, quando uma pessoa pira, ela pira — o problema é da Mãe Natureza.

O momento terrível consistiu no fato de que Eli não entrou. Ele sabia

exatamente o que poderia fazer, mas optou por não fazê-lo. Entrar seria uma meia medida. Havia mais... Assim, deu meia-volta e andou em direção ao hospital, e o tempo todo estremecia, uma fração de milímetro abaixo da pele, de pensar que havia optado pela loucura. Onde já se viu, *optar* pela loucura! Mas quem escolhe enlouquecer não está louco. Loucura é quando não se escolhe. Não, ele não estava pirando. Ele precisava ver seu filho.

“Nome?”

“Peck.”

“Quarto andar.” Entregaram-lhe um pequeno cartão azul.

No elevador, todo mundo ficou olhando. Eli ficou vendo seus sapatos subirem quatro andares.

“Quarto.”

Levou a mão ao chapéu, mas sabia que não podia tirá-lo.

“Peck”, disse ele. Mostrou o cartão.

“Parabéns”, disse a enfermeira, “... o avô?”

“O pai. Qual é o quarto?”

Ela o levou até o 412. “Uma brincadeira com sua mulher?”, perguntou a enfermeira, mas ele entrou sem ela.

“Miriam?”

“Sim?”

“Eli.”

Ela virou o rosto pálido para o marido. “Ah, Eli... Ah, Eli.”

Ele levantou os braços. “O que é que eu podia fazer?”

“Nasceu. É menino. Eles passaram a manhã toda ligando.”

“Eu vim aqui pra ver.”

“*Assim!*”, ela exclamou num sussurro áspero. “Eli, você não pode andar por aí assim.”

“Eu tenho um filho. Quero ver meu filho.”

“Eli, por que é que você está fazendo isso comigo?!” Seus lábios recuperaram a cor. “*Ele* não é sua culpa”, explicou. “Ah, Eli, meu bem, por que é que você se sente culpado por tudo? Eli, muda de roupa. Eu te perdôo.”

“Pára de me perdoar. Pára de me compreender.”

“Mas eu te amo.”

“Isso é outra história.”

“Mas, meu bem, você não *precisa* se vestir assim. Você não fez nada.

Você não precisa se sentir culpado porque... porque está tudo bem. Eli, será que você não entende isso?”

“Miriam, chega de razões. Onde está o meu filho?”

“Ah, Eli, por favor, não vá pirar agora. Eu preciso de você agora. É por isso que você está pirando — porque eu preciso de você?”

“Dentro do seu egoísmo, Miriam, você é muito generosa. Quero meu filho.”

“Não vá pirar agora. Estou com medo, agora que ele saiu.” Estava começando a choramingar. “Não sei mais se eu o amo, agora que ele saiu. Quando eu me olhar no espelho, Eli, ele não vai mais estar lá... Eli, Eli, você parece que está indo pro seu próprio enterro. Por favor, será que não dá para deixar as coisas como estão? Será que a gente não pode simplesmente formar uma família?”

“Não.”

No corredor, Eli pediu à enfermeira que o levasse a seu filho. A enfermeira caminhava a seu lado, e Ted Heller seguia do outro lado.

“Eli, você quer ajuda? Achei que você queria ajuda.”

“Não.”

Ted cochichou alguma coisa para a enfermeira; então sussurrou para Eli: “Você tem que andar assim?”.

“Tenho.”

No seu ouvido, Ted disse: “Você... vai assustar a criança...”.

“Ali”, disse a enfermeira. Apontou para um berço na segunda fileira e olhou, confusa, para Ted. “Eu entro?”, perguntou Eli.

“Não”, disse a enfermeira. “Ela traz pra cá.” Bateu na janela da sala cheia de bebês. “Peck”, formou a palavra com os lábios para a enfermeira que estava lá dentro.

Ted deu tapinhas no braço de Eli. “Você não está pensando em fazer uma coisa que depois você vai ficar arrependido... não é, Eli? Quer dizer, Eli — você sabe que você continua sendo o Eli, não sabe?”

Lá dentro, Eli viu que um berço havia sido trazido para junto da janela quadrada.

“Ah, meu Jesus...”, disse Ted. “Você não tem essa história de Bíblia na cabeça...” E de repente disse: “Espera aí, rapaz”. Saiu pelo corredor, com passos rápidos, os saltos dos sapatos estalando.

Eli sentiu-se aliviado — debruçou-se e olhou. Dentro da cesta estava o que ele viera ver. Bom, agora que estava ali, o que ele imaginava que

devia dizer para a criança? Sou seu pai, Eli, o pirado? Estou com chapéu preto, um terno preto, uma roupa de baixo estranha, tudo emprestado por um amigo? Como poderia admitir para aquela bola vermelha — que era *dele* — o pior de tudo: que Eckman em breve o convenceria de que ele queria despir tudo aquilo. Ele não podia admitir! Ele não faria isso!

Por baixo da aba do chapéu, com o canto do olho, viu que Ted havia entrado numa porta ao final do corredor. Dois internos estavam ali, fumando, ouvindo Ted. Eli ignorou a cena.

Não, nem mesmo Eckman o faria tirar aquelas roupas! Não! Ele as usaria se resolvesse usá-las. O menino também andaria assim! É claro! Quando chegasse a hora, ele encurtaria as roupas. Roupas usadas, malcheirosas, e se o menino não quisesse, ia ter que usar assim mesmo!

Apenas os saltos de Teddie estalavam; os internos usavam solas de borracha — pois eles estavam ali, a seu lado, inesperadamente. Seus uniformes brancos também cheiravam, mas era um cheiro diferente do das roupas de Eli.

“Eli”, disse Ted, em voz baixa, “acabou o horário de visita, rapaz.”

“Como é que o senhor se está se sentindo, senhor Peck? Primeiro filho deixa qualquer um abalado...”

Era só não prestar atenção; assim mesmo, começou a suar, abundantemente, e a copa do chapéu grudou em seu cabelo.

“Desculpe — senhor Peck...” Era uma voz nova, grave, forte. “Desculpe, rabino, mas estão precisando do senhor... no templo.” Uma mão segurou-lhe o cotovelo com firmeza, depois outra mão, o outro cotovelo. Onde o agarravam, seus tendões ficavam tensos.

“Está bem, rabino. Está bem está bem está bem está bem...” Ele ouvia; era muito tranquilizador aquele “está bem”. “Está bem está bem, está tudo bem.” Seus pés pareciam estar um pouco acima do chão, enquanto ele se afastava, deslizando, da janela, do berço, dos bebês. “Está bem, está tudo tranquilo, está tudo bem...”

Mas ele se levantou de repente, como se acordando de um sonho, sacudiu os braços e gritou: “*Eu sou o pai!*”.

Porém a janela desapareceu. Arrancaram seu paletó — foi fácil, uma puxadela apenas. Depois uma agulha perfurou sua pele. A droga acalmou sua alma, mas não tocou lá no fundo, onde o negrume havia penetrado.

Glossário

Iídiche: I.; hebraico: H.

“Fier und tsvansik... finf und tsvantsik... Oy, Gut!” — I. “Vinte e quatro... vinte e cinco... Ah, Deus!”

“Oy, Got!” — I. “Ah, Deus!”

Ballabusta — I. Dona de casa.

Gefilte fish — I. Prato da culinária judaica da Europa central feito de bolinhos de carne de peixe moída e temperada com cebolas, sal, pimenta e um pouco de açúcar, cozidos no caldo das espinhas e cabeças do próprio peixe.

Ieshivá — H. Seminário judaico.

Leben — I. Literalmente, “vida”.

Mazel tov — H. Com acento I. Fórmula utilizada para dar parabéns, cujo significado literal é “boa sorte”.

Mensch — I. Pessoa íntegra, honesta.

Pessach — H. A Páscoa judaica.

Schmuck — I. Palerma, babaca.

Schvartze — I. Negra.

Shiksa — I. Mulher não judia.

Shlep — I. Arrastar.

Shmutz — I. Sujeira.

Shtarke — I. Forte.

Shvartzes — I. Negros.

Trafe — I. Que não é *kosher*.

Tsimmes — I. No contexto, “criando caso”. Também é um prato da cozinha judaica asquenazi (da Europa Oriental), feito de cenouras, frutas secas, canela, sal e pimenta.

Vus far — I. No contexto, “como assim?”.

Yahrzeit — I. Aniversário da morte de um parente, ocasião em que uma vela é deixada acesa dentro de um copo.

Yom tov — H. Feriado, dia santo.

Em 1997, Philip Roth ganhou o prêmio Pulitzer por *Pastoral americana*. Em 1998, recebeu a National Medal of Arts na Casa Branca e, em 2002, conquistou a mais alta distinção da American Academy of Arts and Letters, a Gold Medal in Fiction. Recebeu duas vezes o National Book Award e o National Book Critics Circle Award, e três vezes o prêmio PEN/Faulkner. Em 2005, *Complô contra a América* foi premiado pela Society of American Historians. Roth recebeu dois prestigiosos prêmios da PEN: o PEN/Nabokov (2006) e o PEN/Saul Bellow (2007). É o único escritor americano vivo a ter sua obra publicada em edição completa pela Library of America.

Copyright © 1959, 1987 by Philip Roth
Todos os direitos reservados

Título original
Goodbye, Columbus — and Five Short Stories

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Vivian Miwa Matsushita

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

PHILIP
ROTH



CASEI COM
UM
COMUNISTA


COMPANHIA DAS LETRAS

Casei com um comunista

Roth, Philip

9788580865943

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Menino pobre e ignorante que fugiu dos pais, trabalhador braçal sempre metido em brigas, Ira Ringold conseguiu fazer de si mesmo um famoso ator de rádio. Comunista exaltado e linha-dura, Ira se atira com ferocidade contra tudo o que julgue ser um inimigo. Jamais imaginaria que duas mulheres - a esposa e a enteada - pudessem voltar-se contra ele com o mesmo ímpeto. Em plena era do macarthismo, quando ser adepto do comunismo equivalia a crime, a esposa resolve escrever um livro intitulado Casei com um comunista, pondo a nu, diante do público e das autoridades, a vida dupla do astro do rádio. Philip Roth compõe, neste romance, uma história de delação, traição e vingança. Narra a desgraça de um homem em quem a cegueira dos ideais públicos bloqueia a visão das ameaças e misérias domésticas.

[Compre agora e leia](#)

MILLENNIUM

4

A GAROTA NA TEIA DE ARANHA

DAVID LAGERCRANTZ

CONTINUAÇÃO DA SÉRIE DE

STIEG LARSSON

LISBETH
está de
volta


COMPANHIA DAS LETRAS

A garota na teia de aranha

Lagercrantz, David

9788543803753

560 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lisbeth Salander e Mikael Blomkvist estão de volta na aguardada e eletrizante continuação da série Millennium. Neste thriller explosivo, a genial hacker Lisbeth Salander e o jornalista Mikael Blomkvist precisam juntar forças para enfrentar uma nova e terrível ameaça. É tarde da noite e Blomkvist recebe o telefonema de uma fonte confiável, dizendo que tem informações vitais aos Estados Unidos. A fonte está em contato com uma jovem e brilhante hacker – uma hacker parecida com alguém que Blomkvist conhece. As implicações são assombrosas. Blomkvist, que precisa desesperadamente de um furo para a revista Millennium, pede ajuda a Lisbeth. Ela, como sempre, tem objetivos próprios. Em A garota na teia de aranha, a dupla que já arrebatou mais de 80 milhões de leitores em Os homens que não amavam as mulheres, A menina que brincava com fogo e A rainha do castelo de ar se encontra de novo neste thriller extraordinário e imensamente atual.

Compre agora e leia



O LIVRO
DAS CRISES

COMPANHIA DAS LETRAS

TÁ TODO MUNDO MAL JOUT JOUT

Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)

GEORGES

SIMENON


COMPANHIA DAS LETRAS

O enforcado de Saint-Pholien

COMISSÁRIO MAIGRET

O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

Compre agora e leia

AFONSO CRUZ

EL RIS

ROMANCE


COMPANHIA DAS LETRAS

Flores

Cruz, Afonso

9788543805856

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história inquietante sobre o amor, a memória e o que resta de nós quando perdemos nossas lembranças.

Um homem sofre muito com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o fato de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado.

Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo — e constatar o quanto a sua vida se afastou dela —, o homem decide ajudar o vizinho a recuperar todas as recordações perdidas. Em seu livro mais recente, o português Afonso Cruz apresenta uma bela reflexão sobre o amor e a memória.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[ADEUS, COLUMBUS](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[A CONVERSÃO DOS JUDEUS](#)

[O DEFENSOR DA FÉ](#)

[EPSTEIN](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[NÃO SE JULGA UM HOMEM PELA CANÇÃO QUE ELE CANTA](#)

[ELI, O FANÁTICO](#)

[Glossário](#)

[Créditos](#)